

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Antropologia Social e Cultural
Linha de Pesquisa em Comunidade, Rede e Performance



Dissertação de Mestrado

**RACISMOS E ANTIRRACISMOS A PARTIR DO CLUBE CULTURAL FICA AHI
PRA IR DIZENDO (PELOTAS – RS)**

Patrícia Fernandes Mathias Morales

Pelotas, 2020

Patrícia Fernandes Mathias Morales

**RACISMOS E ANTIRRACISMOS A PARTIR DO CLUBE CULTURAL FICA AHI
PRA IR DIZENDO (PELOTAS – RS)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Profª Dra. Rosane A. Rubert, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

Profª Dra. Rosane Aparecida Rubert (PPGANT/UFPEL) (Orientadora)

Profª Dra. Cassiane de Freitas Paixão (FURG)

Profª Dr. Rafael da Silva Noleto (PPGANT/UFPEL)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a todos(as) familiares e amigos espirituais que me ajudaram na minha proteção. Apesar da solidão que me abateu no início e no final da pesquisa, pelo falecimento das minhas tias Iná Soares, (que disse um dia: “está escrito, minha filha, no livro da vida, tu és mestra”), Nely Soares (a madrinha) e Inês Soares (a bis-docinho). A saudade é imensa!

Gratidão pela calma e paciência que minha orientadora Rosane Rubert teve comigo em todos os momentos desta pesquisa, acredito que sem os empurrões, puxões de orelha e chamadas à responsabilidade, além também de confiança e companheirismo, eu teria desistido.

Agradeço imensamente à professora Cassiane Paixão e ao professor Rafael da Silva Noleto, por aceitarem o convite para fazer parte da banca examinadora em um período onde todos estão de férias. Minha gratidão, ainda, à Cláudia Daiane Molet e Mário Maia, pelas sugestões dadas na ocasião da qualificação.

Ao Departamento de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e pelo CNPq, por ter me concedido um ano de bolsa.

Aos Professores(as) e funcionários(as) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas.

Aos colegas do curso de pós-graduação em Antropologia, foi um prazer de conviver com todos, certamente levarei comigo a amizade e o carinho que tiveram comigo.

Gratidão ao Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, por me receberem sempre com tanto carinho, ao senhor Presidente Raul Borges Ferreira, Bianca Ávila e Lucia e a todos os outros membros da diretoria.

Aos meus interlocutores sócios ou ex-sócios do Clube Fica Ahi, Maritza Ferreira Freitas, Dilermando Freitas, Marielda Barcellos, Maria José dos Anjos, Maria Helena da Silveira, Helenira Dias Brasil, Rudinei Machado, Daniel Amaro, o meu muito obrigado a todos. Suas trajetórias de vida e suas memórias dentro do Clube me proporcionaram um material rico, despertando em mim um grande respeito e admiração por todos.

À minha mãe Miriam Helen e minha irmã Tamires, o meu cunhado Jean Rafael por todas as manhãs receberem os meus filhos Luiz Alberto e Isis para que ficassem

sob seus cuidados durante a fase final da escrita, eu sou eternamente grata a vocês. Sem ajuda de vocês eu não conseguiria.

Ao meu filho Luiz Alberto pela ajuda, paciência e o cuidado com a “mana”, ao meu esposo Flávio por toda ajuda e compreensão.

À minha filha Isis, minha companheira mirim acadêmica, tão pequena e frágil que trilhou essa batalha junto comigo, levada para todos os cantos da universidade quando necessário e que nasceu e cresceu junto com a dissertação.

Resumo

Essa dissertação aborda a coexistência e a interação entre distintos projetos antirracistas no Brasil a partir de um contexto específico: o Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo. Trata-se de um clube social negro situado na cidade de Pelotas (RS), que surgiu como cordão carnavalesco em 1921, tomando o estatuto de Clube no final da década de 1940, vindo a inaugurar a sua sede própria em meados da década de 1950, permanecendo ativo até os dias atuais. Assim como outras associações negras, o Clube Fica Ahi surgiu na cidade para fazer frente a uma explícita segregação, que não permitia que as pessoas negras frequentassem os espaços convencionais de sociabilidade. Articulado a um recorte de classe, o clube sempre foi tido como um espaço para a elite negra da cidade, possuindo regras de comportamento e critérios de associação rígidos, primando originalmente por um viés integracionista da “raça” negra à sociedade, com relativa adesão ao discurso de democracia racial. Ocorre que a partir do final da década de 1970, o Movimento Negro reorganiza-se no Brasil, questionando essa perspectiva integracionista e denunciando a ideologia da democracia racial como uma forma de dissimular os preconceitos e discriminações reinantes. A pesquisa aborda como esse novo discurso chega até o Clube Fica Ahi, quais impasses provoca na forma tradicional da comunidade ficahiana se relacionar com os demais segmentos negros e com as manifestações culturais afro-brasileiras. O foco da pesquisa recai sobre o período que abrange o final da década de 1970 até a década de 1990, e fundamenta-se em entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos. Neste período, marcado pela emergência de novos discursos sobre relações raciais no Brasil e por relações cada vez mais estreitas com manifestações culturais das diásporas negras – como a *black music* norte-americana – a temática da “consciência negra” adentra no espaço do Clube, causando embates de várias ordens.

Palavras-chaves: Clubes sociais negros. Identidade negra. Consciência negra. Relações étnico-raciais. Movimento social negro.

Abstract

This dissertation addresses the coexistence and interaction between different anti-racist projects in Brazil from a specific context: the Cultural Club Fica Ahi Pra Ir Dizendo. This is a black social club located in the city of Pelotas (Brazil), which emerged as a carnival association in 1921, gaining the status of a Club in the late 1940s, and opened its own headquarters in the mid 1950s, remaining active until the present day. Like other black associations, the Fica Ahi Club emerged in the city to face an explicit segregation, which did not allow black people to frequent conventional sociability spaces. Linked to a class division, the club has always been regarded as a space for the city's black elite, with strict rules of behavior and association criteria, originally striving for an integrationist bias of the black "race" to society, with relative adherence to the racial democracy discourse. It so happens that, from the end of the 1970s, the Black Movement reorganizes itself in Brazil, questioning this integrationist perspective and going against the ideology of racial democracy as a way to hide the prevailing prejudices and discrimination. The research addresses how this new discourse reaches the Fica Ahi Club, which impasses cause in the traditional way of the ficahiana community to relate to the other black segments and to the Afro-Brazilian cultural manifestations. The research focus is on the period from the late 1970s to the 1990s and is based on semi-structured interviews and document analysis. In this period, marked by the emergence of new discourses on race relations in Brazil and by increasingly close relations with cultural manifestations of black diasporas - such as the North American black music - the theme of "black conscience" enters the Club space, causing several clashes.

Keywords: Black social clubs. Black identity. Black consciousness. Ethnic-racial relations. Black social movement.

Lista de figuras

Figura 01. Atual sede do Clube Fica Ahi	67
Figura 02. Diretoria do Clube Fica Ahi de 1941	68
Figura 03. Coroação de duque e duquesinha	70
Figura 04. Conjunto de debutantes do Fica Ahi	94
Figura 05. Diretoria feminina do Fica Ahi da década de 1950	96
Figura 06. Cortejo do cordão carnavalesco do Fica Ahi no carnaval de rua de Pelotas	105

Lista de siglas

APESPEL – Associação de Presidentes das Entidades Sociais de Pelotas
CAVG – Campus Pelotas Visconde da Graça
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRE – Coordenadoria Regional de Educação
FCP – Fundação Cultural Palmares
FENADOCE – Feira Nacional do Doce
FNB – Frente Negra Brasileira
FNP – Frente Negra Pelotense
ICH – Instituto de Ciências Humanas
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras
IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LBV – Legião da Boa Vontade
MNC – Movimento Negro Contemporâneo
MNU – Movimento Negro Unificado
PPGANT – Programa de Pós-Graduação em Antropologia
RS – Rio Grande do Sul
SECULT – Secretaria Municipal de Cultura
SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SESI – Serviço Social da Indústria
SINBA – Sociedade de Intercâmbio Brasil-África
TEN – Teatro Experimental do Negro
UCPEL – Universidade Católica de Pelotas
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
(Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

Sumário

Introdução	11
1 Relações étnico-raciais e movimento social negro no Brasil	19
1.1 Segregação <i>versus</i> branqueamento: relações raciais no Brasil no pós-abolição	19
1.2 Mestiçagem e democracia racial: um novo projeto de nação	23
1.3 O ativismo negro no pós-abolição	26
1.4 A problematização da desigualdade racial e o surgimento do Movimento Negro contemporâneo	32
1.5 Identidades ou identidades negras?	39
2 Clubes Sociais Negros	42
2.1 Ficharianas e ficharianos: trajetórias	42
2.1.1 Maritza Freitas	42
2.1.2 Dilermando Freitas	44
2.1.3 Marielda Medeiros	46
2.1.4 Rudinei Silva Machado	47
2.1.5 João Daniel Pereira Amaro	49
2.1.6 Maria José Martins dos Santos	51
2.1.7 Helenira Brasil Dias	54
2.1.8 Maria Helena Neves da Silveira	59
2.2 Breve apresentação de clubes sociais negros	61
2.3 Fica Ahi Pra Ir Dizendo: um clube de “elite negra”	67
2.4 Um clube de família?	76
3 A gestão 1993-1995 e seu grupo jovem: continuidades e rupturas	81
3.1 A gestão feminina e seu grupo jovem	81
3.2 Questões de gênero	92
3.3 As atividades do grupo jovem	97
3.4 O espaço da quadra de esportes	102
3.5 O carnaval	105
3.6 Os clubes “co-irmãos”	110
4 A Consciência Negra e o Fica Ahi: identidades e projetos em disputa	118
4.1 As festas <i>black</i>	118
4.2 As “boites” e discotecas	125

4.3 Os embates em torno da consciência negra	133
4.4 A dança afro	163
4.5 O Movimento Clubista e a revitalização dos espaços dos clubes	168
Conclusão	173
Referências	175

Introdução

O interesse em fazer pesquisa sobre o Clube Fica Ahi começou na Graduação em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), quando participei como bolsista e voluntária do Projeto de Pesquisa “Territórios negros na região central e nas antigas charqueadas do RS: fluxos de memória e fronteiras étnicas em uma perspectiva comparativa”, em 2012, coordenado pela Professora Rosane A. Rubert. Este projeto foi o primeiro contato com questões étnico-raciais. Foi quando comecei a fazer leituras sobre discriminação e o preconceito racial no Brasil. Tudo isso foi muito importante para mim, uma vez que sou afrodescendente, venho de uma família que não faz parte do Movimento Negro e que nunca fez essa discussão dentro de casa. Embora esse projeto fosse dedicado à pesquisa em comunidades quilombolas, à realização de Relatórios Técnicos para o INCRA, foi de extrema importância para reforçar o meu interesse e me aprofundar na temática das relações étnico-raciais. A participação nesse projeto fez com que eu abrisse os olhos para área da Museologia, chamando minha atenção para o patrimônio material e imaterial de matriz africana, existente na cidade e região. Além disso, me trouxe possibilidades de observar com um novo olhar os ambientes expográficos e lugares que trabalham a temática negra na cidade e região.

Foi como estudante de Museologia, também, que tive o primeiro contato com o Clube Fica Ahi. Nunca tinha estado dentro daquele espaço, muito menos o frequentado. Percebi a sua importância para a comunidade negra e para a cidade. Em 2014, fui bolsista no Projeto de Extensão “Assessoria ao Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira”, coordenado igualmente pela Professora Rosane A. Rubert. O projeto tem por finalidade auxiliar na formação de um local de referência da memória e cultura negra na cidade. Outro objetivo é dar assessoria aos projetos encaminhados aos órgãos públicos para conquista de verbas que viabilizem a infraestrutura do Centro de Cultura Afro-brasileira. Como bolsista e voluntária, dei continuidade ao trabalho que já estava sendo feito por bolsistas anteriores e colaboradores. Desenvolvi várias atividades, tais como inventariar e organizar o acervo do Clube e digitalizar alguns documentos. Ressalvo que pude colocar em prática atividades que aprendi nas disciplinas de conservação e restauro do curso de Museologia, dei início ao acondicionamento adequado dos documentos, confeccionando envelopes para as

fichas dos associados(as), devidamente identificado com o número do inventário, protegendo-os para que futuramente seja uma forma de acesso aos associados, aos pesquisadores e à toda a comunidade negra em geral.

Por meio do projeto de extensão, este contato resultou no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, no ano de 2015, no qual procurei analisar as formas de representação do negro em alguns museus da cidade por meio de visitas orientadas com integrantes do Clube Fica Ahi. Explorei como a comunidade afrodescendente sentia-se representada frequentá-los. Foram, assim, realizadas visitas acompanhadas ao Museu da Baronesa os fichianos(as), seguidas de entrevistas para abordar suas impressões (MORALES, 2015). A participação no Projeto de Extensão me proporcionou experiências novas, fazendo que tanto o Trabalho de Conclusão de Curso e o trabalho desenvolvido no Clube fosse destaque em Congressos de Iniciação Científica da UFPel e de Extensão UCPel. Prossigo neste projeto como colaboradora até os dias atuais. Em 2015, quando defendi o Trabalho de Conclusão de Curso, fui homenageada pelo Clube Fica Ahi, com o troféu Zumbi dos Palmares, “homenagem do Clube Fica Ahi Pra Ir Dizendo, Consciência negra”, na 11ª edição. Sou muito grata pelo reconhecimento das atividades que desenvolvi naquele espaço.

Este projeto de extensão foi paralisado no ano de 2017, pois o Clube passou por uma reforma física que acabou por dificultar a continuidade das atividades dentro do prédio. No ano de 2018, outro Projeto de Extensão foi cadastrado para dar continuidade àquele, cujo nome é “Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense”.

Através desse vínculo com o projeto de extensão comecei a perguntar junto à minha família sobre os clubes sociais negros da cidade. As minhas tias-avós contaram as histórias do tempo em que sua avó (minha tataravó), levava-as para o clube Chove Não Molha, já que não tinham condições de manter o padrão de vestimenta exigido pelo Clube Fica Ahi. A mãe da minha avó nasceu no período do ventre-livre, era lavadeira, meu bisavô trabalhava no porto como estivador, eles tiveram onze filhos. Por serem uma família grande, não tinham condições financeiras para manter toda a família dentro de um espaço como o Fica Ahi. Por isso, associaram-se ao Clube Chove Não Molha, onde minha tataravó tinha orgulho de dizer que ela era “choviana”. Meu tio-avô Itamar Fagundes Soares, depois de casado, associou-se ao Fica Ahi. Sendo militar, ele pôde manter seus dois filhos nos padrões exigidos pelo Clube.

As minhas tias-avós Iná Soares e Inês Soares, foram frequentadoras do Fica Ahi quando começaram a trabalhar. Iná era professora e tinha condições de se manter dentro dos padrões exigidos pelo Clube. A tia Inês, que também começou a frequentar o Fica Ahi com a irmã, trabalhava como doméstica, na casa de uma família portuguesa, dona Judite, sua patroa, não tinha filhos e acabou “amadrinhando-a”. A patroa a presenteava com roupas e sapatos de grife, quando era descartava os seus próprios; com isso, a tia Inês conseguia ir muito bem vestida para as atividades sociais do Clube. Ressalto aqui que sua patroa a “amadrinhou” porque muitas vezes a tia Inês mencionava para ela que ia em tal festa do Clube. Prontamente ela via o que ela tinha de novo no guarda-roupa: roupas, acessórios como brincos, anel, chapéu e lhe emprestava. Era uma maneira que tia Inês tinha de não repetir roupas e mostrar para aquela sociedade ficahiana que ela tinha condições de se manter naquele lugar, tal como os demais. Minhas tias-avós Iná e Nely, as duas acabaram falecendo no início do mestrado, em 2017. A tia Iná, professora aposentada, não se casou. Com a oportunidade do projeto de extensão, fizemos uma entrevista com ela. A tia-avó Inês, trabalhou a vida toda dela em serviços gerais. Tentei conversar com ela para fazermos uma entrevista para o Projeto de Extensão sobre a sua trajetória de vida e vivência dentro do Clube Fica Ahi, todavia, como era muito envergonhada, acabava dizendo que não tinha muita coisa para falar. Tia Inês acabou falecendo no mês de maio de 2019, não dando tempo para realizar a entrevista, o que foi uma lástima já que informalmente ela contava muito da época em que ia no Fica Ahi com sua irmã Iná.

A partir do envolvimento acadêmico e a trajetória familiar dentro do Clube Fica Ahi, com o manuseio dos documentos do acervo e a realização de entrevistas com antigos associados, fortaleci em mim o interesse em conhecer melhor a trajetória do Clube, razão que me levou ao Mestrado em Antropologia. No ano de 2016, fiz o processo seletivo do Mestrado em Antropologia, mas não fui aprovada. Entretanto, continuei participando das atividades do Projeto de Extensão e das atividades do Fica Ahi: aniversários do clube, atividades da semana da Consciência Negra, como festa dos Erês, etc. Particpei no mesmo ano, do Seminário sobre a Consciência Negra, coordenadora pela professora Rosane A. Rubert, como organizadora, na sede do Clube.

No ano de 2017, fui aprovada no processo seletivo para o Mestrado em Antropologia, por meio de ações afirmativas. No início do primeiro semestre, descobri que estava grávida de três meses, uma gestão de alto-risco, num curso de pós-

graduação que requer muitas leituras, mas consegui ir às aulas até o final do primeiro semestre. No início do segundo semestre, com a gestação em sua fase final, acabei tendo dificuldade, em razão do processo gestacional, de estar presente em várias atividades de aula, o que me obrigou a antecipar a licença maternidade. Durante todo esse processo, acabei perdendo explicações e discussões importantes para quem não era da área. Tive que fazer as atividades para aproveitamento das disciplinas à distância, como não venho da área da Antropologia. Tanto no primeiro quanto no segundo semestre tive dificuldades para compreender alguns autores. Digo-lhes que não pensei que iria chegar ao final desta dissertação, o que ocorreu entre trocas de fraldas e mamadeiras, sim “mamadeiras”. Fiquei tão apavorada e estressada que secou o meu leite, somente sendo possível amamentar a minha filha apenas até os três meses.

A realização deste trabalho, além das dificuldades de ordem prática, envolveram desafios muito grandes pela fase em que o Clube está agora, na qual muitos dos antigos associados estão afastados e há uma divergência muito grande em relação aos rumos que o Clube deveria tomar para se manter como uma instituição viva e dinâmica. Por vários momentos, vivenciei o medo de que trazer algumas questões para a discussão possa acirrar posicionamentos. Contudo, penso que a melhor forma das Ciências Sociais contribuir para a revitalização do Clube é provocar reflexão sobre o que este foi a fim de que seja possível refletir sobre projetos futuros

Durante a pesquisa, pude observar que os trabalhos acadêmicos que foram desenvolvidos sobre o Clube vêm da área da História, sobretudo sobre o período áureo do clube, não havendo pesquisas sobre a fase mais recente. O acervo de documentos possui lacunas temporais. Sendo a gestão diretiva de 1993-1995 a única na história do Clube encabeçada por uma mulher, tomei-a como parâmetro para delimitar o escopo temporal da pesquisa. A isso, associou-se o fato de que é neste período que há a consolidação, em âmbito institucional, em todo o Brasil, de várias pautas propostas pelo Movimento Negro contemporâneo que iniciara no Brasil na década de 1970.

A partir da pesquisa realizada, a dissertação abordará sobre as relações raciais no Brasil e os distintos projetos de antirracismo a partir do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, um clube social negro que foi fundado em 27 de janeiro de 1921, na cidade de Pelotas e um dos poucos clubes negros ainda ativos atualmente no estado do Rio

Grande do Sul. As pesquisadora Beatriz Loner, Lorena Gill, Giane Escobar e Fernanda Oliveira da Silva, afirmam que o surgimento dos clubes sociais negros em todo Brasil deu-se em um contexto de segregação racial no qual a população negra era proibida de frequentar determinados lugares públicos e de sociabilidade (LONER, GILL, 2009; ESCOBAR, 2010; SILVA, 2011).

Os objetivos da dissertação recaem sobre a compreensão das interações entre as tendências gerais do movimento negro brasileiro – em suas diferentes fases de problematização do nosso sistema de relações raciais –, fazendo uma síntese com o Fica Ahi, a partir das décadas 1970-1990, para traçar o percurso do clube até os dias de hoje. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com atuais e antigos associados, com o objetivo de compreender como se deu a relação com o Clube nas suas mais diversas fases e propostas. Para esta dissertação, foram realizadas sete entrevistas, todas em conjunto com a equipe do Projeto de Extensão, tendo o roteiro sido elaborado na busca de contemplar esta pesquisa. É pretendido que estas entrevistas estejam posteriormente disponíveis no acervo do Clube. Destas sete entrevistas, não pude participar da agendada com Helenira Brasil Dias, por questões familiares, sendo realizada pela atual bolsista do projeto, que fez seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o Clube, e pela coordenadora do grupo. Estes entrevistados foram escolhidos em razão de terem vivido intensamente, dentro do Clube, o período de 1970-1990.

Os entrevistados foram identificados a partir de documentos disponíveis no acervo do clube. Em seguida, a partir da primeira entrevista, eles próprios acabaram indicando outras pessoas interessantes para entrevistar. São eles: o casal Dilermando Freitas e Maritza Ferreira Freitas, Helenira Brasil Dias, Maria Helena Neves da Silveira, Maria José Martins dos Anjos, João Daniel Pereira Amaro e Rudinei Silva Machado. Algumas dessas pessoas ainda mantêm vínculos com o Clube, outras não.

A entrevista começa com perguntas básicas a respeito trajetória familiar – para entender de onde vem a pessoa – até chegar em perguntas delicadas, como se já passou por alguma situação de discriminação e racismo. Em caso afirmativo, peço que situem local – caso a pessoa se sentir à vontade para falar. Todavia, o posso dizer que alguns entrevistados parecem estar meio contraídos em algumas perguntas sobre o Clube, como se sua fala fosse gerar alguns conflitos, ou até mesmo expor esses conflitos que são recorrentes em todos os lugares. Cada um apresenta sua própria posição.

Além disso, fiz uso pontual de algumas entrevistas que já haviam sido realizadas pelo projeto de extensão: Dona Celestina Pinto, Dinah Sebaje, Maria Teresa Barbosa, Gilberto Gomes e Valdir Ferreira. Elas me auxiliaram na compreensão dos contrastes entre as gerações que se sucederam e alimentaram distintos projetos antirracistas e concepções sobre a inserção do negro na sociedade local.

A análise de documentos, especialmente os Livros de Atas do Grupo Jovem da Gestão 1993-1995, foi outra importante fonte de dados. Por meio destes documentos, foi possível acompanhar, pelo menos por um período, como a discussão sobre consciência negra foi se inserida no espaço do Clube e como passou a se relacionar com outras organizações e manifestações negras da cidade e do Brasil, assim como órgãos públicos que começavam a realizar ações específicas direcionadas para o reconhecimento da presença negra na formação do país.

O Movimento Negro Contemporâneo (MNC) irá se diferenciar dos movimentos negros anteriores por uma série de novas proposições, entre elas o questionamento de um viés integracionista que perpassava as organizações culturais negras no Brasil, como espaços religiosos, escolas de samba e clubes sociais. Busquei compreender como essas novas formas de pensar a “negritude” e as relações raciais no país afetaram os clubes sociais negros, principalmente o Fica Ahi. O MNC na década de 1970 irá defender que a conquista da igualdade não pode ter como preço o apagamento da diversidade, qual deve manifestar-se, na forma de consciência racial. O Clube Fica Ahi, que comungou do projeto integracionista das fases históricas do movimento negro, passando a ser influenciado por esta nova fase – especialmente, a partir da década de 1980 – integrou a pauta às suas atividades recreativas, trazendo outras mais questões reflexivas, como grupos de estudos sobre a consciência negra, a criação de um baile para comemorar a data de 20 de novembro, etc.

A dissertação toma como base o conceito de etnografia de Clifford Geertz (1989), segundo o qual a etnografia é uma descrição densa. Para o autor, descrição densa compreende que a antropologia deve apreender e, em seguida, interpretar as estruturas de significados que estão presentes em um determinado contexto, que muitas vezes se apresentam de forma contrária:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 1989, p. 20).

Os significados, os quais entendo como as concepções, valores e sentimentos elaborados e transmitidos em contextos particulares, fazem com que as pessoas ajam de determinada maneira e não outra, tomando posicionamentos semelhantes ou distintos perante uma mesma situação. Este conceito de Geertz faz-se pertinente uma vez que existem diferentes concepções sobre o Clube, sobre a relação que deve manter ou não com outros segmentos da comunidade negra e órgãos públicos.

Em suma, busco acessar as “estruturas conceituais” dos fichianos(as) que fizeram parte da pesquisa por meio de entrevistas semi-estruturadas, com roteiro específico direcionado para a dissertação, do uso de entrevistas que já tinham sido realizadas pelo projeto de extensão do qual faço parte; de uma larga experiência de convivência no clube, como bolsista e colaboradora; e experiências familiares, que mesmo não incorporadas diretamente, direcionaram o meu olhar sobre o tema; finalmente, uma rica análise documental.

A análise de documentos vem sendo incorporada à etnografia mais recentemente, especialmente quando o objeto abordado são as instituições. Adriana Viana vai chamar de “desassossegos da etnografia com documentos”. A autora (VIANA, 2014, p. 43) afirma:

As limitações que podem sobressair em cada um dos casos, como a parcialidade do encontro direto com interlocutores em algumas cenas e situações, ou os silêncios evidentes que se destacam nos documentos, desafiam-nos de modo simultaneamente semelhantes e distinto.

Para Viana, e, qualquer processo etnográfico nos deparamos com “[...] coisas que não apenas não nos são ditas, seja por pessoas de carne e osso ou por pessoas de papel, mas que sequer suspeitamos ou sobre as quais podemos nos interrogar, por não termos indícios ou provocações” (Ibidem, p. 43). Trabalhar com os dados documentais foi fundamental para direcionar as entrevistas, sendo possível traçar uma pista do que estava em jogo dentro do Clube no período estudado.

Usei como referencial teórico, além de algumas pesquisas já realizadas sobre clubes sociais, alguns autores que problematizam as relações étnico-raciais no Brasil. Para fazer uma interface com o associativismo negro, busco também a leitura de alguns historiadores que abordam as distintas fases do Movimento Negro no Brasil. Complemento isso com alguns referenciais contemporâneos sobre identidade nas diásporas, tais como Stuart Hall, Avtar Brah e Lívio Sansone.

No primeiro capítulo, situo as várias vertentes sobre relações étnico-raciais no Brasil e as várias fases do ativismo negro, apontando para distintos projetos antirracistas. No segundo, situo os clubes sociais negros no Brasil para contextualizar o Fica Ahi, além de apresentar um pouco da trajetória dos interlocutores. Em seguida, no terceiro capítulo, situo o Grupo Jovem da Gestão 1993-1995 e os impasses que enfrentou neste período, que reformularam o padrão organizacional do Fica Ahi e o leque de abrangência das atividades do Clube. No último capítulo, enfim, abordo como a temática da consciência negra aporta na cidade e no Clube, a partir tanto da análise de documentos assim como de entrevistas realizadas.

1 Relações étnico-raciais e movimento social negro no Brasil

Neste capítulo, apresento uma primeira sistematização da revisão bibliográfica sobre o ativismo e associativismo negro da primeira metade do século passado, contexto em que se deu o surgimento dos clubes sociais negros no Brasil, marcado pela ideologia da mestiçagem e por um forte ideal integracionista. Reconstruo brevemente o questionamento do mito da democracia racial por parte das Ciências Sociais. Na sequência, sigo abordando os desdobramentos disso no ativismo negro, com a fundação do movimento negro contemporâneo, que irá ter outras perspectivas de enfrentamento ao racismo. O movimento negro contemporâneo, associado ao processo de redemocratização do país na década de 1980, levou à criação de legislações de criminalização do racismo e de valorização das manifestações culturais negras.

1.1 Segregação *versus* branqueamento: relações raciais no Brasil no pós-abolição

A antropóloga Lilia Schwarcz (2012) afirma que desde o período colonial, a questão da miscigenação era um dos elementos destacados nas visões sobre a realidade brasileira. Alguns viajantes e pensadores europeus percebiam os povos nativos ou como selvagens inocentes ou como decaídos. Especialmente a partir do século XVIII, os continentes não-europeus colonizados eram vistos como degenerados, tanto os locais em si como seus povos. Essa visão dos povos das colônias enquanto povos decaídos, imperfeitos, significava que, para os ocidentais (neste caso, os europeus), eram povos a quem faltava algo, definidos pela ausência de alguma coisa.

Schwarcz (1993) também explica que havia duas vertentes principais para explicar a diversidade, por parte dos pensadores ocidentais no século XVIII: o evolucionismo social/cultural e a raciologia. A primeira apoiava-se na tese da monogenia, ou seja, de que a humanidade tinha uma única origem, e as diferenças entre os povos eram de civilização ou culturais, sendo a Europa o estágio mais avançado, o exemplo máximo da perfeição. A segunda, por sua vez, apoiava-se na tese da poligenia, a qual defendia que não havia uma única humanidade uma vez que os diversos povos teriam tido diferentes origens e, por isso, formado diferentes raças biológicas. Essa vertente de pensamento, chamada também de raciologia, afirmava

que os diferentes grupos humanos eram raças já formadas e fixadas, não podendo passar por mudanças. Desta forma, condenava-se todo o tipo de cruzamento ou mestiçagem já que isso levaria à degeneração dos tipos raciais puros.

Outra característica principal da teoria raciológica, era de que havia “[...] uma continuidade entre caracteres físicos e morais” (SCHWARCZ, 1993, p. 60). Isso quer dizer que a aparência (ou fenótipo) comum das pessoas de um mesmo grupo indicaria a presença ou ausência de habilidades, valores, capacidades, etc. Isso permitia que se estabelecesse uma hierarquia entre os diferentes povos e grupos humanos, dependendo das qualidades (ou falta delas) que eram associadas a este ou aquele fenótipo. Um terceiro aspecto desta teoria é a de que o comportamento humano era determinado pela hereditariedade, pelo pertencimento a um grupo racial, e não pelo livre-arbítrio.

Segundo Andreas Hofbauer na “[...] Idade Média o critério fundamental de inclusão e exclusão continuava sendo o pertencimento a religião cristã. Portanto, a imagem do africano, neste período, não tinha ‘nenhuma conotação depreciativa’” (2006, p. 95). Neste período “[...] a designação dessa cor escura referia-se, em primeiro lugar, a um conteúdo especificamente moral e religioso, e não a uma cor de pele ‘objetivamente’ escura” (2006, p. 97). A partir do século XVII, começou a se difundir um ideal de branquidão, onde moças da corte adotavam vários métodos para deixar a pele mais branca, como um sinal de distinção social. Segundo Hofbauer, é neste contexto que a figura do negro passa a ter outro significado, pois a nobreza passou a ter pessoas negras como servidores e pajens, que serviam como um “objeto de contraste”. A associação entre pele escura e imoralidade, culpa e escravidão foi sendo construída lentamente no decorrer da Idade Média, na medida em que a colonização avançava:

[...] a partir da reinterpretação de um trecho do Velho Testamento, foi sendo lentamente construída, ao longo da Idade Média (com a participação de muçulmanos, judeus e cristãos), uma ligação entre imoralidade, culpa, escravidão e cor negra. A “lenda de Noé” serviria durante séculos como o argumento ideológico mais importante para justificar não apenas a guerra contra, mas também a escravização de “povos potencialmente cristãos”, garantindo um tratamento diferenciado àqueles que supostamente se encontravam em processo de integração na grande comunidade cristã (HOFBAUER, 2006, p. 97).

As diferenças de fenótipo, inicialmente eram explicadas como produto do clima, e não da hereditariedade. Essa era a posição de Buffon, que no século XVIII afirmava que a cor branca era a cor originária e mais constante da espécie humana, sendo as

outras tonalidades de pele vistas como uma degeneração ou desvio dessa cor original. O processo de escravização seria, portanto, uma forma de civilizar os africanos, vistos como povos decaídos e degenerados. Ideias semelhantes eram defendidas pelo filósofo Montesquieu no mesmo período (HOFBAUER, 2006).

No final do século XVIII e no século XIX que se passa a ter a ideia de que o fenótipo era produto de forças internas ao corpo humano, e não o resultado do clima, sendo transmitidos hereditariamente. É então que se passa a fazer a ligação entre características do fenótipo e habilidades morais e intelectuais como algo fixo. Por isso, alguns pensadores, mesmo defendendo que o ser humano se definia pelo uso da razão, como é o caso de Kant, vão definir ameríndios e africanos como não possuindo essa capacidade, não podendo por isso se autogovernar, devendo ser escravizados ou eliminados (HOFBAUER, 2006, p. 122-123).

O conde francês Gobineau defendia ideias muito parecidas com essas, tendo um forte impacto no Brasil por ter visitado o país na segunda metade do século XIX. Considerava a “raça negra” como a mais degenerada e inferior, aproximando-se do nível de animalidade, não sendo possível civilizá-la (HOFBAUER, 2006, p. 126). Opositor da miscigenação, apresentava um quadro extremamente pessimista do Brasil pelo grau de mistura que aqui havia entre índios, negros e brancos, o que para ele gerava uma população doente e estéril. Seria, por isso, um país cujo único destino era o fracasso.

Segundo Schwarcz (1993), essas teorias evolucionistas e raciológicas chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX. A ideia de que a mestiçagem gerava a degenerescência criava uma imagem negativa sobre o futuro do país tanto por parte de viajantes, como por parte de alguns cientistas locais. Nina Rodrigues, médico que buscava explicar e intervir sobre o comportamento social, defendia essa tese de que a mestiçagem gerava tipos degenerados e desequilibrados, afirmando que os mestiços brasileiros tinham uma tendência natural ao crime (SCHWARCZ, 2012, p. 21-22). Em razão disso, era contrário à ideia de igualdade entre negros e brancos nos códigos jurídicos da república. Por ele, de acordo com o fenótipo, os indivíduos deveriam ter suas responsabilidades atenuadas pelos crimes que cometiam, porque não tinham capacidade, do ponto de vista biológico, de exercer essa responsabilidade pelos seus próprios atos. Questionava, assim, a própria capacidade dos afrodescendentes de serem cidadãos, pensando a igualdade como uma farsa (*Ibidem*, p. 23). A adaptação forçada a códigos que não eram capazes de compreender levaria

mestiços e negros a desequilíbrios e perturbações psíquicas. A mestiçagem, para Nina Rodrigues, levaria à contaminação do sangue branco, não ao branqueamento (MUNANGA, 2004, p. 57-59).

Outros pensadores da época, como Silvio Romero, João Batista Lacerda e Roquete Pinto, misturavam as ideias da raciologia com o evolucionismo social e cultural, negando que a mestiçagem levava sempre à degeneração, podendo, ao contrário, levar ao branqueamento. Essa foi uma das razões para o incentivo à imigração europeia para o país.

Para Silvio Romero, o branqueamento era possível porque, sendo a raça branca superior, anularia, pelo processo de “seleção natural”, as outras duas. Mas isso seria um trabalho lento, que ainda estava sendo realizado, que levaria à eliminação do negro e índio, formando um “tipo novo”. O mestiço só tinha valor como um elemento que era um ponto de passagem para o branco. Sendo assim, “[...] desse processo resultaria a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos” (MUNANGA, 2004, p. 55-56).

João Batista Lacerda defendia, em 1911, no I Congresso Internacional das Raças, que após um século o Brasil já teria eliminado todos os mestiços e descendentes da “raça negra”. Já Roquete Pinto afirmava, no I Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, que “[...] em 2012 teríamos uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços; nenhum negro, nenhum índio” (SCHWARCZ, 2012, p. 25-26). Oliveira Viana, já na década de 1930, foi outro grande defensor de uma política de branqueamento planejada, que ele chamava de arianização, como uma condição para o desenvolvimento do país. Estipulava vários tipos raciais pra tentar identificar o grau que já se tinha atingido nesse processo, classificando os mestiços em superiores e inferiores, defendendo a superioridade da mestiçagem com os indígenas em relação aos negros. A mestiçagem física e cultural faria parte de um mesmo processo (MUNANGA, 2004, p. 72).

A mestiçagem aparece, portanto, como um elemento definidor do Brasil, especialmente no final do século XIX e início do século XX, quando ocorreu a abolição da escravatura, seguida pela Proclamação da República, e tornou-se necessário a construção da nacionalidade. Ou seja, buscava-se uma definição “[...] do brasileiro enquanto povo e do Brasil como nação” (MUNANGA, 2004, p. 55), diante de uma diversidade muito grande de tipos étnico-raciais, culturas e princípios civilizatórios.

Mas, já no início do século XIX e no seu decorrer, a ideia de mestiçagem, como um caminho para o branqueamento, foi elaborada por diversos viajantes. Ao falar da viagem do naturalista alemão ao Brasil no início do século XIX, Schwarcz (2012, p. 27) comenta:

[...] o Brasil era desenhado por meio da imagem fluvial, três grandes rios compunham a mesma nação: um grande e caudaloso, formado pelas populações brancas; outro pouco menor, nutrido pelos indígenas, e ainda outro, mais diminuto, composto pelos negros. Lá estariam todos, juntos em harmonia, e encontrando uma convivência pacífica cuja natureza só ao Brasil foi permitido conhecer. No entanto, harmonia não significa igualdade, e no jogo de linguagem usado pelo autor ficava evidente uma hierarquia entre os rios/raças. Era o rio branco que ia incluindo os demais, no seu contínuo movimento de inclusão. Mais ainda, na imagem forte do rio, muitas vezes usada nesse momento, estava presente a ideia de “depuração”, e de como as águas iam ficando cada vez mais “límpidas”, “puras” – ou seja, brancas.

Trago aqui essas reflexões porque essas ideias irão ter impacto no próprio associativismo negro, inclusive os clubes sociais negros, que também adotarão algumas ideias de abandono de padrões culturais relacionados à África para poder garantir a inserção social dos seus membros. Isso é visto por alguns(mas) pesquisadores(as) como branqueamento social e cultural. Discussão que será aprofundada adiante.

1.2 Mestiçagem e democracia racial: um novo projeto de nação

A partir da década de 1930 construiu-se uma representação oficial da nação brasileira fundamentada em uma cultura mestiça e homogênea, idealizando-se um povo unitário que seria formado “[...] a partir da supressão das pluralidades” (SCHWARCZ, 2012, p. 47).

A obra do sociólogo Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala* (1933) é um marco nesse processo e é polêmica até hoje. Ele dá entender que as relações entre os grupos étnicos que compuseram o Brasil eram harmoniosas, o que vai ser muito criticado posteriormente, principalmente por intelectuais vinculados ao Movimento Negro. Neste período, vários elementos da cultura negra passam por um processo de desafrikanização, sendo “simbolicamente clareados”, como feijoada, capoeira, samba, etc. (SCHWARCZ, 2012, p. 58). Para ser autêntico, no sentido de brasileiro, tinha que ser mestiço: “[...] nesse movimento de nacionalização uma série de símbolos vão virando mestiços, assim como uma alentada convivência cultural miscigenada se torna modelo de igualdade racial” (SCHWARCZ, 2012, p. 68).

No Brasil o mito de democracia racial difundiu uma “não verdade”, qual seja, a de que haveria uma igualdade e tolerância entre as “raças”. Freyre exalta e valoriza a contribuição do negro e do índio na formação do Brasil, contrariando as teorias raciológicas anteriores que percebiam esses elementos como um obstáculo para o progresso do país. O autor faz uma crítica ao sistema escravocrata e patriarcal que criou um ambiente de precocidade da sexualidade no país no qual o próprio contexto doentio era justificativo para imputar a culpa da promiscuidade sexual sobre mulher negra e indígena, gerando a miscigenação que seria a origem dos problemas sociais da época. Freyre, ao propor a substituição do conceito de raça pelo de cultura, procura demonstrar que não existe raça superior, e sim a contribuição de diferentes legados culturais que formaram um país miscigenado, embora se perceba algumas passagens em que ele ressalta o português como elemento ativo nesse processo, e o indígena e negro como elementos passivos.

Antônio Sérgio Guimarães (2001) afirma que é correto apontar esse pensador como um dos principais defensores da ideia de que as contradições raciais no Brasil foram resolvidas por meio de relações afetivas e cordiais, que se davam no cotidiano. Mas, o termo “democracia racial” teria sido usado pela primeira vez na década de 1950, por ativistas negros, políticos e intelectuais para designar um projeto de inclusão do negro como um elemento fundador da sociedade brasileira, enquanto um dos componentes de um povo mestiço.

Guimarães chama a atenção para a ideia de que a democracia racial tinha diferentes significados: para a elite intelectual branca, seria algo já dado, o que significava ausência de preconceito; para os ativistas negros, significava “...o direito pleno a algo não materializado...”, um ideal a ser alcançado, o que significaria uma segunda abolição (GUIMARÃES, 2001, p. 151)¹. Guimarães demonstra que na medida em que o tempo avança e a inclusão dos negros na sociedade brasileira não acontece, a crítica à ideologia de democracia racial torna-se cada vez mais forte. Isso acontece principalmente após o estabelecimento do regime militar de 1964, quando essa ideologia é assumida pelo Estado, reprimindo qualquer discussão sobre desigualdade.

¹ “Portanto, ao lado do consenso sobre a democracia racial havia diferenças entre a intelectualidade negra rebelde e o *establishment* cultural da Segunda República. Do ponto de vista dos negros, são duas as principais tensões: a crítica ao exotismo negro que seria cultivado pelas ciências sociais, aos intelectuais “brancos” que negavam a existência do preconceito racial no Brasil, e a necessidade de uma segunda Abolição” (GUIMARÃES, 2001, p. 151).

Para Roberto DaMatta (1997), a colonização portuguesa difundiu um modelo político e uma visão de mundo centralizadora e hierárquica, com os distintos extratos sociais sendo pensados como complementares. Contesta a ideia de Gilberto Freyre de uma predisposição natural dos portugueses à uma interação aberta e igualitária com índios e negros, situando a mestiçagem como produto da violência gerada por este sistema de relações centralizador e hierárquico.

Amesmo tempo, para DaMatta, diferente dos Estados Unidos, em que o sistema de relações raciais não admite gradações, ou se é negro ou se é branco, no Brasil, ao contrário, vigora uma perspectiva de triangulação étnica por meio da fábula das três raças, que tornou-se “[...] uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, dos políticos e dos acadêmicos de esquerda e de direita” (DAMATTA, 1997, p. 63). A partir do que coloca Guimarães, citado acima, cabe questionar Roberto DaMatta se essa ideologia foi de fato vivida da mesma maneira por todos os segmentos sociais brasileiros. Parece que DaMatta generaliza para todos uma ideologia dominante, como se todos os segmentos sociais, independente do posicionamento étnico-racial ou de classe, a absorvesse da mesma maneira.

Embora apresente uma visão crítica do “racismo à brasileira”, Roberto DaMatta insiste na tese de que a ideologia da democracia racial singulariza a sociedade brasileira perante as outras, seria uma força cultural unificadora que “...interpenetra a maioria dos domínios explicativos da cultura...” (1997, p. 69). Com isso, outros fatores intervêm para definir a posição social da pessoa, o que quer dizer que o fator racial não seria o elemento principal:

Já no nosso sistema, o ponto chave é a admissão de gradações e nuances. A ‘raça’ (ou a cor da pele, o tipo de cabelos, de lábios, do próprio corpo como um todo etc.) não é o elemento exclusivo na classificação social da pessoa. Existem outros critérios que podem nuançar e modificar essa classificação pelas características físicas (que são definidas culturalmente). Assim, por exemplo, o dinheiro ou o poder político permitem classificar um preto como mulato ou até mesmo como branco. Como se o peso de um elemento (como o poder econômico) pudesse apagar o outro fator (DAMATTA, 1997, p. 81).

Esta ideia de um povo mestiço e de relações cordiais encobriria os conflitos e contradições de um sistema social hierarquizado em distintas categorias, no qual cada qual possui um lugar determinado e nele deve ser mantido. Nesse jogo entre o pertencimento étnico-racial e os demais fatores, a ascensão social é pensada não como um projeto coletivo de integração, mas por meio de relações pessoalizadas nas

quais prevalecem os valores da intimidade, consideração, favor e confiança, alimentando relações de paternalismo e clientelismo entre brancos e negros. É por isso que Roberto Da Matta afirma que a fábula das três raças é “[...] uma ideologia que permite conciliar uma série de impulsos contraditórios de nossa sociedade, sem que se crie um plano para sua transformação profunda” (1997, p. 68).

Embora aponte para as contradições do “racismo à brasileira”, o próprio DaMatta acaba amenizando-o quando diz que o fator étnico-racial não é central na definição das nossas hierarquias. Outro ponto crítico do autor, é quando ele associa o racismo não à presença de marcadores fenotípicos, mas sim à ausência de relações em um determinado meio social:

Em sociedades assim constituídas, situações de discriminação (ou de segregação) só tendem a ocorrer quando o elemento não é conhecido socialmente; isto é, quando a pessoa em consideração não tem e não mantém relações sociais com pessoa alguma naquele meio. A discriminação não é algo que se dirige apenas ao diferente, mas ao estranho, ao indivíduo desgarrado, desconhecido e solitário: ao estrangeiro – o que, numa palavra, não está integrado na rede de relações pessoais altamente estruturadas que, por definição, não pode deixar nada de fora. [...] O maior crime entre nós, ou melhor, no seio de um sistema hierarquizado, não está em ter algumas características que permita diferenciar e assim inferiorizar, mas em não ter relações sociais (DAMATTA, 1997, p. 76-77).

Cabe perguntar: a relação social personalizada ou o posicionamento socioeconômico privilegiado elimina o racismo? Ao afirmar que a presença do racismo depende da situação, o autor acaba relativizando a sua presença no Brasil e defendendo que ele é mais ameno do que em outros contextos.

Estes discursos acadêmicos estão em estreito diálogo com os discursos de ativistas políticos, como será visto na sequência.

1.3 O ativismo negro no pós-abolição

Segundo Hanchard (1996), na década de 1930, elementos da cultura afro-brasileira foram incorporados no discurso sobre a identidade nacional, com o objetivo de manter a ideia de uma democracia racial e o processo de mestiçagem, os afrodescendentes passaram a ser considerados simbolicamente como parte da nação, mas...

Ao mesmo tempo, recusava-se aos afro-brasileiros o acesso a praticamente todas as instituições da sociedade civil que pudessem lhes dar igualdade de condições com as classes médias do Brasil em processo de modernização. Escolas, bairros, clubes e profissões prestigiosas estavam fechadas aos afro-

brasileiros, de maneira muito semelhante ao que ocorria com os afro-americanos (HANCHARD, 1996, p.48).

Desde a década de 1930, o Movimento Negro Brasileiro atuou a partir de uma perspectiva integracionista que reivindicava por direitos iguais, os quais acabaram sendo negados aos afrodescendentes. Diante de um contexto de segregação e discriminação racial, buscava-se uma igualdade não apenas formal, mas por meio de uma inserção social qualitativa, que ainda não tinha sido garantido com o processo de abolição da escravatura.

De acordo com vários pesquisadores, o associativismo e ativismo negro remontam às últimas décadas do século XIX, por meio das irmandades e associações de auxílio mútuo, sem contar com as que eram direcionadas para a abolição. Após a abolição, esse associativismo se tornou mais plural e buscava fazer frente a discriminação e segregação nos espaços sociais:

O “homem de cor”, como se dizia na época, era impedido de entrar em estabelecimentos de lazer (cinemas, teatros, clubes, times de futebol, bailes em casas noturnas) de ingressar em instituições educacionais e/ou religiosas (escolas, orfanatos, congregações), de ser atendido por casas prestadoras de serviços (barbearias, hotéis, restaurantes, lojas comerciais, hospitais), de ser aceito por repartições públicas e corporações militares (como a Guarda Civil, em São Paulo, até a década de 1930) e de participar de processo seletivo para ingresso no quadro funcional de empresas industriais. (DOMINGUES, 2006, p. 132)

A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931 em São Paulo, foi uma das organizações mais expressivas do ativismo negro do período pós-abolição. Esta organização tinha como principal objetivo a conquista da igualdade de fato, e desenvolvia uma diversidade de atividades, uma delas a “carteira de identificação dos associados”, como o intuito de “adquirir credibilidade no seio da população negra e na sociedade em geral”. Também criou-se: uniforme; bandeiras e hino; escolas com biblioteca, curso primário de alfabetização de adultos; grupos musicais e teatrais, time de futebol, além de um departamento jurídico e serviços médicos e odontológicos, cursos de formação política, de artes e ofícios. Isso porque o acesso igualitário a estes serviços públicos, para os afrodescendentes, ainda era negado. Chama a atenção também que a organização mantinha um posto de alistamento eleitoral, para estimular os negros a participarem da vida política, e um caixa financeiro para auxílio dos associados em situações críticas (DOMINGUES, 2013, p. 135-136).

Além de dezenas de delegações pelo estado de São Paulo, a FNB tinha ramificações em outros estados, além de contatos periódicos com organizações

negras dos Estados Unidos e outros países da América Latina. Sua organização era centralizadora e hierarquizada, a qual buscava impor uma rigorosa disciplina e controle sobre o comportamento dos associados.

A FNB fundou um jornal próprio em que difundia suas ideias, A Voz da Raça (1933-1937). Neste jornal, o que mais se destacava eram reportagens criticando a preferência dos imigrantes, ao invés dos negros, para ocupar os postos no mercado de trabalho. Segundo Domingues, as reportagens tinham um forte viés nacionalista, denunciando que os imigrantes colocavam em risco a unidade nacional, e destacando os negros como os verdadeiros brasileiros. Buscava-se construir um negro “[...] com orgulho racial, espírito competitivo e adaptado ao estilo urbano de vida” (DOMINGUES, 2006, p. 147), devendo, para se assimilar à nação, negar a herança africana. O foco estava na igualdade. Como a diversidade era usada pela sociedade para desqualificar o negro, o caminho encontrado era apagá-la, integrando-se ao modo de vida ditado pela classe média branca.

A Frente Negra Brasileira “[...] buscou o apoio político a favor da causa negra, estabeleceu alianças pontuais com autoridades públicas, escritores e intelectuais brancos” (DOMINGUES, 2006, p. 136). Segundo Domingues, devido “[...] ao descaso político tradicionais para a “questão racial”, a Frente Negra transformou-se em partido político em 1936” (DOMINGUES, 2006, p. 137), mas foi extinto quando se instalou a ditadura do Estado Novo, em 1937.

Com influência da FNB, na cidade de Pelotas (RS) também surgiu a Frente Negra Pelotense (FNP), no ano de 1933. Contudo, ela já havia sido antecedida por várias organizações negras que haviam surgido ainda no decorrer do século XIX. A historiadora Fernanda Oliveira da Silva, afirma que as irmandades foram a primeira forma de associativismo negro no Brasil. Essas irmandades negras tinham como objetivo “[...] tencionar as regras imposta num sistema bem delimitado quanto à cor da pele das pessoas e construir uma rede de solidariedade” (SILVA, 2016, p. 49). Segundo Fernanda Silva,

[...] foi possível observar em relação às associações negras pelotenses, fundadas durante a escravidão, o objetivo de inserirem-se na sociedade, através da sua demonstração de organização, num primeiro momento; assim como, num segundo momento, na medida do possível, de libertarem os escravos, com dois tipos de associação: as vinculadas à religião católica, através das irmandades, em número de três [1820-1831]; e as associações beneficentes e ou explicitamente em prol da causa abolicionista [1880-1884], como a Sociedade Beneficente Feliz Esperança [1880] e a Sociedade Emancipadora Deus, Fé e Caridade [1882], totalizando um número de seis (SILVA, 2016, p. 50).

Na cidade de Pelotas, assim como em outros lugares, também foi criada uma imprensa negra, com destaque para o jornal “A Alvorada”, no ano de 1907, ficando em circulação até 1965. Formado por operários negros, considerados por Santos como “intelectuais negros” locais, o Jornal se direcionava principalmente para a defesa da igualdade racial e dos direitos trabalhistas visto que os estereótipos racistas atuavam para “[...] impedir aos negros não só de circularem em espaços públicos, mas também de competirem no mercado de trabalho [...]” (SANTOS, 2003, p. 87). Segundo Beatriz Loner (2001), havia uma forte articulação entre associações negras e associações operárias na cidade de Pelotas, em razão de que nesta cidade, diferente de São Paulo, há uma significativa inserção dos negros na condição de trabalhadores assalariados após a abolição.

Segundo o historiador José Antônio dos Santos (2003, p. 85), o jornal A Alvorada era um veículo de expressão da Frente Negra Pelotense. Ambas as organizações traziam a educação como a principal forma de superar as desigualdades entre brancos e negros, pois grande parte da população negra era analfabeta. A FNP, além de organizar cursos de alfabetização, fazia palestras pela união entre os negros e pela superação da baixa autoestima, por meio da evocação de “heróis” negros e de slogans como: “*Negro meu irmão, não te envergonhes da tua cor*” (SANTOS, 2003, p. 175). Em 1933, criou “[...] uma ‘Cruzada Pró-Livro’, no sentido de arrecadarem livros e fundarem uma biblioteca, e um ‘Comitê Feminino’ dirigido por e para as mulheres negras no interior da FNP” (SANTOS, 2003, p. 181).

Assim como outras organizações negras da época, a Frente Negra Pelotense trabalhava pela “elevação da raça”, no sentido moral e intelectual, e contra o preconceito, especialmente no mercado de trabalho. Segundo Santos (*Ibidem*), o jornal A Alvorada também tinha ampla preocupação com a moral e os bons costumes, no sentido de se construir uma imagem positiva do negro, o que resultava em um forte controle sobre o comportamento dos negros, por meio de colunas no jornal dedicadas a relatar comportamentos considerados inadequados, identificando abertamente as pessoas². Ao mesmo tempo, havia constantes críticas às pessoas que não se assumiam como negras.

²“O espaço dedicado aos *mexericos, fofocas*, isto é, aos problemas privados que envolviam a moral e os *bons costumes* na comunidade negra, sempre mereceram papel de destaque no interior do jornal A Alvorada” (SANTOS, 2003, p. 186).

Tanto o jornal A Alvorada, como a FNP, se articulava com as demais entidades associativas negras da cidade de Pelotas, como os cordões carnavalescos, grupos artísticos e ligas de esportes, e em parceria com essas, organizava palestras, concursos, festivais, bailes, etc.

No geral, os concursos e festivais tinham a função de unir as pessoas em um mesmo espaço público, possibilitando, com isso, dar-lhes visibilidade social e aumentar a autoestima. Era nesses espaços sociais, teatros, clubes bailantes, campos de futebol, que os negros se reconheciam como iguais, no infortúnio de terem nascidos negros numa sociedade segregacionista e também na alegria de compartilharem experiências. (SANTOS, 2003, p. 103).

Em nome da integração e do fim da exclusão, lideranças negras estimulavam, portanto, a adesão aos modos de vida difundidos pela classe média e alta brancas. Uma das lideranças da União Nacional dos Homens de Cor³, organização que existiu em todo o Brasil na década de 1940, afirmava que para se integrar, o negro tinha que perder a sua particularidade: “[...] o abandono a que estava relegada a população negra, sua falta de instrução e seus costumes arcaicos como responsáveis pela situação de “degenerescência” dos negros” (GUIMARÃES, 2001, p. 149). Em razão da persistência do preconceito e discriminação raciais, que colocavam mestiços e negros como incapazes, as organizações negras, como os clubes sociais negros, apoiavam que se aderisse aos padrões hegemônicos de comportamento, dessa forma demonstraria à sociedade branca que os negros também sabiam ser civilizados e modernos.

Após a ditadura do Estado Novo, com a reorganização dos movimentos sociais, foi fundado o Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, no Rio de Janeiro, com Abdias do Nascimento e outros intelectuais e artistas negros. A proposta do TEN era formar atores negros e inseri-los no meio teatral, televisivo e cinematográfico, pois os personagens negros geralmente eram assumidos por atores brancos que se pintavam de preto. Além de formar atores, o objetivo era discutir o preconceito no meio artístico.

Aos poucos o TEN adquiriu um caráter social e político mais amplo, vindo a publicar o jornal “Quilombo” em 1948, “[...] que funcionava como veículo de divulgação das ideias do grupo” (DOMINGUES, 2006, p. 139). Além da denúncia do racismo e da

³ A União dos Homens de Cor, criada na década de 1940, tinha ramificações em todos o Brasil, inclusive em Pelotas: “Em Pelotas a comunidade negra mantinha-se ativa contra o racismo, existia o *Grêmio Cultural Luiz Gama* e um diretório da *União dos Homens de Cor do Brasil*. Esta última entidade dos *homens de cor* pelotenses organizava reunião no *Depois da Chuva* para realizar conferências sobre *Problemas do Negro Brasileiro*, que foram gravadas e retransmitidas pela Rádio Pelotense” (SANTOS, 2003, p. 202).

formação de uma “consciência de raça”, o jornal defendia o acesso diferencial para negros nas instituições de ensino, antecipando o que décadas depois ficará conhecido como ações afirmativas. A criminalização do racismo era outra das defesas do jornal (DOMINGUES, 2006, p. 139). O TEN organizou vários congressos e convenções para discutir a situação do negro no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950. Destacava-se a preocupação em reconstruir a autoestima negra e promover estudos e pesquisas sobre o negro em que ele próprio fosse um “sujeito dinâmico”, não apenas objeto de pesquisa folclorizado.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) inicialmente também defendia a desafricanização da cultura negra, suas práticas consideradas “retrógradas”, mas aos poucos, irá tomar outro posicionamento, em razão das influências do Movimento da Negritude francês, passando a defender “a afirmação de um *ethos* negro” (GUIMARÃES, 2001, p. 150). Passou, então, a denunciar o branqueamento e também o preconceito que havia contra as religiões de matriz africana no país (DOMINGUES, 2006, p. 152). Esta organização defendia uma estética negra, por meio da promoção de concursos de beleza negra e a preservação dos valores e manifestações negras, além de lutar pela igualdade; o que significa que buscava também o respeito pela diversidade. O TEN tinha relações com várias organizações africanas, latino-americanas e norte-americanas. Com a instalação da ditadura militar em 1964, o Teatro Experimental do Negro, assim como outras organizações políticas do período, teve suas atividades limitadas e vigiadas, o que levou Abdias do Nascimento ao exílio nos Estados Unidos em 1968.

A mulher negra sempre teve um lugar subordinado na estrutura das organizações do associativismo negro nas primeiras décadas do pós-abolição. Apesar de tudo, sempre foram muito atuantes. Na FNB, havia uma preocupação em prepará-las para o mercado de trabalho doméstico, por meio de cursos profissionalizantes, mas também, em discutir os direitos trabalhistas das domésticas. Havia a Cruzada Feminina, grupo que fazia atividades assistenciais, e o grupo Rosas Negras, que se ocupava das atividades sociais da organização (bailes, festas, etc.). (DOMINGUES, 2006, p. 136). As mulheres negras também estavam presentes no TEN, por meio de uma coluna própria no jornal “Quilombo”, e promovendo, dentro da organização, o surgimento de outras duas: Associação das Empregadas Domésticas e Conselho Nacional das Mulheres Negras (DOMINGUES, 2006, p. 142).

Apresentei primeiramente um histórico do associativismo negro da primeira metade do século passado dado que suas características irão se refletir diretamente no interior dos clubes sociais negros. Havia relações entre movimento negro e estas associações. Os clubes sociais negros também irão ter uma forte tendência de integração do negro aos padrões da sociedade envolvente, o que muitas vezes significava reprimir comportamentos vistos como inadequados, e que eram culturalmente produtos ou de um legado africano, ou foram formados durante o duro período de escravização, em pleno solo brasileiro.

1.4 A problematização da desigualdade racial e o surgimento do Movimento Negro contemporâneo

O historiador Amílcar Araújo Pereira (2010), ao recompor a história do Movimento Negro contemporâneo, destaca que o sociólogo Florestan Fernandes teve uma forte influência sobre alguns militantes ou organizações, inclusive no período em que atuou como político. Isso não é à toa, se for considerado que Florestan foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a contestar a ideologia da democracia racial. Quando participou de uma ampla pesquisa sobre relações raciais no Brasil financiada pela UNESCO (MAIO, 1999), a qual contrariava a visão de que aqui haviam relações raciais harmoniosas, além de apontar que o preconceito e as discriminações não apenas persistiam, mas impediam que se superasse formas de divisão social que eram herança do regime escravista, isso na década de 1950.

Pesquisando a partir de São Paulo, o estado mais industrializado do Brasil na época, Florestan afirmava que a “revolução burguesa” tinha alterado profundamente o “mundo dos brancos”, mas não o “mundo dos negros”, pois para estes o sistema de castas tinha sido apenas formalmente abolido, persistindo um “padrão assimétrico de relação racial tradicionalista” (FERNANDES, 2007, p. 106). A afirmação de que o sistema de castas do regime escravocrata não tinha sido abolido devia-se a alguns fatores: os segmentos negros não tinham sido absorvidos no mercado formal de trabalho, ficando com os subempregos; aos segmentos negros tinham sido retirados, durante a escravidão, formas básicas de organização social, o que os levou a terem no pós abolição uma “vida social anômica” (p. 112), ou seja, desregrada, o que os teria levado ao conformismo, apatia e dependência.

Esses fatores teriam levado à uma concentração racial da renda, prestígio social e poder nas mãos dos brancos⁴, o que significava que a democracia racial não existia de fato, era apenas uma ideologia, no sentido de ser um discurso que acobertava o preconceito e o racismo. De fato, esta ideologia apenas instituía convenções de convivência entre os dois setores (brancos x negros), mas que serviam apenas para disfarçar as desigualdades entre um e outro. Fernandes não questiona o ideal da democracia racial em si, apenas constata que ele não tinha se efetivado e para que isso acontecesse...

[...] os grupos humanos diretamente afetados (ou interessados) devem tomar consciência social dessa situação e tentar modificá-la de forma organizada. Isso significa, em outras palavras, que é do próprio negro que deveria partir a resposta inicial ao desafio imposto pelo dilema racial brasileiro (FERNANDES, 2007, p. 129).

Várias críticas são feitas mais tarde à abordagem de Florestan Fernandes, mas não tem como se negar que foi um dos primeiros a abordar a desigualdade entre brancos e negros no Brasil. Uma das críticas é de que os segmentos negros no pós-abolição não eram tão desregrados assim, tinham bases organizativas e tentavam criar formas de se inserirem e contestarem a situação em que viviam. Outra questão que tem que se tomar cuidado é que Florestan está tratando do contexto paulista, no qual houve a presença de um contingente significativo de imigrantes europeus no meio urbano que acabaram ocupando espaços que poderiam ter sido ocupados pelos ex-escravizados. É importante apontar que esse processo de transição da escravidão para o capitalismo não necessariamente aconteceu da mesma maneira em Pelotas, visto que os imigrantes da cidade foram, em um primeiro momento, principalmente para o meio rural. Ademais, já havia uma forte presença de pessoas negras no meio urbano, habituada a trabalhos em indústrias, como a própria indústria do charque. Com isso, os negros tiveram uma inserção mais facilitada no mercado de trabalho assalariado⁵.

⁴ “Como se o passado se reproduzisse continuamente no presente, a concentração racial da renda, do prestígio social e do poder engendra um arcabouço social que nada (ou muito pouco) ostenta de competitivo, de igualitário e de democrático em suas linhas raciais. Os brancos desfrutam de uma hegemonia completa e total, como se a ordem social vigente fosse, literalmente, uma combinação híbrida do regime de castas e do regime de classe” (FERNANDES, 2007, p. 117).

⁵ A ampla participação negra no associativismo trabalhista e político da cidade de Pelotas, como demonstrado por Loner (2001), contrasta com a visão de Florestan Fernandes sobre a cidade de São Paulo, onde, segundo ele, a população negra e mestiça teriam sucumbido à miséria coletiva, degradação moral e vida social desorganizada.

Não obstante, uma das principais críticas é de que Florestan associa o preconceito e discriminações raciais a fenômenos exclusivos do período escravista, defendendo em sua obra que o passado persistia no presente. Em outras palavras, o racismo serviria para justificar a exploração econômica de um grupo racial sobre o outro. Logo, acabar-se-ia com a escravidão, não havendo mais razões para o racismo persistir. Segundo Carlos Hasenbalg (2005, p. 83), Florestan partia de um modelo ideal de funcionamento da sociedade capitalista, no qual não contariam mais as marcas de nascença na competição entre os indivíduos, apenas os seus méritos e habilidades, vencendo o mais competente, independente de religião, cor, sexo, etc.

Na sua obra *Discriminações e desigualdades raciais no Brasil*, escrita no final da década de 1970, Hasenbalg analisa várias séries de dados quantitativos que indicavam diferenças muito marcantes no acesso, por parte de negros e brancos, às condições que garantiriam um patamar de vida igualitário, como educação, mercado de trabalho, etc. A partir daí Hasenbalg defende que as desigualdades entre negros e brancos no Brasil não era apenas herança da escravidão, segundo ele o capitalismo tinha ressignificado o preconceito e discriminação raciais, dando-lhes novas funções. Isso significa que o racismo seria um mecanismo que se reproduz no presente porque atende ao interesse de determinados grupos, e não apenas um arcaísmo do passado que seria superado por um processo de conscientização. Em suas palavras:

Com a abolição do escravismo e o advento da igualdade formal, os negros emancipados começaram a frustrar as expectativas do grupo branco e a ameaçar o monopólio de certas posições sociais em mãos dos brancos. Nessas circunstâncias, o significado e funções do preconceito e discriminações raciais são alterados, visto que era necessário criar mecanismos sociais que, em nome de uma desigualdade natural, permitissem a acomodação dos negros a um sistema assimétrico de posições e privilégios. Desta forma, as práticas racistas após a abolição são ativadas pelas ameaças reais ou imaginárias feitas pelos negros à estrutura de privilégios sociais dos brancos. (HASENBALG, 2005, p. 84).

A retomada da discussão acadêmica sobre desigualdade racial coincide com o período em que vários segmentos da sociedade se mobilizam pelo fim do regime militar e redemocratização do país. No decorrer das décadas de 1960-70, além da persistência do associativismo negro tradicional, que se manteve focado exclusivamente na sociabilidade (CUNHA, 2000, p. 336), outras organizações surgiram, influenciadas pelo movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos e pelas lutas pela descolonização da África. Estas novas organizações,

no entanto, tiveram que se camuflar sob o rótulo de “culturais” para não serem perseguidas politicamente (PEREIRA, 2010).

O surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, foi o ápice deste processo de reconstituição do ativismo negro neste período. Entretanto, como explica Pereira, isso só foi possível porque nos anos anteriores havia se formado uma rede de organizações e lideranças que abrangia vários estados brasileiros, como o Grupo Palmares no RS, em 1971; o Ilê Aiyê, primeiro Bloco Afro baiano em 1974, em Salvador; o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro em Salvador, em 1976; a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), em 1974, e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) em 1975, no Rio de Janeiro, dentre outras.

O MNU pretendia unificar estas várias organizações, mas tornou-se apenas mais uma delas. Isso quer dizer que o que se entendesse por Movimento Negro contemporâneo poderia ser chamado de “movimentos”, porque já surge plural, o que não quer dizer que não havia pautas centrais em comum, conforme aponta Antônio Sérgio Guimarães no seguinte trecho:

[...] a denúncia do racismo, da discriminação racial e do preconceito de que eram vítimas os negros brasileiros; a denúncia do mito da democracia racial como ideologia que impedia a ação antirracista; e a busca de construção de uma identidade racial positiva por meio do afrocentrismo e do quilombismo, que procuram resgatar a herança africana no Brasil (invenção de uma cultura negra). (GUIMARÃES, 2001, p. 157).

Pereira (2010) cita vários documentos oficiais do regime da época que indicam que essas organizações negras eram vistas como desestabilizadoras, do ponto de vista político, porque estariam fomentando a desagregação racial no Brasil a partir de ideias estrangeiras. Se o MNU resultou de uma rede prévia de organizações, este, por sua vez, “[...] possibilitou, ou ao menos incentivou a formação de muitas outras organizações em diferentes estados do país” (PEREIRA, 2010, p. 198). Em um primeiro momento, isso gerou uma tensão muito grande entre grupos que se consideravam “estritamente políticos” (*Ibidem*, p. 168) e grupos taxados de culturais ou culturalistas. Nesta última categoria, encaixavam-se não apenas o associativismo tradicional – como escolas de samba, terreiros, clubes sociais, etc. –, mas também algumas organizações novas, como os blocos afros.

Essa acusação de que o Movimento Negro brasileiro tem um cunho muito “culturalista” já gerou muita polêmica, tanto dentro do próprio movimento, como também no meio acadêmico. Michael Hanchard, cientista político norte-americano que

fez suas pesquisas no Brasil na década de 1980 afirma que o fato de no Brasil ter ocorrido a apropriação das manifestações culturais afro-brasileiras como cultura nacional gerou uma dificuldade de constituição de “uma consciência claramente racial” (2001, p. 08). Embora reconheça também que o uso de práticas culturais como uma forma de contestação própria de situações de autoritarismo não pudesse ser feita de forma direta e aberta.

Segundo Hanchard, a hegemonia do discurso de democracia racial teria impedido, no Brasil o desenvolvimento de “semelhanças fortes” entre os diversos segmentos negros, pois esta ideologia os teria impedido de “[...] identificar padrões de violência e discriminação específicos da questão racial” (2001, p. 21). Além disso, segundo ele (*Ibidem*, p. 121):

[...] o culturalismo – a preocupação com os levantamentos genealógicos e com os artefatos da cultura expressiva afro-brasileira – afastou o movimento negro das estratégias de mudança política contemporânea e aproximou-o de um protesto simbólico e de uma fetichização da cultura afro-brasileira

As conclusões de Hanchard sofreram várias críticas, tanto de intelectuais negros como de não-negros⁶. Mas as suas considerações refletem questões importantes do ativismo negro brasileiro. A antropóloga Olívia Cunha (2000) faz um mapeamento interessante de como a categoria “cultura” foi sendo ressignificada dentro do Movimento Negro. A partir do final da década de 1970, em um primeiro momento, as organizações negras que se declaravam “políticas” e colocavam a luta contra o racismo no centro da sua atuação, criticavam o “recreacionismo” das associações “culturais” tradicionais. Estas associações, por sua vez, seriam um canal de cooptação das massas negras e pobres por parte da elite, por meio de “[...] vínculos calcados no personalismo político, no clientelismo e na troca de favores [...]” (CUNHA, 2000, p. 338).

Em um segundo momento, no entanto, tanto o MNU como as demais organizações negras passaram a apropriar-se da categoria “cultura negra” como uma

⁶ Uma das principais críticas à Hanchard, é a de que ele busca analisar a realidade brasileira tomando o ativismo negro e o sistema de relações raciais norte-americanos como modelo, como uma norma que deveria ser seguida em outros lugares. A socióloga e militante negra Luiza Bairros (1996), em um texto em que contesta várias ideias de Hanchard, defende que os modelos de luta contra o racismo devem ser contextuais, de acordo como a forma como este se manifesta em cada lugar, pois “[...] não existem melhores e piores tipos de racismo, nem tampouco formas mais ou menos eficazes de combatê-lo” (p. 173). Peter Fry (1996), embora dialogue com outro texto de Hanchard (1996), o acusa de transportar para o Brasil um modelo bipolar de relações raciais, quando o que aqui vigoraria seria um sistema classificatório múltiplo.

forma de estimular o que passaram a considerar como práticas de resistência, e também, no sentido de considerar manifestações culturais sob a ótica da diversidade e diferença. A “cultura negra” passa, então, a ser vista como algo a ser “resgatado” e “valorizado” na sua particularidade, em contraste com as ideias de hibridismo e mestiçagem próprios da ideologia da democracia racial. Essa “cultura negra” passa a ser vista também como um instrumento de mobilização das “massas negras” (CUNHA, 2000, p. 338-340).

[...] É dessa forma que a noção de “cultura negra” se irrompe nesses círculos, como contraponto racializado da ideia de *cultura popular*, numa proposta de adjetivação que, em muitos casos, acabava por reificar as práticas vistas como “puras”, opondo-se àquelas vistas como “comerciais” e manipuladas (CUNHA, 2000, p. 348).

Com a redemocratização do país, o movimento negro, já em fase de consolidação em todo o país, vai levar suas pautas para os partidos políticos que aos poucos as incorporarão no seio de organismos governamentais. Na década de 1980, criam-se os Conselhos de Desenvolvimento da Comunidade Negra em vários estados e municípios. É neste período também que as primeiras políticas de patrimonialização são propostas, como alguns terreiros de candomblé na Bahia e a Serra da Barriga em Alagoas (GUIMARÃES, 2001, p. 158).

Partindo de um contexto historicamente discriminatório no Brasil, a Constituição de 1988, junto com os movimentos sociais negros, colaborou para dar sustentação e revitalizar e salvaguardar as manifestações culturais afro-brasileiras, estabelecendo uma nova relação destas com o Estado e a sociedade brasileira. A Constituição Federal de 1988, a partir do Art. 216, estabelece como patrimônio os “[...] bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. O Art. 215 ressalta que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, apoiando e incentivando a valorização das manifestações culturais:

1. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
2. A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Um dos grandes avanços constitucionais, presentes no artigo 216 foi a introdução do conceito de patrimônio imaterial, que alarga esse conceito para nele

incluir formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, além da dimensão da materialidade expressa em obras, objetos, documentos, edificações e sítios arquitetônicos e arqueológicos representativos dos diversos grupos que compuseram a nação brasileira – com especial atenção aos “sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Com isso, instituiu-se também outras formas de proteção, não apenas o tombamento, como inventários e registros.

Os movimentos sociais negros contribuíram para o reconhecimento destas memórias negras, para mostrar o quão também são importantes para a sociedade brasileira. A partir da Constituição de 1988, o Governo Federal reconhece formalmente a existência do racismo no Brasil. É contexto que foram criadas a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e a Fundação Cultural Palmares, as quais buscam promover políticas de ações afirmativas e de reconhecimento a fim de combater a desigualdade e o preconceito racial existente até hoje no país.

O Estatuto da Igualdade Racial, aprovado sob a forma da Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, é um dos desdobramentos desses esforços de reconhecimento das manifestações culturais negras. A preservação dos clubes sociais negros como espaços de memória está contemplada no Art. 17 desta Lei:

Art. 17. O poder público garantirá o reconhecimento das sociedades negras, clubes e outras formas de manifestação coletiva da população negra, com trajetória histórica comprovada, como patrimônio histórico e cultural, nos termos dos arts. 215 e 216 da Constituição Federal.

Essas ações são relevantes para conscientizar a sociedade brasileira para a necessidade do respeito à diversidade cultural nas mais diversas esferas do convívio humano. As políticas de reconhecimento tiveram papel decisivo na inserção dos afrodescendentes no país, através da aplicação da Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade, nos currículos escolares, de conteúdos relativos à história e cultura africanas e afro-brasileira. Essa lei estimula que um conjunto de ações educativas passem a ser realizadas não só no contexto escolar, mas também dentro dos clubes sociais negros e centros culturais.

Durante um longo período os clubes negros eram invisíveis e ignorados por parte do Estado. Através dessas políticas de reconhecimento, esses espaços passam a ter outro significado não apenas para a comunidade negra, mas para outros segmentos da sociedade brasileira. Neste sentido, essas memórias negras começam

ser valorizadas por todos. A partir dos anos 2000, várias iniciativas de valorização patrimonialização das manifestações e espaços de sociabilidade negras levaram a uma convivência mais articulada entre o associativismo mais convencional e o que restou dele, e a ala mais “política” do movimento, com estes últimos tentando se apropriar dos espaços dos primeiros e ressignificá-los. É neste contexto que surgiu o próprio Movimento Clubista, sobre o qual se falará nos próximos capítulos.

1.5 Identidade ou identidades negras?

Stuart Hall, na sua abordagem sobre a identidade negra em situações de diáspora, vai afirmar que ela constitui “[...] uma ‘produção’ que nunca está completa, mas que sempre está em processo e se constitui dentro da representação, e não fora dela” (2010, p. 349, Tradução livre). Nos demais subtítulos que compõem este capítulo, foi apresentada uma diversidade de representações possíveis sobre identidade negra, ou consciência negra ou antirracismo. Amílcar Araújo Pereira, na sua reconstituição do Movimento Negro contemporâneo, aponta que além da divisão que havia entre culturalistas *versus* ala da consciência negra, outras geravam posicionamentos diferenciados dentro do ativismo negro, como a dos africanistas/terceiro-mundistas *versus* norte-americanistas (PEREIRA, 2010, p. 178). Isso quer dizer que no diálogo com as diferentes manifestações culturais e políticas das diásporas negras, os ativistas brasileiros construía a ideia de “consciência racial” a partir de referenciais diversos.

Esta afirmação Stuart Hall vai ao encontro do que coloca Avtar Brah sobre as mudanças de significados da categoria “negro” nos movimentos antirracistas da Inglaterra. Ela mostra como múltiplos discursos constroem de forma diversa os critérios para delimitar o que demarca as diferenças – entre afrodescendentes, brancos e asiáticos, no caso –, afirmando que os diferentes significados atribuídos à categoria “[...] assinalam diferentes estratégias e resultados políticos” (BRAH, 2006, p. 340).

Para Hall, identidade não tem a ver com essência ou posições fixas dentro de um espaço social. Enquanto intelectual negro, ele critica os projetos políticos de identidade que colocam o foco no que ele chama de “absolutismo étnico”, que percebem as diferenças a partir de um binarismo e de “[...] uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (2003, p. 33). Para o autor, isso é o mesmo que reproduzir o modo

ocidental de representar as diferenças. Desta forma, há um processo permanente de reapropriação daquilo que é proposto pela cultura hegemônica, por parte dos grupos subalternizados, sendo a partir daí também que afirmam seu protagonismo criador. O trecho a seguir pode ilustrar esta ideia:

[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. [...] A cultura é uma produção. [...] Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44).

Por isso que “diferença”, para Hall, não significa apenas “diversidade”, mas também divergir, propor algo novo, visto que “[...] o significado nunca está terminado ou completo, ao contrário, se mantém em movimento para abarcar outros significados adicionais o suplementares” (2010, p. 354, Tradução livre).

As identidades culturais negras são produzidas a partir de dois movimentos ou perspectivas: o primeiro diz respeito à ideia de compartilhamento de uma cultura e uma história comum, que dotaria um grupo “[...] de quadros de referência e significado estáveis e imutáveis e contínuos [...]”; a segunda perspectiva, ao invés disso, pressupõe que existem diferenças profundas e significativas entre o passado e o presente, ou entre os diversos coletivos negros dispersos pelos diversos continentes. Isso quer dizer que as identidades estão sempre “submetidas à constantes transformações”, por isso a diversidade de categorias ou de significados atribuídos a uma categoria, por meio da qual são nomeados os “lugares” nos quais as pessoas se posicionam ou são posicionadas, ou seja, identificadas (HALL, 2010, p. 351).

Para Brah, identidades são construções mutáveis, as quais estão

[...] inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. [...] As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança [...] (2006, p. 371).

Quando Brah fala de “posições de sujeito”, no plural, está argumentando que se deve levar em consideração as conexões entre as “várias formas de diferenciação social”, como raça, classe e gênero, mesmo que se esteja colocando o foco em uma delas. Ao falar sobre o racismo, comenta:

[...] o racismo não é nem redutível à classe social ou ao gênero, nem inteiramente autônomo. Racismos tem origem histórica diversa, mas se

articulam com estruturas patriarcais de classe de maneiras específicas, em condições históricas dadas (2006, p. 352)

Estes princípios teóricos gerais são trazidos aqui porque parecem pertinentes para pensar as formas de construção das identidades negras a partir do Clube Fica Ahi no transcorrer da história, tais como projetos plurais, em disputa, em diálogo com referenciais externos diversos e contraditórios. Esses projetos plurais não estão tratando apenas de “raça” ou antirracismo, como será visto nos próximos capítulos, mas sobretudo de gerações diferenciadas, de distintas maneiras de se pensar o gênero, de distintas posições de classe. Essa forma dinâmica de construção da identidade transparece, por exemplo, na breve reconstituição dos/as entrevistados/as para esta pesquisa.

2 Clubes Sociais Negros

Nesse capítulo, apresento um pouco da trajetória dos interlocutores que foram entrevistados para esta dissertação de forma a tornar compreensível por que defendem este ou aquele posicionamento perante determinados temas chaves que cercam o Clube Fica Ahi. Por outro lado, para compreender o próprio Fica Ahi no contexto do associativismo negro, apresenta-se um pouco sobre o universo dos clubes sociais negros no Brasil e RS, para então aprofundar aspectos, impasses e dilemas próprios da comunidade ficahiana, tendo como cenário sempre as relações étnico-raciais no Brasil e na cidade.

2.1 Fichianas e fichianos: trajetórias

2.1.1 Maritza Freitas

A entrevista com Maritza e seu esposo Dilermando foi realizada na residência do casal, no início de março de 2019, à tardinha. Uma conversa animada e longa, estendeu-se até a noite, prevalecendo o protagonismo de Maritza. A ideia era entrevistar, posteriormente, Dilermando, para aprofundar suas experiências com o Clube e o Movimento Negro, mas acabou sendo inviabilizada por falta de tempo.

Pode-se dizer que Maritza é proveniente de classe média. Sua mãe, Terezinha Maria Flores Ferreira, já falecida, era professora municipal e seu pai, Dirceu Afonso Ferreira, atuava no setor de serviços como torneiro mecânico. Terezinha e Dirceu tiveram um casal de filhos: Maritza e Renato.

Maritza sempre estudou em escola pública e orgulha-se de ter feito o curso de magistério no Instituto de Educação Assis Brasil. Embora originalmente não fosse o que queria, acabou fazendo o curso por influência da mãe, que enxergava na profissão de professora um caminho natural para as mulheres: “ela era daquelas mães que dizia assim: ‘tu já fica com o diploma, tu já tem uma profissão, depois tu vê o que tu queres’”. Maritza afirma que desde criança teve propensão para atividades artísticas, como canto, teatro e dança. Seu sonho era se formar em teatro pelo Centro de Arte Dramática da UFRGS, em Porto Alegre: “Mas a mãe e o pai, nem pensar! Sair daqui, aquela coisa, naquela época! Década de 70, era 78 por aí... Não, nem pensar!”. A opção da família era de que Maritza fosse para o Conservatório de Música. No entanto, quando fez sua inscrição no vestibular, optou de última hora pela Educação

Física, curso que fez na Universidade Federal de Pelotas. Isso a impulsionou a trabalhar com a questão corporal, especialmente com a dança. Não é à toa que ela fará parte de uma primeira geração que tentará desenvolver a dança afro dentro do Fica Ahi.

Maritza, que se tornaria mais tarde uma reconhecida militante do movimento negro pelotense, afirma que passou toda a sua infância e adolescência sem qualquer discussão de cunho racial ou político dentro de casa. O despertar para questões políticas, segundo ela, deu-se quando entrou na universidade, por volta de seus 20 anos, quando se deparou com um contexto de greves e de discussão sobre o movimento pela Anistia dos exilados políticos, isso no início da década de 1980: “Ah, eles estão chegando, tão voltando pro Brasil e tu... Hum, tá voltando Caetano, Gil, Betinho, tudo voltando... Ah, tão voltando, por que voltando? É terrível isso, mas foi assim que eu vivi a minha adolescência [...] totalmente alienada”. Foi o momento em que se engajou na campanha “Diretas Já”.

Maritza formou-se em 1982, já trabalhando como professora contratada na rede municipal de educação, por ter feito o curso de Magistério no ensino médio (na época, “segundo grau”). Foi alocada na Escola Nestor Eliseu Crochemore, no distrito de Vila Nova, meio rural, onde, segundo ela, foi “[...] picada pelo bichinho da educação lá, era o meu último ano de faculdade, mas lá foi que eu vi o que era educação. E aí foi paixão, ali foi que aconteceu”. Depois de cinco anos lecionando no meio rural, pediu transferência para o meio urbano quando estava prestes a casar: “[...] estava com medo de não dar conta de cuidar de casa, que eu não sabia fazer nada, e de ter que viajar”. Mesmo trabalhando com educação e já sendo década de 1980, “[...] mesmo assim, naquele período, eu ainda não tinha despertado para a questão racial”.

O contato de sua família com o Clube Fica Ahi deu-se na segunda metade da década de 1970, quando ela era adolescente e precisava ser “apresentada para a sociedade” por meio do Baile de Debutantes. Antes desse período sua família não tinha tido nenhum contato com clubes sociais:

Maritza: Que tinha os grandes bailes, e aí depois de ter feito 15 anos, então no ano seguinte, no período de setembro, outubro, que eram as festas de bailes de debutantes, que aconteciam em todos os clubes. E aí eu, então, ia debutar no ano seguinte, que seria 76... [...] É, final de 75, aí foi quando pela primeira vez eu comecei a viver o Clube. Porque aí meu pai e minha mãe tinham que me inscrever, associar, nos associamos, pra mim era uma festa! Sócia do Fica Ahi, meu Deus do céu!

Maritza atualmente é professora aposentada da rede pública, mas possui vínculos com as Faculdades Anhanguera, além de dedicar-se a projetos culturais vinculados principalmente ao Grupo Odara – grupo de dança afro que constituiu com o marido no final da década de 1990 –, participando de vários eventos em âmbito nacional com o Grupo. O Grupo destaca-se sobremaneira por realizar projetos sociais em periferias da cidade a fim trabalhar a autoestima de crianças e adolescentes e os estimularem a seguir a carreira artística.

2.1.2 Dilermando Freitas

Dilermando é originário de uma classe social mais popular, tendo vivido a infância nas imediações do Bairro Santa Terezinha. Identifica seu pai, Isaque Freitas, como negro e sua mãe, Maria Nilda Martins, uma mulher branca, vinda do Uruguai.

Dilermando estudou toda sua infância em escolas públicas. A última escola que frequentou foi o Instituto Pão dos Podres, onde veio a desistir de estudar. Uma das razões do seu abandono escolar foi o preconceito e a discriminação. Sendo o único menino negro da turma, sentava-se sempre no fundo e sentia-se sempre envergonhado da sua condição, relacionada tanto à questão tanto étnico-racial como de classe.

Dilermando: [...] na verdade eu não abandonei a escola porque eu tinha problema de fome, de coisa, eu abandonei a escola porque eu não me encaixava, naquela época. Eu era... Bom, tudo o que podiam dizer do negro é o que diziam pra mim na escola. Bom, eu fui... A minha primeira escola que eu tentei ficar, que eu abandonei e depois voltei muito tempo depois, não quis mais ir, foi o Pão dos Pobres, que foi onde ela [Maritza] estudou. Acho que até foi no mesmo ano.

Depois de casado, sua esposa Maritza o incentivou a voltar a estudar. Como sua esposa, em Educação Física. Dilermando e Maritza se conheceram dentro do Clube Fica Ahi, seguindo um padrão muito comum de arranjos matrimoniais dentro do Clube.

Mesmo com pais umbandistas, além de ter tido uma criação dentro da umbanda, Dilermando começou a participar do movimento negro por meio dos Agentes Pastorais Negros da Igreja Católica. Posteriormente, retornou para a umbanda. O foco do trabalho dos Agentes Pastorais Negros era a Igreja São José, no Fragata. Já vem desta época a principal forma como Dilermando participa das formas de afirmação da negritude na cidade, por meio do tambor. Ele lembra das Missas Afros

nas quais participava tocando atabaque na igreja. Ele cita como grandes influências desta época, Ernestina Pereira, atualmente à frente do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas, e um padre angolano, de quem não se lembra o nome.

Dilermando é um grande representante da cultura de matriz africana pelotense. Junto com Mestre Baptista⁷, atuou no resgate do sopapo⁸, o que o impulsionou a participar do Movimento *Griot*. Tudo isso ocorreu no final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando houve um movimento chamado Cabobu, do qual surgiu o Grupo Odara⁹. Ele acrescenta que possui vínculos com o carnaval desde os 13 anos, inicialmente participando dos blocos infantis, depois, da Escola de Samba General Telles, “a minha escola de coração”.

O seu contato com o Clube Fica Ahi deu-se através de um casal de amigos, por quem foi apresentado para a Diretoria do Clube na época, uma vez que seus pais não tinham condições econômicas para frequentar aquele espaço. Dilermando relata que era muito difícil sempre estar nos padrões exigidos pelo Clube nas festas, já que não tinha condições de comprar roupas novas. Em muitas das festas que foi, suas roupas eram emprestadas por amigos. Além disso, por ser um homem de estatura baixa, às vezes ficava evidente que essas roupas não eram dele, o que lhe causava constrangimentos, sentindo-se sempre vigiado por não fazer parte das famílias tradicionais do clube.

Tanto Dilermando como sua esposa Maritza encontram-se afastados do Clube, atribuem ao grande envolvimento com outros espaços de militância e trabalho.

⁷ Neives Baptista, reconhecido *griot*, é um homem negro que nasceu e criou-se no bairro fragata, tendo trabalhado como motorista de ônibus da empresa Nossa Senhora da Penha. Muito reconhecido no meio carnavalesco pelo seu trabalho como percussionista, auxiliou no resgate do Tambor de Sopapo nos anos 2000, vindo a falecer de câncer em 2014. (MAIA, 2008, p. 80-81).

⁸ Tambor de grandes dimensões, que segundo as narrativas orais teria sido fabricado pelos negros escravizados das charqueadas, era usado até a década de 1970 nas escolas e blocos carnavalescos das cidades de Rio Grande e Pelotas, tendo sido levado para Porto Alegre por alguns músicos que migraram para a capital. Em Pelotas, o sopapo caiu em desuso quando se passou a adotar no carnaval a estrutura das baterias cariocas. A partir de 1999, a Escola de Samba Unidos do Fragata passou a fazer oficinas para resgatar a sua fabricação, passando a ser então reinserido no carnaval e em diversos espaços e manifestações culturais relacionados à cultura afro-brasileira. (MAIA, 2008, p. 75).

⁹ O Projeto Cabobu foi um festival de música popular idealizado por Mestre Baptista e o músico Giba-Giba, entre 11 e 13 de fevereiro em Pelotas. A programação incluía artistas de renome nacional e tinha por objetivo construir, por meio de oficinas, 40 sopapos. Dilermando e Maritza Freitas participaram criando performances coreográficas de dança afro. Para dar continuidade nesta relação entre percussão e dança afro, foi, então, criado o Grupo Odara, formalmente constituído em 2005. Atualmente tem exercido também ações no âmbito do empreendedorismo negro. (MAIA, 2008, p. 227-234).

2.1.3 Marielda Medeiros

A entrevista com Marielda Medeiros foi realizada na sua residência, no início de janeiro de 2019, no início da tarde. Marielda é militante do movimento negro de Pelotas, além de doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel. Atualmente não é mais associada ao Clube Cultural Fica Ahi.

Na trajetória familiar de Marielda, há um processo de ascensão. Seu pai, Aires Medeiros, foi criado e educado em um abrigo de menores, saindo de lá já com a profissão de técnico em gráfica, a nível de segundo grau de escolarização. Sua mãe, Teresa Eva Barcellos Medeiros, tornou-se costureira e cantora, mas “não chegou a completar o ensino fundamental”. Marielda teve um irmão, já falecido, e outra irmã, funcionária pública; o primeiro tinha o ensino médio incompleto e a segunda conseguiu completá-lo.

Marielda e seus dois irmãos cresceram dentro do Fica Ahi, construindo um forte vínculo de pertencimento ao Clube, mesmo com o trânsito por outros clubes:

Marielda: O Fica Ahi era um local onde a gente tinha... É parte da nossa infância, a gente passou dentro do Fica Ahi, enquanto clube social, assim, não tínhamos nenhuma, nenhum impedimento porque minha mãe e meu pai eles transitavam muito, eram sócios do Fica Ahi, mas transitavam muito no Chuva, no Chove. Então a gente também tinha essa mobilidade. Mas o Fica Ahi era espaço onde a gente concentrava a maior parte do tempo. Então a nossa infância foi dentro do Fica Ahi, mesmo [...].

Marielda relata que sua mãe se associou ainda muito jovem no Clube Fica Ahi, aos 16 anos, pois era convidada para cantar. Sua mãe, como tinha envolvimento com a música, cantava e circulava com a sua família em todos os clubes sociais negros de Pelotas. Já seus avós maternos, acredita não terem se associado a nenhum clube, embora frequentassem esporadicamente o Depois da Chuva e o Chove Não Molha. Seu avô materno era operário de obras públicas e sua avó, lavadeira. Ela e seus irmãos participaram ativamente do grupo jovem, grupo de teatro, dança e esporte, na década de 1980. Ela também atuou durante um período como diretora de um departamento do Clube, na gestão anterior àquela encabeçada por Maria Helena da Silveira.

Sua mãe era muito católica. Foi a partir daí que Marielda, aos seus 14 anos, começou a sua militância dentro do Movimento Negro Pelotense, através dos Agentes de Pastorais Negros da Igreja Católica, os quais desenvolviam um trabalho muito forte no seu bairro (Simões Lopes), estimulando, inclusive, os jovens negros a trilharem o

caminho da educação. Sua militância deu-se dentro e fora de Pelotas, tendo viajado para outros Estados para participar de marchas, encontros e mobilizações.

2.1.4 Rudinei Silva Machado

A entrevista com Rudinei Silva Machado foi realizada no seu local de trabalho, na Rádio Federal FM, Rua Andrade Neves, nº1550, em uma sala reservada, no final de junho de 2019, no início da tarde. Inicialmente tímido em suas respostas, ele foi se soltando quando passou a relatar seu envolvimento como as festas *black* da cidade. O objetivo da entrevista era saber a sua trajetória dentro do Clube Fica Ahi, até por ser irmão de Rubinei Machado, uma pessoa que foi importante na trajetória recente do Clube. Contudo, acabamos também nos aprofundando na sua trajetória como radialista e seu envolvimento com as festas *black*, as quais foram muito importantes na década de 80 e 90 na cidade de Pelotas.

Rudinei Machado caracteriza a sua família, do ponto de vista socioeconômico, como “paupérrimos”. Seu pai, João Fagundes Dutra Machado, natural de Bagé, era portuário e trabalhava no porto de Rio Grande. Sua mãe, Laura Silva Machado, natural de Pelotas, era dona de casa. O casal teve 7 filhos, separaram-se e sua mãe casou-se novamente, vindo a ter mais 4 filhos, um total de 12 irmãos. Rudinei e mais seis irmãos foram criados pela avó materna, Silvia Silva, costureira e dona de casa. Residiam “na Major Cícero, passando a Marcilio Dias, para baixo”, local que na época era periferia.

Rudinei: É, naquele tempo que nós morávamos lá era tudo campo. Só tinha a rua onde descia e poucas casas onde a gente morava. No lado esquerdo tinha a estância, depois tinha os trilhos que passava lá por baixo, depois tinha o canal que atravessava a cidade por ali, que não existe praticamente mais.

Segundo Rudinei, sua avó “vivia trabalhando, vinte quatro horas por dia para sustentar sete. Ela não tinha emprego fixo, ela tinha que arrumar alguma coisa para colocar um pão dentro de casa”.

Rudinei estudou durante um período em escola pública. Em seguida recebeu uma proposta, ele e seu irmão Rubinei Machado, para tocar na banda do colégio Gonzaga. Em troca, ganharam uma bolsa de estudos. Como tocavam bem alguns instrumentos e havia forte competição entre as bandas dos colégios, isso garantiu uma boa inserção escolar.

Rudinei: Aí tinha disputas entre o Gonzaga e a Escola Técnica, aí a banda, a nossa, foi para São Paulo, disputava o campeonato nacional das bandas, a

gente ganhou três anos consecutivos. E eu era a bomba, cheguei a Mor. Eu comecei por baixo, virei Mor. Aí eu ensinava os outros a tocar e quando tinha o Maestro, chamava os principais sopros, nós fazíamos a harmonia do dobrado, eu ensinava a batida, depois passava para os outros. E aí eu não pagava o colégio, eu estudava e tocava na banda.

Essa relação com o Colégio Gonzaga rendeu a Rudinei, uma ampla experiência de viagens desde sua adolescência, inclusive internacionais:

Rudinei: [...] quando eu fui para o colégio eu já fui entrando, assim, na banda, tocando. Aí eu fui me destacando, é a mesma coisa que um atleta. Aí eu era negro, mas ensinava os brancos, entendeu? Aí o Irmão¹⁰ tinha admiração porque eu sabia fazer as coisas com destreza. Até as vezes tinha que viajar com o Irmão que era do esporte, e tinha o Irmão que era da banda, e quando tinha que viajar, eu não tenho dinheiro para viajar: 'como é que eu vou?'. Por exemplo, uma vez nós fomos para o Uruguai, Montevidéu, Punta Del Este, uma semana passamos... Como é que eu ia? Avó pra sustentar sete netos. Eu disse: 'Irmão, eu não posso ir...' Aí o Irmão mandava dar uma verba pra mim, até o Irmão esse do esporte ficava bravo que tinha que dar, então, era importante pra eles.

Rudinei tem orgulho em falar que dos sete netos que ficaram com a avó, todos são formados, ou em curso superior ou em curso técnico, o que lhes facultou uma boa inserção no mercado de trabalho: "e a avó era muito dura, ela fazia nós estudar, não tinha moleza. Bah, ela perseguia nós pelo estudo. E ela mal sabia ler e escrever". Mas isso só foi possível porque os irmãos se revezavam: enquanto uns se empenhavam nos estudos, outros trabalhavam para ajudar a avó a sustentar a casa; quando os primeiros se formavam, iam trabalhar para que os outros retornassem aos estudos.

Rudinei é servidor público federal e Radialista. Atualmente é mestrando de Marketing. Envolveu-se diretamente na promoção de festas *black* nos anos 80, época em que fez parte de várias "discotecas". Como radialista, criou o programa de rádio Sambalanço, junto com o irmão Rubinei e dois primos. O programa Sambalanço foi uma explosão de sucesso nos anos 90, e com isso começaram a produzir shows pela cidade de Pelotas e região. Rudinei, em sua entrevista, orgulha-se em falar que ele foi o primeiro negro radialista a sentar-se com grupos de empresários brancos para planejar festas e chamar bandas de pagodes para tocar nos espaços que eram frequentados pela sociedade pelotense da classe média e alta.

Sua trajetória o clube Fica Ahi iniciou-se por meio da amizade de sua avó com dona Lúcia, uma senhora que tinha uma casa de religião de matriz africana, frequentada pela esposa de um sócio emérito do Fica Ahi. Nesta casa religiosa, sua

¹⁰ Nesta fala, com a palavra "irmão" Rudinei refere-se às figuras religiosas responsáveis pelo colégio, possivelmente freis.

avó se encontrou com esta senhora sócia do Fica Ahi e solicitou apadrinhamento para seus netos ingressarem no Clube, sendo que foi atendida. A sua avó mesmo nunca chegou a participar de qualquer clube da cidade. Foi a partir deste momento que eles passaram ser sócios do Fica Ahi. Rudinei participou da Diretoria dos jovens, no período em que era sócio do Clube, porém abandonou o cargo em razão de um episódio que não quis aprofundar. Segundo ele, sua mãe, por ser “separada”, não pôde entrar no Clube. Atualmente está afastado do Clube, mas já contribuiu em anos mais recentes produzindo o Pagode do Fica Ahi, espetáculo que atualmente existe de forma independente em relação ao clube.

Embora os militantes do Movimento Negro sempre frequentassem suas festas, Rudinei nunca militou, dando a entender que considera alguns setores são muito radicais e pouco abertos ao diálogo.

2.1.5 João Daniel Pereira Amaro

A entrevista com Daniel Amaro, como é conhecido, foi realizada no Instituto de Ciências Humanas (ICH), na sala de reuniões de Antropologia, início de agosto de 2019, pela manhã, a conversa estendeu-se até o meio dia. Foi uma conversa bastante proveitosa, mas observou-se o interlocutor um pouco reservado quando se buscava o aprofundamento de alguns temas. Pode-se dizer que a família por parte de mãe era de classe média, pois sua mãe, Maria da Conceição Pereira Amaro, sempre morou no centro da cidade. Daniel, ao relembrar da família da mãe, diz que seu avô Francisco Pereira “[...] era motorista de famílias nobres, aí depois virou taxista e conheceu a minha avó [Idília Pereira], mãe dela, a minha avó era da família dos donos da Loja Hercílio”. O avô materno de Daniel era negro, mas sua avó era branca.

A família paterna de Daniel Amaro veio do município de Herval. Não tinham muito poder aquisitivo, todavia pode-se dizer que se tornaram de classe média.

Daniel: [...] a avó do meu pai, que se chama Laura, ela trabalhava em casa de família, como cozinheira e faxineira. E o meu pai, perdeu o pai quando ele tinha nove anos, e ele era o mais velho, e tinha mais três irmãos. E aí, a minha avó ganhou esse terreno na Castilho dos patrões dela, e a minha avó foi morar na Castilho e o meu pai foi alfaiate e depois funcionário público, onde meu pai começa entrar no Fica Ahi.

Pode-se dizer que Daniel puxou a veia artista do seu avô paterno, “o meu avô era músico, tocava clarinete, eu não cheguei a conhecer”. A sua mãe dedicou-se toda a vida para a umbanda, sendo que o seu centro, Cacique João das Matas, existe há

48 anos. Atualmente é dirigido pela sua irmã, visto que sua mãe está com limitações físicas em razão do mal de Parkinson. Nota-se na fala de Daniel o carinho e o respeito por toda a dedicação da mãe, no cuidado com a casa e o centro de umbanda.

Daniel: Pois então, a minha mãe começou com sessão de mesa, quando tinha 12 anos. Eu não me lembro do nome do senhor, mas ela sempre comenta. Aí depois ela se deu de conta que a umbanda chamava ela, e ela foi para a umbanda. Na época a Umbanda era... Olha a palavra que eu ia dizer: boa. A questão não é essa, mas a forma do ritual era diferente, por exemplo, na época da minha mãe, quando tinha gira de Exu ou Pompa Gira, não tinha nada de álcool, a bebida do Exu era água com mel, imagina, era uma outra visão do que era a religião. Então, a mãe sai da sessão de mesa, com 14 anos, e vai para umbanda e fica nesse senhor, que eu não me lembro o nome, que é um senhor antigo que provavelmente a Dona Maruca fez parte, também, da mesma iniciação com esse senhor. Então, a partir dos 12 aos 14, ela foi para a umbanda, aí ela ficou com esse senhor até os 21 anos, e depois abriu o espaço dela, lá na Castilho.

Maria Conceição e laldesvandro, seus avós maternos, tiveram 4 filhos, sendo o mais velho adotado e já falecido: Mario Augusto, João Daniel, Luiz Eduardo e Istelamar. Luiz Eduardo, mais conhecido como Mano. Este último reside na Bélgica e também trabalha com performances afro-brasileiras.

A paixão de Daniel pela dança vem desde pequeno no seu bairro, junto com ao seu irmão e a outros meninos(as), “[...] Eu, como todo o menino preto brasileiro, criado em bairro pobre, criado em vila, como se fala em Pelotas. Eu tive muito acesso àquelas festas *black*, na época, final da década de 70”. A trajetória no meio artístico começou aos 7 anos de idade. Mais tarde, ele e o irmão receberam bolsa de estudos de uma companhia de dança contemporânea que havia em Pelotas, o espaço chamado Quilombo: “então, ali nos dias de semana, era um espaço cultural com aula de dança contemporânea e teatro, toda a noite, e de dia e final de semana era bar e festas”. Daniel estudou 12 anos de dança contemporânea e ballet clássico.

Daniel: [...] porque naquela época, o que acontecia? Só tinha acesso à cultura, a isso que estamos comentando, dança, teatro, quem tinha grana, pobre não tinha. Qual era a cultura do pobre? O carnaval, que ficava ali na periferia, não saia pra rua, e acesso ao Funk. Então essa era a referência de cultura que nós tínhamos na época, ir a teatro era uma coisa quase impossível. O que eu te respondo? Não foi fácil. Ah, entrar na sala de pessoas todas clarinhas, branquinhas e tu rastafári, pobre, magrinho, as pessoas te olhavam com uns olhos! Mas, o que eu falo para os meninos que estão começando: a resistência, velho, e a persistência, ela é fundamental para você alcançar qualquer objetivo. Eu acho o que eu e o meu irmão tivemos foi a persistência e a resistência de se manter. Porque a gente passou por preconceito, é óbvio, num dia, numa sala de dança a professora fez assim [aponta com o dedo indicador para o cabelo] e olhou para a ensaiadora: ah, o cara com piolho, entendeu? Então, e eu era pequeno, era jovem, tinha o quê? 13 anos. Isso fica na cabeça de uma criança, a criança que não tem o alicerce bem legal, ela desiste na hora não volta mais. Mas eu consegui

superar isso. Hoje, não quero me exibir, mas sou uma referência em Pelotas, em dança.

Depois de se aperfeiçoar na dança, Daniel montou a sua própria companhia de dança, a qual está localizada no onde reside desde pequeno, na Vila Castilho. Sua Companhia existe há 19 anos. Além de dar aulas de dança afro e elaborar espetáculos em vários espaços da cidade, do estado e fora do estado, a companhia busca envolver crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade através de projetos sociais e culturais.

É possível afirmar que todos esses vínculos de Daniel e seu irmão na dança afro tem uma forte ligação com o centro de umbanda da mãe. Daniel afirma, “[...] então a minha trajetória na dança foi, essa assim, e hoje, vou fazer 46 anos, essa semana, que veio trabalhando com dança toda a minha vida. Acho que sem a dança, eu não conseguira me enxergar sem a dança”. A partir do ano 2000, Daniel passou também a dar curso de passista para bailarinos e escolas de sambas, envolvendo-se também com a formação de bancas de jurados para o carnaval em âmbito regional e nacional.

Sua trajetória dentro do Clube Fica Ahi foi através de seus pais, a partir da ascensão social do pai, Daniel e seus irmãos, ainda pequenos, passaram a ser sócios do Clube. Observa-se que os Amaros dentro do Clube formam uma família ficahiana extensa e antiga. Daniel e seu irmão Luiz Eduardo participaram do grupo de dança funk do Fica Ahi, na década de 1980. Daniel relata que: “eu ia em todos esses clubes, mas eu era sócio do Fica Ahi”. Após montar a sua Companhia de Dança, realizou vários eventos e aulas periódicas no espaço do clube e até hoje permanece vinculado a ele, apesar de afastamentos periódicos.

2.1.6 Maria José Martins dos Anjos

A entrevista com Maria José, mais conhecida como Zezé, foi realizada no clube Fica Ahi, na sala da biblioteca, no início de abril de 2019. Talvez por isso, tenha se desenvolvido um diálogo bastante comedido, especialmente quando se tocava em assuntos do clube. Maria José é natural de Pelotas, mora no bairro Simões Lopes. Atualmente é professora aposentada. Era professora de Educação Física na rede municipal e Estadual. Pode-se dizer que Maria José veio de um contexto familiar de classe trabalhadora. Seus pais eram operários, sua mãe (Maria Eulina) trabalhava em fábrica e depois, como lavadeira, e seu pai (José Ubirajara) era fundidor; ainda assim muito se empenharam para dar estudo para os seus filhos. Seus avós maternos

vieram do segundo distrito de Piratini, de um local onde atualmente há uma comunidade quilombola – Rincão do Quilombo. Seu marido, José Carlos da Martha dos Anjos também é desta comunidade.

Seu avô paterno faleceu cedo, não chegou a conhecê-lo. Mas de sua avó paterna, Serafina, cujas histórias a deixam muita saudade, teria herdado um singular senso de autoafirmação enquanto negra. Na época de sua avó, o racismo era tão forte que era interdito às pessoas negras sentarem-se no banco da frente do bonde, o que ela sempre contestou com firmeza. Segundo Maria José:

Então, na época ela fazia desaforo, porque a minha avó era muito desaforada, aí ela pegava... (risos). Eu adorava as histórias da vovó, aí ela disse que entrava no bonde, sentava no primeiro lugar, no primeiro banco, era assim, ela fazia: 'querem se achar melhor do que eu'¹¹! Olhava para os brancos, assim, e dizia: 'querem se achar melhor do eu!' E ficava bem na frente, ela não... Não, assim, sabe, ela sempre, sempre fez isso. Naquela época, eu nem sei que ano era aquilo, ela era, assim, ela não aceitava aquele racismo, ela lutava, ela era resistente àquilo ali. **Então ela não aceitava que tratasse ela diferente só porque ela era negra, porque ela era negra que tinha que sentar atrás, porque não podia sentar igual os outros?** Ela entrava e sentava no primeiro banco, igual aos brancos e ainda olhava e dizia isso pra eles lá: 'querem se achar melhor do que eu?' E sentava lá na frente, bem na frente¹² (grifo meu).

Maria José orgulha-se em falar que seu pai aproveitou um período em que estava desempregado para alfabetizar os filhos antes de irem para a escola.

Maria José: Olha, havia na época... O meu pai sempre priorizou a nossa educação, teve uma época, assim, que eu me lembro que nós éramos pequenos e o pai estava desempregado, e o pai ficava com vergonha, assim, de estar parado. Porque ele estava desempregado, então ele construiu umas cadeirinhas para nós, pros três filhos, umas mesinhas, e nós sentávamos ali e ele nos dava aula, ele foi que nos alfabetizou até, o pai. Porque na época que ele estava desempregado ele ficava de professor, aliás, achou uma função pra ele não ficar assim, ansioso, então ele nos atendia dando aula.

Seu avô paterno – José – era alfaiate e sua avó Serafina, costureira: “Ela ia na loja, assim, olhava a roupa e depois ela desenhava e fazia igualzinho, uma perfeição”. Maria José ainda guarda lembranças de uma irmã desta avó paterna, também negra e “tinha muito conhecimento, ela falava francês, ela tocava piano”, o que era incomum para a época.

A infância de Maria José e os irmãos foi marcada pelo medo, pois seu pai tinha uma atuação muito forte no Sindicato dos Metalúrgicos e tinha um outro conhecido

¹¹ Neste momento da entrevista, Maria José imita o gesto da avó, que olhava para trás e encarava os brancos de forma desafiadora.

¹² Segundo Maria José, seu pai nasceu em 1927, o que significa que sua avó deve ter nascido, no mínimo, logo após a abolição.

que teria sido “muito perseguido” durante o regime militar. Havia sempre o medo presente na família de que acontecesse alguma coisa com ele, pelo seu envolvimento sindical. Considera o seu pai uma pessoa “muito inteligente, uma pessoa muito culta”, mas que teve que começar cedo a trabalhar, aos 15 anos, em razão da viuvez da mãe.

Maria José estudou até a quarta série em escola pública, depois os pais passaram os três filhos para escola particular. Seu irmão foi para o Gonzaga e ela e a irmã, para o colégio Santa Margarida. Os estudos de Zezé eram pagos por uma tia e madrinha; de sua irmã foi viabilizado por meio de uma bolsa que seu pai conseguiu do Sindicato dos Metalúrgicos; e os do irmão foram pagos por meio de um esforço familiar conjunto. Seu irmão estudou até o segundo grau completo e tornou-se funcionário público municipal. Maria José e sua irmã conseguiram ingressar na Universidade Federal de Pelotas, sua irmã estudou Direito e ela, Educação Física. A trajetória escolar foi marcada pelo preconceito, até mesmo porque eram raras as crianças negras na escola:

Maria José: Não, eram muito raros, dava pra contar nos dedos, eu a minha irmã, tinha uma amiga minha de infância que foi estudar no Santa Margarida, que era negra, mas era mais clarinha, tinha uma outra... Visse, eu conto nos dedos oh: a Vera Lucia Feijó... Acho que era isso aí, não me lembro, assim, mas eram bem poucas.

Seu envolvimento com o Clube foi estimulado por uma tia-avó, que sempre o frequentou. Esta tia casou-se com um rapaz que também era do Fica Ahi e era “marinheiro”, indo, então, residir no Rio de Janeiro. No entanto, todos os anos, vinham para Pelotas nas férias e, com isso, frequentavam os bailes do Fica Ahi estimulando as sobrinhas a participarem. Maria José e sua irmã passaram a pedir para ir aos bailes, sendo acompanhadas, especialmente pela mãe, nos bailes de carnaval:

Maria José: E aí a gente começou a vir em função das amigas, assim, aí a gente começou a vir. Sabe aquelas coisas: quero ir nas festas... E aí a mãe nos acompanhava, as vezes o pai também vinha, mais aí em função da gente querer vim participar de festa, de baile, e aí a mãe vinha. Porque a mãe, a família da mãe não era assim, não tinha muita relação com a sociedade, não participava, era mais pelo lado da minha avó, por parte do pai, a família por parte do meu pai.

Maria José tem também vagas lembranças de participação do seu pai no Clube Depois da Chuva, o que é coerente com a sua trajetória como sindicalista. Segundo Loner e Gill (2009), este clube é o clube negro da cidade que fazia mais conexões com o associativismo operário.

Maria José situa nos 15 anos a sua inserção no Fica Ahi, mas nem ela, nem a irmã debutaram – possivelmente pela condição socioeconômica. Ela afirma: “nós éramos, como se diz, anônimos, a gente não debutou, não teve nenhum cargo nem nada aqui, mas a gente vinha, assim, nas festas”. Depois de formada continuou a frequentar o clube, participando da diretoria de esporte e arte, Grupo Jovem envolvendo-se que se deram por meio da dança afro. Casou-se e continuou frequentando o clube junto com a família, sendo atualmente uma ex-associada. Conforme Maria José nos conta, ela não teve envolvimento com outras organizações negras além do Clube.

2.1.7 Helenira Brasil Dias

A entrevista com Helenira foi realizada no seu local de trabalho, na Secretária Municipal de Cultura (SECULT) de Pelotas, no início de outubro de 2019. Helenira havia chegado com um texto pronto para passar para a equipe, o qual preparou para o livro que Maria Helena da Silveira está elaborando sobre famílias e personalidades negras de Pelotas. Contudo, segundo as colegas da equipe do projeto de extensão, não foi difícil conquistá-la para uma entrevista, pela sua disposição de fala e compartilhamento.

Helenira vem de um contexto de classe média: “[...] Acho que uma coisa importante é que, assim, eu não posso dizer – e até esse vínculo ao clube era uma das coisas determinantes – que eu passei fome, que eu morei mal, morei na vila, porque não é verdade [...]”.

Sua avó materna era de Piratini e, segundo ela, “tinha os traços bem indígenas”, sendo que sua mãe “aparentava ser branca, e o pai, visivelmente negro”. Sua mãe vinha de uma família mais pobre que seu pai, mas como sua avó paterna, Araci Brasil Dias, tinha como norma que “os filhos deveriam casar-se com pessoas mais claras, pra clarear a família”, o casamento com uma mulher em condições sociais inferiores foi aceito porque o seu fenótipo compensava. Ela ressalta que “como minha mãe era pobre e aparentemente clara, branca, ela endossou o casamento; porque ela ainda queria que fosse branca e de posses”. Helenira, ao refletir atualmente sobre os posicionamentos da avó, diz que “a gente interpreta que a marca da cor da pele lhe trouxe más recordações”, pois sua avó era “filha de escrava liberta”.

O avô paterno, Joaquim Brasil Dias, era funcionário dos correios, Segundo ela, “[...] naquela época, uma das poucas vias que tinha de ascensão”, caminho seguido por alguns dos filhos.

Helenira: É. E ele conseguiu colocar, assim, de indicar, acho que três dos filhos deles, que depois viraram gerentes... **O tio Cláudio, esse mais escuro, ele foi gerente por muito tempo, e ele sofreu bastante preconceito por ser gerente, no Correio**, em Porto Alegre... primeiro era aqui, depois foi pra Porto Alegre, depois pra Caxias do Sul. **E aí, até convencer o povo de que ele era bom mesmo... foi bastante difícil.** Eles moraram acho que uns dez anos lá (grifo meu).

Sua avó Araci “costurava pra uma família de posses, de sobrenome, então ela tinha sempre trabalho”. Segundo Helenira, ela tinha uma personalidade muito forte e agregadora, o que propiciou uma convivência familiar estreita com tios e primos pela linha paterna.

Helenira: [...] E agora, faço eu. Incorporei a vó-dinda. Todo mundo tem que almoçar, senão vai ter que justificar. E se faltar duas vezes tem punição. [...] **Porque eu lembro com uma alegria daquele encontro com os primos, os tios**, [...] era um momento de todo mundo falar, contar, e era um griteiro assim, sabe (grifo meu).

O pai de Helenira, Flávio Brasil Dias, trabalhou muitos anos como gerente da livraria O Globo, o que lhe propiciava contato com pessoas de posses e intelectualizadas, obrigando-o a “estar sempre atualizado”. Ela o descreve como uma pessoa “educada, pacienciosa, era de uma personalidade bem firme”. Além de um salário razoável e estável, isso proporcionava a ela e aos irmãos o acesso aos últimos lançamentos de livros.

Helenira: E às vezes eu ouvia que tinha uma fila esperando, que queria ser atendida por ele... Porque ele conhecia o que indicava, ele lia muito. Então, **eu me criei** com um pai que era gerente de uma livraria, e **com todo acesso à leitura; eu tive acesso a coleções.** Então eu me lembro do meu pai, ele não trazia um livro, ele trazia quatro, e aí a gente ia lendo... **Tinha sempre, sempre muito livro na minha casa.** E os livros chegavam pra nós – e eu que sempre fui a mais devoradora de livros. Chegavam por faixa etária: é criança, tem que ler isso; é adolescente, tem que ler isso (grifo meu).

Seu pai cobrava intensamente a leitura dos livros que levava para casa, incentivando, ainda que eles fossem distribuídos para a rede de amizades das filhas. Além disso, cobrava das filhas que fossem alunas exemplares.

Helenira: [...] e meu pai não admitia que a gente não fosse a melhor aluna, tinha que ser. Hoje eu entendo, porque ele sempre dizia: ‘tu tens que ser a melhor, se não os outros vão te passar; e tu podes, tu tens tempo, tem isso, tem aquilo, não te falta livro... te falta alguma coisa pra tirar 10?’; ‘como assim?’; ‘não te falta caneta, te falta lápis, te falta caderno, não né? Então é só estudar!’.

Helenira conta sobre a fase de ingressar no ensino superior: o “[...] primeiro vestibular foi pra Medicina, influenciada pelo meu dindo; aí depois eu pensei: ‘não quero, mexer com sangue, ah, saúde, não, eu gosto dos livros mesmo’”. Sua tia Maria Helena, que já era professora, sugeriu que seguisse o mesmo caminho, opção com a qual se identificou porque em casa “já brincava de professora, botava todo mundo sentado, tinha quadro, desde pequena eu lembro que tinha quadro [...] eu podendo colocar todo mundo sentadinho e fazer uma aulinha, era comigo mesma!”, tendo alfabetizado uma de suas primas quando esta tinha de 4 a 5 anos. Como consequência, Helenira fez o segundo grau junto com o curso de magistério, depois formou-se em Pedagogia na UFPEL, seguido por especialização em supervisão escolar, além de um ano de mestrado em Educação. Quando ao mestrado, acabou desistindo em razão do trabalho; trabalhava 40 horas e ainda tinha os filhos para cuidar. Na sua primeira inserção profissional, já se deparou com situações que hoje interpreta como racismo.

Helenira: [...] eu terminei o magistério com 16 anos, fui trabalhar no Castelinho do Saber – que hoje é o Érico Veríssimo –, porque os melhores alunos eram convidados pra trabalhar lá. E a Marina me chamou – até essa semana eu quero ir lá, quero ver uma vaga pra minha nora, que é professora, e eu digo: ‘tu vais poder trabalhar em escola particular, porque eu não pude por causa da cor’ – e ela me chamou, eu era sem dúvida uma das melhores alunas, **só que eu fui trabalhar no porão do colégio!** Tinha carteira assinada, tudo. Mas depois de um tempo que eu fui me dar conta... **Eu trabalhava com as crianças que eram bolsistas, eram filhas de empregadas.** Não lembro bem, mas hoje eu ainda converso com uma menina que foi minha aluna lá na época, e ela é uma menina negra. **Então, sei lá, se metade das crianças era negra, e estudavam no porão, e a professora era negra, então tudo certo, né?** Não sei se ainda existe aquele porão, tenho até medo de chegar lá... ‘ainda tem isso aqui, pelo amor de deus!’. As crianças ficavam nas grades, que nem tem nos casarões aqui, que loucura... Aí em seguida eu emendei, terminei magistério e fui fazer faculdade. Meu pai queria muito, a gente nem pensava em não fazer faculdade! E aí eu fui fazer e uma Pedagogia assim, revolucionária! E eu comecei a perceber tudo isso: eu estava numa escola particular, mas **eu era a professora negra, para os alunos negros, no porão do colégio.** [...] (grifo meu).

Posteriormente, já na universidade, Helenira fez concurso e ingressou no magistério municipal, indo dar aula no meio rural. Realiza sua militância antirracista a partir, principalmente, dos seus vínculos profissionais. Ela relata que quando começou a participar do debate sobre a negritude “[...] como é que vou te dizer... [Procurei] observar várias linhas. Eu nunca fui do radical, até porque às vezes tem – em qualquer lugar tem, né – tem uns que gostam até de se vitimizar com relação a isso”. No

entanto, seu envolvimento com o movimento negro pelotense deu-se a partir do ano 2003, quando estava dentro da universidade como professora substituta, ocasião em que coordenou a supervisão dos estágios na escola Assis Brasil.

Helenira: [...] e eu chegava nas salas de aula pra ver os cartazes: “**onde é que tá a criança negra?** Não... refaz o cartaz!” se eu não enxergasse nesses cartazes nem que fosse uma criança negra no meio, tinha que refazer. **Então eu comecei a marcar terreno, muito na questão pedagógica** porque eu trabalhava com várias estagiárias; então eu via que o meu ser na escola como coordenadora da supervisão de estágio – e depois eu quis ficar na didática e na supervisão de estágio, pra não ficar só na supervisão de estágio – eu dava [o conteúdo], eu tinha que ver no estágio. **Então eu fiquei, entre aspas, militando, dentro do curso de magistério.** E aí eu me nutri na Pedagogia, e em seguida tive condição de fazer isso no curso de magistério. Aí eu me especializei pra Sociologia, Filosofia e Didática, e aí fiquei na didática por muito tempo. Fiquei seis anos fora, em Porto Alegre, trabalhando na Secretaria de Educação (grifo meu).

Helenira nasceu em 1961 e passou a conviver com o Fica Ahi desde a infância: “eu me criei nos bailes infantis, a nossa vivência social era no clube. Então era em meio aos livros, em casa, minha avó obrigando todo mundo a almoçar [junto] no domingo, e as festas dentro do Clube Cultural Fica Ahi”. Isso porque o seu avô Joaquim “[...] é um dos fundadores do Clube Cultural Fica Ahi. Ele levava os filhos, dentre eles, o meu pai, pra ajudar a colocar os tijolos do clube”. Como toda menina ficahiana, Helenira debutou no Clube. Também foi rainha. Seguindo a tradição, Helenira namorou e casou-se com um ficahiano aos 21 anos de idade. Quebrando a tradição, veio a pedir divórcio aproximadamente dois anos depois, vindo a casar-se novamente depois. Acompanhou, portanto, as mudanças no significado do Clube e códigos de conduta para as novas gerações a partir do seu próprio meio familiar.

Helenira: [...] até a minha terceira irmã, que debutou obrigada – foi uma guerra pra ela aceitar – e a minha última irmã não quis debutar. E aí começou a cair a ficha do meu pai que as coisas “tavam mudando”; porque eu segui tudo e mais um pouco do que a “tradição” mandava; a Flávia, que tem diferença de um ano pra mim, seguiu também.

Atualmente, se relaciona com o Clube mais a partir do cargo que ocupa na SECULT, promovendo atividades conjuntas em comemorações do Dia da Consciência Negra ou Dia do Patrimônio.

2.1.8 Maria Helena Neves da Silveira

A entrevista com Maria Helena foi realizada no Instituto de Ciências Humanas (ICH), na sala de reuniões da Antropologia, em maio de 2019. O diálogo durou toda a

tarde, pois Maria Helena levou consigo álbuns de fotos que nos mostrou. Infelizmente não houve tempo para digitalizar.

A trajetória familiar de Maria Helena oscilou bastante em termos de classe social. Natural de Pelotas, seu pai, Djalma das Neves, por um período foi portuário e jogador de futebol; em seguida, subgerente de uma cooperativa. Até então a família tinha uma vida relativamente estruturada em termos financeiros, e sua mãe, além de dona de casa, apenas fazia trabalhos artesanais. Após o pai ser demitido desta cooperativa, o padrão econômico decaiu e sua mãe, Zélia Barbosa das Neves, passou a trabalhar como doméstica; já seu pai, como vigia e serviços gerais. Maria Helena relato em pormenores as dificuldades no enfrentamento da dependência alcóolica do pai na infância e juventude, um fator que auxiliou na desestruturação financeira da família.

Teve estreita convivência, na infância, com seus avós Nestor Amaro e Maria Prestes Amaro, que residiam no Areal, de quem Zélia era filha adotiva. Em termos consanguíneos, Maria Prestes era irmã da mãe de Maria Helena, mas adotou Zélia quando sua irmã faleceu. O pai consanguíneo de Zélia, Ivo Barbosa, teve vários casamentos e vários relacionamentos extraconjugais, deixando vários filhos. Por conta disso, Maria Helena considera-se prima de Marielda, outra entrevistada. O pai de Marielda seria irmão, por parte de pai, de Zélia, mãe de Maria Helena.

Por parte de pai, não conheceu a avó, Alzira das Neves, que faleceu cedo; porém guarda a nítida lembrança o avô Eduardo Pereira das Neves, dos momentos que ele a levava pela mão a um centro de umbanda do qual era frequentador assíduo. Este centro era comandado por uma senhora portuguesa que ajudou a cuidar dos filhos de Alzira e Eduardo quando sua avó veio a falecer. Até hoje Dona Maria Helena, mesmo sendo kardecista, vai dar palestras neste centro quando é convidada.

Maria Helena estudou toda a sua infância em escolas públicas. Frequentou o ginásio Assis Brasil, formando-se no curso de magistério. Nesta escola, fez parte do grupo Tamboreiras, e também foi Mor da Banda: “[...] naquela época, uma negra Mor de banda, aqueles negócios, tudo, era um sucesso né?! Era um comentário na cidade [...]”.

O seu interesse por Serviço Social, curso superior que fez mais tarde, surgiu da sua participação em um grupo da Escola Assis Brasil que realizava trabalhos sociais numa antiga vila de Pelotas, chamada Vila dos Agachados, localizada perto do supermercado BIG, às margens do Arroio Pepino. Este projeto levava merenda

para as crianças e promoviam atividades lúdico-pedagógicas. Maria Helena, ainda cursando o magistério, fez o curso de Formação em Liderança Social ofertado pela LBV e SESI, sendo em seguida convidada a trabalhar nesta instituição.

Quando estava terminando o curso normal (magistério), ganhou, em razão da sua participação na banda da escola, “[...] uma bolsa pra cursar o conservatório [de música], porque eu gosto muito de música e eu canto, lá em casa todo mundo canta, mas eu não podia aceitar a tal da bolsa porque eu tinha que trabalhar”. Foi então lecionar no meio rural. Foi neste momento que uma das colegas de trabalho do SESI convidou-lhe para fazer com ela o vestibular para Serviço Social na UCPEL. Maria Helena não tinha dinheiro para a inscrição, mas a amiga que lhe propiciou o pagamento. O seu bom desempenho no colégio Assis Brasil e no SESI lhe renderam bons relacionamentos, e por meio deles conseguiu uma bolsa integral para cursar Serviço Social, incluindo o pagamento da matrícula. De outra forma, não teria tido condições de fazer faculdade. Isso não quer dizer, contudo, que a sua trajetória tenha sido tranquila.

Maria Helena: [...] foi assim que eu comecei o serviço social, sem dinheiro nenhum. Claro que tinha outras meninas que eram bolsistas, mas eu sei, eu entendo hoje que eu era, como é que se diz? A pessoa que puxava o carro no sentido de sem condições, porque as outras, o pai era bancário, outro era desembargador, me dou com elas até hoje, todas! Mas eu que era a pobre e além de ser a pobre, a negra né?! Tinha mais duas. Uma desistiu e a outra logo foi reprovada, então não continuou, então foi assim que eu fui entrando, fazendo o curso...

Na sua transferência do meio rural para a cidade, Maria Helena foi para a Escola Visconde de Mauá, no Passo dos Negros, ao mesmo tempo que foi convidada a trabalhar em uma creche na “igreja do Fátima”, a partir de um antigo contato da LBV, assumindo também o posto de secretária da igreja. Nesta ocasião, precisou esconder que era espírita: “[...] eles não sabiam que eu era espírita e eu era secretária da igreja, se soubessem tinha me corrido porque o padre português era terrível (risos)”.

Maria Helena relata com um singular senso de bom humor as dificuldades que passou para poder se formar e se afirmar profissionalmente. Afirma que quando fez o curso de Serviço Social, este era marcado pelo viés do “assistencialismo dos ricos para os pobres”, e por isso frequentado por filhas da “elite”. Ela conta que tinha somente uma saia e um casaco que precisavam ser periodicamente tingidos para serem renovados.

Maria Helena: [...] sapato forrado com jornal, naturalmente. E quando tinha as reuniões lá na LBV, na Legião, bah, aquelas gurias iam com aquelas botas,

aquelas gabardines, aquelas coisas e a Norma sempre nos deu muito apoio: 'gurias passem pra frente!'. 'Não! Eu vou ficar aqui atrás...'. E as outras: 'eu fico aqui atrás com a Maria Helena'. Aí depois que terminava: 'escuta, porque vocês sempre ficam... Não quiseram passar pra frente?' Tu achas que eu ia me sentar na frente, levantar o pé pra elas verem o buraco no meu sapato? Não! Eu ficava lá atrás e ninguém me via [...]

Posteriormente, Maria Helena passou em um concurso para o antigo INPS, ficando em segundo lugar, o que lhe garantiria que pudesse escolher o lugar para onde seria lotada. Para sua surpresa, foi alocada em Rio Grande, mesmo tendo escolhido Pelotas. Assumiu para garantir a vaga, mas depois de um ano de trabalho, foi tirar satisfação e exigir realocação.

Maria Helena: [...] aí eu fui a Porto Alegre: 'olha, eu quero saber realmente o que é que aconteceu, porque a folha que eu botei primeiro lugar Pelotas e segundo lugar Rio Grande nunca apareceu, e eu quero saber o que aconteceu'. Mas nessas alturas eu já sabia que era uma moça da sociedade aqui em Pelotas que tinha assumido o meu lugar, por sinal hoje minha colega e grande amiga (risos). Então eu fiquei: mas claro, pobre, negra... O que quer dizer? Toca ela pra qualquer lugar e fim de papo, foi o que aconteceu...

Mesmo tendo uma trajetória difícil, Maria Helena sempre se envolveu com várias atividades culturais. A parte paterna da família era carnavalesca. Por isso, desde a infância ela já se envolvia em desfiles de escolas ou blocos. Participou durante 20 anos do coral da Universidade Católica e depois foi para o coral do Colégio São José. Ela orgulha-se de ter sido uma das primeiras mulheres da cidade a dirigir um automóvel, o que a tornou conhecida na época como "a Maria Helena do Chevete".

Atualmente Maria Helena é Diretora Assistencial do Hospital Espírita. Desde 1999, é a coordenadora regional do projeto Amor Exigente, trabalhando com a recuperação de dependentes químicos.

Sua trajetória no Fica Ahi iniciou por meio do seu pai, no tempo em que estava em uma situação econômica mais vantajosa e auxiliou construção da sede própria. Nesta mesma época, sua mãe teria feito um curso de corte e costura que o Clube proporcionava para as mulheres, embora não participassem das atividades sociais. Quando ocorreu a decadência econômica da família, houve como consequência o afastamento do Clube. Nesta fase, estudando no Assis Brasil, tinha colegas negras que frequentavam o Fica Ahi, e uma delas apresentou-lhe aquele que viria a ser seu futuro marido, Milton Flores da Silveira, já falecido. Seu então namorado, que morava em Porto Alegre e vinha visitar familiares em Pelotas, lhe convidava para ir ao Fica Ahi, mas ela recusava em virtude condições familiares e porque "achava esse pessoal,

assim, um tanto quanto metido”. Ela frequentava, por sua vez, bailes em um clube do Bairro Fátima, ao qual a família era associada.

Milton retornou a Pelotas no início da década de 1970, procurando Maria Helena, propondo-lhe uma relação séria, o que causou apreensão na família.

Maria Helena: [...] quando o Milton retornou, meu tio me chamou, o tio Beto, irmão da minha mãe, que faleceu, e disse pra mim: ‘cuidado com este cara, minha filha, ele é de Porto Alegre. De repente tu vais ficar grávida e ele vai embora’. Eu disse: ‘tio Beto, eu sei bem o que eu faço, não se preocupe’. ‘Não vou te falar mais...’. [...] E voltando ao Fica Aí... O que que aconteceu? Casamos eu e o Milton, casamo, e o Milton sócio do Fica Aí teve que me levar pra social né!? No Fica Aí, então...

Maria Helena casou-se em 1973 e teve quatro filhos, três são consanguíneos. Adotou sua filha mais velha quando ainda era noiva em razão da morte de sua mãe; Maria Helena era madrinha da menina. Seu marido era funcionário público da Secretaria Estadual da Saúde e faleceu em 1988. Em 1992, ela e os filhos que já estavam adotaram mais um menino, que era filho de um irmão consanguíneo da sua filha adotiva, vindo a somar um total de cinco filhos.

Logo, Maria Helena começou a frequentar o clube já que seus filhos começaram a participar dos bailes infantis de carnaval. Em 1989, sua filha Simone foi convidada para ser duquesinha do Clube, e neste ano, “quando terminou o carnaval, aí me convidaram pra participar da diretoria social”.

Maria Helena foi a primeira mulher presidente do Clube Fica Ahi, no período de 1993 a 1995, em uma sucessão de diretoria que foi conflituosa, pois um setor do Clube queria outro nome para a presidência. Entretanto, Conselho Fiscal a havia escolhido. Até hoje Maria Helena é sócia ativa do Clube, participando das atividades sociais que acontecem ao longo do ano. Está em processo de elaboração de um livro sobre famílias negras na cidade e região.

2.2 Breve apresentação de Clubes Sociais Negros

Os clubes sociais negros surgiram na transição da escravidão para o trabalho livre, em sua maioria no período pós-abolição. Entretanto, alguns remontam às últimas décadas do século XIX, como é o caso da Sociedade Floresta Aurora, de Porto Alegre, fundada em 1872, a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio de Curitiba, fundada em 06 de junho 1888 (ESCOBAR; MORAES, 2016, p. 22). Os trabalhos acadêmicos sobre os clubes sociais negros acompanham a própria emergência do Movimento

Clubista, no início dos anos 2000. Por esta razão, são uma realidade ainda pouco conhecida.

Uma das primeiras pesquisas sobre clubes negros é a de Sônia Giacomini (2006), sobre o Renascença Clube, do Rio de Janeiro. Este clube, fundado em 1951, surgiu por iniciativa de um seleto grupo de negros(as) de classe média, os quais eram impedidos de frequentar espaços de sociabilidade próprios da sua classe em razão da sua condição étnico-racial. Giacomini especifica que os fundadores do Renascença tinham todos níveis educacionais superiores e buscavam estabelecer critérios de distinção em relação aos demais segmentos negros da cidade, como, por exemplo, ter uma família estruturada e gostos semelhantes – música clássica e literatura. Buscavam afastar-se, dessa forma, do universo carnavalesco carioca, à época visto como um espaço de “[...] desregramento, desordem, confusão, sensualidade incontida, música vulgar [...]” (GIACOMINI, 2006, p. 44). O clube, no entanto, passou por várias fases e, no final da década de 1950, através das atividades sociais compartilhadas por um grupo seleto, passou a se abrir para outros segmentos, principalmente por meio dos concursos femininos, quando suas representantes começaram a ganhar títulos de Miss (Guanabara, Brasil, etc.).

A partir de então, o Renascença passou a ser visto como um local onde havia lindas mulatas, passando a incorporar rodas de samba na sua programação e ser frequentado por homens brancos que iam em busca de lindas “mulatas e negras” (GIACOMINI, 2006, p. 139), o que acabou afastando várias das famílias fundadoras. Por um lado, passou a ser visto como um espaço mais “aberto, plural e democrático” (p. 155); por outro, como um local de “agenciadores de mulatas” (p. 149) cujos objetivos originais haviam sido deturpados. No início da década de 1970, o clube passou a acolher festas movidas pela *black-music* ou música *soul*, organizadas por grupos de jovens que viam o samba como um escamoteador da opressão racial. Com isso, criou-se um embate entre diferentes concepções de ser negro no Brasil e diferentes formas de construção da identidade: uma que dialogava com o ideal de mestiçagem e outra inspirado no ativismo negro norte-americano, a partir da ideia de “orgulho negro”.

Os clubes sociais negros na região sul do Rio Grande do Sul surgiram, – geralmente na forma de cordões carnavalescos – ainda nas duas primeiras décadas do século passado.

Neste contexto, surge também na cidade de Jaguarão, fronteira com o Uruguai, o Clube 24 de Agosto, fundado em 1918, cujo principal objetivo era proporcionar um lugar de sociabilidade e inserção negra na cidade, especialmente por meio do carnaval. Escobar et. al. (2018) argumentam que, para aquele contexto marcado por estereótipos raciais, o carnaval de clubes negros significava uma oportunidade de “[...] mostrarem-se capazes de se expor publicamente de maneira ordeira e respeitável” (p. 74), além de fazerem intercâmbios com entidades carnavalescas negras do Uruguai. Além do carnaval, o clube promovia apresentações teatrais, musicais e festivais de arte em geral. Segundo Nunes (2016), o 24 de Agosto tinha uma relação estreita com os trabalhadores do Círculo Operário da cidade. Por isso, durante muitos anos seus integrantes saíam para o carnaval em um cordão chamado União da Classe. Nos anos 2000, passou a fazer parte da rede de Pontos de Cultura, mantendo suas atividades sociais além de agregar outras atividades sobre consciência negra.

Na cidade de Rio Grande, existiram dois clubes sociais negros. Atualmente ambos estão de portas fechadas. Sobre o Clube Estrela do Oriente, fundado em 1933, não há informações mais detalhadas. Já o Clube Cultural Braço é Braço, foi fundado em 01 de janeiro de 1920 como cordão carnavalesco por integrantes da Marinha, sendo originalmente exclusivamente masculino. Com a sua transformação em associação recreativa, agregou mulheres. Nos estatutos do clube, que remontam à década de 1970, consta como princípios proporcionar um espaço de “fraternidade e proteção recíproca”, e cursos de alfabetização e de profissionalização (datilografia, corte e costura, etc. (PAIXÃO; SPOLLE, p. 184, 2016). Houve também a existência do Clube Centro Cultural Marcílio Dias, fundado em 1936, o qual tinha como objetivo principal “alfabetizar negros” (GOMES, 2016, p. 88). De certa forma, o clube propunha-se a realizar o trabalho que o Estado deveria fazer, proporcionar elementos para inserir a comunidade negra no mercado de trabalho.

O Clube Treze de Maio de Santa Maria foi fundado por um grupo de Ferroviário em 1903. Assim como os demais clubes sociais negros, o Treze – como era chamado – tinha como principal objetivo ser um espaço de sociabilidade negra e arrecadar fundos para funerais, promover festas, bailes de carnaval, bailes de debutantes, organizar grupos de teatro. Mantinha, desta forma, uma biblioteca em sua sede. O Clube entrou em decadência no final de 1990, deixando um prédio abandonado no centro da cidade de Santa Maria. Em 2000, surgiu um novo projeto de transformar

aquele lugar de presença negra em um museu. O museu Treze de Maio surge para contar a história daquela comunidade negra local. Em 2014 foi comemorado o aniversário do Clube, que completava à época 111 anos, sendo uns dos clubes mais antigo do Rio Grande do Sul. Atualmente o prédio está fechado por vários motivos, um dele seria a precariedade da sua infraestrutura física e dificuldades financeiras enfrentadas pelo abandono do projeto por parte do poder público municipal (ESCOBAR; MORAES, 2016). Foi a partir do Clube 13 de Maio que foi lançado o Movimento Clubista no estado.

A historiadora Beatriz Ana Loner (2001) indica a existência de um forte associativismo negro na cidade de Pelotas, o qual iniciou antes mesmo da abolição e prosseguiu após o ano de 1888. A força desse associativismo negro devia-se à marcante discriminação e segregação racial, especialmente nos espaços públicos e de sociabilidade. Em suas palavras:

[...] se consolidou na cidade uma ideologia conservadora e elitista, fazendo com que a discriminação racial, após o final da escravidão, fosse muito forte, como pode ser observado pelos relatos de antigos moradores ou cronistas negros. Em algumas de suas praças, negros não podiam se sentar, assim como não tinham ingresso em cafés, cinemas, teatros e outros estabelecimentos públicos (p. 147).

Escobar e Moraes (2016, p. 22) esclarecem que os clubes surgiram como “[...] um contraponto à ordem social vigente”, o que é corroborado também por outras pesquisas (SILVA, 2011; LONER, GILL, 2009). Isso porque faziam frente à discriminação que se manifestava na forma de impedimento às pessoas negras de frequentarem os clubes sociais brancos. As pesquisas dão conta ainda que esses clubes assumiram diferentes funções e significados, a depender da época. Entretanto, originalmente se dedicavam à luta pela liberdade (quando surgiram antes da abolição), ao estabelecimento de auxílios mútuos para acesso a serviços, como funerais, construção de casas, etc., à formação educacional para os associados – ou incentivo para darem continuidade aos estudos –, a fornecer um espaço de sociabilidade e lazer aos associados. Tudo isso servia de alguma forma para fortalecer os valores e princípios de convivência próprios da comunidade negra.

Segundo Loner e Gill (2009), a extensa e complexa rede associativa que envolvia a comunidade negra pelotense compreendia organizações com diversos objetivos e finalidades, tais como: auxiliar no processo de emancipação (quando ainda havia a escravidão), criar condições para a sobrevivência de crianças negras, discutir

direitos e formas de inserção na sociedade republicana, viabilizar a instrução e educação formal visando melhor inserção no mercado de trabalho, recreação e vida cultural diante da não aceitação dos negros em espaços públicos ou de sociabilidade convencionais. Isso acontecia especialmente quando essas pessoas negras já estavam engajadas em redes associativas vinculadas ao mundo do trabalho. Um dos entrevistados para este projeto, João Daniel Amaro, faz uma afirmação interessante a respeito.

Daniel: [...] porque, qual era as profissões que tinham antigamente para preto? Alfaiate e sapateiro. Eram duas profissões muito presentes para os negros. Então meu pai foi alfaiate e provavelmente neste período de alfaiate. Porque os alfaiates eles tinham como se fosse uma associação, e aí foram eles que montaram os cordões dos carnavais, eles que fundaram os cordões dos carnavais. Logo em seguida, foram formando associações, se transformaram para blocos de carnavais e depois escolas de samba, e depois para clubes sociais [...].

O que hoje se conhece por clubes sociais negros iniciaram na forma de cordão carnavalesco na cidade de Pelotas, mas em diferentes períodos foram assumindo o estatuto de clube. Foram os seguintes cordões, depois transformados em clubes, que estabeleceram-se na cidade: Depois da Chuva (1917), Chove Não Molha (1919), Quem Ri de Nós tem Paixão (1921), Fica Ahi Pra Ir Dizendo (1921), Está Tudo Certo (1931) (LONER; GILL, 2009; SANTOS, 2003; SILVA, 2016). A própria existência de cordões negros devia-se, em parte, ao fato de os segmentos negros e brancos viverem o carnaval de forma segregada: ou em dias separados, ou em lados opostos da Praça Coronel Pedro Osório (LONER, GILL, 2009, p. 151).

O que é importante ser aqui ressaltado é que pesquisas realizadas sobre a sociabilidade negra em Pelotas por meio dos clubes destacam somente esta separação entre clubes que eram direcionados exclusivamente para brancos e clubes que eram direcionados exclusivamente para negros, o que não deixa de ser uma forma de pensar essa questão na cidade apenas a partir do centro. Algumas passagens de entrevistas, como a do Mestre Dilermando, indicam uma realidade que merece ser pesquisada de forma mais aprofundada: a separação étnico-racial, nos bairros, dava-se a partir da divisão de um mesmo espaço entre brancos e negros em dias diferentes da semana. Ou seja, em um mesmo clube, em dia definido para ser baile de branco, negros não dançavam, e vice-versa. Dilermando fala de um clube do bairro Santa Terezinha, que seu pai foi um dos fundadores, onde os brancos só podiam ficar na copa:

Dilermundo: [...] Já no Terezinha... E aqui no Sul Brasil era o contrário, por exemplo, nós tínhamos os negros do bairro que jogavam no Sul Brasil, que era um clube de branco, e tinha os brancos que jogavam no Terezinha, que era no campeonato da cidade, da região. E aí era feito, assim, um acordo: os negros que iam pro... Se tinha uma festa no Sul Brasil, os negros que jogavam no clube iam, mas só iam pra copa, não podiam dançar, e a mesma coisa no Terezinha. Ihh, a gente... Eu me lembro disso, a gente... Os brancos na copa bebendo, mas não podiam dançar, e isso até 78 foi assim.

Rudinei, que na década de 1980 botava “discotecas” pelos clubes da cidade, relata que ainda neste período vivenciou a separação racial nos clubes de bairros, os quais alternavam dias da semana para negros e brancos.

Rudinei: [...] tinha um clube no Fragata, Juventus, nós podíamos tocar e entrar com a discoteca no sábado, porque o Juventus era assim: no sábado era o baile dos negros e no domingo, era brincadeira dos brancos, então eles não deixavam entrar. No dos negros só a diretoria entrava e os negros não podiam entrar no do branco. E aí existia a discriminação e ali era bem... Porque sábado sabia que era no Juventus, sabia no outro [dia, domingo] sabia que não entrava.

Maritza, esposa de Dilermundo oriunda de uma classe econômica mais favorecida, afirma que em virtude de suas amizades com meninas brancas tinha por vezes a oportunidade de frequentar bailes “dos brancos”. Mas seu pai não admitia que isso viesse a ocorrer, justamente por saber que negros não eram bem-vindos neles:

Maritza: Por exemplo, o meu pai dizia assim: “tu te comporta”. Porque as minhas colegas, amigas de adolescência e de escola, do meio em que eu vivia, eram brancas. Não existia, eu não tinha amizades negras, a não ser a família. Eu só tinha uma menina que era negra comigo, no bairro onde a gente morava, que era o antiga Leocádia¹³, antiga não, a gente diz até hoje que é Leocádia, que é ali pra aquela zona do Cecília Meireles, que era negra, que era a Liamara. Só. O restante todas eram brancas. O que é que acontecia? Meu pai sempre dizia assim: “tu te comporta, porque tu é a única negra lá no meio, porque olha o negro, porque o negro é visado, porque tu sabe que negro é isso, negro é aquilo”. Então, quando eu saia com elas, eu me policiava ao máximo que eu podia pra eu não dar margem de falar de mim, porque eu era a única negra no meio. Então tinha que ter esse cuidado. Eu só conseguia ver um número maior de negros juntos quando nós tínhamos as festinhas, que nós chamávamos de brincadeira, que fazia as festinhas nas casas, que era na casa de um, na casa de outro. Aí tinha um pouquinho mais de negros juntos até pelo bairro, tudo. Mas por exemplo, tinha o Quinze de Outubro, que era um salão, era um clube de bairro [...]. Ali, o Quinze, só entrava branco, e ali era bem pertinho da minha casa, bem pertinho. Então todas as minhas amigas de adolescência, quando chegava os finais de semana, tinha festa com o conjunto Santos...

[...]

É, e aí o pessoal se arrumava, essa coisa do arrumar era uma coisa de louco. E aí eu lembro que aos sábados aí, que tinham as festas, esses bailes, eu, nós íamos pra casa de uma delas e aí as gurias começavam tudo a se arrumar. [...] À noite, o que é que acontecia? A casa do meu pai, dos meus pais, que o meu pai construiu, era bem na rua, era não, ainda continua lá... Era bem na rua onde todas tinham que passar pra ir pro Quinze. Então, de

¹³ Refere aqui o nome do antigo bairro onde residia com a família.

dentro de casa, eu ouvia a passagem delas tudo indo a pé, com as mães que acompanhavam, tudo indo pro Quinze. Eu era a única que não ia, porque meu pai dizia... Elas diziam: “ah, deixa Alcir, deixa ela ir, vamos?” “Não! A Maritza não me pisa lá. Lá não, eles não querem negro lá, ela não vai”. Por que o que é que elas diziam? Indo com elas eu entraria, mas o meu pai orgulhosamente dizia: “não, tu não vais, se eles não querem negros lá, tu não vais”. A outra que era negra, que é negra, ela até ia, ela entrava, ajudada, deixavam, entravam juntas, assim, mas não podia. E nós não discutíamos sobre isso, ninguém falava sobre isso.

Dilermando, Maritza e Rudinei referem-se todos a experiências vividas entre as décadas de 1970 e 1980, em termos históricos, um período muito recente. Experiências que explicam por que a sociabilidade dentro dos clubes exclusivamente negros era tão importante.

2.3 Fica Ahi Pra Ir Dizendo: um clube de “elite negra”

O Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo foi fundado no dia 27 de janeiro de 1921 como um cordão carnavalesco por um grupo de amigos, havendo a suspeita que teria sido uma dissidência do Clube Chove Não Molha entre Osvaldo Guimarães da Silva, Renato M. de Souza e João F. Ferreira. Reunidos na praça central da cidade Coronel Pedro Osório, teriam escolhido as cores que identificava o grupo: azul e branco. O que era um cordão foi transformado em clube cultural em 1948 (SILVA, 2011). O cordão/clube teve três sedes alugadas até comprar o terreno onde está até hoje a sede definitiva que foi construída na década de 1950 (SILVA, 2011; LONER, GILL, 2009).



Figura 1: Atual sede do Clube Fica Ahi. Fonte: Acervo do projeto de extensão Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

A importância dos clubes negros na vida dos associados pode ser medida pelo esforço coletivo de erguerem uma sede própria, o que geralmente era feito em regime de mutirão, como foi o caso do 13 de Maio de Santa Maria na década de 1960 (ESCOBAR, MORAES, 2016, p. 27) e do próprio Fica Ahi na década de 1950. Não se sabe ao certo como o Clube conseguiu o terreno para a construção da sua sede própria, mas algumas entrevistadas sugerem que teria ocorrido diálogos e acordos com autoridades políticas para isso, incluindo a própria família Fetter. A construção da sede, por sua vez, é consenso de que foi feita pelos próprios associados em regime de mutirão como pode-se perceber nos seguintes trechos:

Dona Celestina Pinto: [...] eram os sócios que iam trabalhar nos domingos, sábado e domingo. A Dona Lenita, esposa de Seu Rubens, ficava encarregada de fazer a comida. Um domingo era massa, outro domingo... Era ela quem fazia a comida. Juntava aquele monte de associados pra ajudar a fazer a sede. Então cada domingo era uma atividade, ou era o alicerce... Foi construída, a primeira sede foi toda construída com a boa vontade. É claro, tinha uma pessoa com conhecimento para dar as coordenadas, né?! Mas o trabalho, a mão-de-obra mesmo foram os associados.

Helenira: Eles conseguiram doações de tijolos e tal... Materializar o clube numa época em que negro não podia participar de clube de brancos... **Eles sentiam essa necessidade. Porque [antes] dependia do tamanho da casa pras pessoas visitarem e fazerem uma confraternização.** Mas eles idealizavam um clube social que tivesse aquela entrada no Fica Ahi, que era pra algum conjunto – na época se dizia conjunto, o que hoje é banda, de músicos – era o lugar do conjunto, e tinha festa com conjunto e sem conjunto (grifo meu).

O Fica Ahi, para se diferenciar dos outros clubes, tomou como exemplo para a sua organização e funcionamento os clubes da elite branca. Em razão do alto grau de exigência em relação ao vestuário e ao controle sistemático sobre o comportamento dos associados, ficou com a fama de um clube elitizado. Segundo pesquisas já realizadas, havia uma hierarquia entre os clubes de acordo com o nível socioeconômico de seus associados. Dentre os mais famosos, o Depois da Chuva agregaria uma classe mais humilde, o Chove Não Molha, um nível mais intermediário, e o Fica Ahi, profissionais liberais e funcionários públicos. Rudinei, dentre outros, corrobora com esta divisão classista dos clubes negros pelotenses.

Rudinei: [...] era por classe social, os que eram mais incluídos e estavam bem empregados eram do Fica Ahi, a nata. A classe média, vamos supor, que existisse, era do Chove Não Molha e a classe A, na parte negra, Fica Ahi, B Chove, e C Depois da Chuva [...]

Demonstrar uma conduta moral exemplar, inclusive fora do espaço do Clube, e uma aparência estética impecável era fundamental para participar da comunidade ficahiana. Afinal, como aponta Giacomini (2006, p. 35) ao refletir sobre uma realidade muito semelhante à do Fica Ahi, “o corpo se impõe como um dos lugares privilegiados de inscrição da identidade”, sendo que o cuidado com a aparência torna-se, então, estratégia para desconstrução de estereótipos e sinalização de posição social diferenciada. Segundo Loner e Gill (2009, p. 155),

O Fica A[h]i utilizava, como padrão de comportamento para seus sócios, o mesmo vigente nos clubes de classe média da cidade, sendo extremamente rigoroso com a moral e o vestuário próprio para festas, etc. Os demais, aparentemente, eram mais flexíveis neste último ponto, compreendendo a dificuldade de seus associados, vários deles trabalhadores de serviços ou comércio da cidade.

Esta construção de uma comunidade ficahiana a partir de uma ideia de “negros elevados” tornava rígido os critérios para a associação. Rudinei afirma que “comecei no clube que quando para ti entrar [nas atividades sociais] tinha que ser sócio. E para ser sócio tu tinhas que ser apresentado por outro sócio”. Daniel Amaro apresenta a mesma explicação.

Daniel: Então, eu me lembro, eu no clube, neste período, como eu entrei no Fica Ahi, através do meu pai, que o Fica Ahi, era uma coisa muito louca, por exemplo, para você ser sócio tinha que ser indicado por alguém sócio, era como se fosse fiador, tinha que assinar um termo: eu fulano estou encaminhando essa pessoa para ser associado. Então o Fica Ahi era um clube de negro, não vou dizer de elite, porque eles não tinham grana, mas eram metidos (risos), sabe, metidos! Os caras eram metidos, os caras se vestiam bem, a maioria todos alfaiates, sabiam fazer roupas, o meu pai tinha ternos, então assim não era um clube que qualquer negro entrava. Também

tem isso, que é uma coisa que me marcava muito, e eu não achava legal: pô, se era um clube de negro tem que aceitar todos os negros, mas não. Tu ia porque o Mario Vargas te encaminhou, por que o fulano, não era uma coisa aberta.



Figura 2: Diretoria do Clube Fica Ahi de 1941. Fonte: Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

A referência às discriminações de classe no espaço do Clube, em um período que iria até aproximadamente três décadas atrás, é uma constante tanto nos diálogos informais como nas entrevistas:

Marielda: [...] a gente tá falando para gente, vê como foi, inclusive essa caminhada de evolução, enfim do Clube. Porque o Clube, assim, oh, pessoas com aspecto, com o tom de pele mesmo sendo negra, mas, mais escura não, isso no início. **Na verdade, tinha um grupo negro dentro do Clube, que era um grupo, que se dizia de classe média alta**, enfim, e que sempre se manteve assim, sempre quis manter um certo nível, sei lá como a gente pode chamar, dentro do Clube. **Então algumas pessoas não se sentiam bem lá dentro do Clube**, as pessoas se sentiam rejeitadas [...] (grifo meu)

Mesmo que de forma muito passageira, Marielda é uma das poucas pessoas entrevistadas que afirma que havia uma depreciação, por parte da diretoria, de pessoas com o tom de pele mais escuro. Faz referência a um tio, casado com uma tia materna, que era um excelente violoncelista e tocava no coral da catedral, sendo por

isso muito bem quisto pela sociedade pelotense. Ainda assim, ele havia tido dificuldades de se associar no Fica Ahi por ser considerado muito preto.

Para os clubes que adotavam esse padrão de classe de “elite”, não bastava só ser negro, tinha que ter poder aquisitivo. Dilermando, que era de origem humilde e que não tinha “um sobrenome” nos moldes exigidos tradicionalmente pelo Fica Ahi, relata que “[...] cansei de ir no Fica Ahi com roupa emprestada, não tinha condições. Eu fui a um Baile do Suéter com um suéter emprestado”.

Maritza confirma que “[...] a gente ia pras festas e cada festa no Fica Ahi era uma roupa nova, não se repetia roupa”. Maria José confirma a grande preocupação da comunidade ficahiana com a adequação da vestimenta para as festividades.

Maria José: Ah era, a roupa tinha que ser adequada, se fosse baile de debutante tinha que vim social, com vestido longo, aquelas coisas, todo assim, tinha que colocar a roupa de acordo com a festa. E às vezes acho que até se não estava de acordo parava, acho que ouvi comentários de guris que não estavam bem vestidos, adequados, que não podiam entrar porque tinha que ser com a roupa adequada. Ah, era uma coisa bem suntuosa, assim...

Helenira, além da avó Araci que costurava para uma família de elite, contava com os dotes da mãe, que também era costureira: “Então a gente foi acostumada assim, a só usar vestido, todas as festas a gente usava roupa nova, aniversário, natal, todo mundo usando roupa nova...”. Um aspecto interessante da sua entrevista, é que ela aponta que o cuidado com a aparência significava demonstrar estabilidade, não só financeira como familiar, fugindo-se do estereótipo de que pessoas negras tinham uma vida desregrada.

Helenira: E esse era o principal cordão que alinhavava todas as famílias – não ricas, mas **com tudo estável** – pra ter um clube pra conviver em grupo e poder usufruir de um lazer que a gente só admirava dos brancos. Eu fiquei sabendo dessa história, porque desde pequena frequentei o clube, mas **pro meu pai era ponto de honra. Primeiro: estar com o sapato sempre bem limpo.** Custei a descobrir a história do sapato, **porque negro não podia usar sapato, por muito tempo não usavam, era roupa de saco e sem sapato.** Então meu pai tinha uma preocupação com o sapato que, assim, tinha quase que se enxergar (grifo meu).

Esses padrões comportamentais e morais do Clube Fica Ahi levantam a discussão sobre “branqueamento” social e cultural de que o clube frequentemente é acusado. Essa discussão está colocada também para outros clubes negros. Pesquisas indicam que alguns clubes seguiam um modelo integracionista ou até de branqueamento, uma das evidências seria o nome que assumiam. Muitos desses nomes fazem referência ao processo abolicionista (13 de Maio; Princesa Isabel...), o

que pode ser lido como uma adesão à narrativa oficial sobre a libertação de escravos no Brasil. Na entrevista realizada com Maritza Freitas, fica evidente o quanto debutar no Fica Ahi constituía para as moças negras com certo poder aquisitivo um momento especial em suas vidas, marcado por uma formalidade muito forte que incluía aulas de etiqueta e coquetel de apresentação das debutantes do ano para a diretoria. Elementos que a partir de sua perspectiva de hoje, de militante, ela classifica como branqueamento:

Maritza: [...] E aí quando chega naquele período do baile, então aí tu tens a apresentação pra Diretoria, tu tens o coquetel, onde todas se conhecem, aí tu tens toda uma preparação de etiqueta. Ai, eu achava aquilo um máximo! Porque eu nunca tinha imaginado. E aí, tá, como tu vai te portar, como tu vai... **E aí tem aquele olhar de jovens negras, todas negras, para um baile de debutante.** Mas tu não discutia isso, nem passava, sabe, nem passava... E claro, **hoje a gente, com o passar dos anos a gente envolvida com as questões raciais, tu vai perceber que num estereótipo todo branco.** Porque tu debutava, tu ia fazer toda a tua festa, tua noite, **toda no estereótipo branco, desde a tua estética: é cabelo, maquiagem,** aquilo ali não existia nada com relação a isso. E sem discutir esse nosso estar ali naquele clube. Bom, aí chega, aí eu vou, tem o baile maravilhoso, finalmente. Foi a minha primeira noite, assim, passar a noite numa festa (grifo meu).

Fernanda Oliveira da Silva (2016), embora discorde que o projeto do Fica Ahi estivesse vinculado apenas a uma proposta de branqueamento, reconhece que as normativas, nos tempos áureos do clube, seguiam “[...] os ditames sociais da sociedade branca”. Em suas palavras,

Valorizava-se a família patriarcal, idealizada nos moldes da família cristã, composta pelo casal reconhecido aos olhos do Estado e da Igreja Católica e os frutos dessa união. O clube aparece um espaço de evidente procura pelo matrimônio. O tripé Estado, família e religião católica estava amplamente divulgado nas ideologias que se propuseram pensar a identidade nacional. (p. 61).

A adesão da comunidade ficahiana a um projeto integracionista é evidente pela ênfase que se dava à educação, vista como uma das principais formas de autoafirmação e inserção dos negros perante a sociedade. Segundo Nizah Sebaje, entrevistada em 2010 pela equipe do projeto de extensão e que também vinha de uma classe pobre, mas tornou-se professora, “[...] nós tínhamos um clube, cuja direção, cuja coordenação era de homens negros, com **muita vontade que todos os negros que estivessem à volta estudassem, fossem cultos** (grifo meu)”. Segundo Nizah, as próprias negociações para a construção da sede, que abrigou por alguns anos uma escolha estadual no térreo, tiveram a educação como uma moeda de troca.

Nizah: Sei que um dos coordenadores foi Rubens Lima, que era muito amigo do meu pai, e que depois os filhos dele foram nossos amigos. Está lá uma

placa em homenagem a ele, Salão Rubens Lima. Isso eu sei, que ele deveria estar nessa comissão, que para poder fazer aquela sede, aquele prédio, firmou com o Governo do Estado uma maneira de, uma forma, um contrato, pra que eles ajudassem com dinheiro e funcionaria ali uma escola estadual. Que funcionou por muitos anos, que foi a escola Francisco Simões.
[...]

Então, quando a escola começou a funcionar eu tive essa certeza de que os nossos amigos da diretoria tiveram uma ideia inteligente e feliz, isso já era um sinal de abertura. Já que não podemos sozinhos, vamos buscar lutar.

O estímulo à educação dava-se tanto com a formação de grupos de estudos para passar em exames seletivos, como por meio de bailes que homenageavam todos(as) os(as) adolescentes e jovens, filhos(as) de associados que passavam de nível educacional.

Nizah: Quando eu me formei havia baile para os formandos, por que o clube sempre incentivou, só que **meu irmão não podia entrar porque não tinha terno, daí eu não pude ir ao baile**. Tás ouvindo? Eu fui convidada ao baile porque era uma das formandas, eu tinha um vestido porque eu tinha feito o vestido, que a gente faz uma força, tu sabe como é? Aí o meu irmão que iria me acompanhar, porque o pai não ia, o pai não gostava... (grifo da autora)

Dona Celestina Pinto: [...] os bailes, as festas de natal do Fica Ahí, como ele era cultural, então ele fazia cada pessoa, moça ou rapaz que se formavam ou terminavam algum curso, no Fica Ahí tinha aquela homenagem. Então era aquele baile que a gente ia. Nessa alvorada que eu tenho lá, até tem o nosso retrato de toga e beca; e as pessoas que se formavam, as companheiras e tudo, então tinha aquela festa todos os anos para homenagear os estudantes que se formavam. Muitos e muitos anos foi feito isto.

Helenira, também professora, mas de geração posterior à de dona Celestina e Nizah, coloca o quanto ter estudo, por parte dos adultos, era tido como um exemplo, uma referência, para as gerações mais jovens que vinham se formando dentro do Clube.

Helenira: [...] era uma porta de acesso. Era importante estar estudando. E lá no clube eles também gostavam de apresentar a “fulana de tal” e qual era o cargo, qual era a profissão... **E aí também tinha um [motivo] por trás**, assim, se o casal, por exemplo, presidente, é um advogado e uma professora, **tu também podes ser um advogado, ser uma professora** (grifo meu).

O espaço construído para sociabilidade dos associados e suas famílias contemplava várias atividades como debate sobre questões “sociais”, “culturais” e “educacionais” (SILVA, 2016, p. 46). Organizavam-se também bailes de vários tipos, destacando-se os de debutantes e de carnavais, além de festivais, gincanas, reuniões dançantes, torneios esportivos, etc. Havia uma grande mobilização por parte da diretoria do clube e dos associados para dar assistência para seus sócios em casos de dificuldades financeira e econômica (LONER, GILL, 2009; SILVA, 2016).

Cabe destacar que o Clube Fica Ahi mantinha vínculos intensos com a sociedade negra pelotense e regional, tanto que houve, em 1932, a criação de um Regulamento Interno das Sociedades Recreativas, o qual estabelecia algumas regras comuns quanto à conduta dos associados dentro desses espaços (SILVA, 2016, p. 56). Além das relações com as outras organizações negras da cidade, o clube articulava-se com organizações de outras cidades do estado, fazendo visitas formais, assim como recebendo essas visitas (SILVA, 2016, p. 61), formando uma rede que passou a ser revitalizada depois, quando há o surgimento do movimento clubista, na década de 1990. Por estas questões, Fernanda Oliveira da Silva irá se contrapor à ideia de que alguns clubes, como o Fica Ahi, eram exclusivamente espaços de “branqueamento” cultural.

Embora Silva identifique em algumas atas do clube a reprodução do discurso da democracia racial, por outro lado, alerta que um dos principais critérios para o aceite de um associado era pertencer à “raça etiópica”, manifestada na cor e fenótipo e também na origem dos pretendentes, critérios que eram intensamente discutidos nas reuniões de diretorias que analisavam os pedidos de novas associações: “[...] deveriam ser reconhecidamente membros da comunidade negra local [...]” (SILVA, 2016, p. 59).

De fato, o sentimento de pertencer à uma comunidade com fronteiras definidas, e que se auto afirmava como negra, transparece em algumas falas:

Maritza: Então aí começa a ter, aí tem várias festas, e o legal era isto. Tinha a festa do suéter, o baile do estudante, a festa da primavera, depois o baile de debutantes. Ao longo tinham outros bailes que não tinham título, mas era baile que se dizia, então tu tinha os bailes ao longo do ano todo, festas ao longo do ano todo. Não tinha muito aquela coisa de jantares, **mas as festas em si que lotavam o Clube, que lotavam o Clube. Aquela comunidade negra, aquela juventude negra** (grifo meu).

Silva (2016) defende, em razão disso, que os critérios rígidos de associação e conduta do Fica Ahi não eram necessariamente de branqueamento, mas tinham por objetivos unicamente a construção de uma identidade negra diferenciada em relação aos outros grupos negros da cidade: a de “negros elevados”. Argumenta ainda que as fronteiras de pertencimento ao clube, que caracterizavam essa identidade, eram afirmadas pelo espaço do clube ser um local de arranjos matrimoniais:

Nesse sentido, destacamos a preocupação em manter as moças negras afastadas dos rapazes brancos que porventura aspirassem seduzi-las, mantendo, assim, um espaço onde os negros podiam conviver com os seus e proceder aos arranjos matrimoniais dentro da comunidade negra que esposava dos valores evocados pelo clube. (p. 64).

Helenira destacou bastante na sua entrevista o caráter familiar do clube e a preocupação dos pais de que as filhas arrumassem seus pares dentro dele, era “[...] indispensável! Na minha família era, tinha que ser. Porque [escolher] no clube, significava [ser] negro, então era ali, tinha que achar algum”. A preparação para o casamento iniciava, segundo Helenira, no Baile de Debutantes, quando se completava 15 anos. Debutar, para os pais, significava sinalizar para a “sociedade” que sua filha já estava disponível para o casamento.

Helenira: [...] porque mesmo meu vestido de casamento foi minha avó que fez, era todo plissado; plissê ela fazia em casa com papelão pras dobras, tinha que ficar não sei quanto tempo com peso, e as minhas tias bordaram meu vestido. Meu vestido de 15 anos também, foi feito pela minha avó e bordado pelas minhas tias; aí elas se reuniam, cada uma pegava uma parte do vestido, uma pegava uma manga, outra pegava outra manga, o peito, e faziam o bordado. Já estavam quase preparando enxoval de bebê, né? E eu me escapei (risos). Mas eu me lembrei de uma outra coisa quando tava falando aqui, que a gente fazia 15 anos e, a partir dali os presentes eram todos pro casamento. A gente ganhava colarzinho, brinquinho, mas assim, quase que dois presentes: esse pra mim, esse pro casamento. “Nem tenho namorado, não tô namorando”. “Não, mas a moça tem que fazer o enxoval”. Porque 15 anos era o delimitador menina-moça, a partir dali já tinha que olhar pro casamento. [...]

Helenira seguiu a cartilha, pois era tão naturalizado que o marido tinha que sair de dentro do Clube que “eu já nem olhava pros lados, só olhava pro clube”. Tanto que “[...] com 16 anos eu já estava namorando, e a família dele já tinha conversado com a minha”. Foi com este namorado arranjado dentro do Clube que se casou aos 21 anos e após “dois anos e pouco”, para escândalo do círculo familiar e da comunidade ficahiana, solicitava o divórcio, para o que contou desentendimentos de ordem pessoal, mas também círculos diferenciados de convivência social entre ela e o ex-marido.

Helenira: [...] ele gostava de ir – me convidava pra ir, mas eu não gostava – a churrasco na casa de amigos dele que eu nunca tinha convivido; e os amigos dele não eram do Fica Ahi, eram do Chove e do Chuva. E pra mim era um choque total de realidade.

Mesmo no início da década de 1980, divorciar-se era romper com uma expectativa de continuidade da tradição de famílias ficahianas sólidas, assim como com as categorias aceitáveis de “mulher” dentro do Clube:

Helenira: [...] **eu me afastei um bom tempo do clube...** Não de me sentir afastada, isso não, mas eu também já fui pro lado de estudar e trabalhar... **E não sei, talvez até quisesse me poupar de algum comentário, alguma coisa – porque foi um comentário na cidade quando eu me separei:** “o pai dela fez aquela festa pra ela, pra ela fazer isso”, mas aí eu já tava

autossuficiente, não queria nem saber, né. Mas não me lembro de mulher separada – olha que loucura! – não me lembro de mulher separada ir a baile.

Pesquisadora: No Fica Ahi?

Helenira: No Fica Ahi. Ou era solteira, ou era casada.

Pesquisadora: Solteira com família, né?

Helenira: Sim! Com a proteção toda da constelação familiar. **Mulher solteira subir sozinha aquela escada, nunca!** Tinha tipo um cortejo, com o pai, a mãe, se possível chegava todo mundo, avó, tia, era melhor – tipo combinar de chegar todo mundo junto pra sentar todo mundo próximo, também muitas vezes aconteceu isso.

Pesquisadora: E homem podia subir sozinho, solteiro?

Helenira: Homem, sim.

Pesquisadora: Então tinha essa diferenciação ali no clube?

Helenira: Muita! Bastava ser “filho do fulano”, mas a “filha do fulano” subir sozinha, não (grifo meu).

Uma comunidade com critérios bem definidos de pertencimento, que abarcavam tanto códigos de conduta como arranjos matrimoniais, segundo os quais a reputação familiar definia o lugar que cada um ocupava dentro do coletivo. Esta reputação estava assentada em uma conduta moral exemplar por parte das mulheres e de uma trajetória de consolidação profissional por parte dos homens, sendo que as mulheres também eram estimuladas a ter trajetória profissional, desde que seguissem profissões que eram tidas como próprias a elas, especialmente magistério. As atividades sociais do Fica Ahi eram exclusivas aos associados, o que restringia contatos e trocas com outros meios sociais, negros e não negros, mas não os impedia, como veremos na sequência.

2.4 Um clube de família?

Pertencer a uma família reconhecidamente bem-sucedida em termos de inserção social, assim como de reputação moral, era uma condição para ser aceito no Clube. Isso transparece em vários depoimentos, como o abaixo:

Maritza: E uma coisa, assim, era o Clube, que eu acho que era uma característica de todos os clubes, os pais chegando com os filhos, as filhas, principalmente, mas os homens também, mas principalmente as filhas. Chegavam os casais, com as suas filhas ou sua filha, tudo, entravam no clube, assim, e demarcavam: é a filha do fulano, é o fulano... E tu te divertia e aproveitava com os pais ali nas mesas do clube tranquilamente, sem nenhuma preocupação: ah, vim com o meu pai... Não, até era uma coisa que dava aquele prazer de chegar com o pai, com a mãe nas festas. E todo mundo muito alinhado, tudo muito... Os rapazes bem vestidos, pra ideia do que seria bem vestido na época.

Essa visão do clube como um desdobramento da família aparece também no depoimento de outros entrevistados:

Daniel: [...] Mas foi um lugar muito legal, porque o que acontece na nossa vida? O **primeiro contato que a gente tem como comunidade é a tua família, segundo a escola e o terceiro os clubes sociais**. Então, assim, eu sou muito grato por ter conseguido ter entrado no Fica Ahi, através dos os meus pais (grifo meu).



Figura 3: Coroação de duque e duquesinha, datada da década de 1950 ou 1960. Fonte: Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

Assim como a família, enquanto referência, era levados para fora do Fica Ahi os vínculos de amizade formados dentro do próprio clube, os quais estendiam-se para a vida familiar:

Daniel: O que acontecia? A minha família eles sempre, **quando não tinha nada no clube, sabe o que eles faziam? Eles se reuniam na casa de algum casal** e os caras conseguiram manter isso, por muitos e muitos anos, cara isso é uma coisa maravilhosa. Por isso que eu falo da história da comunidade **porque o clube, de uma certa forma, acaba sendo uma comunidade, e então tem várias pessoas e senhores que eu chamo de tia ou de tia até hoje porque a gente se criou desta forma e como tu falou, assim: uma família, todos levam aquela sociedade como se fosse uma continuidade da tua família**, era muito interessante isso (grifo meu)

O caráter familiar do clube é ressaltado não apenas no que diz respeito aos arranjos de casamentos, mas também nas exigências para ser associado em vários sentidos. Um deles, relacionado às exigências do clube, aponta para a importância da família extensa para se ter acesso à condição de ficahiano(a). Durante todo o tempo de envolvimento com o Clube, ouviu-se muitos boatos de pessoas que eram filhas de empregadas domésticas, lavadeiras, ou outras profissões sem prestígio, mas que eram aceitas no Clube. Uma das razões era o fato de ter algum familiar (tios, principalmente) que tinham algum emprego de mais prestígio e sustentavam, tanto em termos materiais como em termos morais, a autorização para frequentar o clube. Dona Celestina, uma octogenária que foi entrevistada pela equipe do projeto de extensão em 2011, era filha de merendeira e seu pai, operário, sendo que sua mãe ficou viúva muito cedo. Mesmo assim, ela, sua irmã e um irmão fizeram parte de uma leva das primeiras negras e negros a assumirem o posto de magistério na cidade. E frequentavam o Clube, porque suas associações eram sustentadas por um tio que era militar, sendo que a tia que era casada com este e que era costureira dava um jeito de manter as sobrinhas de acordo com as elevadas exigências do clube.

Dona Celestina Pinto: [...] a gente sempre, sempre participou de tudo [...]. Ela [a tia] sempre, sempre fazia. “Nós não vamos por que não tem vestido”. Ela dava um jeito: “você vão e tem que ir”. Ela ia pra máquina [de costura] e fazia uma coisa. Um ano o vestido era branco, no outro ano já mandava tingir de azul e assim ia. Ela tirava alguma curva, algum detalhe, alguma coisa, mas era pra nós participar. Nós participamos sempre de tudo.

Outra situação possível era ser apadrinhado por alguma família tradicional do clube. Esse foi o caso do Sr. Gilberto Gomes, que era filho de uma lavadeira e mãe solteira, ou seja, sem condições de se adequar aos padrões sociais do Fica Ahi. Todavia, Seu Gilberto teve a sorte de fazer amizade com o filho de Rubem Lima, um senhor que esteve na diretoria do Fica Ahi durante muitos anos e conhecido por ser uma pessoa muito influente na comunidade ficahiana. Seu Gilberto passou a frequentar o Clube, mesmo que sua mãe não fosse sócia.

Gilberto Gomes: eu cheguei no Fica Ahí a convite de um rapaz que foi um dos melhores amigos que eu tive. [...] Rubinho, o pai dele foi um dos fundadores do clube, aí nesse salão de cima tem o nome do pai dele. [...] eu não conhecia o Clube Cultural Fica Ahí, eu tinha treze anos mais ou menos quando conheci o Rubinho, aí a gente jogava bola junto no campinho ali da Avenida Brasil. Eu me criei aqui no bairro Simões Lopes. E um dia o Rubinho disse assim: “bah, vou te levar lá no ensaio da Academia”. Porque a Academia do Samba ensaiava aqui em cima no salão. E naquela época não era qualquer um que subia, que entrava pra ver o ensaio da Academia. E o Rubinho me trouxe. Então eu entrei no Fica Ahí através do convite do Rubens Lima. E aqui fiquei.

O depoimento de Rudinei exprime com detalhes os pormenores desse tipo de apadrinhamento e indica que formalmente alguns membros da comunidade ficahiana não eram abertos a determinadas manifestações afro-brasileiras, como a religião, como será visto em outro capítulo, mas informalmente circulavam por espaços sociais e culturais diferenciados, o que permitia trocas entre esses espaços:

Rudinei: No tempo que o Fica Ahi era o clamor da elite do negro, então não é qualquer negro que na época entrava no Fica Ahi. Então o negro para ser sócio do Fica Ahi tinha que ser apresentado por outro que já fosse sócio, tinha que passar na mesa da diretoria para ver se aceitava ser sócio, e aí eles olhavam se o cara trabalhava, se tinha boa estrutura. Mas como eu naquela época não podia entrar no Fica Ahi, porque **eu não tinha trabalho, era pobre, assim não tinha conhecimento com ninguém da sociedade**. Mas a minha avó era amiga da vó Lucia, e a vó Lucia tinha um terreiro e a mulher do Capitão Vargas ia lá se benzer e eu acho que fazer as macumbas dela para melhorar a coisa. Aí um dia a vó chegou e disse pra mulher: ‘olha, **os meus netos e os primos dos meus netos, eles têm que ir no clube, porque eles estão estudando, eles são pobres mas são gente decente**. Aí pra nós entrar no Clube, tinha que esperar o Capitão ir lá e dizer pra nós entrar, pra nós começar a frequentar (grifo meu).

O protagonismo de Vó Silvia, uma mulher analfabeta e dedicada a serviços manuais para criar os netos, rompia com os rígidos critérios de associação estipulados pela comunidade ficahiana. Rudinei afirma que, nos primeiros tempos de associação, ele e seus irmãos Rubinei e Marco Antônio chegavam na portaria e aguardavam que chamassem o Capitão Vargas, que já foi presidente do Clube, para que desse o aval para eles entrarem e participarem das atividades, até que tivessem credenciais para serem sócios efetivos. Isso teria ocorrido “há uns trinta anos, trinta sete ou quarenta anos”.

Havia, ainda, uma forma muito peculiar de apadrinhamento, que era das empregadas domésticas por parte dos seus patrões. A fundação do Fica Ahi está relacionada, como vimos, ao fato da elite branca da cidade não aceitar pessoas negras nos seus espaços de convivência social; mas, ao mesmo tempo, por um certo período, justamente porque era um clube de “elite negra”, muitos ficahianos eram bem relacionados com alguns membros da elite branca, fosse por vínculos de trabalho ou políticos. Com isso, mesmo que houvesse um consenso, por um longo período, de que ter empregadas domésticas no quadro de associados era um fator de desprestígio para o clube, algumas mulheres ingressavam no clube por meio dos elos patronais. Foi o caso de Maria Teresa Barbosa, entrevistada pelo Projeto de Extensão em 2014, que atualmente dirige o departamento cultural do clube. Filha de uma empregada

doméstica mãe solteira, que trabalhava na casa de uma família influente da cidade, proprietários da Rádio Cultura. Em razão da amizade de um presidente do clube com os patrões da sua mãe, Maria Teresa, que sempre recebeu estímulo da família patronal para estudar e já era levada a clubes “brancos”, como o Comercial e o Diamantinos, recebeu convite especial para debutar no Fica Ahi:

Maria Tereza: Mas é aí que eu te digo, é porque o pessoal que eu fui criada era conhecido na cidade. Entendes? E por exemplo, esse Francisco Moraes¹⁴ conhecia esse pessoal, conhecia, sabia de onde que eu era, a minha criação, sabiam da minha criação. Tu entendesse? Então, não era pela pessoa da minha mãe. Não era pela pessoa dela. Era pelo meio onde eu era criada, estudada, eu estudava. Entendes?

Muitas vezes o ingresso de uma empregada doméstica no quadro de associados do Fica Ahi tinha a ver com o fato desta ter parentes que conseguiram uma ascensão profissional melhor, os quais carregavam junto membros da família extensa. Entretanto, mesmo nestes casos, conforme já relatei sobre minha tia Inês, havia o apadrinhamento de algumas patroas, que emprestavam roupas para suas empregadas atenderem as exigências de vestimenta. Um caso similar é relatado por Maria Helena.

Maria Helena: [...] existia, por exemplo, meu tio Ivo, ele era casado com uma... Com a tia Irene. O tio também teve, daqueles que era parecido com o vovô, não sei quantas mulheres... E a tia Irene era empregada da Solange Rochel... Rochel é cardiologista... E a tia ia pras festas do Fica Ahi com as roupas da dona Solange, a dona Solange tinha prazer: “Irene, qual é a roupa que tu vais botar, que tu vais pôr, já escolheste...?”. A Irene se vestia luxuosamente, eu ficava encantada. Tu vê, e claro, aliado a isso, professores, médicos, no caso do Joaquim Luís Dias, dentista, caso do Mário Vargas, que eram assim, a cúpula do clube. E claro que as pessoas até ficavam um pouco, como é que eu vou dizer.... Envergonhadas... Não é envergonhada, mas difícil de frequentar, entende? Porque quando tu chegava, realmente era aquele olho de cima abaixo, entende, pra ver como é que... Se estava bem vestido [...]

Seguindo o exemplo de vários outros clubes negros do Brasil – embora nem todos, porque muitos tinham um perfil de associados vinculados à classe operária –, o Fica Ahi estipulava critérios bem explícitos de pertencimento, relacionados tanto à posição social como à disposição de atender a certas exigências comportamentais. Isso não quer dizer que esses critérios criavam fronteiras completamente fechadas. Justamente por ser um sinal de distinção perante a comunidade negra, ser sócio do Fica Ahi era algo muito almejado, e para isso criavam-se estratégias diversas para negociar esses critérios e furar os bloqueios estipulados.

¹⁴ Presidente do Clube na época em que Maria Teresa debutou.

3 A gestão 93/95 e seu Grupo Jovem: continuidades e rupturas

A gestão de 1993-1995 chama a atenção por vários aspectos. Foi durante este período, pela primeira e única vez na história do Clube, uma gestão encabeçada por uma mulher – Maria Helena da Silveira. Além disso, nessa gestão houve um grupo jovem ativo e propositivo, o qual deixou a sua marca com livros de atas exclusivos e uma série de documentos avulsos que dão uma ideia da amplitude, intensidade e caráter das suas atividades¹⁵. Este capítulo e o que o segue tem por objetivo compreender as continuidades e rupturas dentro do Clube Fica Ahi, a partir do momento em que se iniciam discussões sobre negritude e consciência negra, seja nas atividades, no tipo de vínculo que se estabelecia, nos atores com os quais o clube buscava se relacionar no período. Neste capítulo, serão abordados aspectos organizacionais, mas já se assinalam alguns impasses que indicavam conflitos de gerações dentro do clube, especialmente no que tange ao exercício da autoridade, assim como questionamentos sobre os papéis de gênero.

Os livros de atas do Grupo Jovem são tomados como uma importante fonte de dados, porém busca-se dialogar com as fontes orais, mesmo que a experiência dos interlocutores remontem principalmente ao final da década de 1970 e início da década de 1980. Considera-se este recorte temporal como um período histórico marcado por características comuns, como a consolidação do movimento negro no Brasil e a reabertura democrática, que permitiu a temática racial passar a ser incorporada nas políticas de estado.

3.1 A gestão feminina e seu Grupo Jovem

No dia 07 de agosto de 1993, o Livro de Atas do Grupo Jovem foi inaugurado com a constituição do grupo, registrando-se na Ata nº 1/93 que esse grupo já existia anteriormente, mas foi dissolvido ao final da gestão anterior. Estava sendo, então, reformulado. Carlos Eduardo Trindade foi eleito coordenador, Maria Cláudia Goulart como secretária, Evelise como tesoureira, e Simone como relações públicas. Esta

¹⁵ No Termo de Abertura do primeiro livro de Atas do Grupo Jovem consta que o ele foi constituído em 07 de agosto de 1993, contando no ato com a presença da presidente, do vice-presidente e do diretor de patrimônio do clube. Estavam presentes 22 jovens. Ademais, consta que a estrutura organizacional original do grupo se dava da seguinte forma: coordenador, tesoureira, relações públicas e secretária. LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

estrutura de organização foi complementada com a figura de uma vice coordenação, eleita na reunião que ocorreu no dia 25 de agosto, assumindo o cargo Jislaine¹⁶.

A pasta de documentos do grupo contém uma lista de nomes e endereços dos seus componentes, digitada e impressa, incluindo outras informações pessoais. Somam 33 nomes, número significativo se considerarmos que a quantidade de sócios efetivos atualmente pouco ultrapassa esse montante. Considerando que a lista foi produzida entre 1993 e 1995, um olhar geral sobre as datas de nascimento indica que esses jovens tinham de 13 a 20 anos. Outro dado que consta é a escolaridade. A tabela abaixo demonstra estes dados.

Grau / Tipo de escolaridade	Quantidade
1º grau	07
2º grau comum	03
2º grau (magistério)	05
2º grau profissionalizante	12
3º grau	03
Não consta	03

Chama a atenção o grande número de jovens que procuravam o 2º grau profissionalizante, o que indica a preocupação em buscar um posto de trabalho. Foi separado como uma categoria à parte a opção “2º grau (magistério)” porque, pelos relatos das fichianas antigas, o Clube reunia a primeira geração de professoras negras da cidade. Os números da tabela indicam a continuidade dessa tradição de estímulo das jovens negras para ingressarem na carreira do magistério. Dentre as outras opções de 2º grau profissionalizante, constam: auxiliar de escritório, técnico em eletrônica, edificações, eletromecânica, auxiliar de laboratório, técnico em alimentos (CAVG¹⁷), técnico industrial em telecomunicações, técnico agropecuário (CAVG). Os três casos de jovens que estavam cursando ensino superior comportavam os

¹⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 5/93. Folha 04 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995). Vários dos documentos soltos encontrados na pasta do Grupo Jovem dizem respeito à prestação de contas, inclusive compra de dólares como forma de poupança, o que talvez esteja relacionado com o contexto econômico da época. Esta compra de dólares, como forma de investimento e poupança, aparece em várias atas, especialmente após alguma atividade lúdica do grupo que tenha gerado algum lucro.

¹⁷ Um dos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), localizado em Pelotas.

seguintes cursos: enfermagem e obstetrícia (homem); relações públicas (mulher) e agronomia (mulher).

O significado do grupo jovem no âmbito do Clube pode ser medido por meio do grau de comprometimento dos seus membros. Em uma correspondência encontrada no acervo, uma jovem integrante do grupo comunica formalmente ao seu “presidente” o seu afastamento por estar mudando a residência para outra cidade para de dar continuidade aos estudos. Colocava-se à disposição para continuar colaborando nas atividades mesmo à distância ou toda vez que retornasse à cidade.¹⁸ Outra, que ocupava o cargo de secretária do grupo, solicita formalmente a sua demissão, também por meio de carta, em 03 de junho de 1994, “por motivos escolares” e “por motivo de assumir estágio profissional não compatíveis com o horário do grupo jovem”.¹⁹

O caráter de compromisso com a participação no grupo transparece ainda na reunião do dia 10 de junho de 1994, quando se coloca em pauta o fato da subcoordenadora não comparecer às reuniões desde o dia 25 de março do mesmo ano. Segue um trecho da ata de reunião:

O grupo estabeleceu regras na primeira reunião que após três faltas consecutivas seria advertido e, como faz dez reuniões que ela não aparece, Carlos pergunta ao grupo que atitude tomar, o grupo diz que a sub coordenadora não deve mais assumir seu cargo e se retornar ao grupo deve se explicar para uma avaliação, sendo assim Carlos pede para que se escolha uma nova secretária e um subcoordenador [...]20.

A seriedade que marcava a forma como as atividades eram encaradas fica revelada também na Ata nº 8/93, na seguinte passagem: “O Carlos Eduardo coloca em pauta que está descontente com o grupo, por causa da falta de responsabilidade com o horário. E a partir da próxima reunião quem chegar após a tolerância não assinará mais o livro de ata”²¹.

Mesmo que o grupo apresente um tendência disciplinar muito forte, o que vai ao encontro do estilo de comportamento prezado pelo clube, no transcorrer dos livros de ara dos grupo jovem, observam-se alguns embates entre este e a diretoria, especialmente no início das atividades do grupo, dando a entender que houve um

¹⁸ CARTA DE DEMISSÃO. Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995). 24 de fevereiro de 1994.

¹⁹ CARTA DE DEMISSÃO. Maria Cláudia da Costa Goulart. Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995). FA630.

²⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 48/94. Folha 36 (verso) e 37 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

²¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 8/93. Folha 05 (verso) e 06 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

período de ajuste, no sentido de se definir quem tinha autoridade sobre o quê. Para exemplificar, no dia 25 de setembro de 1993, na Ata nº10/93, o jovem Carlos Eduardo, colocou que a Sra. Maria Elena²² chamou sua atenção por não ter se dado a prestação de contas de um bingo no dia corrente. Classificou isso como “[...] um erro gravíssimo que o grupo cometeu, pois, este dinheiro não é nosso e sim de todos nós, pois esse dinheiro foi arrecadado com o nome do Clube”. Ele repreende ainda o grupo dizendo “[...] que a gente não deveria ter trazido os prêmios do bingo de casa e sim ter feito uma rifa. E tudo que a gente comprar devemos tirar notas fiscais e recibo”²³.

Observa-se que havia um controle rígido das finanças do grupo e cada atividade era planejada de forma a se tornar sustentável, do ponto de vista financeiro, embora em algumas delas a diretoria aportasse algum recurso. Outro fator que sobressai nas atas é a doação constante de gêneros e produtos, por parte dos integrantes do grupo, para viabilizar as atividades, amenizando as despesas.

Passados dois dias da reunião citada acima, houve outra reunião do grupo com as presenças da Presidente, do Vice-presidente e da representante do Departamento Cultural.

A Sra. Maria Helena inicia a reunião falando que o grupo assumiu um compromisso muito grande quando começamos a trabalhar ao lado da diretoria executiva. E que é fundamental sempre ler a Ata, no início de cada reunião, e isto se deu porque ela pediu a leitura da Ata e o livro de ata não estava lá. Carlos Eduardo coloca que a maioria do grupo optou para não haver leitura, pois todos sabiam o que tinha acontecido na reunião passada, a Sra. Marielena coloca que se não precisasse ser lida a Ata não era necessário secretaria²⁴.

Esta situação de tensão entre a diretoria e o Grupo Jovem se estende nesta mesma ata, com a presidente do clube reclamando do não atendimento de um pedido seu para um jantar conjunto com o drupo no dia 25 de setembro, o que indicaria que “[...] não sabemos a nossa responsabilidade. E que a gente deve convidar mais associados para fazer parte do grupo, que a gente deve pesquisar no fichário novas pessoas, pois o grupo não é fechado”.

²² O nome de Maria Helena, a presidente, aparece grafado de formas diversas nas atas: Maria Elena, Maria Helena, Marielena. Embora na maioria das vezes trata-se da presidente, isso gera por vezes confusão sobre de quem se está tratando, já que havia nesta gestão uma senhora de nome Marielena, a qual representou, por determinado período, o departamento cultural. Foi mantido a grafia do nome tal como aparece em uma ata e outra.

²³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 10/93. Folha 06 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

²⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº11/93. Folha 07 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Estes embates entre diretoria e grupo jovem talvez reflitam conflitos maiores que estavam ocorrendo dentro do Clube naquele período, com a presidente a todo o momento desafiada pelo grupo que havia perdido o processo sucessório. Na entrevista realizada com Maria Helena, ela detalhou uma destas situações conflitivas, que envolveu, inclusive, o grupo jovem, por ocasião da organização de uma “boite”²⁵:

Maria Helena: [...] em outubro os jovens foram se chegando em função da Simone, a Adriana não gosta, mas em função da Simone foram se chegando²⁶. “Vamos fazer uma boate?” “Vamos, vamos fazer a boate”. Aí o que é que aconteceu? Deu uma briga na boate, botei os caras pra fora: “Podem sair, aqui vocês não entram mais”. Aí isso foi em outubro e em novembro a gente faria uma quizomba e fizemos uma carta pras duas criaturas, e disse pra eles que enquanto eu estive presidente eles não estariam lá. Os familiares deles, porque um era casado e tinha esposa e filho, poderiam ir, mas eles não. Aí o conselho veio pra cima de mim: “como que tu podes fazer isso? Porque são famílias que tem história dentro do clube...”. Eu disse: “Mas não parece, porque se veio pra fazer anarquia aqui dentro, comigo eles não vão ficar. Se quiserem ficar com vocês, podem ficar, comigo não!”. Aí o que que aconteceu na tal da quizomba? Essa que também vai aparecer por aqui²⁷. Veio o Giba Giba, que era primo da minha mãe. Tá. Veio pra tal da festa e aí o que é que aconteceu? Eles disseram: “Maria Helena, o cara que tu proibiste de vir a entrar no clube, disse que vem pra festa”. “Mas ele não vai entrar!”. “Não, mas ele disse que vem”. Tá bem! O que é que eu fiz? Saí correndo, fui lá no judiciário saber quem era o oficial de justiça, o juiz que tava de plantão... “Ah, o juiz tá em casa...” “Tá bem! Posso ir lá?” “Pode!!”. Cheguei lá e relatei a situação: “Olha, tem isso que vai acontecer, assim, assim, é uma festa que tá organizada e inclusive a criatura iria acompanhada de um delegado de polícia que era amigo dele...”. Tá! E aí o juiz me disse: “Não, se ele chegar, de cara tu tens que dizer, olha a responsabilidade é sua enquanto delegado com qualquer coisa que possa acontecer aqui dentro. Acontecendo, se tu ver bolo imediatamente tu liga pra brigada militar e liga pro plantão que nós estaremos à sua disposição”. Mas nessas alturas, todo esse bolo que a pessoa era famosa na cidade, já veio o pessoal do Conselho: “Não Maria Helena, tens que permitir que ele entre, tu tens que fazer isso...”. “Não, quem é a presidente sou eu e como presidente eu tô dizendo que não e ele não vai entrar”. “Então não faz a festa”. “A festa vai acontecer, tá tudo pronto, tudo arrumado, não tenha dúvida”. Aconteceu a festa, muito bonita, deve ter fotografia por aqui, eles não apareceram, não apareceram, tudo transcorreu da melhor maneira possível, só que assim o início... [...].

Esses diálogos da diretoria com o grupo jovem, registrados nas primeiras atas, tiveram repercussões sobre as próximas reuniões, que passaram a ser abertas a novos integrantes. Com a leitura da ata da reunião anterior e em várias delas, que tratavam de eventos produzidos pelo grupo, revela-se a preocupação da diretoria com a prestação de contas.

Na ata n° 11/93, em uma reunião do grupo em que constavam membros da diretoria, aparece novamente a preocupação de Maria Helena em direcionar as

²⁵ Atividade realizada pelo grupo jovem que será especificada no próximo capítulo.

²⁶ Adriana e Simone são filhas de Maria Helena.

²⁷ Refere as fotos que estava mostrando.

atividades dos jovens. Além disso, deixa claro para os jovens que tipo de tarefa eles deveriam exercer dentro do Clube.

A Sra. Glaci²⁸ fala que tudo que a gente faz temos que comunicar a eles para eles nos aconselharem se está certo ou errado. Carlos Eduardo pergunta se a diretoria de senhoras precisa de ajuda do grupo jovem no café colonial. A Sra. Glaci diz que nós precisamos ajudar vender os convites e a servir²⁹.

Este controle extrapola para a padronização dos emblemas que representam o clube. Na ata nº 19, da reunião realizada em 30 de outubro de 1993, conta:

Carlos disse que a senhora Maria Elena colocou para o mesmo que o grupo não poderia usar o seu [próprio] emblema, pois o clube já tem o seu logotipo e o do grupo altera o do clube; Rodrigo sugere a conservação [do emblema do grupo jovem] pois o tempo que a gente passou pensando não foi valorizado ou seja foi tempo perdido³⁰.

A ata prossegue com o registro de outras discussões, sem esclarecer qual foi, afinal, a decisão tomada pelo grupo em relação ao dito “emblema”.

Além dos ruídos entre o grupo jovem e a diretoria, é possível identificar conflitos dentro do próprio grupo em si. Na ata nº 12, Carlos Eduardo aponta para a preocupação de o grupo estar se dispersando. Provocados pela Sra. Marielena [possivelmente Maria Helena], presente na reunião, alguns integrantes se manifestam:

Então a Gislane respondeu: que isto está se dando porque tem se mudado muito as datas, que o Carlos Eduardo está tomando a frente de tudo e toma decisões sozinho sem consultar o grupo. Marielena complementou que isto está se dando por causa do descontentamento, que ela chegou sexta-feira no clube e que só a Cinara e o Marco Aurélio estavam organizando as mesas da boite e que quando ela pensou que iria chegar mais gente para ajudar, não chegou ninguém e quem acabou varrendo a boite foi ela mesma. E que para o grupo continuar isto depende muito da nossa organização, e que ela não sabe o que está acontecendo com o grupo jovem³¹.

Esta reunião prosseguiu com aconselhamentos de Marielena e Regina Nogueira³² para o grupo sobre como melhor se organizar. Ainda, com reclamações de

²⁸ Responsável pelo Departamento Social do Clube na gestão.

²⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 11/93. Folha 08 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 19/93. Folha 15 (verso) e 16 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 12/93. Folha 09 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³² Regina Goulart Nogueira, integrante de uma família ficahiana tradicional, é formada em medicina e atualmente reside em São Paulo, sendo militante do Movimento Negro em projeção nacional, com discussões sobre saúde entre os povos de terreiro. Não se logrou entrevista com ela, mas sabe-se que é da geração de Marielda, tendo sido sua companheira de militância no Clube. Ela aparece nas atas do grupo jovem, em diversos momentos, de forma controversa, no ano de 1993, pois propunha discussões inovadoras sobre consciência negra. Chegou a ser indicada como conselheira do grupo

integrantes do grupo jovem em relação ao seu coordenador, no sentido de que ele estaria concentrando o poder de tomada de decisões.

Na ata nº 15/93, os desentendimentos internos voltam a emergir. Carlos Eduardo manifesta seu descontentamento por sentir-se pressionado pelo grupo, afirmando assim:

Que qualquer assunto era motivo para discutir. A Sra. Marielena falou que ser presidente de um grupo não é só um “mar de rosas” e dias de glória, mas também se recebe muitas “pedradas”, e quando isto acontece tem que se levantar a cabeça e tocar para frente, e com isto se aprende muito³³.

Na ata nº 23/93, o coordenador é questionado acerca de uma suposta discussão com uma integrante do grupo, o que teria originado seu desligamento – fato que é negado por ele. Novamente é a Sra. Marielena [Maria Helena] quem exerce o papel de mediadora das divergências: “A Sra. Marielena disse que a pessoa que coordena tem que ter sutileza e ouvir muito, e quando for falar cuidar para não ferir as pessoas. Que falou isto não para criticar, mas sim como experiência, porque aprendeu isto com o tempo”³⁴.

Na reunião do dia 15 de dezembro, os desacertos dentro do grupo voltavam à tona, com a presidente do clube, Maria Helena, chamando a atenção para a necessidade de que os conflitos sejam resolvidos:

A Sra. Maria Helena colocou novamente da diminuição do grupo, que este não é só uma panela, que temos que trabalhar para as outras pessoas o frequentarem. [...] E complementou que saíram convites sem o visto, que temos que nos organizar quando formos distribuir convites, e que a culpa está toda em cima do Carlos pois este é o coordenador, temos que nos atentar para isto, que isto é falta de controle. E para terminar falou que acha que o afastamento do pessoal tem cheiro de confusão. Que temos que lavar as roupas sujas.³⁵

A necessidade de compromisso das tituladas do clube com o grupo jovem é trazido à pauta pela presidente do clube em reunião do dia 3 de março de 1994, destacando-se a importância dos concursos femininos para a construção de uma representação do clube perante a sociedade regional, uma vez que a mídia local dava ênfase a elas:

jovem, mas a partir de 1994, não é mais constatada a sua presença nas reuniões do grupo. Não se sabe se foi porque havia mudado de cidade ou por questões particulares.

³³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 15/93. Folha 13 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 23/93. Folha 19 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 27/93. Folha 24 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

[...] Ainda c/ a palavra a mesma disse que devemos forçar as tituladas a comparecer nas reuniões e convidar mais jovens p/ o grupo, que o clube foi destacado no jornal do almoço graças as suas tituladas e ao grupo. Ainda pediu p/ fazermos um calendário de reuniões p/ deixar na secretaria p/ q possamos informar³⁶.

Nessa mesma reunião, a Presidente do Clube sugere ao final que em agosto ou setembro daquele ano o grupo jovem elege um novo coordenador, “para q todos possam mostrar o seu potencial”. O desgaste da relação do presidente com o grupo tornou-se cada vez mais evidente no passar das atas, com a revelação de descontentamentos mútuos, como pode ser observado no referente à reunião do dia 08 de abril de 1994:

Carlos falou sobre o descontentamento com o grupo, que nas festas a muito companheirismo, mas na hora de trabalhar é raro. E que em uma das reuniões que não compareceu, alguém falou para ele que certas pessoas já estavam falando em candidatar-se para coordenador. Disse que entrou com garra, sendo que o seu mandato seria de dois anos, mas que certa vez a Sra. M^a Helena disse que ele teria que dar chance para os outros. Completou dizendo que em agosto não se afastará completamente do grupo, mas seu cargo não influi, mas sim por causa de suas atividades pessoais. A Sra. Maria Helena cita o exemplo dos bandeirantes e escoteiros que quando entram em uma tarefa eles não o abandonam³⁷.

Esta reclamação de que haveria um companheirismo apenas nos jantares e confraternizações, mas não na hora de trabalhar e assumir responsabilidades, aparece em várias atas, e parte geralmente do coordenador do grupo ou da presidente do clube. Já em relação à constante referência e cobrança de que o grupo era muito fechado e deveria atrair mais membros, surte alguns efeitos em um primeiro momento, visto que em meados de 1994 algumas atas registram o ingresso de novos componentes. Na ata nº 51, relativa à reunião ocorrida em 01 de julho de 1994, registrava-se que o grupo havia alcançado 35 membros³⁸.

É nítido nas atas que o grupo era intensamente cobrado para apresentar resultados de várias ordens, que iam desde alcançar sucesso nas atividades que realizavam, agradar os sócios adultos e demonstrarem que efetivamente estavam unidos. Cobranças por auto avaliações eram frequentes por parte de membros da diretoria que se faziam presentes nas reuniões. Na ata 56/94, relativa à reunião do dia

³⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 34/94. Folha 28 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 38/94. Folha 30 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

³⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 51/94. Folha 42 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

05 de agosto, houve uma avaliação minuciosa de cada atividade realizada até então, em razão do fechamento de um ano de gestão, momento no qual que se destacou tanto as atividades em que o grupo teve êxito como as que não tiveram, anotando-se as razões. Foi também a ocasião em que se renovou a estrutura organizacional do grupo, permanecendo Carlos Eduardo Trindade como coordenador³⁹.

O desgaste entre o grupo e a diretoria viria à tona com força novamente, após alguns meses de relações de cooperação, por ocasião das dificuldades de os integrantes abraçarem a programação da semana da consciência negra do ano de 1994. Após diversas propostas de programação, como se verá no capítulo seguinte, na ata da reunião do dia 28 de outubro daquele ano, em que o coordenador do grupo não havia comparecido, conta que:

Foi convocada uma reunião extraordinária para o dia primeiro (terça-feira) às dezenove horas e todos os integrantes do grupo devem estar presentes, sendo que a pauta a ser discutida é como ficará o grupo de jovens, se ele irá se extinguir ou se entrará nos eixos, ou seja, em atividade responsável⁴⁰.

Na reunião convocada, integrantes do grupo emitem diversas opiniões. Destaco a opinião do coordenador, de que o grupo havia fragmentando-se em diversos “pequenos grupos”, e a reclamação de outra integrante de que a diretoria fazia cobranças excessivas, tendo a responsável do departamento social do clube emitido a sua opinião como resposta:

D. Glaci comenta que no início o grupo e o clube sempre tiveram um bom relacionamento e com o passar do tempo as cobranças fizeram-se necessárias, **o grupo jovem é um laboratório de onde sairão os futuros dirigentes do clube**, D. Glaci comenta que em outros clubes a cada mudança de diretoria os grupos jovens entram em extinção e devemos trabalhar para que o grupo continue firme. D. Glaci dá um apoio moral para o grupo, comenta que o grupo sempre foi responsável e sempre contaram com o nosso apoio. Carlos Eduardo acha que a falta de estímulo vem em parte das próprias dificuldades do clube, pelo receio do grupo encarar um trabalho o qual seja cobrado e nós viemos a fracassar. Eduardo comenta que está cansado. D. Glaci volta a comentar sobre a batalha e motivação que todos devemos ter. Quanto à festa da pesquisa sócio é notícia não haveria tempo para trabalhar uma boa festa. Luciane comenta que a partir de hoje está se retirando do grupo. Eduardo comenta que houve uma divisão do grupo em casais, D. Maria Helena relata que o grupo com seus respectivos casais estão se isolando, está havendo várias panelas. D. Maria Helena comenta que o grupo deve encarar as responsabilidades ou caso contrário serão declarados como irresponsáveis devendo entregar documento com as causas do grupo estar entrando em extinção (grifo meu).⁴¹

³⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 56/94. Folha 49 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 66/94. Folha 4 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 67/94. Folha 4 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Parece que, embora em diversos momentos diretoria e grupo jovem se articulassem bem para a realização de uma ou outra atividade, havia expectativas distintas entre os integrantes de uma instância e outra. Isso deixa claro a percepção da diretoria de que estavam em um tempo de mudanças, tanto de padrões morais e comportamentais quanto em relação às redefinições sobre o que seria uma associação negra legítima, havendo a tentativa de direcionar o rumo dessas mudanças dentro do clube – o que era visto como cobrança e controle por alguns dos/as jovens. Sete dos integrantes do grupo presentes naquela reunião, ao seu final, comunicam o seu desligamento. O alto grau de exigência da diretoria em relação ao grupo jovem exprime a preocupação em manter um padrão organizacional exemplar dentro do clube. O grupo não era apenas um espaço para os jovens exercerem seu protagonismo, mas sobretudo de formação dos futuros dirigentes, como deixa explícita a fala da Sra. Glaci na passagem anterior.

Na reunião seguinte, ocorrida em 4 de novembro de 1994, parte do tempo foi ocupado na discussão sobre como “resgatar” integrantes antigos que haviam se desligado, pois o grupo estava com aproximadamente 15 participantes ativos. Os integrantes que ficaram pareciam não ter se conformado com a saída de alguns companheiros. Comenta-se diretamente sobre o grupo estar desestruturado, colocando-se a expectativa de que, com a realização de atividades, novas pessoas viriam se agregar⁴².

Após a concentração do grupo em torno da apresentação da “semana do negro”, o tema do destino do grupo jovem é pautado novamente pela presidente do clube em reunião do dia 18 de novembro de 1994, em que sugere a realização de uma assembleia para se decidir “o destino do grupo”⁴³. Com a aproximação do final do ano de 1994, o dilema da continuidade ou não do grupo é retomado, como fica explícito na ata 75/94, relativa à reunião ocorrida em 16 de dezembro daquele ano. Segue um trecho:

Carlos diz que tem uma pauta, pergunta se queremos terminar o grupo, tirar férias ou continuar. Simone diz que tirar férias depois só voltamos nós, não vê por que acabar e diz que devemos continuar. Márcia diz que se continuarmos, temos que montar uma agenda até o carnaval⁴⁴.

⁴² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 68/94. Folha 5 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 70/94. Folha 8 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 75/94. Folha 12 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Na ata, passa-se diretamente ao próximo ponto de pauta, sem ficar fechado um posicionamento. Na reunião seguinte, de 16 de dezembro de 1994, a presidente cobrava do grupo falta de ações, atribuía isso ao fato de estarem se sentindo inseguros em razão da perda de integrantes, ao que é retrucada: “Carlos diz que a sra. Maria Helena havia dito que não poderíamos forçar ninguém a vir ao grupo e ela diz que não é vir às reuniões, mas sim ao trabalho que assumiram”⁴⁵. Novamente coloca-se o dilema entre exigir do grupo um grau de responsabilidade elevado, uma vez que ali se estariam formando os futuros dirigentes do clube, ou deixar o grupo mais à vontade para que suas atividades brotassem da espontaneidade do engajamento individual de cada um.

O grupo jovem iniciou o ano de 1995 com planejamento intenso de atividades, visto que estavam sendo convidados a apresentarem um espetáculo que ao fim passou a ser chamada “Dança dos Orixás”, em espaços externos ao clube (este tema será detalhado no próximo capítulo). A programação planejada contava ainda com eventos de praxe: boites infantis e para adultos, torneios de futebol, jantares dançantes, excursões, etc⁴⁶. Mas nas atas posteriores à reunião ocorrida em 27 de março de 1995, última em que se menciona atividades do grupo relacionadas à consciência negra (Dança dos Orixás na Festa do Mar em Rio Grande), sobressai-se a desarticulação do grupo e o desgaste da relação entre o seu coordenador e a diretoria do Clube. Em algumas das últimas reuniões há, inclusive, a ausência de Carlos Eduardo e o afastamento de mais alguns integrantes. Em uma destas reuniões, a presidente avalia os impactos da “falta de entusiasmo” do grupo jovem sobre o clube como um todo: “Ela falou que lastima muito porque nós temos um grande potencial e que não aproveitamos e que se não houver jovens para trabalhar o clube fica fechado [...]”⁴⁷. Observa-se aqui que para o clube, na época, o grupo jovem significava tanto um projeto futuro de continuidade (que naquele momento estava sendo colocado em xeque), quanto o alicerce das atividades sociais do presente. Nos dois livros de atas,

⁴⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 75/94. Folha 12 (verso) e 13 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 79/95. Folha 16 (verso) e 17 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁴⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 88/95. Folha 22 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

está presente farta menção sobre o quanto era vital o trabalho do grupo para viabilizar qualquer atividade que era realizada no espaço do clube.

As atividades do Grupo são encerradas na Ata 90/95, relativa à reunião ocorrida em 30 de julho de 1995, ocasião em que se fez um breve balanço das atividades que foram realizadas naquela gestão. Nesta reunião marcava-se, mais uma vez, a ausência do coordenador Carlos Eduardo Trindade⁴⁸.

3.2 Questões de gênero

Como foi visto anteriormente neste mesmo capítulo, o Clube fomentava um modelo de sociabilidade que tinha a família patriarcal como base. O controle comportamental recaía principalmente sobre as mulheres, inclusive sobre a sua vida social fora do Clube, criando-se sindicâncias para averiguação de comportamentos diante de qualquer suspeita, e com isso gerando desligamentos do quadro de associados. Já os “desvios” de comportamento masculinos eram apenas objeto de “chamadas de atenção” (LONER, GILL, 2009; SILVA, 2016). Assim como ressaltou Giacomini (2006) no seu estudo do Renascença Clube do Rio de Janeiro, justamente porque as mulheres negras foram objetos de estigmas relacionados à sua sexualidade. Sobre elas a própria comunidade negra, no pós-abolição, colocava a responsabilidade de manter a “moral” da raça. Uma representação positiva do comportamento feminino significava difundir uma imagem positiva da comunidade negra para a sociedade em geral.

Não é à toa que boa parte das atividades sociais do clube, como os bailes, giravam em torno da presença feminina: bailes de debutantes, escolha da corte (rainhas, princesas), além de outros concursos de beleza, como “a mais bela negra”, “miss mulata”, e outros tantos títulos, que variaram de acordo com a época. Maritza nos dá uma ideia dessa diversidade de títulos e de como eles mobilizavam toda a comunidade fichahiana:

Maritza: É, tinha a Rainha da Primavera, que era a rainha escolhida nos Bailes de Debutantes, então essa era a Rainha da Primavera, então era a rainha do Clube. E aí, nos bailes de debutantes tinham todos os outros títulos: a Glamour, a Rosa, a Simpatia... Eu nunca ganhei nada. A simpatia, a Debutante Simpatia e não sei mais outros, mas deve ter ali nos registros, assim, essas eu lembro. E aí, depois era escolhida a Rainha do Carnaval, que era a grande rainha do Clube, que saía geralmente daquele grupo de meninas que debutaram naquele ano, e as Duquezinhas eram as crianças

⁴⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 90/95. Folha 23 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

que faziam parte do clube. Então, mais aí é que está, no Carnaval as rainhas faziam suas fantasias, seus temas e dificilmente tinham temas negros, isto começou acontecer depois, quando começa todo esse processo, aí começa a aparecer rainhas com as fantasias ligadas a temas negros, antes não, antes era tudo dentro do padrão europeu. Não tinha assim... Era uns nomes fantasias, ah, e era aquela coisa...

Na ata nº 4/93 do rupo jovem faz-se referência “[...] a bela apresentação da representante do clube na festa do Broto Pelotas. Que é dever do grupo jovem escolher a representante do clube na Feira das nações”⁴⁹, indicando ser a figura feminina um elo mediador com a sociedade envolvente, a partir da aparência e comportamento de uma titulada, processava-se uma representação do clube para fora das suas fronteiras, não só no sentido político, mas principalmente simbólico. As tituladas (rainhas, duquesinha, princesa...) deviam exprimir valores e atributos intensamente valorizados para a comunidade ficahiana, repassando para outros segmentos sociais o quanto haviam atingido o grau de “negros elevados”.

Pesquisadora: **E qual era a função da rainha dentro do clube?** O que a rainha tinha que fazer? Tinha alguma atividade social pela qual a rainha era responsável?

Helenira: **Representar o Clube Fica Ahi, de negros, perante a sociedade não-negra.** Não só no clube, em todas as festas, qualquer festividade que tinha, tinha que estar presente a rainha. E representar o clube, principalmente, na época de carnaval, que tinha a visitação nos clubes, era uma das funções. Só que até o meu tempo, até a minha... – quem passou pra mim (o título de rainha) foi a Zenaide, que hoje é médica, ela trata de idosos – até a Zenaide, a visitação era da rainha nos clubes (grifo meu).

⁴⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 4/93. Folha 03 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).



Figura 4: conjunto de debutantes do Fica Ahi, com a coroação da rainha; datada da década de 1950 ou 1960. Fonte: Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

Esta concepção de que a rainha e sua corte eram um desdobramento da diretoria não apenas um título que conferia status, implicava em um cuidado muito grande para a sua escolha e também uma tendência ao favorecimento de quem estava mais próximo da presidência, em termos de parentesco ou amizade. Pelo visto, vários critérios eram levados em consideração para a sua escolha: comportamento individual, pertencimento familiar, efetiva disponibilidade para os compromissos sociais do cargo, etc. O próprio convite, nesta época, implicava em grande formalidade e cuidados, como observa-se nas falas de Helenira e Maria Helena:

Helenira: [...] me lembro da noite que o seu Carlitos e a Dona Noemi foram na minha casa me convidar, dizendo que das debutantes, eu tinha sido escolhida rainha. Então tinha uma visita formal, que meu pai esperou, e minha mãe, com salgadinho, bolo, guaraná, sabendo que eles vinham pra fazer o convite, mas não tinham me contado. Mas sabe, aquela hora assim: “vem o presidente e a esposa...” – porque eu chamava Dona Noemi, mas era assim, era “o presidente e a esposa”, a mulher era a esposa – como é que eu ia dizer que não, né? “Ah, tá, aceito!”, não tinha como dizer não. Eles não me avisaram, mas eles sabiam... Me avisaram que eu tinha que estar arrumada que ia vir o presidente do clube que ia vim pra conversar comigo. Eu fiquei desconfiada, mas até então não sabia o que era.

Maria Helena: Bom, assim, o que eu sei quando a Simone foi convidada [para duquesinha], era o presidente e o diretor social [que escolhiam], porque o que que dizem: é cargo de confiança do presidente. Tanto que em 95 o que eu

fiz? Peguei a Simone [filha] e botei de rainha. Eu era presidente, entende? Cargo de confiança, até porque o que acontece? A gente precisa ter um cuidado muito grande em função das famílias aceitarem todos os compromissos, porque daí tem uma série de... Visitar tal clube, tem uma festa tal, tem que participar, então a gente tem que ter alguém que tenha disponibilidade pra isso. E naquela época o Fica Aí tinha a Rainha do Clube e a Rainha da Primavera, eram duas rainhas...

Se para uma mulher negra participar do Fica Ahi era algo que lhe dignificava perante a comunidade negra e não negra, isso tinha um preço. E este era o de não se misturar junto aos espaços considerados inadequados para mulheres e moças “de família”.

Helenira: Quando a minha irmã disse que queria sair numa escola de samba, o meu pai enlouqueceu, né: **“não criei filha pra botar em escola de samba. Teu lugar é no clube”**. E pra acompanhar os ensaios da Academia também: “não é pra sair no meio da rua!” (grifo meu).

Isso não significava, porém, que não havia espaços de protagonismo feminino dentro do Fica Ahi. Conforme já exposto no capítulo anterior, em relação à construção da sede, Dona Celestina relata a existência de uma diretoria de mulheres e de grupos de senhoras que coordenavam, por sua vez, as jovens na organização de quermesses a fim de angariar fundos para a construção da sede própria. Esse espírito de coletividade, segundo ela (assim como outras ficahianas), era levado para outros aspectos da vida, como, por exemplo, os estudos, que eram muito estimulados tanto no clube como por outras organizações negras da cidade.

Dona Celestina Pinto: Depois quando nós fomos para sede nova aí tinha o grupo de amigas, né?! Então a gente idealizava as coisas: “ah, o clube está precisando de cortina, então o que nós vamos fazer? Vamos fazer uma quermesse ou um baile de São João”. Então, a gente inventava aquela coisa toda e ia fantasiada e conseguia prêmios, a caipira mais gozada... Fazia aquilo tudo ali. Bom, aí ia ajeitando mais o clube. Foi feita a sede, muita coisa o Fica Ahi ganhou, é claro, de uma hora pra outra... Aí a gente fazia muita, muita coisa com amor lá dentro. Então esse grupo de moças, nestas alturas, então nós estávamos tudo estudando, tirando o normal então era assim: uma entrava pro ginásio, então vamos fazer exame de admissão, então vamos fazer. Aí juntava quatro, cinco das colegas: o que tu vais fazer? Assim, tudo com amizade, né?!



Figura 5: Diretoria feminina do Fica Ahi da década de 1950, com seu grupo de “trabalhadoras”, que organizavam as quermesses para angariar fundos para a construção da sede própria. Fonte: Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

Embora não haja espaço para aprofundar a questão de gênero neste trabalho, cabe resgatar que o período aqui estudado foi marcado pela primeira e única presidência feminina à frente do clube. A partir da década de 1980, principalmente, muitas transformações começam a acontecer, demandava-se repensar relações em vários sentidos dentro do Fica Ahi.

Já foi indicado na trajetória de Maria Helena que ela, quando assumiu a presidência, o fez em um contexto conflituoso, pois parte do clube almejava outro nome para o cargo. No entanto, aliado a isso, Maria Helena atribui as dificuldades enfrentadas na gestão ao fato de ser mulher e viúva, algo muito incomum para os padrões tradicionais do clube:

Maria Helena: [...] um dia o Darci Marques perguntou pra mim: **“como é que a senhora vai se apresentar num clube social sem um par?”** Eu disse: “eu não preciso de par, sou eu a presidente, sou eu que vou... Se o meu filho puder me acompanhar – nessas alturas o Daniel tinha 16, 17 anos – ele vai aparecer numa foto aqui, senão nós temos o casal vice-presidente e temos uma diretoria muito grande que pode ser representada, mas eu não tenho medo”. E mais que uma vez, assim, eu sofri represálias que eu nunca imaginava. Eu bati um dia na mesa que levantou as coisas, e ele disse: “eu pensei que ela ia me bater”. Porque eu disse: “olha aqui oh, quem manda aqui sou eu, ou vocês pegam e não falam nada e vão embora ou então me

deixem trabalhar”. Bem assim foi, a coisa, assim, foi violenta bem nesse início (grifo meu).

O fato de ter que se impor com firmeza perante uma série de adversidades e não ter um companheiro homem que avalizasse seus posicionamentos, segundo Maria Helena, fez com que alguns associados a descaracterizassem como uma mulher, pois enxergavam esses atributos de liderança e enfrentamento como sendo apenas masculinos.

Maria Helena: [...] tinha até um, casado com uma amiga nossa, que dizia assim, a menina, a esposa dele que era nossa conhecida e conhecida da mãe, e que ele dizia assim: “barbaridade, **a Maria Helena parece um homem...**” (risos). Tu vê o que que era naquela época, 93. Hoje, se ele fosse me dizer isso, eu ia dizer: eu não aceito, **eu sou mulher, eu não ajo como homem, eu ajo como uma mulher que tá procurando acertar as coisas.** Porque parecia, ao dizer isso, que só os homens teriam força e as mulheres não, eu não aceitava isso... (grifo meu)

Em uma passagem ou outra das atas de reunião do grupo jovem, observa-se esses tensionamentos relacionados à mudança nos papéis de gênero. Na ata nº 5/93, por exemplo, há uma reclamação de que um dos integrantes homens estava fazendo “deboches e brincadeiras sem graça” em relação à representante do clube na festa do Broto Pelotas, o que estaria trazendo “desunião”⁵⁰. Não deixa de ser interessante haver mulheres que reclamavam do comportamento dos homens em uma reunião formal e registravam isso em ata, sendo que o espaço era sempre comandado por estes últimos.

3.3 As atividades do grupo jovem

Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo jovem, destacam-se: a edição de um informativo denominado “Chegou!!”; excursões, bailes, cafés coloniais, atividades de rotina para ajudar na arrumação da sede para eventos; “desfile dos clubes sociais”⁵¹; desfile da ala do Fica Ahi na Academia do Samba; torneios de futebol e voleibol; organização de rifas para arrecadação de recursos (geralmente destinados às excursões); “Apresentação na festa do mar no Cassino”⁵²; jantares de confraternização entre o grupo e a diretoria; práticas de amigo oculto que ocorriam

⁵⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 5/93. Folha 04 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁵¹ CALENDÁRIO DE FEVEREIRO À JUNHO – 1995. Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁵² Idem rodapé anterior.

não só no final de ano, mas também na Páscoa; confraternizações comuns para os aniversariantes de um mesmo mês; “casamento na roça”, no dia de São João. Em meados de 1994, o grupo passou a assumir as “domingueiras”, reuniões musicais aos domingos à tarde, realizadas ocasionalmente e geralmente com som mecânico. As atas do grupo jovem refletem um espaço cheio de atividades e com setores bem definidos para organizá-las, o que é confirmado pela presidente da gestão.

Maria Helena: [...] aí a gente fez grupo de dança, grupo de jovens, a gente se apresentou... Viajava com os grupos, com o grupo de jovens... A gente tinha um grupo de jovens eu acho que de 30 e poucos jovens, saíram uns dois, 3, 4 casamentos da turma jovem. E o pessoal ia lá e deixava a turma lá e depois os pais: “Maria Helena, tu vai tá no clube?” Sempre no clube, durante esse período de 93 a 95, todos os dias, a partir da 1:30 eu chegava no clube e saía de lá 7:30, 8:00 todos os dias. Tinha dia que tinha ginástica, tinha dança, aquela coisa da roupa branca lá, sei eu o que que é... Taekwondo, lá sei eu o que é aquilo... A gente tinha aquelas coisas tudo lá, a gente tinha tudo aquilo lá... E tinha um time de futebol masculino adulto, que saía por aí nos torneios que tinha, a gente tinha departamento esportivo, tinha tudo funcionando [...]

Chama-se a atenção de que o grupo jovem era responsável pela realização de várias atividades envolvendo crianças, como gincanas⁵³ e Boate Infantil de volta às aulas. Isso fica explícito em várias atas e também é ressaltado por Maria Helena na sua entrevista.

Maria Helena: [...] além do mais, tinha um dia que a gente fazia que era: “Traga seu filho pro clube”, que era a criançada pequena, que traziam o lanche de manhã e o grupo de jovens, cada um reunido em equipes, acompanhavam as crianças. Os pais chegavam lá na frente, normalmente sábado ou feriado, os pais chegavam lá na frente e deixavam o filho e só iam buscar à tardinha, então a gente foi conquistando sabe, a gente foi conquistando, conquistando...

Na ata 19/93, por exemplo, relativa à reunião realizada no dia 30 de outubro de 1993, Carlos Eduardo coloca que a Sra. Maria Elena solicitou “a ajuda do grupo para o bingo, pois o mesmo já tem experiência”⁵⁴. A amplitude das atividades realizadas está exposta em várias atas. Trazendo a passagem de uma delas para exemplificar, na reunião de 15 de abril de 1994 constava:

Sobre o **baile dos anos 60** o se realizar no dia vinte e sete de maio, o grupo deve se apresentar com trajes típicos da época, o salão vai ser decorado com balões, faixas, bonecos, o grupo deve colaborar c/ arranjos. O coordenador do grupo sugeriu fazer um **piquenique** no dia vinte e três do corrente mês. O grupo recusou e acham que deve sair um **churrasco** no dia vinte um de abril, então todos devem trazer dia dezenove de abril mil e quinhentos cruzeiros

⁵³ Alguns documentos indicam que, pelo menos nesta gestão, por ocasião do Dia da Criança, realizava-se uma grande Gincana com as crianças que eram dependentes dos/as associados/as do clube.

⁵⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 19/93. Folha 16 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

peais para o churrasco. Dia dezesseis **jogo de vôlei** às dezesseis horas e trinta minutos (grifo meu)⁵⁵.

Mesmo que o piquenique sugerido tenha sido trocado por um churrasco no interior do clube, a passagem acima dá uma ideia de que as atividades realizadas fora do espaço do clube eram bem diversas. Importante destacar que os jantares envolvendo o grupo eram praticamente semanais, e ocorriam não apenas na sede do clube, mas também na residência de um ou outro dos integrantes do grupo jovem, apontando para a persistência do caráter familiar do Clube.

A família, tomada enquanto um valor, é tida como uma referência inclusive quando ela está, de fato, ausente. Este foi o caso de um Baile de Debutantes, em que a moça, sem par para dançar, contou com a solidariedade de um de seus colegas do grupo, como ficou registrado em ata de uma reunião ocorrida em outubro de 1994:

Em seguida, D. Maria Helena comenta sobre um momento especial ocorrido durante o baile de debutante, em que uma das meninas se encontrando sem um par para a valsa dos pais teve o nosso colega Rafael como par e foi aplaudido a sua atitude⁵⁶.

Ao que tudo indica, o grupo era também convidado a participar de eventos gerais da cidade como, por exemplo, o Festival da Primavera:

Carlos fala sobre o 3º festival da Primavera que acontecerá no dia onze de setembro e ainda perguntou se o grupo pode ajudar no festival. E que o grupo foi colocado a participar na organização musical, e perguntou se alguém do grupo se dispõe a apresentar-se no festival, e haverá no festival várias apresentações, capoeira, grupos de dança de colégios, clubes coirmãos e demais convidados de outros lugares⁵⁷.

Todas essas atividades tinham por objetivo inserir os jovens no mercado profissional, o que também era tema de debate. Em reunião do dia 22 de abril, “A Sra. Glaci falou que o Edson Molina dará curso de manequim e modelo, interessados deixar o nome com a secretária Sandra”⁵⁸. Chama a atenção o tipo de inserção profissional que estava se estimulando. Não dizia respeito apenas ao estudo convencional, mas a uma atividade – manequim e modelo – sensível aos segmentos negros, haja visto que lidava com a aparência física.

⁵⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 39/94. Folha 31 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁵⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 65/94. Folha 3 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁵⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 51/94. Folha 42 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁵⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 40/94. Folha 31 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

As excursões eram atividades recorrentes no grupo jovem, e por vezes, motivo de polêmicas. No informativo de número 02, relata-se que havia ocorrido uma excursão para um evento chamado Samba Sul, em Porto Alegre: “Estava cheio, mais de 20 mil pessoas. Os fichianos não ficaram atrás, teve direito a: GRITOS, BALÉ AFRO, SUOR E CERVEJA. Podem esperar em breve terá MAIS”⁵⁹. Na ata nº18/93⁶⁰, de uma reunião do grupo jovem que aconteceu em 27 de outubro de 1993, Carlos Eduardo comenta sobre a excursão que fizeram para o Samba Sul, e faz ponderações sobre a relação do grupo jovem com o clube:

Carlos Eduardo colocou os informes: Samba Sul, ainda colocou que estava muito bom, e que ele acha que esta viagem serviu para unir o grupo, que a gente se divertiu, mas teria se divertido muito mais se estivesse todo o grupo, pois temos trabalhado ultimamente só para o clube e que isto está nos desgastando demais, então que devemos fazer mais atividades só para o grupo.

As excursões tinham várias cidades como destino, Rio Grande, Gramado, Porto Alegre, etc. Em fevereiro de 1994, por exemplo, discutia-se a organização de excursão para a Festa da Uva em Caxias do Sul⁶¹. Em abril de 1994, o presidente do grupo “[...] sugere fazer uma excursão para Porto Alegre no lançamento do disco dos conjuntos do sul”⁶².

Na reunião realizada no dia 09 de outubro de 1993, a organização de uma excursão tomou um tempo considerável do grupo, a contar pela ata nº14/93. Um dos motivos da polêmica era a abertura da excursão para pessoas externas ao quadro de sócios. Inicia com um dos membros do grupo questionando o seu coordenador sobre a venda do seu lugar na excursão.

Carlos Eduardo explicou que o prazo para pagar a metade era até o dia cinco de outubro do corrente ano e este foi estendido até o dia oito de outubro do corrente. E que ele encontrou a Tamara, e esta disse que se tivesse alguém para comprar podia vender o lugar do Júlio que esta não estava a fim de ir. A Simone colocou que a preferência tinha que ser para o grupo [...]. A sra. Marielena perguntou quantas pessoas do grupo jovem vão? Que teria que ter

⁵⁹ As palavras em maiúsculo assim constam no Informativo, produto de montagem de palavras recortadas de revistas e jornais, de forma que adquirem destaque na publicação. CHEGOU! II INFORMATIVO GRUPO JOVEM. Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995). FA644.

⁶⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 18/93. Folha 15 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁶¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 31/94. Folha 26 (verso) e 27 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁶² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 38/94. Folha 30 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

no mínimo cinqüenta por cento de integrantes, afim que não perca a caracterização do grupo⁶³.

Nesta altura da reunião, é perceptível como valores tradicionais do Clube, como “família”, são acionados para dar direcionamento às atividades do Grupo Jovem. Nesse sentido, a Sra. Marielena, membro da diretoria presente, orienta a “cobrir” os custos financeiros dos membros que não possuem recursos, usando os seguintes argumentos:

A Sra. Marielena pergunta se o grupo não teria dinheiro em caixa para pagar esta passagem, da pessoa que não tinha o dinheiro na hora. E que é uma característica do grupo jovem cobrir para uma pessoa que não tem, pois a gente é uma família e devemos nos ajudar. A gente tinha que fazer um recibo, com uma data para a pessoa pagar, e se está não pagasse se recorrerá à família deste.

Os informativos do grupo jovem disponíveis no acervo do Clube dão a entender que eram publicados mensalmente. Entretanto, não é possível identificar o ano, constando apenas o mês. Eram feitos de maneira artesanal, datilografado e xerocado, com palavras de destaque, retiradas de revistas e jornais, arranjados na forma de montagem, dando um ar inovador à publicação. No acervo consta ainda alguns exemplares xerocados e algumas montagens originais. Além de informar as atividades realizadas pelo grupo jovem no mês, o informativo trazia uma coluna de “Fofocas”.

As “fofocas” publicadas no Informativo eram indiretas, não identificavam as pessoas a quem se dirigiam, mas dão a entender que eram dirigidas a personagens do meio social do grupo jovem ou do clube. Várias eram direcionadas, em tom de brincadeira e ironia, à “pegação” que haveria durante passeios, excursões, etc., ou seja, quem “ficava” com quem. Outras a comportamentos reprováveis, como por exemplo, fazer uso do telefone do clube, em telefonemas alongados, para tratar de assuntos pessoais.

As relações afetivas mais intensas entre este/a e aquele/a membro do grupo jovem também pode ter sido motivo de tensões entre o próprio grupo e a ala mais conservadora do clube, que concebia a convivência nesse espaço a partir de preceitos morais mais tradicionais. Em reunião ocorrida no dia 08 de julho de 1994, o coordenador do grupo questionou a presidente do clube sobre comentários negativos que ela teria feito sobre a sua gestão, e parte da resposta que obteve refere-se a isso:

⁶³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 14/93. Folha 11 (verso) 12 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Ela diz que o grupo deve estar sempre unido, e pergunta se os pais dos componentes estão sabendo sobre as relações amorosas do mesmo? Todos sabem que não devesse esconder o que se faz, se não está errado. Pois se divertir é uma coisa se tornar vulgar é outra. Carlos Eduardo por ser coordenador deve ter uma preocupação maior. A mesma diz também que o grupo e de trinta e cinco cabeça em formação[...] Fala também que os namoros e as “ficadas” com componentes do grupo é melhor do que com um estranho. S^a Maria Helena diz que todos sabem muito bem seus limites sem necessidade que ela esteja nos vigiando⁶⁴.

A resposta de Carlos Eduardo evidencia um conflito de gerações sobre padrões morais, afirmando que “[...] a questão dos namoros do grupo o problema está em algumas mães que não demonstram confiar nos filhos [...]”⁶⁵.

Outras atividades, além das relatadas, assumiam um caráter central na mobilização do grupo jovem, e são reveladoras do turbilhão de mudanças que se vivia no período. Por isso, serão apresentadas em subtítulos específicos, na sequência deste capítulo e no que o segue.

3.4 O espaço da quadra de esportes

Em reunião do grupo jovem do dia 05 de outubro de 1993, Carlos Eduardo Trindade propõe ao grupo aplicar o dinheiro de um bingo que havia sido feito na restauração da quadra de esportes, a fim de que o dinheiro não desvalorizasse⁶⁶. Em votação, o grupo concorda com a aplicação planejada para o dinheiro. O grupo, então, decide sobre as cores da quadra: branco, azul e preto. Na sequência, deliberam que seria convocado para o dia 09 do mesmo mês e ano um mutirão para a sua limpeza. Segundo a ata n^o14/93⁶⁷, que registra a reunião realizada no dia 09 de outubro de 1993, a convocação para a atividade de limpeza da quadra de futebol mobilizou apenas alguns integrantes, tendo o acompanhamento de Regina Goulart Nogueira e a Sra. Marielena.

Em 3 de março de 1994, o tema da quadra voltava à pauta do grupo, referindo-se a uma rifa para levantar fundos para restaurá-la. Nesta reunião, discute-se sobre a programação do grupo para o ano, destacando-se as atividades esportivas:

⁶⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata n^o 52/94. Folha 43 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁶⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata n^o 52/94. Folha 44 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁶⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata n^o 13/93. Folha 10 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁶⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata n^o 14/93. Folha 11 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

[...] Para montar o calendário foi sugerido *campeonatos de vôlei *futebol *vôlei misto e duplas *basquete *handebol * boates *excursões *passeios ciclísticos *atividades com crianças. A Sra. Maria Helena disse q em relação aos esportes o departamento do mesmo quer começar alguma atividade, mas p/ isso precisamos limpar (ou contratar) a quadra, colocou ainda q a APESPEL quer uma reunião c/ todos os departamentos de esportes para agilizar alguma coisa. Joseana anotou em anexo o nome das equipes⁶⁸.

Marielda, que fez parte da gestão que antecedeu a de 1993-1995, relata que a parte esportiva do clube era muito forte. Ela foi Rainha do Esporte em algum ano da década de 1980 que não soube precisar, título do qual se tomou conhecimento apenas a partir de sua entrevista.

Marielda: Tá, eu fui Rainha do Esporte num período que o Clube tinha um grupo também esportivo, que também pegava uma gurizada que também atuava tanto na dança, no teatro, enfim. E tinha um grupo de futebol até bem forte, eles participavam de campeonatos na cidade, enfim né, e teve um ano que eu fui escolhida a Rainha do Esporte no Clube, lembro também...

Segundo Marielda, o time do Fica Ahi participava tanto de campeonatos municipais como regionais, mas não eram exclusivamente de times negros, como teria ocorrido décadas passadas, em que a única alternativa de participação dos negros nos campeonatos de futebol era por meio de ligas de esportes específicas de times negros, como foi o caso da Liga da Canela Preta, formada entre 1910 e 1915 em Porto Alegre (SANTOS, 2018). Segundo Balzano et. al. (2018), em Pelotas formou-se a liga de futebol José do Patrocínio e em Rio Grande, a Liga Rio Branco, mas não precisam a data em que teria ocorrido e afirmam que não teria tido tanto reconhecimento quanto a primeira.

Dilermando também nos possibilita visualizar a importância do futebol na inserção social dos ficharianos na região:

Dilermando: Pra ti ter uma ideia, aqui nós tínhamos futebol. Nós tínhamos o Fica Ahi e nós tínhamos o campeonato da cidade de futebol de sete de salão, e tinha o futebol que a gente chama da colônia. E o clube participava, eu jogava, eu nunca gostei de futebol nem de futsal, mas eu participava e eu jogava no time de onze, futebol de campo. A gente ia tudo pago, com comida, a gente viajava pra ir jogar com tudo pago e ônibus pago, a gente não pagava nada. O futebol que era aqui na praia, Praia Set que se chamava na época, tinha o Campeonato Praia Set todos os verões, que lotava, a cidade ia toda pra lá assistir, quem gostava de futebol. E ele, a gente já saía, o fardamento na época era como é esses, essa empresa de elite que faz o fardamento, era tudo comprado deles. Do Fica Ahi eram os melhores jogadores naquele período.

⁶⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 34/94. Folha 28 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Daniel Amaro também recorda que quando a família se associou no clube, ele tinha cinco anos de idade, e ele participava dos campeonatos infantis.

[...], por exemplo, antigamente os clubes eles tinham muito forte em todos os clubes sociais era o campeonato de futebol, com várias modalidades, **fraldinha que era o meu caso**, que eu tinha 5 anos, ali tinha **o mirim**, tinha **o adulto e o juvenil**, enfim... (grifo meu).

A questão da quadra de esportes é um assunto delicado, pois muita gente refere ter se retirado do quadro de associados porque, em uma gestão posterior a de 1993-1995, o terreno da quadra foi vendido, quando muitos sócios esperavam que nele houvesse uma ampliação dos espaços de lazer do Clube. Era um terreno que se localizava na frente da atual sede do Clube, onde atualmente estão construídos prédios residenciais:

Marielda: Agora tem coisas assim, por exemplo, que eu vivi, até vivi com o meu pai e com a minha mãe. Tinha aquele terreno que eles acabaram vendendo em função de uma, segundo o [...] de uma dívida trabalhista. Mas, por exemplo, assim oh, muita gente se afastou do clube por conta disso, assim, por que foi muita gente que apostou que o clube teria ali uma área de piscina, entendeu? E depois assim oh, o meu pai pagou um xis para ter o, como a gente diz, o título dali, daquela área. E aí, assim, nunca construíram nada, só abriram aquele buraco que ia ser construído e depois não teve nada, venderam o terreno e nunca chamaram essas pessoas para dar um retorno: “olha gente, foi necessário, enfim”.

Maritza e Dilermando referem-se a um episódio que teria ocorrido bem antes da gestão de 1993-1995, na década de 1980, como um deflagrador do abandono do Fica Ahi por parte de várias pessoas que viriam a formar os quadros do Movimento Negro Pelotense. Na época, um rapaz bem jovem se candidatou à presidência do clube e teria ocorrido uma forte movimentação da ala mais “antiga” para que ele não viesse a ser eleito. Essa ala jovem, que queria assumir a direção do clube, tinha inclusive estabelecido parcerias com empresas como Coca-Cola, o que ajudaria na manutenção das despesas cotidianas do clube, mas gerou uma forte reação, porque foi entendido como uma força externa buscando dar direção à entidade.

Esse apoio de empresas visava a construção de uma área poliesportiva bem equipada, com piscina, salão de festas, etc., na área que posteriormente foi vendida. Seria uma espécie de “ginásio” ou “sede campestre”. A ideia era equiparar o Fica Ahi com clubes como o Gonzaga e o Brilhante, que já tinham piscina que os jovens negros eram barrados de usar. Esta ideia de ter empresas financiando atividades do clube teria retornado na gestão 1993-1995, da qual inicialmente Maritza fez parte. Segundo

ela, uma cervejaria teria oferecido financiamento em troca de se colocar propaganda dentro do clube, o que não teria sido aceito por uma ala mais conservadora.

3.5 O carnaval

Como foi visto no primeiro capítulo, os clubes negros de Pelotas surgiram como cordões carnavalescos que posteriormente foram institucionalizados. Segundo Loner e Gill (2009, p. 155), até a década de 1930 os cordões carnavalescos negros dominavam a cena do carnaval de rua em Pelotas. No final desta década, ocorreu um episódio em que homens brancos invadiram um desfile do cordão Chove Não Molha e assediaram publicamente as mulheres que o compunham, sendo revidados pelos homens negros que buscaram defendê-las, gerando uma pancadaria generalizada (LONER, GILL, 2009, p. 156-157). Segundo as autoras,

[...] todos os temores da comunidade negra estavam presentes no episódio: a tentativa de abuso de suas mulheres, a irritação dos “poderosos” com a reação dos homens negros e a intervenção armada para restaurar a “ordem” e recolocar os negros em seu “devido lugar”. [...] não havia, para estes clubes, motivo para seus desfiles de rua e eles se refugiaram dentro de suas sedes, mantendo atividades apenas nos salões. (p. 158).



Figura 6: cortejo do cordão carnavalesco do Fica Ahi no carnaval de rua de Pelotas; datação entre décadas de 1930 – 1950. Fonte: Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense.

Para persistir com alguma relação com a rua, os ficahianos criaram a Escola Carnavalesca Academia do Samba em 1949, uma das escolhas de samba mais antigas do estado em atividade, que posteriormente tornou-se uma entidade independente, desvinculando-se da sede do clube. O Sr. Valdir Ferreira, octogenário, ex-sócio e antigo carnavalesco de Pelotas, nos conta um pouco dessa criação da Academia.

Valdir Ferreira: A Academia ela foi fundada por... Só por sócios, desfilava só sócios, desfilava. Numa época que a Academia não era uma escola de uma dimensão, assim, pra desfilarmos, assim, em passarela. Era um pequeno grupo desfilando em cima da calçada. Era só composto de associados, era uma burocracia pra gente se integrar no desfile da Academia, um monte de exigência, tinha que ser sócio ou filho de sócio, né?! Depois se tornou popular... Abriu...

[...] As fantasias toda azul e branco. Eles usavam muito turbante. Blusa e calça de cetim, se usava muito cetim no carnaval. São detalhes que eu me lembro do Fica Ahi.

Mesmo após se desmembrarem em organizações distintas, ser ficahiano e ser “Acadêmico” durante muito tempo foi visto como algo indissociável. Na ata 79/95 do grupo jovem, relativa à reunião de 20 de fevereiro daquele ano, comunicava-se que a presidente do clube solicitava os nomes dos integrantes que iriam sair na escola Academia do Samba no dia 26 daquele mesmo mês⁶⁹. Maria Helena, ao nos explicar no que consistiam os compromissos de carnaval no período em que foi presidente, relata que o quesito “ser da Academia” lhe foi intensamente cobrado quando assumiu a diretoria:

Maria Helena: Baile interno do clube, a visita aos outros clubes sociais né, tá! Por causa daqueles bailes de carnaval, e também as festividades, chegam os convites como chegam até hoje pra que participe. Porque os clubes são filiados a uma associação, a APESPEL, então daí gira essa relação de convites. E claro, por exemplo, de acordo com os temas, **mais que uma vez nós saímos na Academia [do Samba], em função de representar o Fica Ahi**, eles até riem muito de mim, porque eu não sou da Academia... Bom, em primeiro lugar, também surgiu, agora eu lembrei, dois comentários fortíssimos que surgiram: “como é que a Maria Helena vai ser presidente do Fica Aí, se ela é Telles?” Uma situação...

Rosane: A Telles pelo seu pai aí?

Maria Helena: É, meu pai era da Telles, era do... E porque era bairro aqui de baixo, da vila, vivia nos ensaios da Telles, então: “mas se ela é Telles...”. Bom, não tem nada que ver uma coisa com a outra... Depois uma outra coisa que diziam, um dos conselheiros, foi com um que eu briguei mais severamente também, é que eu só me dava com branco e eu só ia levar branco pra dentro do Fica Ahi... (grifo meu)

⁶⁹LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 79/95. Folha 17 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Helenira também relata que até mesmo assistir a um ensaio de outra escola de samba era visto como “traição” por parte dos ficahianos.

Helenira: [...] E eu me lembro que uma vez a gente foi num ensaio da Telles, porque a gente queria, queria que meu pai levasse a gente num ensaio da Telles, e meu pai não gostava – a gente só ia nos ensaios da Academia, dava uma olhadinha, uma passadinha e ia embora – e nós adoramos o ensaio da Telles. E meu pai enlouqueceu... Que nós estávamos virando casaca... Olha! Levamos uma bronca, uma bronca... Sei que ele nunca mais nos levou na Telles [...]

Para além desta relação específica com a Academia, os bailes de carnaval assumiam posição central na programação do clube. Os interlocutores, que circularam intensamente pelo clube entre as décadas de 1970 e 1990, trazem os bailes de carnaval como o ápice de sua programação. Talvez apenas o baile anual de debutantes tivesse um prestígio tão grande. Mas o que chama a atenção do baile de carnaval é que, mesmo que fosse restrito aos sócios, relata-se que o baile sempre terminava na rua, marcando um momento de abertura do espaço do clube para o ambiente externo, mesmo que ainda marcado pelo controle.

Marielda: Mais assim oh... Não o Clube fazia os bailes de carnaval independente, independente... No finalzinho da década de 80, ali que eu acho que começou a surgir essa coisa dos clubes também desfilarem com [outros] clubes, enfim né. É que o clube também começou, e assim mesmo com uma participação muito pequena, porque eu acho que foi uns três, quatro carnavais naquela sequência que o clube acabou saindo para a rua. Enfim, mas faziam seus bailes independente sim e vou dizer assim oh, eram bailes muito bons. O último baile que eu fui no Fica Ahi de Carnaval, eu fiquei até o final, eu disse para as gurias: “que tristeza, porque bah! Não era, não parecia que a gente estava naquele mesmo espaço que a gente viveu antes”, enfim. Porque eram muito bons os bailes do Fica Ahi, assim oh, final do baile todo mundo descia as escadas e ia sambar ali na rua, porque descia, a banda que eles contratavam para fazer o baile de carnaval saía ali pra rua a gente transitava na quadra enfim. E era muita gente, muita gente.

Marielda fala de dois momentos, embora invertidos em termos cronológicos na sua fala: tradicionalmente o Fica Ahi fazia bailes apenas internos em que ao final desciam para a rua e faziam um cortejo dando uma volta na quadra e retornando ao salão. Porém, ao final da década de 1980, segundo ela e outros/as interlocutores/as, o clube passou a desfilarem formalmente no carnaval de rua, em um dia específico direcionado para os blocos dos clubes.

Dilermando e Maritza atribuem o término das descidas para a rua, após o baile, às queixas do hospital Beneficência, localizado nas imediações. Mas recordam com saudosismo o que consideram uma das experiências mais gratificantes dentro do Fica Ahi.

Maritza: Uma efervescência, o Fica Ahi tinha o baile da segunda-feira, depois... Aí, na segunda-feira de carnaval, depois, o primeiro baile era dos adultos, depois, na terça-feira o baile infantil, o primeiro baile infantil, depois tinha o sábado... Eram três bailes adultos e dois infantis. Era, o primeiro baile era na segunda...

São comuns relatos de que integrantes do Fica Ahi que haviam mudado de cidade buscavam planejar suas férias para o período do carnaval, para no retorno à cidade usufruírem da programação do Clube. E obviamente, essa paixão pelo carnaval ficahiano refletia os próprios vínculos que as pessoas tinham com o clube na época.

Maria José: [...] acho que era o melhor baile da cidade, o baile daqui do Clube, pena que acabou e assim tinha a corte da Rainha, da Duquesinha, que iam nos outros clubes... [...] vinham aqui os outros clubes, adoravam vir aqui. Porque era baile mesmo, mais eram bailes maravilhosos, assim, muito bom mesmo. Que a gente ficava, eu estava dizendo para as gurias a gente ficava até de manhã aqui dançando, porque eram três bailes adultos e dois infantis, e aquela banda muito boa, eles contratavam uma banda para tocar, era música ao vivo, era muito bom.

Retomando o período em que os ficahianos saiam do espaço do clube para se misturar à rua, segundo Dilermando, não se desconstituíam, apesar disso, as práticas de distinção por meio das quais buscava-se diferenciar dos demais segmentos negros da cidade.

Dilermando: [...] o Fica Ahi era um clube de elite negra. Tanto é que eu sempre fui do carnaval desde os meus 13 anos, e anterior às escolas de samba... [...] E aí eu participava dos grupos que tem hoje de, como é que se diz? Os blocos. Só que se reunia todo mundo e no Fica Ahi a gente não entrava, a gente só ia até a porta. A gente ia tocando, tocando, quando chegava ali, a negrada da elite ia sambado, tudo, mas quando chegava ali os negros, os pobres mesmos, que era eu, no caso, não entrava. Porque era uma elite negra, até a gente dizia na cidade: “os negros, sim senhor”. Porque isso já vem das... Eram os “negros, sim senhor”.

Mantinha-se hierarquias de classe. Entretanto, as na questão de gênero, especialmente entre as mulheres, o carnaval era a oportunidade de fugir um pouco dos padrões instituídos.

Dilermando: Música de carnaval, marchinhas de carnaval, era marchinhas de carnaval direto, assim, era uma banda tocando marcha de carnaval. E o pessoal caía no samba a noite toda, era muito... Se preparavam, as mulheres se arrumavam com fantasias. **Era o momento também das meninas ir muito à vontade, que nos bailes não se podia ir**, então era um momento, assim, das mulheres ir muito à vontade nos bailes... (grifo meu).

O envolvimento do grupo jovem da gestão 1993-1995 com o carnaval pode ser acompanhado nas atas das reuniões realizadas no verão de 1994. Em reunião de 24 de janeiro deste ano, uma das integrantes afirmava que...

[...] está muito em cima p/ fazer um grito de carnaval, que é melhor fazer o enterro dos ossos, e trazer o Pagode do Dorinho no dia vinte seis de fevereiro. Carlos falou que podíamos fazer um concurso de fantasias interna, nas categorias luxo, originalidade e melhor bloco, e o julgamento seria feito por integrantes do grupo⁷⁰.

Ao que tudo indica, naquele ano a programação de carnaval do grupo foi integrada às festividades do clube, pelo que consta na ata da reunião realizada em 12 de fevereiro de 1994. Nesta ata, observa-se tensões em relação à autoridade sobre o grupo:

Carlos falou que a reunião foi convocada pela sra. Maria Helena. A Maritza falou que alguns já iniciaram o trabalho p/ a decoração do salão, e esta terá o tema da Deusa da Fortuna, que já que o grupo está grande podemos fazer um mutirão e temos que trazer tesouras, pincéis, estilete, lápis, caixa de papelão, temos que formar equipes para trabalhar e que todo o grupo tem q. vir, temos que enfeitar as salas também. A Sra. Maria Helena disse que a Maritza veio só para a decoração e que ela s/ autorização convocou a reunião, porque nós ã estamos de férias e temos q. fazer plantões, que como um grupo de jovem só iria ter a reunião após o carnaval. Carlos disse que ã ia forçar ninguém a vir que ele avisou. M^a Helena, disse que elas estão funcionando e como q. nós vamos parar? Que está saindo em todos os jornais que o grupo jovem está ajudando na decoração e temos que corresponder⁷¹.

Mesmo com um forte grau de cobrança, a presidente do clube, em reunião posterior, ocorrida em 19 de fevereiro, elogia o grupo pelo suporte dado no desfile carnavalesco dos clubes sociais durante o qual homens se envolveram no traslado dos carros alegóricos. Solicita-se a continuidade desta colaboração para o baile do próprio clube que estaria ocorrendo naquele mesmo dia à noite, para garantir a segurança de todos:

A Sra. Marielena pede a colaboração de todos p/ ter controle da situação é previsto uma saída do clube ao final do baile para a rua até a D. Pedro II, assunto sigiloso p/ maior controle. Para o baile infantil ajudar animar junto às crianças. Foi solicitado a sala de honra aberta durante o baile, mas devido aos abusos ocorridos, a fantasia da Rainha foi colocada lá propositalmente⁷².

⁷⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 30/94. Folha 25 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 31/94. Folha 26 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 32/94. Folha 27 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Aqui faz-se referência a ocupar a sala de honra com fantasias para que ela não fosse ocupada para dar margem a comportamentos inadequados. Esta sala, que ficava no salão social superior, e que foi retirada por ocasião de uma reforma ocorrida no início dos anos 2000, era como o cartão postal do Clube. “Era uma sala com aqueles móveis antigos aquelas, cadeiras antigas”, afirma Maritza. Além disso, havia um piano, que os interlocutores não sabem dizer o que dele foi feito.

Maritza: [...] e tu entrava ali, ah, ali que tu queria namorar, **tu queria conversar mais de perto, nós íamos tudo para a sala de honra. Os pais já não nos enxergavam mais**, que a gente estava lá na sala de honra curtindo, íamos para a sacada do clube. Carnaval, então, nem se fala, todo mundo na sacada do clube, aquela coisa toda. Sala de honra era muito legal, depois eles terminaram, nem lembro em que ano foi que eles tiraram aquela sala que era para o salão. Perdeu, embora tenha ganho em tamanho, perdeu uma característica do clube que também tem, isso acho que os mais conservadores não queriam que tirasse, mas para aumentar o clube, tiraram a sala de honra, mas se perdeu. Hoje eu tenho consciência disso, se perdeu uma história ali, daquela sala ali, era muito legal. E ali, por exemplo, as debutantes se organizavam ali também, mas não para o dia, porque no dia subia a escada, então as debutantes ficavam ali, mas a sala de honra era muito legal. Porque tu chegava, tu estava nas festas, daqui um pouco tu estava louca para ir para sala de honra (grifo meu).

Tal como já foi apontado em relação aos critérios de associação, os quais eram relativizados por meio de vínculos pessoais, observa-se aqui estratégias para se burlar, por parte dos jovens, o controle que adultos buscavam exercer sobre eles.

Em relação às formas de brincar o carnaval, embora atualmente muitos ficahianos, especialmente da “velha guarda”, tenham vínculos orgânicos com a Academia, há um afastamento significativo entre as duas organizações. Não se observa também nas entrevistas e atas que o carnaval fosse mobilizado como uma forma de autoafirmação de uma identidade negra, mas sim como um momento de compartilhamento e convivência.

3.6 O clubes “co-irmãos”

No capítulo anterior, a partir de Silva (2016), cita-se que originalmente o clube Fica Ahi mantinha um intercâmbio com outros clubes negros da cidade e região. Não há clareza se seria qualquer clube negro ou apenas aqueles do perfil de classe do Fica Ahi. Loner e Gill (2009, p. 155), a partir das suas fontes, afirmam que havia um forte preconceito do Fica Ahi em relação às outras agremiações negras, tentando-se, inclusive, “[...] inibir a participação de seus associados nestas festas, punindo as sócias que os frequentassem”. Essa questão está intimamente relacionada às polêmicas sobre o caráter (ou não) de branqueamento do Fica Ahi. Por isso, a

preocupação em se observar como isso se colocava para o período estudado (final dos anos 1970 – década de 1990).

A participação do grupo jovem em atividades de clubes sociais “brancos” aparece em várias atas, como a referente à reunião do dia 08 de abril de 1994: “Foi sorteado 5 convites femininos e masculinos para a Escolha da Rainha das Piscinas no Diamantinos”.⁷³ Na reunião seguinte do grupo jovem, a presidente do clube agradecia a presença de alguns dos seus integrantes no evento do Diamantinos⁷⁴. Neste mesmo mês e ano, ao se falar da organização do Baile dos Anos 60, registrava-se na ata que haveria venda de mesas, o que significa que a atividade era aberta para não sócios, e que, “Carlos quer agilizar a divulgação para os outros clubes”, não ficando claro se tratava-se de clubes “brancos” ou também dos demais clubes negros da cidade. Em reunião posterior, ocorrida em 06 de maio de 1994, cita-se apenas os clubes de classe média tradicionalmente “brancos”:

Quelém informa que o grupo de jovens do Gonzaga quer um ofício para o Baile dos anos 60.

[...]

O grupo aceita mandar um ofício para o Gonzaga. **Eduardo alerta que são uma turma de anarquista. O grupo decide que se os convidados bagunçarem devem ser postos para a rua.** Será mandado ofício para Oásis⁷⁵ (grifo meu).

Pelo visto, esta festa mobilizou bastante as energias do grupo, pois na reunião seguinte o assunto voltava à pauta mais uma vez, com o coordenador Carlos Eduardo afirmando que “[...] vai enviar os convites para os clubes coirmãos sendo que o convite é para presidente e rainha, e o ofício para os grupos jovens e que eles devem vir vestidos tipicamente pois não vão pagar”. Mais uma vez não fica explícito se dentre os “clubes coirmãos” estariam incluídos os outros clubes negros da cidade. A preocupação em manter um caráter “ordeiro” nas atividades lúdicas do clube, mesmo as abertas para os não-sócios, manifesta-se na mesma reunião por parte da presidente Maria Helena, que alertou que “[...] a liberdade não pode virar anarquia”⁷⁶.

⁷³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 38/94. Folha 30 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 39/94. Folha 31 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 42/94. Folha 33 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 43/94. Folha 33 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Na reunião do dia 30 de maio, avaliava-se o Baile dos Anos 60, o qual, mesmo tendo mobilizado o grupo por um bom tempo, “não foi o mínimo que se esperava”, nas palavras do seu coordenador. A principal razão: o baile estava vazio e o que mais se ressentia era a ausência dos sócios do Fica Ahi, que “não foram prestigiar a festa”.

A Sra. M^a Helena perguntou como nós divulgamos para o sócio? Que o centro da festa éramos nós, mas tinha que chamar gente de fora. **E nas festas jovens trazer avós, pais, irmãos, pois as festas não são exatamente só para os jovens.** Quando nós somos donos da festa temos que trabalhar dobrado, ela só notou isto em alguns momentos. Se a festa fosse particular do grupo seria na boite com o som do Osvaldo. Com esta festa eles tiveram muitas despesas como o dos **convites que foram feitos duzentos só quatro vendidos**, poderia ter se dado só um recibo. Houve falta de entusiasmo e insistência para se vender (grifo meu)⁷⁷.

A polêmica em torno do resultado da festa não se deu apenas em razão do prejuízo, que teria sido de “cem mil cruzeiros reais”, mas como se observa, parece haver uma tensão entre a tradição do clube em promover festas familiares, em que todos os integrantes do grupo de parentesco participavam juntos, e uma nova modalidade de diversão que estava se implementando, direcionada exclusivamente para uma faixa etária – os jovens, no caso. Vem à tona ainda a ruptura com outra tradição do clube, a de fazer bailes apenas para associados, sem a venda de mesas e ingressos para público externo. Com o “fracasso” da festa, o grupo jovem parecia estar pagando o preço pelas rupturas que buscava implementar, pois afastava quem tradicionalmente participava do clube. Isso fica explícito ao se relatar em uma reunião posterior, do dia 10 de junho, que “[...] o clube recebeu uma carta de um sócio preocupado com a venda de convites na porta, ela diz que agora é necessário seguranças e antes não era [...]”⁷⁸. Apesar da polêmica, a partir de então a venda de convites tornou-se rotina nas “discotecas” do grupo jovem. Em reunião do dia 17 de junho de 1994, relatava-se o sucesso de um destes eventos ocorridos no dia 11 do corrente, em que o grupo havia vendido 58 convites⁷⁹, revertendo em parte o prejuízo que haviam tido com o Baile dos Anos 60.

⁷⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 46/94. Folha 35 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 48/94. Folha 39 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁷⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 49/94. Folha 40 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Outro fato interessante sobre este polêmico Baile dos Anos 60, é que “[...] os clubes coirmãos pediram os ofícios e não vieram”⁸⁰. Levando em consideração os dados das atas anteriores sobre o evento aqui expostos, parece que fica visível que os ditos coirmãos eram os clubes de classe média tradicionalmente “brancos” da cidade. Fica o questionamento sobre o porquê não quiseram prestigiar a festa da juventude ficahiana.

O Oásis Praia Clube aparece com mais frequência nas atas, como um espaço com o qual se mantinha certa reciprocidade no comparecimento às atividades lúdicas. Em reunião do dia 15 de julho de 1994, relatava-se um convite para participar, naquele de uma festa no Oásis⁸¹. Já na ata seguinte, o coordenador do grupo relatou a presença dele e de outras duas integrantes, cobrando uma maior participação do grupo neste tipo de evento realizado por meio de convite⁸².

Em reunião realizada em 12 de agosto de 1994, a necessidade de integração do grupo jovem do Fica Ahi com grupos de jovens de outros clubes, por meio de atividades como gincanas e festas conjuntas, foi um dos temas discutidos, mas mais uma vez não se fez menção se dentre estes clubes estariam os demais clubes negros da cidade. Relatou-se, inclusive, que “[...] o grupo jovem do clube Cruzeiro fez-se presente no Clube Fica Ahi procurando buscar uma maior integração com o nosso grupo e para convidar-nos à participar de sua domingueira”⁸³.

A articulação com os grupos jovens dos demais clubes efetivamente ocorreu, visto que na reunião do dia 09 de setembro de 1994 aprovava-se um encontro, no Fica Ahi, dos grupos jovens dos vários clubes, sugerindo a presidente do Fica Ahi, senhora Maria Helena, que ao final do encontro fosse oferecido um jantar aos visitantes⁸⁴. Na reunião seguinte, ocorrida no dia 16 do mesmo mês e ano, anunciava-se que os grupos de jovens do Gonzaga e do Diamantinos haviam retornado positivamente ao convite para este evento⁸⁵.

⁸⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 47/94. Folha 35 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 53/94. Folha 44 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 54/94. Folha 45 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 57/94. Folha 49 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 60/94. Folha 1 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 61/94. Folha 2 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Em contraste com a busca de integração com os clubes “brancos”, observa-se de forma muito passageira nas atas do grupo jovem da gestão 1993-1995 a articulação com outros clubes negros da região. Na reunião do dia 12 de novembro de 1993, nos informes, o coordenador Carlos Eduardo coloca “sobre o Baile de debutantes em Piratini, queria saber quem vai, para fazer a lista”⁸⁶. Supomos que se tratava do Clube 13 de Maio de Piratini, o clube social negro daquele município. Outra referência a esta articulação é feita em uma reunião do dia 10 de junho de 1994, quando Carlos Eduardo solicita ao grupo sugestões de atividades e uma das integrantes “[...] sugere excursões, uma para o Baile de Debutantes no Floresta Aurora e outro para o Samba Sul, sendo confirmado pelo grupo apenas o Samba Sul”⁸⁷. Como já foi visto no capítulo anterior, o Floresta Aurora foi um dos primeiros clubes negros do estado.

Maria Helena afirma que quando assumiu a gestão do Clube Fica Ahi, havia de fato um grande distanciamento deste em relação aos demais clubes negros, o qual ela tentou reverter.

Maria Helena: Mas assim, por exemplo, aqui em Pelotas, o Chove não frequentava o Fica Ahi e o Fica Ahi não frequentava o Chove. Tanto que eu, enquanto presidente fui ao Chove, fui ao Chove na celebração de aniversário e mandava convite pra que eles fossem nas nossas festas e eles iam, eles iam! Era a dona Enilda Chagas e a dona Jaci Oliveira, famosa Chininha, não sei se vocês já ouviram falar? Eram as duas mulheres que comandavam o Chove, mas tinham horror do Fica Ahi, porque diziam que era um grupo de gente antipática, metida, não sei o que, porque olhavam... Aquela coisa que a gente já sabia, eu dizia pra elas: “não, mas vocês vão, vocês vão, vão ser muito bem recebidas, com certeza nós vamos receber vocês muito bem”. E a gente não tem esse tipo de coisa, então elas iam. Mas naquela época o Depois da Chuva já não existia mais.

Marielda confirma que no seu tempo de juventude ficahiana, principalmente década de 1980, ainda havia uma separação nítida do Fica Ahi em relação aos demais clubes negros da cidade.

Pesquisadora: E assim Marielda, uma curiosidade minha, na tua época o clube se envolvia com outros clubes ou não, ou só depois com o movimento clubista?

Marielda: Não. O envolvimento com os clubes ali no meu período já começou, esse meu período que eu falei, mas essa coisa de visitar em datas mais específica, assim.

Pesquisadora: Mas outros clubes negros? Tinham alguma articulação na tua época entre os clubes negros?

⁸⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 21/93. Folha 17 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁸⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 48/94. Folha 39 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Marielda: Não, inclusive assim a gente... O Fica Ahi, sempre foi o clube da elite negra, então, assim se naquele período não precisasse se envolver com as pessoas que eram ligadas ao Chove [Não Molha] ou o [Depois da] Chuva, melhor ainda.

Como vimos anteriormente, por conta de sua mãe ser cantora e circular entre os clubes negros, Marielda e seus irmãos não tinham impedimentos familiares de frequentá-los, mas afirma que “eu tinha outras colegas que eu sei que os pais diziam: ah, aquele clube lá não é lugar para ti”. Helenira era uma dessas pessoas. Quando lhe é perguntado se o Fica Ahi, com sua corte, visitava os clubes negros, a reação é de impacto: “pô, que pergunta dolorida essa...”.

Pesquisadora: A rainha do Fica Ahi chegava a visitar o Chove Não Molha, Depois da Chuva...?

Helenira: **Chuva, nunca!** Eu acho que não.

Pesquisadora: Que visão se tinha desses outros clubes, Helenira, tu tens lembrança de que visão se tinha? Era recomendado ir no Chove Não Molha?

Helenira: Não, só existia o Fica Ahi. **E o Chuva era uma coisa pejorativa.** O Chove eu não sei, tinha conhecidos, conhecidos da minha mãe e do meu pai, que frequentavam o Chove, **mas não era lugar pra mim, ponto.** Não se falava muito, não ficava martelando, botando contra, não! Só: “o teu clube é o Fica Ahi” (grifo meu).

Mesmo como rainha do Fica Ahi, Helenira não tem lembrança de ir “[...] no Chove, não me lembro, sinceramente, de ir no Chove. Eu me lembro que tinha uma grande expectativa de ir ao Brilhante, ao Diamantinos [...]”.

Marielda e Dilermando relatam que essa abertura com os clubes sociais brancos da cidade já existia na sua época, especialmente relacionado às cortes de rainhas e princesas, o que é confirmado por outros depoentes:

Pesquisadora: E tinham pessoas brancas associadas no clube ou eram só pessoas negras?

Marielda: Naquele período que eu lembre, eram só pessoas negras.

Pesquisadora: Só pessoas negras. Ainda, então, tinha aquele caráter de clube negro...

Marielda: Aham, só, já tinham começado uma abertura dessa coisa de representantes, sei lá, rainhas de outros clubes, outros clubes brancos de Pelotas iam visitar, pegam algumas do Fica Ahi... Alguns momentos, assim, janeiro, o mês de aniversário do clube, acontecia muito disso. Desses outros clubes também ir lá prestigiar, enfim, coroação das rainhas e duquesinhas. A gente via um trânsito maior de outras pessoas que não eram associadas e que não eram negras, e que acabavam indo para prestigiar.

Dilermando: Dos clubes brancos, a diretoria vinha no Fica Ahi, todos os clubes envolvidos no carnaval, as suas comitivas vinham, no caso, no Fica Ahi. Aí passavam em visitas e tinham mesas reservadas, aí o Fica Ahi também, durante a semana, visitava os outros clubes junto com a Comitiva do Fica Ahi, com a Rainha, as Cortes tudo iam. Aí entravam sambando para aquela cerimônia toda, era muito legal assim.

A expectativa que Helenira relata de ir para o Brilhante ou Diamantinos foi aos poucos sendo aberta para as pessoas negras de classe média da cidade, e aí temos um fenômeno interessante: se antes os clubes negros imitavam expressões culturais e estéticas dos clubes brancos, a partir da década de 1980, segundo Rudinei, aconteceu o inverso, os clubes brancos é que teriam aberto suas portas para ritmos musicais negros, pois isso atraía bastante o público e, portanto, gerava renda. É visível no trecho que se segue:

Rudinei: [...] Aí surgiu um grupo, Inimigos da HP, que era dos playsboys, e aí caiu na minha mão, aí eu comecei a tocar no rádio e vi que estourou. Aí o que eu fiz? Peguei isso aí, nós estávamos conversando: num clube bacana, grandão, vou tentar o Brilhante. Mas naquele tempo o público do Brilhante já nos acompanhava, os filhos dos presidentes, que eram uma febre o negócio que a gente fazia nos shows. Aí eu fui lá, conversei com eles, aí eles resolveram: “Tá, vamos deixar tu fazer uma vez Rudinei, porque todo mundo fala bem de ti, porque o negócio de vocês é bem organizado, a atração tem tudo a ver com o nosso clube, aí nós perguntamos para os nossos filhos: não pai é maravilhoso o grupo”. Aí a gente fez, deu cinco mil pessoas e dali nós começamos, mas antes teve um episódio... Como eu falei, nós começamos a fazer o samba em Rio Grande também, um dos primeiros que nós conseguimos fazer, que até eu esqueci de falar, foi no Diamantinos, o samba no clube que já é da classe B pra A. O Caixeral era classe na terceira, vinha depois o Diamantinos, o Brilhante e o Centro Português. E teve um episódio que me chamou a atenção, a gente marcou para fazer com duas bandas de Porto Alegre e uma de Rio Grande e outra daqui. Aí nesse dia, o que acontecia? A nossa raça, eles tinham ideia que a festa começava depois da meia noite, uma hora, porque eles iam tarde para as festas. Mas o pessoal que é branco, eles estão mais acostumados a ir mais cedo, e a gente fez no Diamantinos e veio três ônibus de Rio Grande para o evento no Diamantinos. E aí deu tanta gente que a fila dobrava a esquina do Diamantinos, mas como o branco vai mais cedo, tu olhava a fila tu só via branco, tu não via preto. E o ônibus de Rio Grande chegou, aí eu estava olhando a fila, onde estava para nós abrir, aí desceu um cara do ônibus e perguntando para o segurança que estava ali na fila: “vem cá, aonde que é a festa do Sambalanço, me disseram que era aqui mas aqui não é, só tem branco na fila” (risos). “Olha, lá está o Rudinei...” “É aqui...”. Aí o cara: “ô Rudinei, vem cá, mas que festa é essa Rudinei? Essa festa é aqui num clube bacana, mas esse monte de branco aí, não sei o quê...”. Eu disse: “ô cara, se tu quiser entrar tu entra, mas vou te dizer uma coisa, tu aproveita a oportunidade, que nós aqui, pela a organização, nós estamos furando esse preconceito. Quando que há vinte anos atrás tu ia passar aqui na frente do clube? Nem passava aqui na frente do clube. Hoje nós conseguimos uma coisa inédita cara, hoje tu vai entrar aqui e tu vai ver a filha do doutor, a filha do comandante do exército, a sobrinha do prefeito dentro da festa. E tu tens a oportunidade até de dançar com elas, e tu não vai ser discriminado e pelo o que eu vejo é nós que estamos fazendo a discriminação. Eles sabem que a festa é do Sambalanço, que é o negrão que faz o samba e eles vieram e vocês estão tendo a oportunidade de vim e conhecer e estão se espantando, esquisito a coisa”. Aí ele disse: “bah, é mesmo! Bah, me desculpa, não sei o que...”. “Não cara, está convidado, tu vai entrar e vai te sentir em casa, o ambiente é o mesmo”. E ali a gente conquistou aquele público, e aí o Sambalanço mesmo se tornou, como eu vou te dizer, uma empresa muito grande aqui, porque aí o grupo começou a crescer, aí nós trouxemos todos os grupos de samba do Brasil, todos da época, e depois mais adiante nós usamos o Bruno e Marrone, também eles estavam estourados e aí é a nossa história. E assim, eu como negro, eu não gosto de falar isso, mas a minha pessoa foi que abriu a porta

para a nossa comunidade negra frequentar na época, que podia pagar ingresso e entrar dentro da sociedade dos burgueses. E eu sentava na mesa com a diretoria, conversava e depois de uns anos eu fui um dos grandes organizadores que fez com que três, quatro anos, o carnaval do Clube Gonzaga ser o melhor carnaval de Pelotas, de festa de salão.

Muitas questões podem ser destacadas da narrativa acima. Em primeiro lugar, é bem explícita a polarização entre eles, os “playboys” brancos e nós, os negros ou pretos, assim como a separação dos espaços de convivência de um segmento e outro, que, na visão de Rudinei, estava sendo rompida. Destaca-se também a forma diferente de usufruir do lazer, quando se menciona os horários em que negros e brancos costumavam ir para as festas. Outra questão que é sutil mas que está presente: a direção do Brilhante vai perguntar aos filhos se valia a pena levar o pagode pra dentro do Clube, indicando que assim como no Fica Ahi se vivenciava uma descompasso entre as gerações, nos clubes “brancos” isso também poderia estar acontecendo. Por outro lado, a visão de Rudinei, de que ocupar um mesmo salão de festas com a “elite” significava que se estava acabando com o preconceito, pode ser lido como uma romantização por parte de militantes do movimento negro. Observa-se, então, uma certa contradição: não há dúvidas de que se estava rompendo barreiras seculares entre segmentos sociais diferenciados, mas persiste, ao que parece, um viés integracionista, segundo o qual a percepção das hierarquias entre um segmento e outro são ofuscadas por uma ideia de convivência pacífica. Não se está destacando isso para dizer que uma visão (militante) é melhor que a outra (mais integracionista), apenas observando que diferentes projetos de convivência étnico-racial coexistem até os dias de hoje.

4 A consciência negra e o Fica Ahi: identidades e projetos em disputa

A década de 1980 é conhecida, no Brasil pelo processo de reabertura democrática, quando os movimentos sociais se rearticulam, trazendo para a discussão política várias pautas que, até então, não eram problematizadas no próprio campo da mobilização popular, como é o caso da questão racial. Como ressalta Lívio Sansone (2007), isso gera uma busca por políticas de identidade por parte dos grupos afro-brasileiros, especialmente os engajados na militância política, promovendo uma recriação do “afro” a partir de referências provenientes dos mais diversos locais. Busca-se compreender aqui qual é o impacto do movimento negro contemporâneo, o qual possui uma proposta muito mais contestatória e combativa nas próprias organizações negras vistas como “tradicionais”, as quais eram direcionadas mais para a sociabilidade. O foco deste capítulo são as atividades realizadas no Clube Fica Ahí tanto na gestão 1993-1995 como na década anterior, quando esta demanda para justificar e auto afirmar a particularidade negra chega ao clube. Três aspectos são abordados: as boites e discotecas e sua relação com as black music; a tentativa de engajar o grupo jovem em comemorações da consciência negra; a emergência da dança afro no clube e na cidade.

4.1 As festas *black*

Ao se debruçar sobre as várias faces da recriação das culturas negras no Brasil nas últimas décadas, Sansone afirma que uma delas se constitui em atribuir status a “objetos e artigos culturais negros dotados de uma aura de modernidade” (2007, p. 127), como são o caso dos que são provenientes dos Estados Unidos. Alberti e Pereira (2007, p. 45), ao refletirem como a África é reconstruída para o Movimento Negro Contemporâneo no Brasil a partir do final da década de 1970 apontam que havia uma certa tensão e disputa entre os militantes que se voltavam mais para os países africanos em descolonização, vinculados a um projeto socialista e os que se voltavam para os norte-americanos, mais voltados para a inserção do negro no mundo capitalista. Os dados desta pesquisa estão longe de ser conclusivos, mas, ao que parece, em Pelotas há inicialmente um impacto da *black music* ou de ritmos de dança provenientes dos EUA e, posteriormente, há uma busca de referências cada vez maior no que seria uma “matriz africana”, o que implicava tanto uma busca de informações

sobre África como uma ressignificação de práticas culturais afro-brasileiras pela ótica da reafrikanização⁸⁸.

Uma das vertentes que irá influenciar o Movimento Negro Contemporâneo no Brasil será a luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, o movimento Soul, as ações dos Panteras Negras e o movimento *Black Power*, acrescidos por alguns produtos da mídia que começa a se popularizar, como o Shaft, personagem negro de um seriado policial que apresenta um “herói negro que vive na contemporaneidade” (GIACOMINI, 2006). Segundo Giacomini, no final da década de 1970, a *soul music* irá se ancorar no Rio de Janeiro – justamente no Renascença Clube –, por meio de um grupo de jovens que estavam insatisfeitos com as atividades e festas que ocorriam dentro do clube relacionadas ao samba. Esta atividade, além de ser integracionista, estaria, na visão destes jovens de classe média e intelectualizados, atraindo mais brancos em busca de “mulatas”, “[...] críticos da tradição construída ao longo da história do Renascença, eles querem produzir uma síntese que faça do clube um espaço de vivência e sociabilidade de jovens negros”. Apresentam, assim, um novo projeto ao clube, que pudesse “[...] contribuir para **a criação de uma consciência negra** e a constituição de um movimento negro” (GIACOMINI, 2006, p.190, grifo meu)⁸⁹.

A Noite Shaft, como eram designadas as festas do Renascença, passou a atrair vários jovens negros de todas as classes sociais, tendo como um elemento aglutinador “celebrar o orgulho negro” e “aflorar” uma “autoestima pura”, negra (2006, p. 196). Embora tenha eclodido na região udeste (Rio de Janeiro e São Paulo), o movimento espalhou-se para as demais regiões do Brasil uma vez que ia ao encontro do surgimento de organizações negras comprometidas com a discussão de “consciência negra”, o que significava questionar o lugar do negro como apenas um elemento que foi integrado de forma subalterna nas narrativas sobre a formação nacional a partir da ótica da mestiçagem.

⁸⁸ Segundo Sansone, a reafrikanização passa a ocorrer nas últimas décadas com a contestação de uma identidade nacional “mestiça” por parte de vários coletivos negros, que procedem a uma “[...] exibição ostensiva de símbolos associados a “raízes” africanas em certos aspectos da vida social [...]” (2007, p. 94). No âmbito religioso, por exemplo, passa-se a uma dessincretização, retirando-se santidades católicas dos rituais e adotando-se diretamente as divindades africanas. Já para Alberti e Pereira, a busca pela África tem um significado instrumental para os militantes que é ampliar a consciência sobre sua origem e abrir possibilidades de ação (2007, p. 39).

⁸⁹ Segundo a historiadora Paulina L. Alberto (2015), a *soul music* e o *funk* irão se inserir também nos clubes recreativos dos subúrbios, em que há a expressiva presença de população negra.

Em relação à Pelotas, alguns entrevistados afirmam que antes das festas *black* adentrarem nos clubes sociais, elas aconteciam em diversos locais da cidade...

Maria José: Ah era, na época chamava boate, tinha como, era na frente do IFSul, **tinha a Hipopótamo**, tinha uma aqui na Félix da Cunha, me esqueci o nome como é, Estúdio... **Estúdio 466**. A gente ia nesses lugares, assim, mas aí a gente ia tudo junto, aí dançava tudo igual [risos].

Pesquisadora: E esses lugares que vocês iam eram chamadas as festas *black*?

Maria José: É, festa *black*.

Pesquisadora: Era a festa *black*, ah tá, não era assim, aquela boate geral para todo mundo, e eram umas festas mais...

Maria José: Não, era aberta, **mas assim, o público alvo era, assim, mais negros**, assim que tinha. Era mais população de povo negro ali dentro, mas iam brancos, tudo **era uma festa aberta, né. Não tinha discriminação de cor**, entra ou não, era... Não todo mundo entrava, mais eram as músicas, assim, que colocavam, acho que até quem colocava as músicas eram os negros mesmos, que colocavam as músicas. **E era mais umas músicas da nossa raça**, que chamavam, mas e a gente gostava mais de dançar, né (grifo meu).

Diferente do Rio de Janeiro, Maritza recorda que as festas *blacks* não necessariamente mexeram com a estética negra feminina, que tinha no alisamento do cabelo uma prática disseminada: “Tu não tinhas assim, oh, tu não tinhas uma negra que tu visse de cabelo crespo, afro, *black*, nenhuma!”. Coincidentemente, o proprietário do salão de beleza ao qual recorriam todas as mulheres negras da região que prezavam por um bom alisamento, Percy⁹⁰, era também o proprietário do Transa Show, que ,segundo Dilermando, “foi uma das maiores discotecas da cidade”, especializada em festa *black*.

Maritza: Não, o *black* era os homens, a grande maioria eram os homens que usavam o cabelo *black*.

Dilermando: Não, eram os homens que usavam, as mulheres não, continuavam com os cabelos alisados [...]

Segundo Giacomini, no Rio de Janeiro teria se disseminado o uso do cabelo *black*, ou seja, deixando os fios em seu formato natural, criando-se novos estilos

⁹⁰ Difícil uma mulher negra de geração mais velha não citar Percy, uma referência em alisamento de cabelo afro na região. Embora a discussão de estética negra não seja o foco desta dissertação, vale a pena trazer o depoimento do próprio Rudinei, que trabalhou com Percy: “quando eu fui da Transa Show, o cara que era o dono da aparelhagem que eu disse que era a melhor que existia era o Percy e ele alisava cabelo. Então, só para ter uma ideia, ele tinha o instituto que ficava na rua Voluntários, entre Quinze e a Anchieta. Sete horas da manhã, o instituto era no meio da quadra, se criava uma fila de quase uma quadra para alisar o cabelo. E ele trouxe uma química que só ele sabia fazer, então era fila para alisar o cabelo e aquilo ali era fantástico. Depois ele começou a distribuir para as outras cidades, mas ele levava e vendia o produto, mas só ele sabia a fórmula daquele produto, durou mais de dez, quinze anos aqui”. Segundo Rudinei, Percy financiava também um grupo de samba chamado Magia do Samba.

estéticos e novas referências de identidade⁹¹. Mas mesmo que a nova estética que vinha junto com os novos ritmos musicais não tenha tido uma aderência imediata, segundo Maritza, já mexia com os padrões instituídos.

Maritza: Por exemplo, na década de 70, aí é que está, a década de 70 que tem todo aquele movimento, o Movimento Negro, o Movimento *Black*, tudo aquilo ali... No meu caso, assim, **eu olhava aquilo, assim e aquilo já mexia comigo, mas não a ponto de eu me envolver na discussão**. Mas aí, por exemplo, **aquela estética negra, aquele *black power***, aquilo tudo já mexia. Pesquisadora: Sim, mas você via através da televisão ou por onde, Maritza? Maritza: Exatamente. **Ou pela televisão, pelo que chegava, pelas revistas**, pelas coisas, a gente via. E nas festas, quando a gente ia, que o Dilermando foi bem mais do que eu, ah, era legal, **tu chegava e via aquela negrada, tu se sentia inserido naquilo**. Aquele monte de jovem negro, aquilo tudo. Mas, ainda assim, tu não discutia sobre isso, no meu caso. Eu me sentia superbem naquele ambiente, mas eu não discutia sobre isso, sobre essa estética (grifo meu).

A circulação dos ritmos musicais pelo Atlântico Negro (GILROY, 2001) tinha os seus pontos estratégicos de conexão e difusão. E aqui entra em cena um ator que, posteriormente, seria vital na tentativa de revitalização do Clube Fica Ahi: Rubinei Machado⁹².

Dilermando: [...] E o Rubinei entra aí por quê? O Rubinei foi pra São Paulo e lá chegava tudo o que era novidade de música, *Black music*, e aí os irmãos dele eram donos de uma outra discoteca, que tocava também no Fica Ahi, então essa era uma considerada das melhores por quê? Tudo que chegava de novidade, o Rubinei pegava e mandava pros irmãos dele, que eram os donos dessa discoteca, então eles eram os primeiros a tocar as primeiras músicas.

Tim Maia, Jorge Benjor, Sandra de Sá, Michael Jackson, George Benson, Al Jarreau, Barry White eram algumas das vozes que embalavam os corpos negros pelotenses nos anos 80 e 90. Daniel Amaro confirma a grande influência da cultura negra norte-americana no final da década de 1970 e durante a década de 1980 em Pelotas (tal como no resto do Brasil):

Daniel: Que era festinhas de garagem que em Pelotas, por exemplo, na minha geração com doze anos, ou a gente fazia festinhas de garagem ou escutava os pais escutando Martinho da Vila, Agepê. E as festas que nós tínhamos, era festa em ginásios, que era as festas *black*, com grandes

⁹¹ A estética da Noite do Shaft era: “[...] altos sapatos de salto plataforma, alguns com três cores, designados cavalos de aço, roupas cheias de tachinhas, calças muito justas, coladas ao corpo; tudo concorre para transformar o ato de vestir-se em tarefa demorada. E, ainda, há que enfrentar a longa e cuidadosa montagem do cabelo *black power*, função que, em uma de suas versões mais elaboradas, consumia cerca de 40 minutos” (GIACOMINI, 2006, p. 193).

⁹² Rubinei Machado, irmão do entrevistado Rudinei, formou-se em técnico em telefonia, foi trabalhar originalmente em Alegrete, depois em São Paulo e, posteriormente, Santa Maria (RS). Nesta última cidade auxiliou no processo de revitalização do Clube 13 de Maio, que foi transformado em um Museu. Ao se aposentar, retornou a Pelotas onde veio a participar ativamente do Movimento Negro local e do clube Fica Ahi, até seu falecimento em 2013.

discotecas que imitavam um pouco o Furacão 2000, que era uma discoteca do Rio de Janeiro famosa, então essas festas que se faziam. Aí, o que acontecia dentro do bairro? Pô, a gente dançava e sempre com aquela característica de montar coreografia do nosso modo, **imitando muito os negros norte-americanos, que era o auge para nós na época de clips**, você via o clip dos caras e ficava assim... (grifo meu).

Possivelmente as reflexões de Daniel Amaro sobre a imitação dos negros norte-americanos seja reflexo de um amplo debate que teve na época dentro das próprias comunidades negras, com atores vinculados às manifestações populares afro-brasileiras acusando os jovens de que estariam se “americanizando” e negando, por isso, suas verdadeiras “raízes”, que seriam nacionais. Argumentava-se que...

[...] ser *black*, como uma identidade cultural e política radicalmente contestatória, era uma infeliz consequência do racismo e da segregação racial nos Estados Unidos, mas ficava totalmente fora de lugar numa nação tolerante e mestiça como o Brasil (ALBERTO, 2015, p.45).

Dilermando e Maritza dão a entender que nos clubes Depois da Chuva e Chove Não Molha, por terem um caráter mais popular, as *Festas Blacks* eram mais constantes:

Dilermando: Ah, era nos clubes. Era no Terezinha, no Fica Ahi...

Maritza: Não, não nos clubes... No Fica Ahi não era tanto!

Dilermando: Teve festa Black no Fica Ahi!

Maritza: Com o Corujão?

Dilermando: Claro, já bem mais pra cá...

Maritza: Ah, bem mais pra cá. É, porque antes eles não deixavam, de maneira nenhuma.

Dilermando: Sim. Terezinha, o Chove, o Chuva. O Chuva era direto.

Maritza: O Chuva era direto, eu nunca fui no Chuva.

Dilermando: O Chuva era direto!

Maritza: O Chove também...

Rudinei foi justamente um dos criadores da “discoteca” Corujão Show, junto com seus irmãos e primos, e confirma que originalmente o clube Chove Não Molha foi um dos pioneiros na criação da “discoteca”. Aos poucos o Corujão foi se apresentando em vários clubes da cidade e ganhando dinheiro com a ideia. Depois do Corujão, Rudinei circulou por outras propostas, foi então que se aliou a Percy, o cabelereiro, criando o Transa Show.

Rudinei: Tinha um empresário, que ele investiu num equipamento novo, o cara era muito bem de vida, então o dele era o melhor da cidade. Mas às vezes nem tudo que é ouro brilha, então quer dizer, nem sempre a melhor pega a melhor simpatia e pega o público. Mas o público era nosso e o melhor equipamento era o dele. Todo mundo tinha o maior desejo de ter o que ele tinha de mais moderno que existia. Aí nós [do Corujão] se desentendemos e ele me convidou para ir para a equipe dele, aí eu fui para a equipe dele que se chamava Transa Show, e aí começamos a fazer sucesso nessa carreira e aí com a equipe dele nós tocávamos por toda a região Sul. Mais aí cresceu,

cresceu demais e ele não começou a cuidar e fez um outro negócio e aí eu não gostei, sai e voltei para os meus primos de novo, aí montamos a Transa Negra. Aí com a Transa Negra tocava, por exemplo, em Porto Alegre, lá no Sindicato dos Metalúrgicos, no Democrata, em Porto Alegre, tocava em Bagé, nós tocávamos em toda a região sul. Rio Grande nós tínhamos uma legião, a gente, com o Transa Negra, nós fazíamos no Paulista, na Agremiação e aí a gente tinha o público *black*. Nós dominava o público *black*. Aí, por exemplo, surgiu aquele *Black Júnior*, que até foi no Faustão, na Globo, nós fazíamos os *Metálicas*, talvez você não se lembre dessas coisas. Então o que acontecia no Brasil nós fazíamos aqui na *Black Music*, então nós éramos tão fortes como os outros lá de cima. E eu tinha uma irmã minha que depois ela se casou e morou nos Estados Unidos, e mora ainda hoje, e ela mandava sempre as novidades, naquele tempo, na parte musical. Então nós éramos os mais adiantados que Porto Alegre, a capital, no ritmo musical e igualava quase com o Rio de Janeiro na *Black Music*. E eu já tinha os contatos no Rio, São Paulo, ia lá, conhecia e depois de algum tempo eu fui a Miami, fui lá comprar aquelas técnicas modernas que trouxe para cá como novidade. Quase ninguém tinha acho que no Rio Grande do Sul, poucos tinham aquilo ali, que São Paulo e Rio, os grandes dj's, as grandes equipes Furacão 2000 já tinham. Então eu também fui a Miami comprar e trouxe para cá e aí foi o movimento da *Black Music*, que é a coisa mais fácil da gente juntar duas, três mil pessoas num ginásio. E era um movimento ordeiro, um negócio bacana, as gurias iam cinco, seis sozinhas para o evento, depois iam pra casa e não acontecia nada. Era uma época que a pessoa, nós fazíamos a festa uma por mês, o pessoal ficava o mês inteiro se preparando, trabalhando para se arrumar para aquela data, colocar a melhor roupa para o evento da Transa Negra ou da Transa Show.

Rudinei explica que o Corujão e o Transa Show tocavam “de tudo”, com uma pegada mais forte em música negra nacional. Já o Transa Negra, era só Black Music norte-americana, criando junto um programa de rádio direcionado apenas para este estilo musical, situação em que ele relata a evidência do preconceito em relação às manifestações musicais negras:

Rudinei: [...] até tinha um amigo meu, os caras gozavam com ele, o José Carlos Farias, ele foi um dos maiores discotecários das rádios aqui, então ele dizia: “bah, colocasse aquelas músicas de negrão, matasse a rádio, não sei o que. E o pai do Juliano: ‘tu não sabe o que é música boa, cara...’”. Então, foi muito preconceituoso nós vencer a barreira e colocar uma música negra uma hora direto tocando numa rádio, há quarenta anos atrás, trinta anos. Eles não aceitavam, mas pela persistência e pela costura que a gente fez e pela amizade... E a gente sempre muito correto também, então não tinha o que falar.

O desconforto com a invasão do *black*, em um país que se pensava mestiço e que tinha a “fábula das três raças” (DAMATTA, 1997) como ideologia de estado era generalizado. No Rio de Janeiro, a polícia política vigiou de perto tais festas e chegou a prender e submeter alguns de seus integrantes à tortura. Havia preocupações de várias ordens, tanto da influência “negativa” que poderiam exercer nos jovens brancos da zona sul, como...

A crescente popularidade do *soul* e a ascensão da visibilidade do *Black Power*, como um importante grupo de música, alimentavam os temores da Polícia secreta de que os bailes pudessem ser o início de um movimento racial de massa com apoio organizado (ALBERTO, 2015, p. 56).

Outra preocupação do regime, segundo Paulina L. Alberto, estava relacionada à crescente ascensão de empresários afro-brasileiros na indústria musical e o conseqüente estímulo a novos estilos estéticos e musicais que repensassem a identidade e cultura negra no país.

Rudinei, na sequência da entrevista, afirma que mesmo sendo eventos que atraíam principalmente pessoas negras, não se fazia qualquer manifestação que indicasse reflexão sobre consciência negra, mas explica o porquê, referindo-se justamente ao período da censura imposta pelo regime militar vigente:

Rudinei: Só música, a gente falava alguma coisa, mas nada de manifestação essa época. Não! **E a gente pegou muito o tempo da ditadura também**, então tinha uma linha, por exemplo, nós que estávamos longe das coisas, nós procurávamos era ordem, **nós cuidávamos muito dos nossos eventos ser sempre em ordem**, porque aquilo ali tinha a tendência de crescer, como cresceu. Então nós cuidávamos mais o comportamento e a organização da banda (grifo meu).

Interessante, porém, é perceber que, diferente do que aconteceu no Rio de Janeiro no Clube Renascença – em que houve uma guinada do samba para a *black music* –, no caso específico do grupo de Rudinei, eles dão uma guinada da *black music* para o samba e pagode, outro ritmo popular que agrega muitas pessoas negras. É então que criam o programa radiofônico Sambalanço, que segundo Rudinei, “virou uma febre na cidade”:

Rudinei: [...] aí a gente colocou o Sambalanço, aí o que aconteceu? Nós começamos a fazer umas festas de pagode nos clubes, alguma coisa mais, assim, fechado. Não nos grandes clubes, era nos clubes mais dos negros. Aí uma vez teve uma Fenadoce, na época tinha uma produtora que era só dos playboys, mas tinha um playboy que eu me dava e eles estavam fazendo a Fenadoce e tinham feito Armandinho, o estilo assim, e não estava dando legal os eventos deles. Aí até o apelido dele era Mala, aí ele falou: “Rudinei, vamos inventar um samba lá na Fenadoce, lá no pavilhão, o que tu acha?” “Ué, vamos fazer”. Porque eu fazia já o Sambalanço na Agremiação, era mais na Agremiação que eu fazia, mais aí eu disse: “mas na Fenadoce? Tá, vamos colocar Estado Z e Sambalanço, aí cada um tem um público, aí juntamos, então vamos fazer a noite do swing”. Eu peguei Senzala, Dorinho, Toque de Mel, Toque Sutil de Porto Alegre e peguei três daqui, colocamos sete bandas, a gente fez aquilo ali, deu cinco mil pessoas e ficou mais mil na rua. E o que aconteceu? Das cinco mil pessoas, duas mil era negro e três mil eram brancos da classe alta, foi o maior sucesso. Bah, daí eu olhei esse filão: tá bom! Aí me reuni com a turma: “e vamos tentar fazer num clube de branco, agora, mas vamos começar pelo que é mais fácil para nós entrar”. Fomos no Caixeiral, aí conversamos com o presidente. E o presidente gostou da ideia, aí damos uma referência que o Estado Z fez conosco. Ele era a elite, só os caras: “vamos experimentar, se for legal podemos continuar”. Aí a gente

fizemos no Caixeiral, deu três mil e duzentas pessoas, aí o público nosso ficava 65% brancos e 35% negros.

De programa radiofônico, o Sambalanço transformou-se em uma exitosa agência de produção de eventos. Segundo Rudinei, teriam organizado a parte festiva de cinco Fenadoce⁹³ e quatro Festa do Mar, trazendo artista de renome nacional, como Cláudia Leite, Roupas Nova, Alexandre Pires, Raça Negra, etc.

As festas *blacks*, assim como o pagode e o samba, posteriormente, serão um fator importante para a dinamização das atividades do Fica Ahi, levando o grupo jovem a propor atividades diferentes na programação do clube, assim como a questionar os limites que eram impostos à sua atuação.

4.2 As “boites” e discotecas

O Clube Fica Ahi, além do salão de festas, possui uma sala no piso inferior que era direcionada a festas menores ou, principalmente, às festas dos jovens. Era onde aconteciam as boites ou discotecas, que são fartamente referidas no livro de atas do grupo jovem da gestão 1993-1995. Entretanto, as boites aconteciam já antes mesmo desta gestão. Marielda, por exemplo, recorda que as “[...] músicas eram mais voltadas para essa questão mais negra também, muito mais *black music*, que era mais internacional [...]” e que esse tipo de festa sempre era acompanhado por alguém da diretoria, convivência que nem sempre era harmoniosa.

Marielda: [...] Mas eu lembro, assim, **dava muita treta**, mas a gente conseguia consensuar muita coisa, então acabava que a gente se reunia muito ali embaixo para comemorar os aniversários do pessoal do grupo. A gente tinha um calendário que a gente se juntava e aí a gente comemorava os aniversários do pessoal do grupo, depois já de um bom período o próprio Daniel e o Mano começaram e aí era ali na boate começaram a dar algumas aulas também de dança [...]

Daniel Amaro detalha esta fase de que fala Marielda, que diz respeito à construção do salão de festas do térreo, tradicionalmente chamada de “boate”, e que já acolheu uma diversidade de atividades. Aquele espaço teria sido construído justamente para acolher as novas demandas de sociabilidade da juventude ficahiana.

Daniel: [...] o meu irmão, que é mais velho do que eu, teve um grupo de funk lá no Fica Ahi, e ele participou desse grupo, que na época o meu irmão tinha uns 18 anos ou 19, e era maravilhoso. Era um grupo formado e apoiado e idealizado pelo Presidente Coe, não sei o nome do Coe, mas o sobrenome era Coe, que foi quem construiu um grande patrimônio embaixo do Clube. Para tu ter uma ideia, ele viu a grande importância desse grupo, **que ele**

⁹³ Feira Nacional do Doce, realizada anualmente em Pelotas, geralmente no mês de junho.

construiu como que se chamava na época uma boate, lá embaixo, para fazer as festas *black*, para não fazer em cima [salão do piso superior].

No informativo de número 02, que teria sido publicado em um mês de outubro⁹⁴, noticia-se a realização de uma “boite”, com a banda Oitava Cor, que teria transcorrido no dia 01 daquele mês, entre a meia noite e cinco da manhã⁹⁵. A referência às “boates” aparece também nos calendários de atividades que constam nos documentos avulsos. Um dos embates travados entre o grupo e a diretoria dizia respeito a quem poderia entrar em tais festas. Até então, só podiam entrar nas festividades do clube os associados. Os integrantes do grupo jovem, por sua vez, queriam que as “boites” fossem abertas também para não associados. Na ata nº 8/93, de uma reunião que aconteceu em 11 de setembro de 1993, consta: “Estava em discussão a respeito de não haver convites para a boate na porta. A Regina sugeriu que a diretoria do grupo jovem deveria ir a uma reunião com a senhora Marielena para resolver o impasse dos convites”⁹⁶. Na reunião seguinte, que aconteceu em 18 de setembro de 1993, noticiava-se o resultado da conversa:

Foi levada em pauta em reunião com a Sra. Marielena e a diretoria do grupo jovem a venda de convite na porta para a boite. **Na reunião a Sra. Marielena coloca que não poderá haver venda de convites na porta, pois a festa é para sócios e não para pessoas de fora do clube.** Também nesta reunião foi discutido o valor dos convites, a sugestão aprovada foi de duzentos e cinquenta cruzeiros reais masculino e cem cruzeiros reais o feminino. Nem todos que estavam presentes na reunião acharam um preço acessível, pois estava muito caro. **Mas a Sra. Marielena coloca que com este preço é uma maneira de serem escolhidas as pessoas que irão participar da festa.** O grupo se manifesta achando o preço muito caro, mas o jovem Carlos Eduardo disse que se a gente se esforçar a festa será boa, sadia e bonita (grifo meu).⁹⁷

Dois questões chamam a atenção. Primeiro, o clube ainda resistia a receber não sócios em suas atividades; segundo, ainda estava presente a ideia de que não era qualquer um que poderia frequentar o Fica Ahi, e a questão financeira era uma forma de selecionar quem merecia e quem não merecia usufruir daquele espaço.

A respeito da boite em reunião com as diretorias, foi decidido que **a prioridade da festa é para associados, que é para gente do Clube.** Não existe interesse em lucro. Atrás do convite a pessoa que vendeu deve colocar

⁹⁴ Por meio do cruzamento com informações de outros documentos, conclui-se que o informativo se referia ao ano de 1993.

⁹⁵ Será importante fazer uma comparação deste tipo de atividade e os bailes tradicionais: estes eram realizados neste horário? Desde quando passou a existir as “boites”? O que isso revela no sentido de alteração dos padrões morais e de valores dos associados?

⁹⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 8/93. Folha 06 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁹⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 9/93. Folha 06 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

o seu nome, pois se der alguma confusão a pessoa que vendeu é responsável. E o sócio só entra com a carteirinha própria com o recibo de agosto e setembro. Foi cobrado este preço o convite para vir sócios e não gente de fora e o clube não pode cobrar o mesmo preço das outras festas, pois **o clube não é uma casa noturna** (grifo meu)⁹⁸

A preferência para que as boites fossem frequentadas pelos sócios reaparece em reunião do dia 07 de dezembro, na qual ficou estabelecido que “sócio não paga mas tem que apresentar carteirinha própria e recibo do mês”⁹⁹, sendo que para quem não era do clube, diferenciava-se os valores, que eram mais elevados tanto para homens como para mulheres.

Maria Helena, mesmo que não tenha sido questionada pontualmente sobre os conjuntos musicais, relata um episódio relacionado ao Grupo Oitava Cor, para exemplificar o que considera manifestações de preconceitos entre alguns ficahianos:

Maria Helena: [...] eu lembro que, acho que foi em 94, no final de 94, que era o grupo Oitava Cor do Emerson, eles queriam fazer uma festa e foram lá falar conosco, eu o Ilton, que era o vice-presidente, a Glaci, que a diretora social pra fazer uma festa lá no Fica Ahi. E nós aceitamos. É um grupo da cidade, é um grupo que tá se projetando, como é que nós não vamos dar essa força? Tá! O pessoal do Conselho veio: “não podiam ter aceitado”. “Por quê?” “Porque vai encher de gente, esse salão de gente, que isso, que gente, que aquilo...” Eu não quero nem saber, a festa está marcada e vai sair e nós vamos ajudar...”. Pra que vocês tenham uma ideia, foi um comentário na cidade com relação a essa festa do Oitava Cor, que tinha gente dizendo... Olha, você precisa ver, as negas comprando roupa, se arrumando, os negão se enfeitando. Tudo pra festa. Foi um sucesso, uma festa muito linda que eles fizeram. Mas olha o preconceito, né: “ah, vai vim gente, não sei, não sei, não tem que ter, e isso e...”. Eu entendo bem esse preconceito, porque quando eu me formei no Serviço Social, eu morava no bairro Fátima, o meu primo chegou em mim e disse assim: “Maria Helena...” Maria Helena não... “Lelene, tu vais ficar morando aqui no bairro?” Eu disse: “eu vou, por quê?” “Não, porque agora tu és formada, tu és uma assistente social”. “Mas o que é que tem a ver uma coisa com a outra? Eu tenho que ficar aqui pra mostrar que daqui também saí gente, basta a gente se esforçar!”.

Este embate entre deixar o clube reservado para um conjunto seletivo de associados ou realizar festas que atraíam bastante pessoas já tinham sido vivenciado pelo grupo de jovens que buscou inovar na década de 1980. Atrair muita gente com festas proporcionava reconhecimento público; por outro lado, tornava o clube vulnerável às forças desconhecidas. Maria José relata um pouco desse mesmo dilema

⁹⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 11/93. Folha 07 (verso) e 08 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

⁹⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 25/93. Folha 21 (verso) e 22 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

quando esteve à frente de um grupo semelhante uma década antes da gestão 1993-1999:

Maria José: Jovem, era o nosso grupo que fazia, aí a gente fazia, assim, vendia ingresso, a gente fazia bebida para vender e coisa para comer. Uma vez a gente organizou desfile de moda, mas ficava muita gente, muita gente mesmo, uma vez ele ficou apavorado que não parava de chegar, de tanta gente que chegava.

Pesquisadora: E era aberto, essa festa de vocês era aberta?

Maria José: Aberta, a gente vendia ingresso.

Pesquisadora: Não era só para os fichianos?

Maria José: Não.

Pesquisadora: E isso não gerava atrito com a direção do Fica Ahi? Porque algumas pessoas nos falam muito que a direção por muito tempo teve uma postura muito fechada, de só fichianos entrarem aqui...

Maria José: É, era uma coisa meio rígida, assim. Até para nós mesmos, uma vez eu não lembro de onde nós viemos, mas nós queríamos entrar e não podia entrar porque o presidente estava aqui encerrado e não deixava a gente entrar para ensaiar. Acho que já eram umas pessoas de uma certa idade, achavam que aqui eram a casa deles, que eles eram donos do clube, então, sabe aquela coisa, assim...

Quase um ano mais tarde ao registrado na última ata acima exposta, o dilema sobre a participação ou não dos não-sócios nas programações do clube retornava à pauta. Em reunião do dia 4 de novembro de 1994, em meio a uma forte crise interna do grupo, é sugerida como uma programação para o mês seguinte, um “baile da cerveja”, em que os sócios também pagariam o convite. A representante da diretoria (Sra. Glaci) presente na reunião argumenta, então, que esta programação já estava sendo planejada pela diretoria executiva, e um dos pontos da discussão é que o baile teria que ser fora do espaço do clube, para que bastante convites pudessem ser vendidos, pois, nas palavras da Sra. Glaci, “algumas pessoas não querem que entrem muitos não sócios e diz também que podemos trabalhar juntos nesta promoção [...]”¹⁰⁰.

O contraste dos dados das atas com algumas passagens de entrevistas, como a que segue, nos dá uma ideia do que significava abrir as portas do Fica Ahi para as “boites”:

Dilermando: Isso foi uma confusão uma briga.

Maritza: Ah, a boate foi sensacional, eles não queriam. A boate, quando saiu a boate, foi uma conquista...

Dilermando: Porque a boate, foi assim, para o pessoal antigo, conservador, a boate era uma coisa de libertinagem...

Maritza: É, tu falava o nome boate...

Dilermando: Porque as pessoas velhas, antigas, iam para esses lugares e associavam todos esses lugares a coisas ruins...

Maritza: Sacanagem, sexualidade...

¹⁰⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 68/94. Folha 6 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Dilermando: Sacanagem. Quando a gente quis, que veio o grupo: ah, vamos fazer uma boate... Eram... Bah, foi uma briga, aí não precisa fazer festa toda à noite, só a boatezinha. Porque isso já acontecia no Gonzaga, tinha uma boate no Gonzaga que era do Maninho, do Mano, então já tinha.

As “boites”, segundo Martiza e Dilermando, haviam iniciado quando em uma gestão anterior a de 1993-1995. Na época, estava na presidência um casal que era mais jovem e mais aberto a este tipo de proposta, que depois de inserida na programação, mesmo com todos os eventuais atritos, permaneceu. Rudinei, quando foi da diretoria jovem do clube, também auxiliou na organização de festas direcionadas para esta faixa etária, em um período em que quem não era sócio só podia frequentar tais festas com o aval prévio da diretoria, sendo que “quem convidou era responsável pelo comportamento do convidado”. Caso tivesse um comportamento considerado inadequado, o sócio que convidou era chamado a se explicar: “demos liberdade pra ti e tu traz pessoas que não tem condições de frequentar a sociedade!”. Mas segundo Rudinei, esse tipo de situação era muito raro, porque “naquele tempo era muito ordeiro as coisas, era difícil dar confusão como agora, era outra época”.

Independente dos eventuais atritos entre diretoria e grupo jovem sobre as boites, o que impressiona é a preocupação com a organização. Ainda, a relação direta entre as boites do Fica Ahi e alguns grupos musicais da cidade, que tinham preferência dos frequentadores. Em reunião ocorrida em 26 de novembro de 1993, registra-se uma discussão sobre o valor cobrado pelo Grupo Oitava Cor e sua possível substituição pelo Lua Cheia¹⁰¹, além de aspectos organizacionais:

Carlos Eduardo falou da boite, que o Oitava Cor está cobrando três salários mínimos e meio, que está muito caro, que então teríamos que falar com o Lua Cheia. Simone então sugere então o “Estilo Show” que toca no Cruzeiro. Carlos disse que não adianta botar outro conjunto, porque o pessoal não vem. A Sra. Marielena disse que fora o Oitava Cor tem mais outras pessoas para pagar como: segurança, recepcionista, o bar, etc. Carlos colocou que o recepcionista não precisaria pois seria o grupo já que a boite é nossa. A Sra. Marielena falou que a recepção para o grupo tomar conta é muito sério, que temos que ter muitos cuidados, pois tem uns que tem “bom papo”, e cuidado com os convites. E que se fica os guris na porta é perigoso e se ficam as gurias é a exporem demais, e se o grupo só trabalhar em função dos convites,

¹⁰¹ Não se conseguiu aprofundar a pesquisa sobre o grupo Oitava Cor, mas sobre o Lua Cheia, foi um grupo em que Rudinei também se envolveu como produtor de eventos. O grupo tocava também em clubes da elite pelotense: “[...] porque eu também investi em uma banda de pagode de Pelotas, que é o grupo Lua Cheia, eu levei eles pra São Paulo, pra eles gravar em São Paulo, fizeram o maior sucesso. E depois, o clube estava com o carnaval quebrado lá no Gonzaga, estava devagar e eu me dava muito bem com o diretor lá. E ele disse: “Rudinei, queria melhorar o carnaval”. Aí eu disse: “eu tenho uma ideia, passa pra mim organizar que eu vou levar o Lua Cheia pra fazer o carnaval”. “Bah, mas a diretoria não vai gostar, colocar uma banda de pagode”. “Ela não vai ser uma banda de pagode, eu vou colocar uma bateria junto com o grupo e eles vão cantar de tudo”. Eu disse: “vamos pagar pra ver, deixa fazer...”. E foi o maior sucesso, durante cinco anos foi o melhor carnaval [...]”.

prestação de contas, e animar a festa, isto já são características de que a boite é nossa¹⁰².

Nesta reunião, essa discussão seguiu, concluindo-se que a boite só aconteceria se conseguissem negociar o valor com os grupos Oitava Cor ou Lua Cheia. Caso contrário, seria cancelada. Nas palavras de uma das integrantes do grupo, “o problema é que o nome chama o pessoal”. Essa polêmica prossegue por várias atas, e dá uma ideia do quanto as boites do Fica Ahi tinham prestígio, porque exprime-se a suspeita de que os grupos musicais estariam cobrando um valor diferenciado (a mais, no caso) para tocar no Fica Ahi:

A Sra. M^a Helena colocou que as boites estão se tornando difíceis, devido ao preço das bandas, que nós gostaríamos que tocasse, e que acha que para nós os preços são diferenciados, dos demais locais onde eles costumam tocar, a Sra. M^a Helena ainda com a palavra coloca que embora a música seja importante, há outras bandas e que a integração, entre nós e os demais associados também é importante¹⁰³.

A discussão na reunião prossegue listando-se outros grupos possíveis para animar a festa, como o Grupo Raízes, o Trivial, o Áfricas e o Samba de Magia¹⁰⁴. É nesta reunião, ainda, ocorrida em 4 de dezembro de 1993, que surge a ideia de se trocar a música ao vivo por “discoteca”, ou seja, música rodada em aparelho eletrônico. Esta informação vem ao encontro do que afirmou Dilermando, quando conversou sobre festas afro; segundo ele, quando “caiu as bandas, veio as discotecas”.

Esta problemática de quem iria tocar nas “boites” não era um mero detalhe, pois possivelmente, mesmo que as “boites” fossem uma atividade diferente, introduzida na década de 1980, havia a preocupação em manter um padrão fichiano, que significava colocar o que havia de melhor, em termos de música, para dentro do clube. Segundo Rudinei, ainda nos bailes tradicionais, a música era “um espetáculo, tocava a banda do Betinho, do Mota, os músicos os melhores que tinham no estado, eles eram tudo do exército”. É possível que se quisesse manter o mesmo nível em relação às “boites”.

¹⁰² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 23/93. Folha 18 (verso) e 19 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁰³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 24/93. Folha 19 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁰⁴ Em reuniões posteriores, nas discussões sobre a melhor opção pra animar esta ou aquela boite, outros grupos também são citados, como Sabor da Terra, Pagode do Dorinho, Sabor de Mel, Senzala, Sambeza, Samba Júnior, Raça Branca, etc.

Na reunião posterior, ocorrida em 07 de dezembro, o coordenador do grupo comunica que o Oitava Cor e o Lua Cheia não tinham agenda para a boite que estava sendo planejada. Entre o Raízes e o Samba de Magia, optou-se pelo último em razão da vantagem financeira, manifestando-se a preocupação em tornar o evento viável em termos financeiros:

A Sra. Marielena disse que podemos fazer os ingressos manualmente, para não ter gastos em gráfica. Evelise perguntou se por um acaso não conseguirmos dinheiro para pagar o conjunto o que vamos fazer. A presidenta respondeu que a diretoria executiva ficará na retaguarda para se precisarmos de dinheiro eles cobrirem¹⁰⁵.

A polêmica sobre o melhor grupo musical a animar as festas da juventude ficahiana prossegue por outras atas, dando indícios também sobre a importância de se ocupar o espaço do clube. Na reunião ocorrida em 15 de dezembro de 1993, a escolha do conjunto acima indicado volta à pauta, com o seguinte relato da presidente do clube ao grupo jovem:

A Sra. Maria Helena colocou que a esposa de um dos integrantes do grupo Oitava Cor a procurou, e explicou por que para os clubes é mais caro. Porque nas boites oitenta por cento da porta é deles, sendo esta livre. Então a Sra. Maria Helena colocou para ela que como o Oitava Cor iria tocar no B-52 no mesmo dia, já havíamos contratado outro conjunto. [...] A presidenta colocou que já saiu no jornal três vezes e que está sendo bem divulgado, e que o objetivo é integrar os jovens para se divertirem e que ela sabe que não era este conjunto que nós queríamos¹⁰⁶.

A boite que foi realizada com o conjunto Samba de Magia foi muito mal avaliada pelos integrantes do grupo, ao que se percebe pelas manifestações em reunião realizada em 19 de janeiro de 1994, alguns caracterizando como “horrrível” o evento. A presidente do clube, presente na reunião, busca então amenizar as avaliações negativas e chamar o grupo para o compromisso com o Clube:

[...] Com a palavra a Sra. M^a Helena disse que nos temos que fazer as coisas c/ energia e não fazer por má vontade os trabalhos. Temos que ter mais responsabilidade, que temos que trabalhar a sério, pois somos o futuro do Clube, temos que pensar nas propostas para 94 e tocar o grupo¹⁰⁷.

O grupo Lua Cheia retornaria às boites do clube no ano seguinte, como indica a ata da reunião realizada em 3 de março de 1994:

¹⁰⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 25/93. Folha 22 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁰⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 27/93. Folha 24 (face) e (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁰⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 28/94. Folha 25 (face) e (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

A boite ficou marcada para o dia dois de abril a princípio com o oitava cor e em segundo plano c/ o lua cheia. Os convites como nas outras boites e festas do clube ã serão vendidos na porta. A Sra. Maria Helena disse q há pessoas que não podem entrar e se estes aparecerem c/ convite serão barrados na porta. Ainda c/ a palavra a mesma disse q na última boite ã havia nem a metade do grupo q foi falta de comprometimento¹⁰⁸.

Na reunião seguinte, discute-se a possível indisposição de agenda do Oitava Cor, indicando o quanto o conjunto musical era requisitado na região. Mas principalmente, o alto valor cobrado pelo conjunto, que para se tornar viável, iria requerer o aumento do valor do ingresso e a venda de muitos deles para cobrir os custos. Novamente coloca-se o embate entre o que é desejado pelo grupo, e o que é efetivamente viável:

Carlos colocou que se não for com o Lua Cheia ou com o Mistura não vai dar para fazer. Ainda c/ a palavra este sugere que se ã der para fazer a boite, fazer uma festa de páscoa e então nós tomaríamos conta o bar e o lucro seria nosso ou rachar c/ a Diretoria executiva¹⁰⁹.

Em reunião do dia 06 de maio de 1994, “Carlos Eduardo sugere a voltar a fazer uma festa por mês com a discoteca dos Simões”¹¹⁰, apontando-se para a adesão ao som mecânico para animar as festas da juventude ficahiana. Em reunião do dia 30 de maio, após discussão em torno do prejuízo causado por uma festa para a qual o grupo havia se dedicado – o Baile dos Anos 60 – voltava-se a falar na alternativa do som mecânico para a próxima “boite” que estava sendo planejada, colocando-se a necessidade de se reunir dois toca-discos¹¹¹. Em reunião de 10 de junho, solicitava-se aos integrantes do grupo “trazerem discos para a boate dos namorados”¹¹². Em várias atas de reuniões posteriores fica explícito que a responsabilidade pelo som das “discotecas” passou a ser, em grande parte, assumida por integrantes do próprio grupo.

Dilermando: Eu pensei, que quando tu fala em etiqueta... Porque, assim, tanto o pessoal do Fica Ahi, os homens jovens e as mulheres jovens do Fica Ahi se arrumavam. Como os homens também, pra ir lá eles tinham que se arrumar muito bem. Por isso que eu digo: e aí a Festa *Black* é o contraponto

¹⁰⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 34/94. Folha 28 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁰⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 35/94. Folha 29 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹¹⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 42/94. Folha 33 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995)

¹¹¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 46/94. Folha 35 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995)

¹¹² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 48/94. Folha 39 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

disso aí, porque a Festa *Black*, a gente já se arrumava de qualquer... Quer dizer, se arrumar para aquela Festa daquele jeito, calça jeans...

[...]

Maritza: Sim, tu não ias para o Fica Ahi, para uma festa no Fica Ahi, com uma roupa que tu irias para a Festa *Black*.

Dilermando: Ah, não ia de jeito nenhum, não entrava.

Segundo Rudinei, no seu tempo de Corujão e Transa Show, colocou som no Chove Não Molha e no Depois da Chuva, quando este ainda estava em funcionamento. No entanto, não colocou no Fica Ahi, porque no seu tempo, no Fica Ahi só entrava música ao vivo, por se tratar de um clube “classe A”. Já os seus grupos tinham um estilo “mais popular”, pois faziam uso de “show mecânico”. Mas ao mesmo tempo, havia, na visão de Daniel, e como já aportaram alguns autores aqui já expostos, uma sede por referenciais por meio dos quais se pudesse reconstituir uma identidade negra, mesmo que estes fossem forjados em contextos diferentes do brasileiro.

Daniel: [...] aí os caras conseguem construir uma sociedade negra num clube negro com uma cultura branca. O que eu penso? Os caras queriam muito ficar igual à cultura dos brancos. Os caras levam a cultura de bailes de debutantes para dentro de um clube de negro, numa cultura que não era negra. O baile de debutante não é um baile que vem de um recorte preto, é um recorte branco e aí os caras vivem há anos com isso, com esse perfil, e há anos que eu falo é até hoje, se tu vai lá eles tem duquezinha, princesinha, mas tudo bem. Mas, fazendo recorte, neste período surge a moda então das Festas *Black* e aí ouve sim, como eu posso te dizer? Eu sinto que ouve uma visão dos adolescentes: “ah, que legal, estão fazendo música *black*”. Mas o que acontece? Estavam fazendo a música *black*, assim como nós fazíamos na vila, mas nós estávamos também trabalhando com uma cultura norte-americana, que é uma outra história. Um preto norte-americano, ele tem uma proposta e o negro-brasileiro tem outra proposta, e se tu parar para pensar elas só vão se bater por causa do tom da pele, mas a forma de lidar com a luta é diferente [...]

4.3 Os embates em torno da consciência negra

Como vimos acima, quando surge o Movimento Negro Contemporâneo, uma das preocupações é a criação de símbolos e datas de referência, de forma a inserir a participação negra na história do país, gerando outras interpretações sobre essa história. Um dos principais emblemas é a proposta de que o dia 20 de novembro, em que se comemora a morte de Zumbi do Palmares, fosse a data de referência para os negros, o que acabou se institucionalizando como Dia ou Semana da Consciência Negra. Nesse contexto, segundo Alberti e Pereira (2007, p. 35), há uma constante “busca de informações sobre a África”, seja conhecimento sobre sua história e os processos de descolonização, seja para tomar alguns traços como emblemas de

novos processos de identificação, como por exemplo, a referência aos orixás. Como aponta Sansone (2007, p. 91), a África, no transcorrer da história das comunidades das diásporas negras, “tem sido infindavelmente recriada e reconstruída”, de acordo com o sistema de relações raciais vigentes em cada local e também, das mudanças dos discursos sobre o ser negro e as possibilidades de identificação que estes possibilitam.

Entre os interlocutores, não há consenso sobre quando foi o início das discussões sobre consciência negra dentro do clube, as versões variam de acordo com as vivências particulares de cada um. Helenira afastou-se cedo do clube por conta da sua situação de “mulher separada”, talvez por isso não tenha acompanhado algumas iniciativas que outras pessoas da sua geração acompanharam.

Pesquisadora: Quando tu te afastou do clube, no teu primeiro afastamento, discutia-se “consciência negra” dentro do clube? Ou algo parecido?

Helenira: Não se discutia dessa forma. Mas sempre naquela [perspectiva] da autoestima: **tu podes, tu consegues, tu não és diferente de ninguém, tu podes tanto quanto os outros...** Isso sempre se ouviu.

Pesquisadora: Mas o clube discutir cultura negra, não?

Helenira: Não. De pegar texto... Nem havia esse hábito. Não. Era exercício da ação, sem falar muito. Eu acho que havia um jeito de nos poupar, não sei bem, mas **eles só queriam que a gente fosse melhor do que eles, e que a competição fosse de igual pra igual – e nos mostravam que podia ser.** Podia ter casa, podia ter carro, podia ter estudo, podia ter trabalho, e tinha que ser honesto. **E isso tanto no clube quanto em casa eu sempre ouvi, que a gente sempre ia ser mira de desconfiança, então que a gente não virasse isso pra nós, nunca.** Porque se entrasse, a gente ia perder. E eu muito obediente, nunca deixei isso vir a acontecer (grifo meu).

Marielda, por exemplo, afirma que já pelo final da década de 1970 se iniciava alguma discussão, mas puxada individualmente por uma ou outra pessoa que participava de organizações externas, como era o caso dela junto aos Agentes Pastorais Negros. Na visão dela, não foi o clube quem lhe proporcionou o debate sobre consciência negra, mas sim o contrário.

Marielda: A gente que acabou acho que levando para o clube mais essa discussão, assim, eu lembro que nessa função da Miss Mulata, por exemplo, lá naquele período a gente ajudou, porque a gente estava ali na ativa dentro do clube. A gente ajudou, assim, mas a gente já se questionava, assim, dessa coisa do “mulata”, que depois foi começando a ser mais discutido, enfim, mas ali naquele momento a gente já se questionava, assim.

Dilermando também recorda que na década de 1980, as discussões sobre consciência negra se davam fora do clube: “[...] eu mesmo comecei a me engajar com o Movimento Negro, tinha o Ederaldo, que tinha um grupo, mas aquilo era... Raramente a gente tinha uma reunião, que era no Pelotense, ali”. Posteriormente,

mesmo com família umbandista, Dilermando aproximou-se da Igreja Católica justamente por ser um dos espaços em que a questão racial estava começando a ser debatida de forma mais sistemática.

Dilermando: E aí foi, teve a Pastoral Negra, e aí foi que eu comecei de verdade com a Ernestina, porque nesses encontros da Igreja quem é que eu encontro? A Ernestina, que era e sempre foi católica e sempre lutou dentro da Igreja, com a Pastoral Negra. Aí a Ernestina me convida pra ir na igreja lá do Fragata, eu nem tinha noção, eu fui pensando que era uma missa, alguma coisa assim, cheguei lá era uma reunião com os negros da igreja, e trabalhando. E a minha primeira manifestação de rua com o movimento negro foi com ela, eu acho que até tu chegou a participar [se dirige à Maritza], foi na Praça dos Enforcados, tava a Marielda, aquela foi a primeira.

Com efeito, como Marielda participou de uma gestão anterior à encabeçada por Maria Helena Silveira, o seu depoimento deixa explícito que já tinha se iniciado essa discussão dentro do Clube, mesmo que tímida.

Marielda: Naquele período, a gente não tinha tanto... A gente não tinha tanta barreira naquele período, porque na verdade, assim, até a própria diretoria, a composição da diretoria naquele período ali era uma composição de diretoria que também já vinham a começar a discutir essa coisa, de que o clube tinha que se fixar com a questão negra. Eu me lembro que acho que foi ali que também as rainhas daquele ano em diante começaram a trabalhar, assim, nas coisas da fantasia, nessa coisa mais negra, assim, também.

Outra entrevistada Maria José, fala que início da década de 1980, acontecia na cidade de Pelotas a “Feira das Nações”, e que o Fica Ahi participava desse evento com um grupo de dança afro que ela, como uma profissional de educação física, tinha criado dentro do Clube, relata que...

Maria José: [...] na cidade tinha a Feira das Nações, então era representado, quem participava das Feiras das Nações os clubes, aí cada clube representava a sua etnia, nós o Fica Ahi representava a África, e aí cada clube representava a sua etnia então, era ali no Guanabara, no estacionamento do Guanabara, lá em cima aí cada clube montava a sua banca e tinha as comidas típicas, tinha as roupas, tinha assim os artesanatos típicos de cada etnia. Aí tenha o desfile que faziam pela a cidade era muito legal mesmo, desfilava assim pela cidade em carros abertos, tinha os grupos assim representando os clubes e os carros assim, com roupas com características e depois ficava acho que uma semana ali no Guanabara se eu não me engano e tinha apresentações de dança todo o tempo de danças de acordo com suas etnias representava e o clube sempre se representou e eu que trabalhava o afro né na época e apresentava o grupo ali no Guanabara na época. Era muito bom e aqui no clube tinha era mais ou menos não sei se era na mesma época que era da cidade, mas tinha aqui no clube sempre a festa afro e aí a gente representava a dança aqui também e tinha as comidas típicas, geralmente o pessoal vinha caracterizado com a roupa era bem legal mesmo.

Em relação ao grupo jovem da gestão 1993-1995, na ata nº 2/93, faz-se registro de uma reunião que aconteceu no dia 14 de agosto de 1993, primeira reunião depois

da posse da coordenação do grupo. Foi uma reunião para apresentação de projetos, e dentre os que consta, destaca-se:

Projeto de encontro cultural das raízes negras → tem como objetivo resgatar e divulgar os jovens em geral nos **conceitos e maneiras pelos quais o jovem negro pode estar levando a toda a sociedade as bases da cultural negra**. [...] * **Projeto dos esportes** → sugestão restauração da quadra. Revestir o portão com chapa de latão, aumentar o muro e revestir com arame farpado e cacos de vidro, fazer um mutirão para limpeza da quadra (grifo meu)¹¹³.

A forma como consta na ata dá a entender que reflexões sobre consciência negra estava recém começando a ser levado para dentro do Clube. No informativo de número 01, o grupo jovem, por exemplo, anuncia-se como atividade do próximo mês a realização, no dia 18 de novembro, de um “Desfile Afro”. A confirmação de que a atividade anunciada era para comemorar a Semana da Consciência Negra vem em outro documento – uma correspondência da Diretoria – que tinha sido direcionada para os associados, na qual a “relação dos eventos que serão realizados até dezembro de 1993”. Consta aí a atividade planejada para 18 de novembro, intitulada “Palestra alusiva à Semana do Negro”, que contaria também com a apresentação de grupos de dança e teatro.

Na ata nº 4/93, reunião 21 de agosto, consta uma informação que dá uma ideia do quanto o clube estava em uma transição entre diferentes posicionamentos sobre essa novidade que era falar diretamente de “consciência negra”.

[...] o Projeto do encontro de conscientização negra. Foi aprovado, mas **consta no estatuto do clube que não pode haver festas de religiões ou política**, para tanto não pode ter a mesa de beji [ibeji], e a data prevista é para vinte de novembro que é próximo à data festiva do Zumbi (grifo meu)

Não haver “festas de religião e política” seria uma forma de negociar com o regime de exceção que se manteve no Brasil até metade da década de 1980, no sentido de garantir a permanência do associativismo negro, desde que não questionasse a ordem vigente? É uma pergunta que requer pesquisas mais aprofundadas. Talvez pela própria censura e pelo medo, as pessoas que não tinham um envolvimento direto com organizações políticas e que tinham uma fonte de renda estável não se davam conta sobre o que significava o período político em que estavam vivendo. Maritza, por exemplo, ao reconstituir a sua trajetória familiar, declara:

¹¹³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 2/93. Folha 03 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995). Tentou-se manter a mesma forma de escrita que consta na ata.

Maritza: Eu nasci em 59, então eu pego pequeninha 64, pego o golpe militar, mas ao longo, passei sem nem ao menos saber... [...] Como eu sempre digo, eu fui uma adolescente totalmente alienada nesta questão política. A escola não fazia discussão, e a família não fazia discussão. A escola não fazia discussão e a minha família não fazia discussão, meu pai, minha mãe, tios, ninguém discutia, ninguém falava nada, ninguém entrava na questão. Nós vivíamos como, assim: tá tudo muito bem, todo mundo vivendo...

De todo modo, outras passagens das atas indicam que estas normas estatutárias, embora lembradas em uma situação ou outra, eram constantemente relativizadas, a ponto de que o próprio grupo, quando passará a assumir a discussão de consciência negra, tomará o panteão dos orixás como emblema de expressão identitária. Em relação à política, em reunião ocorrida em 28 de outubro de 1994, consta: “Logo a seguir D. Maria Helena comenta que o Clube Fica Ahi vai até a Câmara de Vereadores prestar uma homenagem à Senadora Benedita¹¹⁴ que se encontra em Pelotas para apoiar a candidatura de Olívio Dutra”¹¹⁵. Mesmo que a homenagem à senadora tenha se dado em razão de sua militância dentro do Movimento Negro, não deixa de ser interessante o clube homenagear, neste momento, uma personalidade política vinculada a uma linha de esquerda.

Na ata nº 6/93 fica-se sabendo que essas atividades da Semana da Consciência Negra propostas pelo grupo jovem tinham recebido o apoio do departamento cultural do clube. A sua diretora, Sra. Glaci, afirmava:

[...] que o grupo deve escolher um nome para o troféu a ser homenageadas pessoas destaque do clube em cultura negra e depois expandir para nossa cidade e talvez estadual. Que nós devíamos dar ideias do modelo, formato e material típico para o troféu¹¹⁶.

Iniciava-se ali os famosos Bailes da Consciência Negra do Clube Fica Ahi, nos quais pessoas negras são homenageadas por terem sido destaques em algum ramo de atividade social, como o troféu Zumbi dos Palmares, atividade que atualmente se

¹¹⁴ Trata-se certamente da, na época, senadora Benedita da Silva, atualmente deputada federal pelo RJ pelo Partido dos Trabalhadores. Benedita nasceu no dia 26 de abril de 1942, sendo de uma família humilde que vivia em uma favela. Sua mãe Maria da Conceição Sousa da Silva trabalhava com lavadeira, o seu pai José Tobias da Silva, era pedreiro e lavador de carro. Benedita da Silva torna-se a primeira senadora negra do Brasil, é vista com muito orgulho pela população negra brasileira, militante do Movimento Negro e feminista atuando como advogada a defesa dos direitos das mulheres negras.

¹¹⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 66/94. Folha 4 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹¹⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 6/93. Folha 04 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

encontra desativada¹¹⁷. Neste período sequer apontava-se “Zumbi dos Palmares” como o nome do troféu. A ata nº 7/93, de uma reunião que aconteceu em 04 de setembro de 1993, traz as seguintes revelações:

Para o Primeiro Encontro Cultural Social e das Raízes Negras a realizar-se no clube foi sugerido por Carlos Eduardo um **troféu com o nome Castro Alves, e pelo Marco foi sugerido o nome Machado de Assis**. A pessoa homenageada será feita a partir de um consenso de cinquenta sócios. A data de entrega será num jantar ou no fim de semana do negro. **A [Há] quem sugeriu que na Semana do Negro o grupo jovem se vista com roupas típicas** (grifo meu)¹¹⁸.

Na reunião seguinte do grupo, dia 11 do mesmo mês e ano, os nomes de Machado de Assis e Castro Alves voltaram a ser discutidos. É, então, que se apresenta outro posicionamento:

A Regina [Nogueira] coloca que a gente deveria pensar bem antes, pois **eles [Machado de Assis e Castro Alves] não contribuíram para a história dos negros e sim a destruíram**, então Carlos Eduardo disse que para a próxima reunião todos os presentes deveriam trazer um nome (grifo meu)¹¹⁹.

Na reunião do dia 27 de outubro de 1993, consta na ata 18/93, o grupo recebeu a presença do Sr. Ivan, representante do departamento cultural. Carlos Eduardo questiona sobre as atividades que vinham sendo planejadas por aquele setor do clube para a “Semana Afro”:

Ivan disse que era bom o grupo jovem participa-se [participasse] com uma peça teatral, pois já tem dança, palestras etc, e que era bom o grupo participar com qualquer outra atividade. [...] Carlos Eduardo quer saber a respeito do troféu. Ivan perguntou se a gente já tem ideia do material, nome do troféu, etc. Carlos Eduardo [falou] que nós temos que pensar, e fazer uma autobiografia da pessoa escolhida, pois a Sra. Glaci disse que deve ser um troféu bem padronizado. Gislaine colocou que devemos batalhar para no sábado [termos] os nomes escolhidos para se ver o material etc. Ivan disse que sábado ele já nos traz as datas, o que a gente vai precisar fazer, e que era bom que fizéssemos uma peça teatral, que já fica para ser apresentada na festa do aniversário do clube¹²⁰.

Na reunião seguinte, ocorrida em 30 de outubro de 1993 (ata 19/93), o tema da “semana do negro” voltou à pauta, referindo-se uma circular do clube que

¹¹⁷ O último “Baile da Consciência Negra” em que houve a entrega do troféu Zumbi dos Palmares foi em 2015. Nos anos de 2016 e 2017, últimos anos em que o troféu foi entregue, isso foi feito no almoço de aniversário do Clube.

¹¹⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 7/93. Folha 05 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹¹⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 8/93. Folha 05 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 18/93. Folha 15 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

responsabilizava o grupo jovem pela execução de uma peça de teatro, fato que nem todos estavam a par.

Maria Claudia sugere em vez do teatro fazermos um **desfile afro**, com roupas e talvez penteados, sua proposta foi aceita. E em relação ao troféu, foi sugerido por Maria Claudia o nome de **Nelson Mandela** o grupo aceitou e todos ficaram de fazer levantamentos sobre o mesmo¹²¹.

A ata 20/93 refere que a próxima reunião do Grupo, ocorrida em 06 de novembro de 1993, foi realizada na casa da conselheira do grupo, Regina Nogueira, ou seja, fora do espaço do Clube, o que não deixa de gerar estranhamento. A ata é uma das mais curtas do livro. Nela consta que as propostas discutidas pelo grupo:

Foi iniciada a reunião com a Regina colocando como seria o enredo do desfile (uma ideia), que o desfile iria se chamar: **“O dia em que me vesti de negro”**. Foram escolhidas e experimentadas as roupas para o citado desfile. Logo após foram escolhidas as entradas, e a Regina perguntou quem das gurias estavam dispostas a abrir o desfile com o Carlos Eduardo. A abertura seria da seguinte forma: entra um casal vestidos com roupas sociais, dançam a valsa logo em seguida eles se olham e observam que não estão se sentindo bem com aquelas roupas, e começam a retirá-las e se vestem com **roupas de negro**. Depois de muita polêmica e conversação foi decidido que a Juliane irá entrar com o Carlos Eduardo, e a Maria Cláudia irá encerrar o desfile com uma dança (grifo meu)¹²².

Observa-se que a atividade proposta era uma clara afronta aos padrões de sociabilidade tradicionais do clube, segundo os quais vestir-se “socialmente” e dançar ritmos convencionais, como valsa, era a norma.

Nos desdobramentos da discussão, na ata nº21/93¹²³, referente à reunião do dia 12 de novembro, “Carlos Eduardo abre a pauta: Festa Afro, o mesmo colocou que queria fazer um pré-ensaio, mas não será possível pois estavam arrumando o salão para o baile”. Uma integrante do grupo, Gislaine, pergunta para o Carlos Eduardo “[...] como vai usar o cabelo. Carlos Eduardo colocou que **não pode ser cabelo pós-modernista**” (grifo meu). Não há como saber o que seria este “cabelo pós-modernista”, se estava se referindo ao *black power* ou não.

O assunto tem vários desdobramentos na reunião. Um deles é sobre o nome do troféu, quem vai ser a personalidade negra homenageada, cujo nome escolhido pelo grupo havia sido Mandela.

¹²¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 19/93. Folha 16 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 20/93. Folha 16 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 21/93. Folha 17 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

A Sra. Marielena quer saber então quem a gente escolheu e por quê? Carlos Eduardo respondeu porque ele ficou +/- vinte anos na cadeia por causa de movimentos negros. Sra. Marielena colocou que no momento que o escolhermos, todo o grupo tem que saber muito dele. Ainda com a palavra a mesma perguntou se a gente sabe quem iria esculpir o troféu. Carlos respondeu que tem um amigo que faz. A Sra. Marielena ainda colocou que precisamos fazer uma cerimônia rápida, e que durante a semana do negro precisamos trazer mais gente não sócio. E que o clube não participou do projeto Kizomba pois estão em início de gestão, que foi um representante somente na abertura, que se realizou no “castelo”, mas ano que vem vão participar¹²⁴.

Mesmo com todas as hesitações e dúvidas, ao que parece, a programação da primeira comemoração da consciência negra foi bem-sucedida. Na reunião seguinte, ocorrida no próprio dia 20 de novembro de 1993, foi registrado na ata nº 22, a credibilidade que o grupo jovem adquiriu por ter desenvolvido a programação.

Carlos Eduardo abre os informes e expõe ao grupo que dia dezoito a Sra. Tânia (quem presidiu a mesa dos palestrantes) colocou para o mesmo se não havia a possibilidade do grupo jovem formar um grupo temático, isto é, um grupo que trabalha sobre um tema, que o grupo vem num pique bom, que a nossa atividade do dia dezoito com relação a semana do negro foi muito boa. Que todos andam comentando do grupo que está bom. Então que nós podíamos já iniciar estudando sobre o desfile, por exemplo: ***porque do desfile Afro *porque as roupas serem assim *o que significa as danças *costumes e línguas, ou então *resgatando as origens do clube, pesquisando sobre fundadores, e porque da origem do clube.** Carlos Eduardo perguntou se o grupo aceita, pois será interessante, é a pesquisa sobre a nossa própria cultura que hoje em dia está apagada. A Sra. Marielena colocou que a Sra. Diná já está fazendo este trabalho dentro do Clube e que então nós deveríamos nos juntar a ela. E também que a mesma já está fazendo uma ficha no computador sobre os presidentes, fundadores, sobre as sedes do clube, etc. (grifo meu)¹²⁵.

A ata prossegue indicando que o grupo aceita o desafio e a orientação é associarem-se aos esforços da Sra. Diná para dar prosseguimento à construção da pesquisa sobre a trajetória do clube. No decorrer da discussão, chama a atenção a ideia de conhecimento e de ter cultura como algo que proporciona a inserção social, em uma fala da Sra. Marielena: “A Sra. Marielena ainda colocou [...] Que uma pessoa que pensa que sabe tudo não cresce quase nada, mas uma pessoa com cultura sobe e muito na vida”¹²⁶.

¹²⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 21/93. Folha 17 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 22/93. Folha 17 (verso) e 18 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 22/93. Folha 18 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

A discussão sobre consolidação do tema da consciência negra dentro do clube prossegue na reunião ocorrida em 04 de dezembro de 1993. Dois pontos chamam a atenção: a elaboração de um “projeto cultural” para o clube e, conseqüentemente, a abertura do diálogo com organizações governamentais responsáveis por esse tipo de encaminhamento. A Sra. Tânia Feijó apresenta-se como uma personagem central nessas articulações.

A Sra. Tânia iniciou colocando que o projeto vai ser **enviado a Fundação Palmares por intermédio do Dep. Fetter Jr., o projeto como se diz a Sra. Tânia, que tem a finalidade de que, o clube adquira o direito a uma verba, para que, nós possamos trabalhar, acima de algum tema como: o resgate de nossa cultura, como é o negro na sociedade negra e sociedade branca, que podemos montar um acervo a respeito do clube, fazendo pesquisas, entrevistas com as pessoas da velha-guarda, e que tem muito a nos passar, como exemplo, um associado vivo de mil novecentos e vinte e sete que hoje seja ou não seja mais sócio, pois o mesmo poderá nos ajudar, devido de ter uma visão diferente do clube do passado e o atual. Ainda com a palavra a Sra. Tânia diz que teremos que ter muita paciência para realizarmos este trabalho, pois levaria tempo, a mesma leu a justificativa da pesquisa e que colocou no projeto a montagem de um núcleo e que nós deveríamos ver se é isso mesmo, pois as diretorias seguintes se não acharem interessante o projeto poderiam querer arquivar, já sendo um núcleo não seria possível o arquivamento do projeto (grifo meu)**¹²⁷.

Fica explícita, na passagem acima, a preocupação com a viabilidade desse tipo de projeto em relação às diretorias do clube, não habituadas com esse tipo de discussão. Essa preocupação é manifestada, inclusive, pela representante da diretoria que estava presente na reunião: “A Sra. Maria Helena coloca que, como o período da gestão é de dois anos, devemos ligar este projeto a algum órgão público ou privado, para que, este trabalho tenha continuidade mesmo com o final da gestão”¹²⁸.

Na sequência da ata, registra-se o alerta de Tânia sobre o quanto o tema poderia gerar dificuldades inclusive no ambiente familiar:

A Sra. Tânia Feijó colocou que não quer interferir no grupo e que gostaria de outra reunião para conversarmos novamente e que não adianta darmos uma resposta agora, sem antes conversar entre nós. Ainda com a palavra a Sra. Tânia colocou que temos que ter cabeça e competência para levarmos o projeto adiante, e **não sermos que nem era no tempo dela, bonitinhos de boca fechada**, pois quando abriam a boca só saia bobagem, disse que **no início até em casa vai ser difícil colocar esse assunto** mas que com o tempo será facilmente colocado. Carlos Eduardo colocou que independente da decisão do grupo, em trabalhar no projeto, ele se considera incluído para trabalhar no projeto, como negro e associado.

¹²⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 24/93. Folha 20 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹²⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 24/93. Folha 21 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Tânia Feijo coloca que, **no começo em casa os pais poderão dizer que, isso é racismo ao contrário e que nós teremos que ter competência para explicar que não** (grifo meu)¹²⁹.

Não era à toa que se temia que a discussão sobre negritude fosse vista com estranhamento dentro das famílias ficahianas, pois como apresenta Maritza:

Maritza: Então, e não tinha nenhuma discussão racial, na minha família não existia discussão racial nenhuma. **Eu só tinha uma coisa muito firme comigo desde sempre: eu nunca tive nenhuma rejeição, nenhuma vergonha no fato de ser negra, mas também eu não tinha discussão nenhuma sobre a questão** (grifo meu).

O fato de não autorrejeitar a sua condição étnico-racial não significa que Maritza não tenha enfrentando situações de preconceito. Segundo ela, “não discutia, não falava, absorvia aquilo e ficava”. Ao que parece, ao invés de discutir o preconceito abertamente, a estratégia para enfrentá-lo, neste período, era criar uma rede protetora, que permitisse contestá-lo provando-se ser tão competente e habilidoso quanto quem o praticava supunha que o era. Essa rede protetora abarcava desde o contexto familiar até espaços mais amplos, como o próprio clube. Os depoimentos de Maria José e Helenira apontam para isso:

Maria José: Mas só que assim oh, tem o preconceito, a minha avó [paterna], do jeito que eu passei pra vocês que ela era, que ela era uma pessoa que sempre resistiu o racismo, assim, então ela nos passou muita coisa. Uma coisa que ela sempre dizia, assim pra nós: vocês não são melhor que os outros, mas ninguém é melhor que vocês! Então, ensinava que a gente **tinha que erguer a cabeça e seguir**, porque ninguém era melhor que nós que a gente não pudesse chegar aonde a gente quisesse chegar. E a gente cresceu com isso aí, assim, ela passou isso pra gente.

Pequisadora: É outra perspectiva, porque tem muitas pessoas aceitando o lugar...

Maria José: Não. Ela nunca se deixou ultrajar, assim, sempre lutou contra. E nós também, a gente, é claro, a gente sofreu, sim, isso aí vai sempre existir e a gente vai sempre passar por isso aí. Quando eu trabalhava na escola e aí eu estava na função de diretora da escola, aí eu sou muito assim: eu não dei bola porque era a diretora, porque eu vou me colocar naquele cargo, naquela cadeira blábláblá... Não, eu ajudava, se eu tinha que ir ali, eu ia em tudo que era setor, se tinha que ir no portão eu ia no portão, abrir portão ou fechar portão, isso nunca me fez diferença. Mas uma vez eu estava nessa situação e a pessoa olha pra mim: é, eu quero falar com a diretora... E eu era a diretora da escola. E muitas coisas, assim, as pessoas colocam assim, mas não me atinge. O pai dizia assim: **o que vem de baixo não me atinge**, essas coisas, assim, essas frases que marcam a gente, mas faz a gente ser mais forte, até contra esse racismo aí, porque é uma coisa que nunca vai ter fim [...] (grifo meu).

Helenira: [...] e ele (pai) sempre dizia: “vocês têm que estudar, tem que estudar... **Ele não nos ensinou a ter cuidado com relação ao preconceito.**

¹²⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 24/93. Folha 21 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

É diferente de dizer “ah, não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo”, não: **“tu tens estudo, tu tens casa, tens família”, ele trabalhou muito a autoestima da gente.** Sem colocar “o lado de cá” e “o lado de lá”, entende, mas assim: **“tu podes! E tu vais conseguir”** (grifo meu).

A estratégia, ao que parece, não era confrontar o preconceito e a discriminação, mas sim contorná-los de forma persistente a fim de construir formas de autoafirmação. Helenira relata que quando foi Rainha do Clube, ela reivindicou para a diretoria que só cumpriria sua função de visitar os outros clubes brancos se pudesse ir com a corte dela, pois havia um descompasso: quando as rainhas dos outros clubes visitavam o Fica Ahi, iam com suas cortes; quando a rainha do Fica Ahi ia retribuir a visita, tinha que ir sozinha.

Helenira: E quando eu fui, perguntei pro meu pai: “mas por que eu não vou com a corte? Se elas vêm tudo com a corte aqui, vem um monte de gente”. Então eu me lembro delas (as senhoras) fazendo canudinho e cachorro-quente, porque ofereciam pra corte toda da rainha: vem a corte do Diamantinos, “quantas moças vem?”, “vem tantas”, então a corte desfilava, fazia a visitação, e então ia numa sala reservada pra fazer um lanche, o clube oferecia sempre um lanche. Eu disse “como é que vai um monte de gente, e eu vou só eu? Não, vou com a minha corte!”, “não, mas é só a rainha...”, “não! Se aqui vem todo mundo, vai todo mundo”. Aí eu lembro que foi pra reunião, reunião da diretoria, se realmente podia ir todo mundo... **E depois eu me dei conta, era uma maneira de nos poupar de qualquer atropelo por causa da cor.** É diferente tu receber uma rainha negra, ou uma rainha com sua corte negra.

Na mesma reunião do dia 4 de dezembro de 1993, observa-se por meio do “projeto cultural”, que buscava ser implementado sobre negritude, uma preocupação em construir outras narrativas sobre a presença negra, antecipando o debate sobre a necessidade de se construir conhecimento a partir das experiências dos negros e negras das diásporas, o que foi contemplado posteriormente, em âmbito nacional, com a Lei 10.639/2003.

Leu os objetivos do projeto, que é construir um acervo com documentários, **relatos negros não só para nós, mas para comunidade negra em geral**, ainda colocou que precisamos saber do viver negro, que temos que ter conhecimento, sobre nossa cultura e nos tornarmos aptos para falar dela.

[...]

A Sra. Tânia Feijó colocou que podemos com o tempo nós **poderemos descobrir algum país da África, que apresente algumas características iguais as nossas e mantermos um intercâmbio com este país.**

A Sra. Maria Helena, coloca que hoje o grupo está pequeno, devido ao mau tempo, mas que é para convocarmos o resto do pessoal para a próxima reunião, pois é uma chance que temos, para que, no futuro nós possamos ter orgulho de por algum tempo ter estado ligado ao grupo jovem, o grupo temático e ter reconstruído um pouco de nossa história.

A Sra. Tânia Feijó coloca que durante toda sua caminhada de vida sofreu muitas discriminações, tanto por ser mulher e ainda negra, engoliu muitas coisas; para finalizar coloca que precisamos nos reunir novamente.

Gislaine pergunta quando teremos que dar a resposta, a Sra. Tânia coloca que pelo menos o nome do projeto ela gostaria de discutir conosco o que poderia ser quinta ou sexta-feira próxima (grifo meu)¹³⁰.

De fato, três dias depois, no dia 07 de dezembro, o grupo jovem se reuniu novamente, dando continuidade sobre o projeto cultural que estava sendo elaborado. Consultado, o grupo decidiu pela participação no projeto que estava sendo elaborado por Tânia Feijó, cujo nome escolhido foi: **“Núcleo de Documentação e Resistência da Cultura e Vivência Negra do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo de Pelota/RS-Brasil”** (grifo meu)¹³¹.

Dois dias depois, no dia 09 de dezembro, em nova reunião, Tânia Feijó volta a reunir-se com o grupo para discutir o projeto. A ata apresenta inicialmente uma redação confusa, pois menciona a existência de dois projetos a serem encaminhados e dá a entender que havia disputas em torno do nome iria ser escolhido para constar como coordenador. Tânia questiona, então, o grupo sobre o que sabem da história do Clube:

Vamos iniciar fazendo pesquisas orais, em bibliotecas, câmara dos deputados e outros. Sra. Tânia disse que para iniciar perguntou: * Porque do projeto, se vamos saber defende-lo, até onde este é importante, se teremos postura para tudo isto. **Ainda perguntou se alguém sabe por que e como iniciou o Clube Cultural Fica Ahi. Carlos respondeu dizendo que este iniciou porque o CC Chove Não Molha saia no carnaval, e que três pessoas fundaram um cordão carnavalesco com o nome do clube.** A Sra. Tânia perguntou por que será que eles tiveram este desejo de fazer o cordão? E o que identifica estas três pessoas. Carlos Eduardo disse por que **os três fundadores eram brancos.** Completou ainda dizendo que foi um foco de resistência para se reunir. A Sra. Tânia complementou que tínhamos que institucionalizar¹³² alguma coisa como fundar um clube para reproduzir a cultura (grifo meu)¹³³.

A referência aos três fundadores do Fica Ahi serem “brancos” não condiz com as pesquisas historiográficas já realizadas sobre o clube, embora Loner e Gill (2009) sugeriram que havia um recorte de cor, não apenas de classe, entre os integrantes do Fica Ahi. Contudo, várias fotos das décadas de 1940 e 1950 apresentam um quadro de associados no qual pessoas que hoje poderiam ser classificadas de “pretas” estão presentes. É possível que Carlos Eduardo estivesse projetando para os primórdios do

¹³⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 24/93. Folha 21 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 25/93. Folha 22 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³² A palavra foi reproduzida aqui tal como está na Ata, mas é possível que o que pretendia-se dizer era “institucionalizar”.

¹³³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 26/93. Folha 22 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Fica Ahi a representação que se fazia sobre o clube: de ser um espaço branqueado em razão dos códigos de conduta que adotava e da discriminação sobre os associados de outros clubes negros da cidade.

De todo modo, a reunião acima descrita se não era a primeira, certamente era um dos marcos da inserção dos debates sobre o racismo no interior do clube, a considerar a fala de Maritza,

Maritza: [...] eu acho que foi na década, já pro final da década de 80, início do [...]. Acho que lá no, principalmente 90. É que começam os bailes, começam as festas Afro dentro do clube. Por quê? Porque começa sim este movimento, esta discussão maior começa a aflorar, da questão negra. E no país começa também tudo isso a acontecer, e aí o clube já não pode mais ficar sem... Não é que não possa, mas já começava a ficar estranho no mês de novembro o clube não fazer nada relacionado a... Mas era, ainda ficava restrito a somente a noite Afro. Só restrito a isso, aí as pessoas iam.

Nota-se que pelos entrevistados e atas que esse processo de discussão é vagaroso, há um esforço por parte da diretoria e de alguns sócios do clube em levantar esta discussão no Clube. Marielda sugere que a entrada dessa discussão neste espaço também foi marcada por posicionamentos de classe.

Marielda: É eu acho que nem para dentro do clube como um todo, mas dentro do grupo nós discutíamos muito, tanto que a própria construção da identidade do grupo de teatro, por exemplo, isso era muito discutido assim porque a gente discutia: “tá, mas vem cá, somos todos atores negros, como a gente não vai tá falando de questões mais voltadas pra gente, assim?”. Mas **era algo muito ali da discussão daquela juventude que estava ali dentro do grupo, assim, que não fazia muito eco dentro do clube** em função de ter essa coisa assim, desse recorte, enfim de que: “ah, **vamos deixar porque aqui é o lado pobre** e aqui é o lado que tem um pouquinho mais... A gente não se mistura”, enfim... (grifo meu).

Pois é neste dia 09 de dezembro de 1993 que os integrantes do grupo jovem são provocados pela Sra. Tânia Feijó a falarem sobre as situações de racismo, embora ainda não as nominem como tal, mas sim como “mals tratos”.

A Sra. Tania quer que falemos de experiências vividas por nós com mals tratos. Maria Cláudia, Osvaldo, Raquel e a Sra. Tania falam que tiveram mals tratos no colégio, já a Evelise e o Júlio em um jogo, o Gustavo no time em que joga, o Carlos Eduardo no barzinho, a Márcia nos outros clubes, a Josiana quando voltava de um baile e a Regina na faculdade¹³⁴.

Neste momento, os jovens ficahianos discutiam situações que possivelmente sempre fizeram parte de suas trajetórias familiares, as mesmas que levaram à própria fundação do Clube. Ao problematizar sobre uma situação de racismo vivida por Ana

¹³⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 26/93. Folha 23 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Flávia, a filha de um governador do Espírito Santo, que teria sido confundida com uma empregada doméstica em um condomínio de luxo, Hanchard (1996) avalia que no Brasil, uma pessoa com esse perfil “[...] considerada como membro da elite quando é identificada por seu nascimento, tratada como membro inferior e impotente da sociedade quando identificada pela raça”. Segundo Hanchard (*Ibidem*), na esfera pública brasileira, ao afrodescendente sempre foi atribuída uma cidadania “contingente e parcial”, e mesmo assim, isso é resultado das suas próprias lutas políticas. O conceito da esfera pública, segundo o autor, supõe a igualdade nos planos social e político, entre os atores nela implicada. Como aqui historicamente imperam princípios de exclusão de classe, raça, gênero ou outros, os grupos excluídos passaram a construir “esferas públicas alternativas”, como foi o caso dos clubes sociais negros e outros espaços de sociabilidade negra. São nestes espaços, segundo Hanchard, que manifestações expressivas, as quais haviam sido apropriadas para a formação de uma identidade nacional genérica, estavam sendo reapropriadas pelos coletivos negros e reetnicizadas. Afinal, como afirma Maritza, experiências individuais só se tornam coletivas quando há espaços de compartilhamento e construção de uma nova forma de olhar para vivências dolorosas, mas que o silenciamento tornou-se natural.

Maritza: [...] às vezes tu tem o silenciamento, às vezes tu te bloqueia, tu não quer viver aquilo ali: não, não é... E se tu estás num grupo onde tu não estabelece a reflexão, a discussão sobre o tema, sobre o assunto, morreu! Porque é que eu vou falar, se ninguém está falando? Só eu estou vendo isto, ninguém mais está vendo, então por que é que eu vou dizer alguma coisa?

Retomando a discussão da reunião do dia 09 de dezembro de 1993 do grupo jovem:

Regina perguntou como a gente vê o branco. E também se **quando falam piadas de negro a gente não se dá conta que estamos rindo de nós mesmos**. Simone disse que geralmente quem fala estas piadas são os próprios negros. Osvaldo disse que quando falarem estas piadas temos que ter uma resposta pronta para dar. Regina pergunta como vamos ter esta resposta. Carlos disse que seria uma autoavaliação. A Sra. **Tânia falou que existem dois tipos de racismo o explícito e o velado**. Ainda falou que somente cinquenta por cento dos negros entram para a escola, que quinze por cento saem do primeiro grau e que noventa e nove por cento se sentam do meio para o fundo. Perguntou por que será que o negro sempre se senta no fundo da aula. Josiana falou que as professoras sempre chamam os negros no quadro. A sra. Tânia disse que gostamos de ir ao quadro porque temos competência, por isso mostramos o que sabemos. **Mas que tem um**

problema, “o negro sempre tem que saber mais”. Regina disse que não o inferiorizam, mas existe uma certa repressão (grifo meu)¹³⁵.

A dificuldade de exercitar uma reflexão sobre o racismo a partir das próprias experiências é explicitado por Regina, na sequência da ata, ao comentar que “é difícil falar da nossa raça”. Segue um trecho:

A Sra. Tânia disse que foi difícil, mas que estamos ainda experimentando, pede que na próxima reunião trazer recortes que apresente racismo, para **começarmos a aprender sobre racismo**. Que ela sentiu que vai ser difícil a gente entender a nossa cultura. Regina pediu então recortes que mostre a resistência do negro (grifo meu)¹³⁶.

De fato, a dificuldade em “falar da nossa raça” evidenciou-se na primeira reunião em que o assunto voltou à pauta, em 19 de janeiro de 1994. A Sra. Tânia não compareceu por outros compromissos, e Regina estava com problemas de saúde, enviando um texto para que o grupo lesse e discutisse. Mas uma das integrantes do grupo manifestou indiferença em relação ao assunto, afirmando “[...] que não veio para a reunião discutir assunto dos negros e sim p/ falar da boite”¹³⁷. Neste caso, desperta a curiosidade sobre as razões pelas quais ela não queria falar sobre o assunto, uma vez que sua intervenção faz com que a reunião se direcione para a discussão da boite, e não sobre consciência negra.

Nos dois meses seguintes o tema não foi abordado diretamente em reuniões, mas chama a atenção que em uma delas, ocorrida em 3 de março de 1994, a presidente solicitava ao grupo jovem o envolvimento de pessoas para trabalhar no acervo do clube. Consta na ata que: “colocou que a sra. Diná, a bibliotecária precisa de 2 ou mais ajudantes p/ ajudar colocar etiquetas em documentos” – além de comunicar que o clube iniciaria a oferta de aulas de capoeira¹³⁸. As ajudantes seriam indicadas em outra reunião, ocorrida em 18 de março¹³⁹. Não é possível saber ao certo o grau de influência das discussões sobre consciência negra, que se iniciavam nestas atividades de capoeira e da biblioteca, mas fica evidente que havia uma

¹³⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 26/93. Folha 23 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 26/93. Folha 23 (face) e 23 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 28/94. Folha 25 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 34/94. Folha 28 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹³⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 36/94. Folha 29 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

preocupação em diversificar os serviços ofertados pelo clube, especialmente no tocante ao que se entendia como “cultural”.

O tema “capoeira” retornaria na ata 53/94, relativa à uma reunião ocorrida em 15 de julho daquele ano. Consta na ata que a Sra. Diná:

Colocou que o professor de capoeira “Flávio” desenvolveu um projeto sobre um torneio de futebol de salão, que seria cobrado quatro reais a inscrição para os times e a metade do dinheiro seria do grupo e a outra para **comprar atabaques e outros instrumentos para a capoeira**. Como entra parte financeira temos que consultar a Sra. Maria Helena. O projeto foi aceito pelo grupo (grifo meu)¹⁴⁰.

Esta proposta de torneio foi descartada em reuniões posteriores porque a diretoria do clube considerou que o referido professor – que, pela forma como é mencionado, parecia não fazer parte do quadro de associados – visava lucros pessoais com o evento.

A dificuldade de se abordar o tema “consciência negra”. de forma mais persistente dentro do clube apareceria novamente na reunião 08 de abril de 1994, com o presidente manifestando que:

[...] **o grupo iniciou o projeto do troféu negro ilustre e parou**. Ainda com a palavra, o mesmo acha que o grupo no seu calendário deveria constar mais atividades além das boites. A Sra. Maria Helena disse que na circular do clube sai algumas programações do clube, mas que o grupo pode ter outras programações. A presidenta falou que tudo isso ocorreu porque o grupo não se organizou. Ainda com a palavra a mesma falou que **o trabalho dos negros não foi levado adiante pois não havia um coordenador e era muito extenso** (grifo meu)¹⁴¹.

De todo modo, a sensibilização de alguns integrantes do grupo com a temática fez com que neste ano a discussão sobre a “semana do negro” iniciasse mais cedo, ainda no mês de abril. Em reunião do dia 15 deste mês, o presidente Carlos Eduardo...

[...] Ainda com a palavra o mesmo lembra o grupo da semana do negro este ano e que nós devemos fazer alguma atividade. Joseana sugere fazer-se uma peça teatral com um narrador e atores contracenando, Carlos pede então que tragam textos. **Falou também que a bibliografia¹⁴² do Nelson Mandela já está pronta para homenagear o negro ilustre** (grifo meu).¹⁴³

¹⁴⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 53/94. Folha 44 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁴¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 38/94. Folha 30 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁴² É possível que se estivesse falando de “biografia”, mas é esta a palavra que consta na ata.

¹⁴³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 39/94. Folha 31 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Na próxima reunião em que o assunto foi tratado, apresentou-se discordância entre o grupo jovem e a diretoria sobre qual personalidade deveria ser homenageada com o troféu que estava em planejamento.

O projeto do troféu Mandela é apresentado a **diretoria, a mesma alegou que Mandela ainda é vivo, sugere então que o troféu tenha um nome brasileiro até mesmo gaúcho, pelotense. Rubens Lima foi sugerido pois trabalhou na construção da sede [do Fica Ahi].**

Sobreavisa que o troféu é responsabilidade do grupo.

Carlos Eduardo, Simone e Márcia realizarão o trabalho de pesquisa para o troféu (grifo meu).¹⁴⁴

Nelson Mandela estava na ordem do dia na época, acabava de ganhar o prêmio Nobel da Paz (1993), e apresentava-se como um ícone de uma resistência bem-sucedida contra o racismo, vindo a ser presidente da África do Sul justamente no ano de 1994. Neste sentido, não deixa de ser inquietante que se apresente resistência ao uso do seu nome, e mais ainda se for levado em conta que a sugestão é um outro líder negro local – Rubens Lima – interno ao Clube. Sem desconsiderar a importância do nome que se apresenta como alternativa, não seria reflexo da dificuldade da comunidade ficahiana de pensar a condição negra para além dos limites do próprio clube? Estranhamente, em reunião do dia 17 de junho de 1994, a direção do clube levava para o grupo jovem a demanda de participarem de um concurso literário cujo tema era “a contribuição dos nossos imigrantes, colonizadores nos hábitos, costumes e linguagem aculturada pelo gaúcho”. Não fica claro se no rol dos imigrantes estariam os escravizados africanos, apenas a indicação de que nada menos que dez integrantes do grupo estariam participando do concurso¹⁴⁵.

O embate sobre quem daria nome ao troféu que homenagearia os negros e negras ilustres da cidade nas celebrações do clube era registrado novamente em reunião do dia 15 de julho de 1994, onde se fez constar em ata que:

Carlos falou que a Sra Diná quer saber se nós vamos desenvolver o projeto do troféu para o negro ilustre. Comentou que **já foi feita bibliografia sobre o Mandela, “nome sugerido”, mas que surge uma questão como ele está vivo, se torna um compromisso colocar o seu nome em um troféu. Então sugere o Rubens Lima.** Mas muitos integrantes do grupo dizem que nem sabem quem é esta pessoa. Flávia diz que é por isso mesmo que devemos pesquisar sobre ele. Mais ninguém sugere nomes, então Carlos pede para a próxima reunião (grifo meu)¹⁴⁶.

¹⁴⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 42/94. Folha 32 (face) e (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁴⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 49/94. Folha 40 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁴⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 53/94. Folha 44 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

O nome de Rubens Lima parece consolidar-se na reunião seguinte, ocorrida em 22 de julho, na qual destaca-se a opção do clube em discutir consciência negra se autorreferenciando, o que não deixa de ser visto com interesse por alguns integrantes do grupo jovem, que revelam não conhecer a história de um dos que foi um dos fundadores e principal ideólogo do clube.

Prosseguindo a reunião Carlos Eduardo Amaro Trindade abre uma discussão sobre o troféu destaque, um evento a ser desenvolvido em novembro, na “semana do negro”, o mesmo sugere uma biografia da vida do sr. Rubens Lima que foi fundador do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, em seguida Fabian Rodrigues concorda. Juliane Rosa complementa acreditando que seja o ideal. Flávia Pires da Rosa também acha o ideal pois assim ficaremos sabendo como foi e que trabalho desenvolveu na fundação do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo [...]147.

O desenrolar da reunião segue com uma discussão sobre como se viabilizaria a confecção do troféu e os custos financeiros. Questionamentos sobre o caráter e objetivo de destacar pessoas por meio de troféus são feitos, deixando então evidente mais uma vez o quanto a comunidade ficahiana se pensava como um grupo negro à parte, com um projeto identitário distinto de outros segmentos negros e com fronteiras de pertencimento bem estabelecidas, ainda, nesta época.

[...] Eduardo Batista questiona o motivo de desenvolver esse troféu. Pergunta também realizada por Luciane Batista. Carlos Eduardo Amaro Trindade expõe que o troféu destinaria-se a pessoas negras que se destacaram e destacam em suas áreas de atuação em principio **destinado ao quadro de associados do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo**, então Maria Claudia Goulart, questiona se haveriam pessoas de fora deste quadro recebendo o esclarecimento da Sra Glaci Irene Pires da Rosa, que diz sendo mais fácil **partir do quadro de associados, pois é restrito e fica mais acessível fazê-lo desta forma** (grifo meu)148.

Na reunião seguinte, a ideia do troféu é abandonada em razão dos custos, pois argumentava-se que para entregá-lo aos escolhidos seria necessário um baile em alto estilo, e o clube estava sem condições de realizá-lo. Por conseguinte, a diretoria e a coordenação do grupo jovem haviam chegado em um consenso de apenas se fazer uma “festa mais jovem, ao alcance do grupo”, na qual se homenagearia algumas pessoas que tivessem tido algum...

[...] destaque social na área da saúde, educação ou cultura, um destaque jovem que ficaria a cargo da diretoria executiva escolher, destacar um sócio

147 LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 54/94. Folha 45 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

148 LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 54/94. Folha 45 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

antigo, que se faça presente no clube, nas festas, que tenha orgulho de ser fichahiano, colabora com o mesmo¹⁴⁹.

O nome da homenagem seria “Sócio é Notícia”, deixando-se mais uma vez evidente que não seria estendida para pessoas negras de fora do clube. Desta forma, o grupo se organizou para que nomes fossem indicados, dentro das várias áreas, para futura escolha, ocorrendo na reunião seguinte a definição das categorias que seriam homenageadas e pequenas comissões para pesquisar quem mereceria ser destacado em cada uma delas: saúde, educação e cultura, sócio colaborador, destaque social e esporte. Sendo assim, “cada área pesquisada deve trazer nomes e porquês”¹⁵⁰. Em reunião do dia 12 de agosto a discussão em torno dos “destaques” prosseguiu, estabelecendo-se que seria solicitado um currículo de cada um dos profissionais ou personalidades indicados para as diversas categorias, contendo um “período mínimo de cinco anos de atividades”, o que seria acompanhado de entrevistas com eles para se conhecer mais detalhadamente suas trajetórias¹⁵¹. Curioso que nesta mesma reunião, o grupo é convocado pela diretoria para representar o clube na Semana do Folclore, que estava ocorrendo no Teatro Sete de Abril, havendo a escolha, por parte do grupo, em apresentar-se por meio de emblemas do que seria uma “cultura afro” de grande circulação dentro do ativismo negro e na mídia em geral. Segue um trecho da ata:

Para encerrar a reunião, foi exposta a participação do grupo em um evento no dia dezoito do mês vigente às vinte horas no Teatro Sete de Abril. Semana do Folclore, sendo **solicitada a participação do grupo no desfile de roupas afro**, os que se prontificaram de participar foram: Carlos Eduardo, Maria Claudia, Luis Eduardo, Adriane, Pensador, Fabiane, Juliane, Fabian, Elizabet, Márcia e a declaração do poema ficou para Osvaldo. Para encerrar o desfile, Carlos Eduardo e Maria Claudia sugeriram que **cada integrante simbolizasse um Orixá**, ficando o ensaio para o dia treze de agosto a partir das quatorze horas (grifo meu)¹⁵².

Na reunião posterior, noticiava-se a participação de um número significativo de integrantes do grupo no evento, destacando-se que “o grupo jovem demonstrou ter responsabilidade para representar o Clube Fica Ahi”; ao mesmo tempo, registrava-se

¹⁴⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 55/94. Folha 48 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 56/94. Folha 49 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 57/94. Folha 50 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵² LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 57/94. Folha 50 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

que “a pauta da reunião a respeito da pesquisa sócio é notícia não foi efetuada por falta de corum [quórum]”¹⁵³. A repercussão externa positiva da apresentação do grupo na Semana do Folclore seria objeto de reconhecimento por parte da diretoria, que acabou oferecendo um jantar a seus integrantes, ocasião na qual a presidente do clube teria estimulado o grupo a “[...] levar adiante o trabalho de desfile de roupas afros. O grupo resolveu que irão se apresentar em novembro, tendo assim tempo para estruturar o trabalho”¹⁵⁴.

A partir de Sansone, duas observações podem ser feitas a respeito do envolvimento do grupo com “roupas afros” e “orixás”. Primeiramente, a prevalência da matriz ioruba na construção de uma representação do que vem a ser o “afro” entre os coletivos negros brasileiros, mesmo que esta matriz se restrinja a um espaço bem restrito da África (SANSONE, 2007, p. 100). Outra questão é como o “afro”, em algumas organizações negras, passa de um adjetivo a ser evitado em razão do ideário integracionista, como foi visto no primeiro capítulo, para algo a ser promovido e prestigiado.

[...] Os aspectos “primitivos” da cultura africana, que antes eram algo a exorcizar, adquiriram status na cultura popular e da elite. “África” passou a significar cultura e tradição dentro da cultura negra. “Afro” é um termo que representa um estilo de vida, que incorpora elementos da “África” ou da cultura africana na formação da identidade negra e da vida cotidiana – o acréscimo de um toque africano à experiência da modernidade. (SANSONE, 2007, p. 134).

O amadurecimento da ideia de se realizar apresentações artísticas com roupas afro parece, a partir deste momento, ter tomado mais importância do que a homenagem aos sócios como destaque. Em reunião ocorrida em 09 de setembro de 1994, isso parece se consolidar nos diálogos entre a direção do clube e o grupo jovem.

Carlos Eduardo faz um breve comentário sobre a pesquisa sócio é notícia, ficou acertado que após a pesquisa finalizada os grupos devem se reunir para apresentar o trabalho desenvolvido, para que o grupo decida por unanimidade os eleitos a serem homenageados. Outro aspecto importante foi a **formação do grupo afro**. D. Maria Helena comentou que as roupas devem ser adquiridas aos poucos, ficando o grupo com seu próprio vestuário pronto até novembro, a pauta principal da reunião foi a formação de um grupo sólido para se organizar um bom trabalho, ficando a ideia para ser amadurecida (grifo meu)¹⁵⁵.

¹⁵³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 58/94. Folha 50 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 59/94. Folha 50 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 60/94. Folha 01 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

A constituição efetiva do “grupo afro”, a partir dos integrantes do grupo jovem, ocorreu na reunião seguinte, realizada no dia 16 do mesmo mês e ano, definindo-se ainda que o grupo iria dedicar-se à “cultura contemporânea (dança, ginga, etc.)”. O “grupo afro” foi formado com 12 integrantes: 4 homens e 8 mulheres. Foi pauta ainda desta reunião o jantar que aconteceria no dia 12 de novembro, no qual seriam anunciados os destaques a serem homenageados por meio de placas. Esta ocasião seria embalada pelo som mecânico Apocalipse¹⁵⁶.

Os impasses em torno do jantar/evento “Sócio é Notícia” retornam à pauta na reunião de 23 de setembro de 1994.

Quanto a pesquisa sócio é a notícia a maioria dos grupos não desenvolveu seu trabalho. Carlos Eduardo comenta o seu descontentamento com o descaso do grupo e a falta de responsabilidade, já que no que diz respeito ao jantar faltam apenas acertar a equipe de cozinheiro já que o cardápio foi definido e o preço dos convites ficou acertado em R\$ 10,00 (dez reais)¹⁵⁷.

No dia 30 do mesmo mês e ano, o descontentamento com o “descaso” dos responsáveis pela pesquisa junto aos sócios candidatos à destaque novamente vinha à tona, e novamente revelam-se ruídos entre o grupo jovem, a diretoria e possivelmente, a ala mais tradicional do clube:

A pauta da reunião foi a pesquisa sócio é notícia, a diretoria não estava a par das perguntas que estavam sendo feitas houve ligações para saber o conteúdo das perguntas e em alguns casos não houve a identificação do grupo. D. Maria Helena continua comentando sobre a forma como a pesquisa foi feita e houveram várias falhas, D. Maria Helena demonstrou sua preocupação com o desenvolvimento do trabalho¹⁵⁸.

Na reunião seguinte, ocorrida no dia 07 de outubro de 1994, uma das integrantes do grupo buscava desfazer mal-entendidos, esclarecendo que não havia entregue as perguntas diretamente apenas para uma das entrevistadas por esta estar viajando. Ainda assim parece que as reclamações à diretoria apontam para o quanto as atividades do grupo jovem eram sempre objeto de suspeita por parte de alguns associados mais antigos. Nesta mesma reunião, “o grupo da educação e da saúde” disponibilizaram seus resultados, os quais seriam objeto de exame por parte da

¹⁵⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 61/94. Folha 1 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 62/94. Folha 2 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁵⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 63/94. Folha 2 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

direção do clube, já que os responsáveis pelas pesquisas sobre as demais categorias não o fizeram. Em razão disso, a ideia de homenagem a sócios que teriam se destacado nesta ou aquela área é arquivada:

D. Maria Helena pergunta como estão os trabalhos e o grupo após muita discussão resolve arquivar a pesquisa, porque o trabalho ficou vago e não possuíamos um critério para o julgamento dos escolhidos a receber a homenagem, o que poderia acarretar injustiça e constrangimento para o grupo, caso tivéssemos que argumentar como chegamos a escolha do homenageado [...]¹⁵⁹.

Não demorou muito para que se iniciassem as reclamações em relação à falta de empenho do “grupo afro”, que havia sido instituído na reunião do dia 16 de setembro daquele ano. Em reunião realizada no dia 28 de outubro reclamava-se que o grupo não tinha se encontrado para ensaiar, ocasionando a convocação de uma reunião extraordinária do grupo por parte da direção do clube¹⁶⁰. Na reunião posterior à extraordinária, volta-se a discutir o que se iria apresentar na “semana do negro”:

Carlos diz que acha difícil apresentarmos alguma coisa, pois estamos desestruturados. Sra. Glaci nos diz que mesmo desestruturados devemos tentar fazer alguma coisa, lembra que amanhã temos ensaio da dança e do coral, que amanhã podemos não ter muita gente, mas que com o tempo as crianças começam a aparecer [...] **O grupo começa a discutir sobre o que apresentaremos na semana do negro. Carlos pensa em fazermos uma peça, Quelen coloca que podemos falar sobre o que pensamos e como vimos o negro jovem hoje. Carlos diz que seria uma concepção do jovem negro na sociedade, com relatos de cada um de nós e que podemos falar sobre alguém.** Sílvio diz que concorda com a ideia de Quelen e ela diz que acha que a professora Nailê do Colégio Pelotense poderá nos ajudar, que irá falar com ela e na segunda-feira nos dará uma resposta (grifo meu)¹⁶¹.

A reunião prossegue com opiniões e sugestões quanto à forma como o grupo deve organizar a programação daquela data. Na reunião seguinte, ocorrida já em 11 de novembro, Quelen confirma o apoio da Profa. Nailê, mas que afirma que ela teria sugerido “[...] que devemos tirar da própria história o que pensamos, que ela nos fornece material”. Alguns integrantes, talvez já marcados pelo caráter de “cobrança” de que reclamavam, questionam se é possível manter alguma programação em razão do curto espaço de tempo, e se tem início, então, uma interessante discussão sobre preconceito e relações raciais no Brasil, a partir da intervenção da Sra. Glaci:

Sra. Glaci coloca para o grupo que o trabalho não tem que sair perfeito, pois sabemos que perfeito ninguém é, ainda com a palavra comenta sobre as

¹⁵⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 64/94. Folha 3 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁶⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 66/94. Folha 4 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁶¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 68/94. Folha 5 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

discriminações que o negro sofria antes em Pelotas, como por exemplo, não poder andar na rua XV de Novembro, não poder sentar na praça, em frente ao Teatro 7 de Abril, etc... **O grupo conversa com a Sra Glaci sobre os preconceitos e divisões que ocorrem ainda hoje, e ela diz que seria interessante que conversássemos com os mais velhos para sabermos de mais coisas.** Quélen fala das pesquisas que fez sobre etnias na escola, que o branco quando vai a festa se preocupa em comer e o negro se tem música, se preocupa mais com a música do que com a comida. Sra Glaci fala que hoje há preconceito, mas que já não é como antes. Simone fala que parece que **os negros têm medo ou vergonha de crescer e que no NPOR¹⁶² só tem um negro.** Quélen falou que no ensaio para o concurso Broto Pelotas, a broto do Oásis não se aceita como negra e que ficou distante dela enquanto as outras conversavam sobre as danças africanas. Sra Glaci fala que depois que nos assumimos negros, fica mais fácil entrarmos nos lugares e sermos aceitos pelos outros, comenta ainda de suas experiências como professora, que **o negro vai até um certo ponto e depois acha que já é o bastante e para.** O grupo conversa sobre o que leva o negro a se sentir menos do que o branco. **Simone pergunta o porquê de Cristo nas fotos, gravuras ou pinturas, ser sempre branco. Sra Glaci diz que é porque o padrão de beleza é o branco e que para se valorizarem, nos Estados Unidos, os negros criaram o “black power”, negro é lindo,** mas que no Brasil não há essa preocupação de mostrar o que o negro tem de melhor (grifo meu)¹⁶³.

Observa-se ainda a preocupação de buscar a chancela dos mais velhos sobre o assunto a ser tratado, mas aqui não tanto no sentido de autoridade a ser imposta, e sim para falar de experiências concretas sobre como era ser negro em Pelotas. Algumas experiências que são referidas por outras pesquisas sobre o negro na cidade (LONER, GILL, 2009; SILVA, 2011), além de serem fartamente relatadas em entrevistas realizadas pelo rojeto de xxtensão junto a antigos ficahianos, tais como a interdição dos negros de circularem em alguns espaços públicos várias décadas após a abolição, especialmente naqueles em que se deparariam diretamente com descendentes da elite escravocrata da cidade, como é o caso do Teatro 7 de Abril. Outros pontos interessantes tocados na passagem acima: a referência à “broto do Oásis” que seria negra indica que clubes tradicionalmente “brancos” já abriam suas portas para alguns membros negros; a forma como pessoas negras assimilam subjetivamente o preconceito, intimidando-se perante a ocupação de espaços; a discussão sobre estereótipos e padrões de beleza, além da comparação com os Estados Unidos quanto às formas das pessoas negras se assumirem.

Na ata da reunião seguinte, ocorrida em 18 de novembro, faz-se breves menções positivas à apresentação da “semana do negro”, mas sem detalhes sobre o

¹⁶² É desta forma que a sigla aparece na ata, não tenho ideia de que lugar está se falando.

¹⁶³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 69/94. Folha 7 (face e verso) e 8 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

que foi feito, afinal, em termos de programação. A preocupação com a desestruturação do grupo parece ter perpassado a reunião:

Com a palavra a Sra Maria Helena falou de nossa apresentação, disse que foi um momento de cultura, que foi importante, que nossa participação assim como as demais foi muito boa, só ouviu elogios, mas o que a está preocupando é o esvaziamento do grupo e a falta de pontualidade [...]164

A reunião do dia 22 do mesmo mês e ano foi extraordinária, “devido ao esvaziamento do grupo”, e contou com a presença da Sra. Glaci, que elogiou a apresentação, mas ressaltou que poderia ter sido melhor caso o grupo estivesse mais organizado. O interessante é que é mencionado aqui que o grupo precisava voltar a “ensaiar a dança” porque teria sido convidado “[...] para fazer apresentação em fevereiro, na Universidade de Rio Grande [...]”, o que significa que, mesmo com um grau significativo de cobrança e de uma autocrítica constante, as “apresentações” estavam tendo repercussões positivas em outros espaços165. Na reunião do dia 26 de novembro, a reunião do grupo tratou de tal apresentação, seguindo-se às seguintes combinações:

Carlos inicia a reunião pedindo opiniões sobre o que vamos apresentar. Depois de algum tempo surgiram opiniões de apresentarmos dança, desfile, etc..., foi descartada a hipótese de dança, pois seria necessário ensaios para ficar uma coisa bonita e apresentável. **Carlos diz que poderíamos fazer cada um a roupa de um orixá, apresentar sua dança, sua comida, suas cores e usar também painéis.** Michele diz que acha que o painel fica meio vago para as pessoas entenderem o que queremos apresentar. Jorge diz que poderíamos fazer um apanhado de cada orixá e alguém lia à medida que íamos entrando representando o orixá e que no final montaríamos uma coreografia com todos os orixás dançado juntos. Consultamos a biblioteca e o arquivo do clube para saber mais coisas sobre os orixás. Depois de lermos, nos dividimos assim. Carlos Eduardo representará Exu; Fabiane, Oxum; Quelen, Iansã; Michele, Iemanjá; Silvio, Eduardo e Jorge ficaram com a música para as danças e representarão Oxalá; Márcia representará Oxumaré; Tamara será Ogum; Cinara será Nanam; Simone representará Oxóssi; Natiele será Omolú; Rita será Ossaim; e Raquel será Xangô. Decidimos também a ordem do desfile que ficou assim: 1º Carlos Eduardo; 2º Silvio, Jorge e Eduardo; 3º Tamara, 4º Natiele; 5º Cinara; 6º Márcia; 7º Rita, 8º Raquel; 9º Quelen; 10º Simone; 11º Fabiane e 12º Michele, depois da dança de cada orixá, apresentaremos a dança dos Erês (grifo meu)166.

Retoma-se aqui, a informação que constava na ata nº 4/93, de uma reunião de 21 de agosto de 1993, já exposta anteriormente, se vetava uma “mesa de beji” porque

164 LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 70/94. Folha 8 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

165 LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 71/94. Folha 9 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

166 LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 73/94. Folha 10 (verso) e 11 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

os estatutos do clube não permitiam discutir política e religião. Observa-se que no espaço de um ano houve uma significativa mudança em relação a isso, embora a pesquisa não tenha alcançado se o estatuto do clube nesse período foi alterado, ou passou a referir a questão religiosa à revelia do próprio estatuto. Chama a atenção que os interlocutores que passaram sua juventude dentro do clube na década de 1980, também referem-se à indisposição de um grupo mais tradicional de associados em aceitarem referências às religiões afro-brasileiras.

Mariêlda: Ah sim, eu lembro que a gente tinha uma dança que também tenho foto lá em casa, que foi a primeira dança que a Zezé resolveu fazer com relação à questão religiosa e **aí nós entrávamos com uns agudais de barro**¹⁶⁷. Lindos agudais de barro, nós colocamos acho que umas frutas umas coisas e uma vela nesses... Gente, aquilo foi um horror! (risos) Porque as pessoas... Por isso eu digo assim, como diziam pra nós quando a gente começou a dançar: “olha os macacos do clube”. Quando a gente começou a dançar e pular. **Quando a gente entrou com aquelas coisas, o que a gente ouviu! “oh, agora vão trazer macumba pro clube, agora não sei o quê...”**. Então, eram coisas, assim, que era um absurdo de ouvir e que muitas das vezes tu dizias assim: “pô, dentro do Clube que tu faz parte, as pessoas tão encrenqueiras, não tem o porquê” (grifo meu).

Daniel, que vinha de uma família umbandista, também aponta o quanto esse tema era tabu dentro do Fica Ahi.

Rosane: E esta questão religiosa, que você mencionou, então no Fica Ahi não se falava da questão religiosa?

Daniel: Pois então, **a minha mãe sempre teve o Centro de Umbanda e nunca, e a ordem em casa era não se falar sobre isso lá no Fica Ahi**. Olha que interessante e as pessoas sabiam, todos sabiam alguns iam inclusive, mas **não podia conversar**. Então era uma coisa que me chamava atenção: **como é que num clube de negro, tu não podes conversar sobre a tua religião, ou falar sobre a tua religião?** E aí fica muito bem claro, que os caras queriam fazer uma cópia da cultura branca, porque falar de catolicismo e coisa e tal, mas umbanda não (grifo meu).

Retomando o desenrolar da caminhada do grupo jovem, na sua tentativa de construir para si um significado próprio de “consciência negra”, o planejamento da apresentação que ocorreria em Rio Grande é colocado em xeque na reunião do dia 16 de dezembro de 1994, visto que novamente alguns integrantes não estariam assumindo o seu compromisso com a mesma:

[...] Voltamos a falar da apresentação no Cassino e Márcia e Simone dizem que independente da resposta dos outros se vão ou não apresentar o trabalho temos que pensar em alguma outra coisa para fazer. Simone diz que eram

¹⁶⁷ Os agudais de barro são também chamados de Alguidá, alguidar, Agdá ou Obero, é uma vasilha circular feita de barro (argila), utilizado nos rituais das religiões afro-brasileiras para fazer assentamentos "igba orixa" ou oferendas dentro dos terreiros aos Orixás, caboclos e Exús. Também é Utensílio muito utilizado na culinária baiana, encontrado na Feira de São Joaquim e produzido no recôncavo baiano, também usado como objeto de decoração.

14 para fazer apresentação e que colocamos os nomes da Tamara, Rita, Natielle e Raquel, sem que elas fossem perguntadas se queriam ou não participar. Sílvia e Márcia dizem que Raquel chegou no fim da reunião e disse que não queria participar. **Simone fala que não vê diferença entre a dança dos orixás e a dança afro.** Barão e Márcia dizem que era uma coisa mais interessante, **a Sra. Maria Helena pergunta se sabemos o que é a dança dos orixás e Márcia diz que não,** porque a Michele ficou de pesquisar e trazer para o grupo. Sra. Maria Helena pergunta se esse trabalho é para o dia 03 de fevereiro de 95, dissemos que era, ela coloca que dia 26 de janeiro podemos apresentar na semana cultural de aniversário do clube, para nos acostumarmos [...] (grifo meu)¹⁶⁸.

Na reunião seguinte, ocorrida em 20 de dezembro do mesmo ano, a apresentação foi o principal ponto de pauta, a qual teria sido transferida para o dia 30 de janeiro de 1995. Diante de indecisões e incertezas, houve a confirmação de quem estaria disposto a assumir o trabalho, e dez integrantes do grupo o fizeram; outros/as apresentaram indisponibilidade. Na sequência do planejamento da apresentação, fica visível que a relação dos integrantes do grupo com as religiões afro-brasileiras era de externalidade, ou seja, isso não fazia parte do cotidiano de muitos deles, ou se o fazia, havia algum constrangimento em revelarem isso em reunião.

[...] Carlos diz que temos que ver as roupas e as danças e explica algumas roupas que sabe. **Flávia diz que tem uma revista que tem todos os orixás, que trará para nós na próxima reunião.** Michele pergunta se cada um vai fazer a sua roupa Carlos diz que sim. Simone diz que agora só falta marcamos os ensaios. Michele diz que também acha. **Márcia diz que quer saber como é a dança do seu orixá.** Carlos diz que só lembra de uma pessoa que tem uma fita sobre isso, que é a Regina Goulart e Simone diz a ele que ligue e peça a fita a ela, ele diz que não pois não fala com ela (grifo meu)¹⁶⁹.

Ao contrário do que muitas vertentes do Movimento Negro busca incutir, de que uma religião de matriz africana é algo inerente ao ser negro, a passagem acima deixa explícito que participar de uma “tradição” afro-brasileira não é algo dado, mas sim algo aprendido. Diante de uma associação que talvez fosse forte no momento (religiões de matriz africana / negritude), e que daria legitimidade à reivindicação do grupo de serem parte do segmento negro e o representarem, é possível que os integrantes do grupo se sentissem cobrados de se apropriarem deste legado. Na sua entrevista, Maria Helena detalha um pouco sobre esse processo de aprendizagem, trazendo a mãe-de-

¹⁶⁸ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 75/94. Folha 12 (verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁶⁹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 76/94. Folha 13 (verso) e 14 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

santo Maria Amaro, mãe de Daniel Amaro, como uma das orientadoras do grupo jovem neste período.

Pesquisadora: E no Fica Ahi, tinha alguma predominância de alguma religião ou isso não contava?

Maria Helena: Não, não contava. Mas assim ó, por exemplo, nós no grupo de jovens, **nós buscamos trazer a dança dos orixás**, e o grupo de jovens se preparou e fez um trabalho maravilhoso com os orixás. **Claro que antes conversamos com a dona Maria Amaro, pra saber bem como é que a gente faz essas coisas**, porque de repente tu não pode fazer um trabalho desses, que tem uma série de convenções, assim. Aí ela nos explicou tudo direitinho e nós fizemos [...] (grifo meu).

Os impasses vividos dentro do grupo jovem neste momento são muito similares às vivências relatadas por Maritza uma década antes, quando, na condição de professora negra, passou a ser cobrada por colegas brancos de que trabalhasse “consciência negra” na sala de aula. Vale a pena apresentar o relato da primeira provocação que recebeu:

Maritza: [...] O que é que aconteceu? Quando eu trabalhava nesta escola lá fora, a coordenadora, umas das coordenadoras pedagógicas... Ah tá, a que era coordenadora pedagógica durante um período que eu estive lá, ela era uruguaia, a Luci, não sei o que é feito dela hoje. Ela chegou pra mim um dia e disse assim: “Maritza, está chegando novembro...”. Vê, isso foi no período de 82 a 85. **“Está chegando novembro, vamos fazer um trabalho?”. E eu: “vamos”. Olha bem! E ela diz assim: “vamos fazer um trabalho sobre o mês da consciência negra?”**. Isso naquele período. E eu lembro direitinho e eu vi, eu lembro, assim, a desilusão dela. Eu olhei pra ela, assim: “não!”. E ela fez assim: “não?”. Eu digo: “não, eu não vou fazer, se tu quiser, tu faz”. E ela: **“Mas por que Maritza? É o mês da consciência negra, vamos fazer um trabalho?”. “Eu não. Mexer com isto traz mais racismo”**. Pra vocês verem o que era o meu grau de alienação e não consciência racial. “Mexer com isso traz mais racismo!”.

Maritza afirma que foi quando passou a trabalhar na cidade, sob a provocação de outro colega de trabalho, também branco, que “caiu a ficha” de que precisava apropriar-se de reflexões que lhe levariam a fazer uma outra leitura sobre sua trajetória familiar e coletiva, enquanto afrodescendente.

Maritza: E quando é que isto é quebrado? Isto é quebrado quando eu estou trabalhando na Secretaria de Educação [...] E um dia, **eu alisava o meu cabelo, sempre cabelo alisado**. Desde guriuzinha, de criança, alisado com ferro, ou pente, depois passa pra pasta aquela, que era o antigo Percy, que era aquela pasta que tu ficava na ponta dos dedos, assim, aquilo sabe...

Pesquisadora: Queimava...

Maritza: Queimando. E depois o henê, e na época eu alisava com henê. Cabelo preto, bonito, eu tinha um cabelo comprido, franjão. [...] E eu estou no corredor e vem esse colega e ele diz, falando comigo, ele pega e diz assim: **“Maritza, tu nunca pensou em fazer trancinha?”**. “Não”. Ele não disse “tu nunca pensou?”. Eu me lembro que ele disse: “tu nunca usou trancinha?”. E eu olhei pra cara dele... Quando eu conto isso nos encontros dos meus eu sempre dramatizo, faço um teatro, porque eu digo assim: **“qual o problema com o meu cabelo? [risadas] Qual o problema com o meu cabelo?”**. Eu

não lembro qual foi a reação minha, mas eu sempre faço essa encenação, assim: “qual o problema com o meu cabelo?”. Mas eu lembro que eu respondi pra ele de uma maneira bem ríspida, dizendo pra ele isso, assim: “Não. Por quê?”. Já agredindo, assim, me defendendo. E ele: “não, nada só estou te perguntando, por que eu não sei...”, querendo dizer por que é que eu não usava. “Não, não uso. Não usei, não uso e não quero usar, pronto”. Ele: “não, não, tá...”. Parou. Vim pra casa, e aí novamente eu sempre faço isso, como se eu chegasse em casa, fosse no espelho me olhar e dizer: **“o que é que tem de errado com o meu cabelo?”. Amava aquela franja, amava aquele cabelo todo liso, todo bonito com o henê, arrumado. “O que é que tem de problema com o meu cabelo? Por que trancinha?”**. Aí eu voltei no outro dia na Secretaria, cheguei e disse assim: “vem cá, me diz uma coisa, por que tu me falou aquilo ontem?”. E ele: “ah, do cabelo? Não Maritza, é só porque eu achei, assim, legal, acho legal quando as pessoas usam trança. Perguntei porque eu fiquei curioso”, aquelas coisas todas. **Aí ele disse assim: “tu não participa de nada de movimento negro? – e ele branco – nada, assim, de movimento negro?”**. “Não”. Aí eu estava com 24 anos, por aí: “não!”. E eu disse assim: “mas me diz uma coisa, tu sabe alguma coisa sobre essas questões, assim, o que é que tu quer me dizer?”. E ele me disse: “não, nada, só que daqui a pouco tu lê algumas coisas sobre isto, tu vê algumas coisas”. E eu disse assim: “sabe se está tendo alguma coisa por aqui, que tenha a ver?”. “Não, não sei, mas às vezes tem, às vezes tem algum curso”. Eu lembro que eu saí aquele dia dali com aquilo tudo na minha cabeça, corri na 5ª CRE, cheguei, não sei por que é que eu fui na 5ª CRE, alguma coisa aconteceu, mas eu não lembro. Cheguei na 5ª CRE e perguntei: “tem algum curso aqui de formação que fale sobre a questão do negro?”. “Tem”. “O que é que é?”. “O negro e a educação”. Que eu não sei se vocês conhecem a Professora Dora, a Dorinha, não sei nem se ela continua trabalhando até hoje lá na coisa... E ela disse: “tem O Negro e a Educação, quem está coordenando é a professora Dora, não sei o que”. ‘Eu sou do município, eu posso me inscrever?’. “Pode”. **Sabe, assim, quando descortina, cai o véu, assim? Ali foi o meu despertar e foi com esse professor. Sabe quem é esse professor? Jarbas, foi o Jarbas**. Ele foi, assim, que deu aquele... E eu fui lá e aí começou a descortinar (grifo meu).

A próxima reunião formal do grupo jovem ocorreria apenas em 8 de fevereiro, após as apresentações para as quais haviam se preparado, ocorridas nos dias 26 e 30 de janeiro, no clube e na Praia do Cassino, respectivamente. Havia um novo convite para se apresentarem na Festa do Mar, também na praia do Cassino, no mês de abril.

[...] Carlos fala ao grupo que gostou das apresentações e que acha que todas as pessoas gostaram, mas que o trabalho não pode ficar no “feijão e arroz” que está, já que são 13 orixás e estamos em 5, diz também que vai falar de novo com a Sra. Glauria Brum para pedir orientações sobre os orixás que estão faltando e que vai tentar conseguir a fita com as danças com a Regina. Continuando, **Carlos Eduardo coloca que as danças e as roupas teremos que fazer o mais parecidas possíveis [...]**. Carlos diz que a Flávia tem uma revista com desenho das roupas. Márcia diz que o que fazemos está próximo do que vimos na fita da Regina, mas que na revista está diferente, Carlos explica que depende do “terreiro”, que uns são mais simples outros mais sofisticados, que vamos mostrar o orixá, não o “terreiro”. Ainda com a palavra, fala da ideia que teve, para que o trabalho não fique monótono, que a cada apresentação, para não ficar cansativo, podemos fazer uma exaltação a um dos orixás. Flávia diz que achou a ideia legal e que como Rio Grande e

Cassino lembram água, por que não exaltar os orixás da água, como lemanjá (grifo meu)¹⁷⁰.

A discussão prossegue na ata sobre qual seria a melhor forma de não tornar a apresentação monótona, ressaltando-se principalmente a preocupação sobre a discrepância entre o número de participantes e o número dos orixás que são cultuados no batuque do RS. Dois dias depois, o grupo reunia-se novamente para preparar a apresentação, dentre outros assuntos tratados, e a mesma preocupação prossegue, explicitando-se que não era consensual no grupo a associação entre afirmação da negritude e as divindades do panteão afro-brasileiro.

[...] **Maria Cláudia diz que tem gente que não gosta de representar orixás, daí fica difícil.** Carlos Eduardo diz que temos pouco tempo para achar o resto do pessoal para podermos começar os ensaios, diz que vai tentar conseguir os desenhos das roupas e pede à Maria Cláudia que tente conseguir também. Carlos Eduardo explica a Maria Cláudia como será a apresentação em Rio Grande, na Festa do Mar (grifo meu)¹⁷¹.

Ao que parece, essa relação entre “orixás” e negritude foi uma construção deste período das décadas de 1980-1990 e persiste até os dias atuais, com a Companhia de Dança Daniel Amaro, inclusive, elaborando um espetáculo com este nome: Dança dos Orixás. Daniel apresenta um nexos direto entre negritude e orixás quando fala deste espetáculo contemporâneo.

Daniel: [...] antes tu não via, os negros tinham vergonha da sua identidade e um exemplo que eu faço, a Companhia tem oito espetáculos, o oitavo espetáculo é a Dança dos Orixás, porque todos os outros sete espetáculos eu fazia audição e só ia gente branca participar das audições, só gente branca. E até o Movimento Negro caía em cima de mim: “ah, tu tem uma Companhia de Dança Afro, mas tu só tem branco...”. Mas eu não posso tá forçando as pessoas a fazerem uma audição. Quando eu faço o espetáculo da Dança dos Orixás, quando eu começo a falar na audição, eu olho e os alunos são todos negros, numa temática religiosa. Porque seria mais difícil eles quererem se aceitar¹⁷²: “não vou participar desse espetáculo. Porque esse espetáculo tem uma temática religiosa, eu não sou de umbanda ou de candomblé, não quero participar”. Não, todo o elenco era negro. Então, a partir dali, eu comecei a me dar de conta que as ações afirmativas foram boas para várias coisas.

Na reunião seguinte, de 20 de fevereiro, anunciava-se a inserção de mais uma pessoa no grupo de dança do grupo jovem, que representaria “Oxumaré”. Combinam-

¹⁷⁰ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 77/94. Folha 14 (verso) e 15 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁷¹ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 78/95. Folha 16 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁷² Ao que parece, o interlocutor está falando aqui dos candidatos brancos, que antes iam à audição e, frente à uma temática religiosa, não vão mais.

se dias e horários para os ensaios e Carlos Eduardo apresenta preocupação de “[...] que as roupas precisarão ser agilizadas para que as características fiquem semelhantes para uma apresentação bonita”¹⁷³. Em 08 de março, revela-se a tentativa do grupo em se aprofundar em um tema que, mesmo sendo caro às discussões de identidade negra no Brasil, parecia não fazer parte das vivências de vários dos integrantes do grupo:

[...] Carlos Eduardo acha que o grupo deveria estar motivado, sendo que **cada um de nós deveríamos saber um pouco dos orixás**. Carlos Eduardo falou com a Regina para ela nos dar uma orientação, só que ela não queria que fosse no clube, mas sim em outro lugar, sendo que seria uma **oficina com uma mãe de santo** que viria agora nesse mês, mas nós não vamos fazer a oficina¹⁷⁴.

Como é do estilo das atas em geral, passa-se para outro assunto sem que se saiba por que o grupo não faria a oficina proposta. Na reunião seguinte, do dia 27 de março, ao que tudo indica, próximo à apresentação, parece haver um fechamento da performance que seria desenvolvida. O trecho abaixo pode ilustrar:

[...] Carlos Eduardo diz que o grupo está composto por oito pessoas [...] dá a ordem de entrada da Dança dos Orixás, ficando assim: Exu (Angelisa); Obaluaiê (Maria Cláudia); Oxumaré (Natielle); Oxum (Fabiane); Iansã (Márcia); Iemanjá (Simone); Nanã (Cinara) e Oxalá (Carlos Eduardo). Ainda com a palavra, Carlos Eduardo diz que ficaram faltando 5 orixás, perguntou se a introdução seria a mesma tendo todos os presentes concordado e só nos resta acrescentar os orixás que entraram¹⁷⁵.

Ademais, registra-se nesta ata um levantamento dos objetos que faltavam para a apresentação que seriam insígnias específicas de cada orixá. A partir de então, contrariando a periodicidade das reuniões – realizadas geralmente uma vez por semana –, elas tornam-se mais espaçada, ocorrendo apenas mais nove reuniões até o final da gestão, que aconteceu em final de julho de 1995. Chama a atenção que em nenhuma ata posterior faz-se qualquer menção às “discussões sobre o negro” ou consciência negra. O tema simplesmente some da pauta do grupo jovem. É ainda mais estranho que não há qualquer comentário sobre a apresentação da Dança dos Orixás na Festa do Mar em Rio Grande, evento para o qual o grupo tanto se mobilizou. Não se consegue nem ficar sabendo se eles efetivamente se apresentaram no evento.

¹⁷³ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 79/94. Folha 17 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁷⁴ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 80/95. Folha 17 (verso) e 18 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

¹⁷⁵ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 2. Ata nº 81/95. Folha 18 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

As reuniões que aconteceram após a registrada na ata 81/95, conforme as atas posteriores, restringiram-se ao planejamento de atividades comuns: boites, jantares, rifas, etc. Em algumas delas fica explícito que por alguma razão houve um desentendimento significativo entre o coordenador do grupo jovem e a diretoria do clube, conforme já assinalada em capítulo anterior.

Segundo Hall (2003, p. 243),

[...] na cultura popular negra, estritamente falando, em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais preexistentes.

Os dados apresentados acima corroboram a afirmação de Hall, pois ora fala-se em orixá, ora em “cultura contemporânea (dança, ginga, etc.)”; ora busca-se referências em personalidades de destaque no cenário africano, como Mandela, ora direciona-se o olhar para personagens internos ao clube. O que fica evidente é o esforço do grupo jovem em apropriar-se de uma discussão que poderia estar alterando as formas de pensarem, em perceber e sentir o seu estatuto de “negros”. Como coloca Brah (2006), a subjetividade, esse “processo de dar sentido a nossas relações com o mundo” (p. 371) “não é nem unificada nem fixada, mas fragmentada e constantemente em processo” (p. 368).

4.4 Dança Afro

Embora não se tenha tido muitas informações sobre a dança nas atas do grupo jovem da gestão 1993-1995, observa-se que ela tem estado no rol das atividades do clube desde, no mínimo, a década de 1980. Talvez por coincidência, por se ter acessado vários interlocutores envolvidos com esse tipo de manifestação expressiva, esse tema apareceu com força nas entrevistas.

Na reunião que instituiu o grupo jovem, Carlos Eduardo Trindade, recém-eleito coordenador, colocou como um dos objetivos da sua gestão realizar a “tarde da conscientização negra”, ao que uma das presentes informa que “Maritza tem um grupo de dança afro para apresentações tipo na feira das nações”¹⁷⁶. A dança é referida

¹⁷⁶ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 1/93. Folha 02 (face e verso). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

novamente nas atas, de forma passageira, na reunião de 25 de março de 1994: “Aulas de dança terças e quintas das 19h às 20 horas”¹⁷⁷.

Por meio das entrevistas, é possível perceber que um dos fatores que levou à inserção da dança no Clube Fica Ahi tem a ver com o fato algumas mulheres ficahianas terem se formado em Educação Física, nomeadamente Maria José e Maritza. Além deste fator, é provável que isso tenha recebido influência de um contexto de efervescência cultural, vinculada inclusive à luta pela reabertura política, na qual a liberdade de expressão passava a ser reivindicada nos mais diversos espaços. Se até então, ao menos no Fica Ahi, os limites de expressão eram impostos aos corpos por meio de uma série de regras o que se poderia, como arrumar-se, como comportar-se, não é à toa que é justamente pelos usos do corpo que se busca alargar esses limites de atuação. Um trecho da entrevista com Marielda expõe este dado.

Marielda: **Quando chegou ali, por volta dos anos 80, finalzinho dos anos 70, já tinha uma outra colega que já era professora, ela se formou na Federal em Educação Física**, e ela também sócia do clube, resolveu nos chamar para a gente poder criar um grupo, nos chamou e várias outras pessoas e jovens ali, para poder formar o grupo jovem, porque ela naquele período, ela já trabalhava com dança na escola. E aí de imediato, assim, que ela pensou primeiro foi criar um grupo de dança, e foi ótimo porque foi num período que nós as admiramos, porque tinham várias mulheres, mas tinha homens também que queriam dançar, né. É um período que ali o Daniel Amaro já tinha o grupo deles, já tinham ali na Castilho. **Enfim, então mais ou menos todo mundo se juntou, se reuniu em função da dança**, depois com a proposta de criar o grupo jovem, o que aconteceu? Foi criado também um grupo de teatro, a gente tinha um grupo de teatro. E depois passando um tempo, foi criado também um coral, mas o coral a gente nem atuava muito, porque o coral foi criado em função dos pequenos, mas o coral surgiu a partir dessa coisa de ter a criação do grupo jovem. Enfim, é que aí foi pensado: “tá, mas, mas pros pequenos, para os menores, o que vai fazer?”. Enfim, então foi criado o grupo. Até o próprio coral das crianças, teve um período que eu regi o coral, né, porque depois a gente ia se trocando, assim, então foi mais ou menos aí finalzinho dos anos 70 e anos 80 foi que pegou [...] (grifo meu).

A colega a quem Marielda refere-se, que já era professora de Educação Física, é justamente Maria José, que, após a sua formatura em 1978, constituiu junto com outras pessoas um grupo artístico, trabalho que fazia voluntariamente no clube “porque nós gostávamos de trabalhar nisso aí”:

Maria José: A Marielda, tinha o irmão dela, a irmã dela, **aí nós montamos um grupo artístico aqui, aí tinha o Grupo de Dança e de Teatro**. Aí eu dava dança e tinha o irmão da Marielda que era do teatro e nós formamos um grupo. Aí juntou, tinha muita gente aqui, uma galera como diz o outro. **Então a gente passava muito tempo aqui dentro, que aí eu ensaiando dança** e o Bérqson, que era irmão da Marielda, era o teatro, e as peças eram muito boas, muito bom mesmo, eles escreviam as peças sabe... (grifo meu)

¹⁷⁷ LIVRO DE ATA GRUPO JOVEM CC FICA AHI 93/95. Livro 1. Ata nº 37/94. Folha 30 (face). Acervo de Documentos do Clube Fica Ahi. Pasta do Grupo Jovem (1993-1995).

Na continuidade da entrevista com Maria José, é notório que não havia apenas uma forma de “dança afro”. Assim como Amílcar Araújo Pereira (2010) observou na sua história do Movimento Negro Contemporâneo, as discussões sobre consciência negra podem tomar a África como referência, ou padrões culturais provenientes de outros locais do Atlântico Negro, como os Estados Unidos, uma importante fonte de modelos de negritude. O próprio Paul Gilroy (2001) já afirmava, quando conceituou Atlântico Negro, que estava se referindo às formas culturais diversas, formadas de maneira dinâmica a partir da circulação e apropriação pelas mais diversas comunidades de “[...] negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória” (p.35), pelos vários continentes. Maria José, ao especificar o tipo de dança que levou para o Fica Ahi, fala em Jazz, que vem de uma matriz negra norte-americana, e depois fala em “afro” como algo distinto, supondo-se que inspirado mais nas performances das religiões de matriz africana.

Maria José: É, por aí que eu comecei, **eu dava jazz** porque aí eu fiz a Pós-graduação em ginástica ritma esportiva e dança, né. Aí teve uma disciplina do curso que era dança, só dança, aí teve uma professora que veio... Ela era brasileira, era lá do Espírito Santo, ela era de lá, mas ela esteve muito tempo nos Estados Unidos. Aí, quando ela veio nos dar o curso, ela recém tinha vindo dos Estados Unidos, ela nos deu dança muito influenciado pelo Jazz, assim, sabe. Ah, eu me apaixonei por aquilo, **aí comecei a trabalhar aquela dança aqui dentro do clube**, começamos aqui fazer o grupo e mais o teatro. Aí foi, **depois a gente trabalhou com Afro também**, depois. Começamos o trabalho com a dança afro e aqui no clube, tinha muitos, todos os anos tinha uma festa, não sei se ainda tem a festa afro, que tinha sempre aqui.... (grifo meu).

Segundo Maria José, originalmente apenas ficahianos(as) podiam participar destes grupos artísticos. Não era aberto para toda a comunidade negra em geral. Mesmo assim, estes grupos artísticos dinamizavam a vida social do clube, além de ser uma importante forma deste se fazer representar perante a sociedade regional: “isso movimentava o clube, assim, tinha uma atração. O clube tinha uma atração que era o teatro e a dança sempre, assim, para representar, a gente se apresentava em outros lugares, convidavam, a gente ia”, ela afirma durante a entrevista.

Observa-se que mesmo tratando-se de dança afro, estas manifestações artísticas tinham por objetivo, em primeiro lugar, ressaltar o caráter “cultural” do clube, mantendo seu status de um local culto e de convivência intensa, e não apenas para diversões ocasionais. A continuidade da narrativa de Marielda também deixa explícito o objetivo das apresentações de mediar a inserção de determinado segmento negro,

relacionado ao Fica Ahi, na sociedade pelotense, por meio de apresentações artísticas:

Marielda: Nós pegamos um período ali, onde a gente atuava mais, que era aquele período que **escolhiam as Miss Mulatas**, aquele período, enfim... E aí teve um ano que a escolha da Miss Mulata do Estado foi aqui em Pelotas, e aí, o clube ficou responsável por agilizar local, enfim, infraestrutura, essas coisas assim. E a gente, como grupo jovem, a gente atuou muito, assim, junto ao clube. Eu lembro que foi feito, o local que eles pegaram nem foi o próprio clube, eles pegaram ali o Cruzeiro, Clube Cruzeiro que tinha, e foi feito ali. **E nesse mesmo envolvimento da escolha, nesta noite, foi a nossa primeira apresentação de dança do grupo jovem, o grupo de dança na verdade ele começou a se apresentar a partir dessa festa do Miss Mulata.** Enfim, o clube tinha colocado uma representante também, ela fazia parte do grupo jovem, enfim, então ali foi a primeira apresentação nossa (grifo meu).

Para além dos limites do Fica Ahi, a dança afro passa a ser incorporada aos espaços de militância e de trabalho de vários ativistas negros da cidade. Lembrando que para Maritza o “descortinar” das discussões sobre consciência negra ocorre apenas quando ela aprofunda sua carreira no magistério, entre os anos de 1984-1986, período em que ela passa, então, a incorporar a dança afro como um mecanismo de inclusão na sua própria ação educacional.

Maritza: [...] neste descortinar eu chego no Cecília Meireles [Escola], me deparo com uma sala de aula, com uma escola com uma população negra em maioria, e eu olho, assim, e começo a me incomodar com o não olhar pra aquela população negra de alunos. **E aí eu começo a fazer um trabalho, como professora de educação física, através da dança.** E aí a dança afro entra na minha vida, e aí eu começo a desenvolver todo esse trabalho (grifo meu).

A considerar o que Sansone (2007) coloca sobre o significado das performances negras no Brasil, há no trabalho desses ativistas toda uma ressignificação do corpo negro. Segundo ele, até a década de 1940, a ginga, forma de andar considerada típica de pessoas negras, era associada à “conduta imprópria” e vista de forma depreciativa, inclusive pela polícia. E o rebolado “[...] era considerado impróprio para as moças decentes, além de sinal de baixo status social”. A partir da apropriação desses trejeitos corporais por artistas famosos, como Carmem Miranda, “[...] ficou claro que a ginga e o rebolado, como tais, não constituíam um obstáculo à mobilidade social, mas talvez fossem uma contribuição brasileira para a cultura moderna [...]” (SANSONE, 2007, p. 109). Obviamente, as afirmações de Sansone não podem ser generalizadas, no sentido de que essa ressignificação dos trejeitos corporais vistos como “negros” não aconteceu ao mesmo tempo em todas as regiões do país e em todos os segmentos negros.

Mas o que se observa em Pelotas durante o período estudado é que, para uma geração de militantes negros da cidade de Pelotas, desenvolver uma nova estética corporal por meio da dança era uma das principais formas escolhidas para manifestar a negritude. Outra questão interessante a ser colocada é que assim como Marielda chegou por um tempo a se entregar para a dança influenciada por Zezé, Maritza vai destacar a influência de Daniel Amaro sobre o início da sua trajetória na dança afro. Era uma rede em que as pessoas se influenciavam umas às outras:

Maritza: No primeiro momento [de militância] eu era professora da rede municipal, participando de eventos, participando de cursos e tudo, e já começando a desenvolver um trabalho dentro da escola com a questão da dança e tendo como base a Dança Afro. **Que aí eu também vou começar a pegar conhecimento com o Daniel Amaro, com o Mano Amaro**, depois eu vou, o Mano vai embora e eu vou começando e assim de uma forma muito empírica e intuitiva, eu comecei a trabalhar, mas não que eu tivesse um grupo. Aí depois sim, a gente começa a trabalhar [com o Odara] (grifo meu).

Maria José, por sua vez, quando fala do tempo em que tinha o grupo de dança no Fica Ahi, recorda que Daniel e Mano Amaro eram crianças e já tinham o seu grupo de dança de funk: “eles eram pequenininho, assim, claro, gurizinhos tudo dançava *funk*”.

Daniel Amaro relata que sua proximidade com manifestações afros, além do centro de umbanda da mãe, tem vínculos com o carnaval, com participação em escola de samba do seu bairro. Desde os 7 anos, junto com o irmão e outros dois meninos da Castilho, montaram um grupo de *funk* e iam dançar em festinhas. A mãe de um desses meninos (Everton), convida então o grupo para ir dançar em eventos do Fica Ahi, quando então Daniel insere a sua dança no espaço do clube. É a partir deste momento que é criado o grupo *Brother Show*. Como vimos na sua trajetória, Daniel fez aulas profissionais de dança, o que lhe permitiu inovar a partir de várias influências.

Daniel: [...] eu gosto de classificar a dança Afro e Contemporânea, porque **eu junto tudo isso que eu aprendi na minha trajetória e faço uma salada**. O legal da dança Afro é isso, que facilita, tu não ter repertório fechado como é o ballet clássico, por exemplo, o repertório da dança afro, tu pode colocar o que quiser. Porque a cultura, ela se abre para as outras (Grifo da autora).

O primeiro envolvimento de Daniel e seu irmão Luiz Eduardo com a dança deu-se em um festival de dança, chamado “Dança Alegrete”, no ano de 1988, na cidade de Alegrete (RS).

Daniel: [...] um rapaz nos chama e diz: “ah, vocês são de Pelotas, eu sou de Rio Grande, mas moro no Rio de Janeiro, há 20 anos, me chamo Rubi Barbo...”. Um grande bailarino, o cara é fera. E perguntou: “vocês já ouviram falar em dança afro?”. Nós: “não, nunca”, e ele: “pois então, **tem um cara da Bahia**, o primeiro bailarino do teatro Castro Alves, que aqui neste festival vai dar uma oficina de graça, vamos fazer?”. E aí fomos fazer e enlouquecemos,

aí começamos a estudar sobre a dança afro, no decorrer do tempo estudando a dança afro, o que eu me dei de conta, que a dança afro que eu estava estudando era a dança afro que os caboclos faziam, que os preto-velhos faziam dentro da religião. Então, eu estava muito mais próximo daquele trabalho do que eu não tinha me dado de conta, passei a vida toda olhando aquela dança dentro do centro de umbanda, mas não me dava de conta que é dança afro. Então, como é interessante essa troca, então a partir daí nós começamos a pesquisar, o meu irmão foi para a Bahia estudar dança ficou dois anos e voltou. Mas nós sempre pesquisando e fazendo curso com algumas pessoas de fora, viajando, enfim, foi dessa forma que chega a dança afro no nosso caminho. Mas eu não passei por nenhuma instituição de movimento negro ou alguma coisa assim, a não ser o grupo mesmo do bairro e o Fica Ahi (grifo meu).

Pela fala de alguns interlocutores, se por um lado essas manifestações artísticas afirmavam a imagem do clube perante a sociedade local, por outro, a depender do caráter que tomavam, eram vistas de forma depreciativa por parte de alguns associados, articulando-se estilos de vida com a questão de classe.

Marielda: Quando a gente começou a trabalhar com a história do grupo jovem, mesmo assim nós mesmo ouvíamos de associados de dentro do clube algumas frases do tipo: **“olha ai os macacos, já vão começar a dançar, os macacos...”**. **E pessoas associadas, negras, de dentro do clube!** Então, sempre teve, assim, o pessoal sempre tentou dizer: “tu não tem tanto dinheiro”. Enfim, e na verdade assim oh, das pessoas que construíram o grupo jovem, a grande maioria eram filhos dependentes dessas famílias, que realmente não eram das famílias que tinham muito dinheiro não, então sempre teve essa divisão assim (grifo meu).

Assim como ocorreu com as festas *black*, as quais deslocavam-se do *soul* para o samba pagode, assim como nas discussões de consciência negra, as referências para se recriar enquanto negro são tomadas de vários locais. Em relação à dança, há uma diversidade de influências do Atlântico Negro, que vão do jazz ou funk norte-americano para a Bahia ou os terreiros de umbanda do quintal de casa. Há um processo de redescoberta no qual o “afro” coloca-se como um significante aberto a acolher os anseios por novas formas de perceber e se relacionar dentro da sociedade local e nacional.

4.5 O Movimento Clubista e a revitalização dos espaços dos Clubes

O ano de 2006 foi um marco para surgimento do que veio a se chamar Movimento Clubista, uma segmentação do Movimento Negro. Teve como precursores um pequeno grupo de militantes e intelectuais negros, como a própria Giane Vargas Escobar e Oliveira Silveira. O movimento articulou-se com dois objetivos principais: colocar um freio à degradação das sedes dos clubes ou a perda das suas

dependências físicas por dívidas e expropriações. Além disso, procurava sensibilizar e responsabilizar o Estado brasileiro pela salvaguarda e preservação tanto da materialidade dos clubes, como de suas memórias, em uma perspectiva de patrimonialização. Foi nesse sentido que foi formulado um conceito de clube social negro:

Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (OLIVEIRA SILVEIRA *apud* ESCOBAR, 2010, p. 21).

Talvez seja interessante alguns comentários sobre o porquê do declínio dos clubes negros como espaços de sociabilidade exclusivos e da consequente degradação ou perda do espaço físico. Indica-se que isso ocorreu ao final da década de 1980. Mesmo que isso seja contraditório, pode estar vinculado à própria criminalização do racismo pela Constituição de 1988, a qual teria permitido às pessoas negras frequentarem qualquer lugar de sociabilidade.

Em Pelotas, nas décadas de 1980 e 1990, os clubes mais tradicionais, como Cruzeiro e Gonzaga, passaram a aceitar famílias negras, até por força da lei. E como tinham uma infraestrutura de serviços bem melhor para ofertar aos associados, segundo Maritza, também impulsionou a troca de clube, por parte de muitos ficahianos.

Maritza: [...] então as pessoas começam a se dispersar do clube e aí o clube... Bah, tu quer, mas tu quer uma piscina, tu quer uma quadra, tu quer uma quadra de esporte e onde tu vai ter? E aí, como esses clubes começam a abrir um pouquinho, as pessoas começam a procurar... O Cruzeiro mesmo, foi um que teve um contingente de negros do Fica Ahi que foram para lá, bem grande. Claro que eles faziam uma seleção bem rigorosa né, mais iam pra lá.
Dilermando: Depois o Gonzaga.
Maritza: E aí depois eu me dei conta disso, aí eu disse: “aí, eu não quero mais”. Aí depois foi o Gonzaga...
Dilermando: O Gonzaga hoje até tem um número expressivo de negros, mas isso já é outra história.

Mesmo com todo o esforço de revitalização dos espaços dos clubes sociais negros, há um marcante declínio da vida social, assim como os demais clubes sociais que não possuem uma história vinculada à negritude. Alguns identificam isso com o não acompanhamento, por parte dessas organizações, das novas formas de sociabilidade, especialmente entre a juventude. No caso do Fica Ahi, alega-se que o clube estava focado em bailes de debutantes, por exemplo, que é algo que não necessariamente cativa as novas gerações:

Marielda: Então, assim oh, porque também para eles, para idade deles, para a geração deles hoje tem outras coisas muito mais atrativas do que estar ali dentro do clube, porque tu vai ali pra dentro do clube pra um baile de debutante, o que tem de atrativo para eles? Ou chamam para qualquer outra atividade que, por exemplo, assim, fizeram... Que atividade que foi, acho que da semana até, do vinte [de novembro], que o pessoal fez uma atividade lá... Pesquisadora: Teve a Festa dos Erês.

Marielda: É, eu acho que tinha alguma coisa dos Erês, mas, por exemplo, a Mikaela não quis ficar nem na metade da tarde e ela disse: “mãe, vamos embora porque não tem nada aqui pra mim”, ela dizia e era pequena. Então, assim, tem que se dar conta que tem que trabalhar com coisas que realmente vão chamar atenção, principalmente dessa juventude que está vindo aí. Porque senão tu não segura, porque a sociedade tá com outros atrativos né, e aí acaba que o pessoal não vai, não quer ir lá para dentro do clube.

Maritza relata que tentou conciliar o projeto do Grupo Odara com o Fica Ahi, mas desistiu pelos “embates” que enfrentou por isso, sem especificá-los. Também avalia que toda a vivência familiar que teve dentro do clube: “...não conseguimos viver isto com os filhos da gente, nossos filhos não viveram nada do Fica Ahi”. Na sua avaliação, há uma dificuldade em se incorporar atividades e propostas novas dentro do clube, razão pela qual houve uma derrocada da participação dos sócios.

Maritza: [...] o clube não inova. Tem uma geração [nova] chegando e o clube não inova, o clube não avança e esse conceito que tem, que é conservador, ele vai freando e não vai à frente e as pessoas começam a esmorecer, vai saindo, não começa a participar, não começa ir. Eu acho assim oh, principalmente, mas principalmente é nisto... Quando o Rubinei realmente deixa... Mas antes dele o Fica Ahi já estava indo, o quadro de sócios já estava menor, mas o Rubinei ainda conseguia trazer um pouquinho mais...

O Clube Fica Ahi engajou-se no Movimento Clubista a partir, principalmente de Rubinei Machado, que teve uma atuação marcante dentro do clube e do próprio Movimento Negro pelotense, vindo a falecer em 2013. Infelizmente, após a sua morte, ninguém assumiu essa tarefa de articular o clube com os demais clubes negros da região, havendo um declínio do movimento clubista como um todo no estado do Rio Grande do Sul. Todos os interlocutores entrevistados reconhecem o protagonismo de Rubinei, todavia consideram que a não continuidade do seu ativismo deve-se ao fato de que suas ideias não tinham eco como um todo dentro do clube. Daniel Amaro coloca que com o retorno de Rubinei à cidade, o Fica Ahi “começa a ficar mais preto, com cara de preto”. Segundo Dilermando, “[...] infelizmente o Rubinei nos deixou e com certeza, a saída dele, a perda dele deixou muita coisa pra trás. E neste período que ele esteve lá, cresceu muito a visibilidade com a questão racial, as discussões foram muito com ele”.

Há um consenso por parte dos entrevistados de que o clube precisa de inovações, tanto na parte político-organizacional, como no que tange às atividades propostas. Há ainda uma espécie de reclamação generalizada de que há muitas barreiras para as propostas novas que são apresentadas como alternativas para a situação atual, por isso a justificativa do afastamento da maioria dos(as) entrevistados(as) do espaço do clube.

Foi no ano de 2006 que se realizou o 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras, em Santa Maria (Rio Grande do Sul), quando foi criada a Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros e elaborada a Carta de Santa Maria¹⁷⁸ (ESCOBAR, MORAES, 2016). A escolha de Santa Maria deu-se em virtude um contexto favorável, no qual o poder público municipal, a partir de 2003, procedeu ao tombamento do prédio do antigo clube e a sua reconstrução, o que resultou na formação de um Museu Comunitário; o primeiro caso de revitalização de um clube negro no Brasil.

O grupo articulador do Movimento Clubista iniciou um mapeamento voluntário, com posterior contato com dirigentes, dos clubes sociais do país, o que resultou, no ano de 2014, em um levantamento oficial dessas entidades por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹⁷⁹, com vistas ao estudo da pertinência do registro como patrimônio imaterial no Livro dos Lugares. Esse mapeamento, demandado nos Encontros dos Clubes, foi uma deliberação também da I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, realizada em 2005.

Entretanto, antes mesmo de eclodir o Movimento Clubista e haver o retorno de Rubinei à Pelotas, o clube já havia sediado vários eventos importantes da cultura e movimento negros da cidade, como as reuniões da etapa municipal da 2º Conferência Nacional da Igualdade Racial, algumas edições da Mostra de Teatro e Dança de Origem Africana (anos de 2005 e 2007), etc. Em 2008, o clube sediou o 2º Encontro Estadual dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul. Foi por meio das reivindicações do movimento clubista que o Fica Ahi foi tombado em 2012 pelo IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Em 2013, por ocasião do sinistro acidente ocorrida com a Boate Kiss, na cidade de Santa Maria, o Corpo de Bombeiros interditou o espaço do clube, assim como vários outros espaços de

¹⁷⁸ Disponível em: <http://clubesnegrosbr.blogspot.com/2006/11/carta-de-santa-maria.html>

¹⁷⁹ Esse mapeamento oficial do IPHAN está sendo realizado em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e Fundação Cultural Palmares (FCP).

sociabilidade da cidade. O Clube ficou fechado durante longo tempo para reformas, o que se repetiu no ano de 2017, quando o teto precisou ser trocado e houve inundações com ampla perda de documentos. Para poder sustentar o patrimônio, e perante um quadro de associados bastante restrito, o clube vinha locando seus espaços para festas diversas, gerando incômodos com a vizinhança, o que originou um abaixo-assinado que levou a uma nova interdição em meados de 2019. Percebe-se vários grupos disputando a “herança” ficahiana e a sucessão pela direção do espaço, mas com pouca disposição de diálogo, o que pode levar a impasses que podem inviabilizar que um novo projeto de clube se imponha e recomponha o lugar ocupado por esta importante organização na história da cidade.

Conclusão

Definir integrantes de grupos que foram subalternizados no processo colonial como inferiores é algo que decorre do colonialismo. Para os afrodescendentes, isso significou serem tratados como uma raça diferente em razão das suas características de fenótipo, ou seja, não dotados de beleza e nem de capacidades morais e intelectuais. Ao que parece, o ativismo negro da primeira metade do século passado procurou contestar isso incentivando as pessoas negras de que “podiam”: podiam estudar e seguir uma carreira profissional que exigia capacidades intelectuais; podiam ter uma etiqueta e comportamento tão regrado quanto os brancos; podiam afirmar sua beleza, inclusive ostentando luxo e vestes suntuosas. Esse conjunto de atitudes consolidou uma forma de lidar com o racismo que priorizava a autossuperação e a busca de igualdade, não o confronto, até porque não havia um contexto institucional favorável para este confronto. Foi neste contexto que os clubes sociais negros surgiram.

Os diversos coletivos negros brasileiros vêm se reinventando nas últimas décadas, gerando identidades diversas. Os clubes sociais negros também participam desse processo, tendo que rever ou questionar posicionamentos anteriores, que precisaram ser tomados em ocasiões que não eram tão favoráveis à afirmação das diferenças. Especialmente das diferenças étnico-raciais em um país que se construiu com base na ideia de ser uma nação homogênea e unificada, formada por um “povo mestiço”, reprimindo-se, por isso, as manifestações de pertencimento étnico. No caso da população negra, afirmar esse pertencimento gera questionamentos a respeito da enorme desigualdade que ainda impera no país. Mesmo em espaços definidos como sendo da “elite negra”, como o caso do Fica Ahi, não se pode caracterizá-lo apenas pelos rígidos códigos de conduta, pois eram importantes espaços de sociabilidade a partir dos quais se formavam contra-narrativas sobre o ser negro, fosse incorporando-se atributos tidos como “brancos” e ressignificando-os.

Neste sentido, pode-se afirmar que os clubes sociais negros no Brasil foram espaços de negociação entre duas alternativas antagônicas: assimilação *versus* resistência. Aderia-se a algumas imposições da sociedade nacional para se poder integrar a ela, mas como essa assimilação significava aceitar um lugar subalterno dentro dessa sociedade, os clubes foram e são espaços de forte solidariedade para alavancar trajetórias de ascensão social, por meio, por exemplo, da educação, não se aceitando, portanto, passivamente, esse lugar subalterno. Isso pode ser chamado de

resistência. Houve – talvez ainda há –, adesão a padrões culturais e normas de comportamento ditados pelos códigos culturais hegemônicos no âmbito dos clubes sociais negros, porém talvez isso possa ser lido, como sugere Stuart Hall, como “tradução cultural” ou “dupla inscrição” (2003, p. 109). Leva-se para dentro desses espaços negros padrões estéticos e de comportamento, não necessariamente para atender apenas aos interesses da sociedade branca, mas sim aos próprios interesses da comunidade negra. O clube se apresenta, desde logo, como um espaço de disputa e negociação entre diferentes forças e tendências em tensão.

A inserção da temática da consciência negra renovou as possibilidades de o clube persistir atuante, mas contou com impasses que bloquearam a plena potencialidade disso: conflitos de gerações, de classe, de diferentes concepções sobre o ser negro. Esta pesquisa colabora para gerar reflexividade a este respeito, em um momento muito delicado da história da instituição. Observa-se que muitas iniciativas que se busca implementar agora já o foram com relativo sucesso antes, o que indica a necessidade de mobilização para que essa história tenha continuidade.

Referências

ALBERTO, Paulina L. Quando o Rio era black: soul music no Brasil dos anos 70. *História: Questões & Debates*, v. 63, n. 2, p. 42-89. 2015.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. Qual África? Significados da África para o Movimento Negro no Brasil. *Estudos Históricos*, n. 39, p. 25-56. Rio de Janeiro, 2007.

BALZANO, Otávio Nogueira; DA SILVA, Gilberto Ferreira; MUNSBERG, João Albert Steffen. Questões étnico-raciais no futebol Gaúcho: subsídio teórico para disciplina de Educação Física. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 10, n. 38, p. 329-340. 2018.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 329-376, 2006.

CUNHA, Olívia Gomes da. Depois da festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse bumerange: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 81, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. Os Descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis. Frente Negra Brasileira (1931-37) e Teatro Experimental do Negro (1944-68). **Projeto História**, n. 33, p. 131-158. São Paulo, 2006

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. 221f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas et. al. Sociabilidades num clube negro: a prática cultural como prática política no 24. In: AL-ALAM, C. C.; ESCOBAR, G. V.; MUNARETTO, S. T. **Clube 24 de agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguaí**. Porto Alegre: Ilu Editora, 2018.

ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES, Ana Luiza: Clubes sociais negros: memória e ações para o reconhecimento como patrimônio cultural afro-brasileiro. In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 21-44.

FERNANDES, Florestan. A persistência do passado. In: **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora, 2007.

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: **Casa grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

FRY, Peter. O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a política racial no Brasil. **Revista USP**, n.º 28, São Paulo, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro como contracultura da modernidade. In: **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCM - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Arilson dos Santos. Carlos da Silva Santos e suas práticas políticas contra a discriminação racial em clubes sociais no estado do Rio grande do Sul (1959-1974). In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 75-105.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos**, nº 61. São Paulo, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HALL, Stuart. Identidad cultural y diáspora. In: **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas em estudios culturales. Popayán; Lima; Bogotá; Quito: Enviñon editores; Instituto de Estudios Peruanos; Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

HANCHARD, Michel. “Cinderela negra?; raça e esfera pública no Brasil”. **Estudos Afro-asiáticos**, n.º 30, Rio de Janeiro, 1996.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder**: Movimento Negro no Rio e São Paulo (1945-1988). Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. Unesp, 2006.

LONER, Beatriz A.; GILL, Lorena. Os Clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, 2009.

LONER, Beatriz Ana. Associações negras. In: **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Editora Universitária, 2001.

MAIA, Mario de Souza. **O sopapo e o cabobu**: etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil. 2008. 278f. Tese (Doutorado) – Faculdade Instituto de Artes e Departamento de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MORALES, Patrícia, Fernandes Mathias. **A Representação do Negro nos Museus de Pelotas (RS)**: entre os integrantes do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo. Universidade Federal de Pelotas – Curso de Bacharelado em Museologia (Monografia de Conclusão de Curso). Pelotas, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NUNES, Juliana dos Santos: “Somos o suco do carnaval” o clube negro 24 de Agosto no carnaval Jaguareense. In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 135-163.

PAIXÃO, Cassiane de Freitas; SPOLLE, Marcus Vinicius: Clubes Sociais Negros no Município de Rio Grande (RS): um período de “festas” e “liberdade”. In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 177-187.

PEREIRA, Amilcar Araújo. A constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil: primeiras organizações e estratégias (1971-1995). In: **“O Mundo Negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Universidade Federal Fluminense – Programa de Pós-Graduação em História (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro, 2010.

SANSONE, Lívio. Da África ao Afro: usos e abusos da África na cultural popular e acadêmica brasileira durante o último século. In: **Negritude sem etnicidade**. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SANTOS, José Antonio. **A liga da canela preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, José Antonio dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa. Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. Universitária, 2003

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: **associações e identidades negras em Pelotas**

(1820-1943). 2011. 228f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Fernanda Oliveira da: Além da sociabilidade: identidade e racialização nos clubes sociais negros de Pelotas no pós-abolição (primeira metade do século XX). In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 45-75.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. In: CASTILHO, S. R. R.; LIMA, A. C. S.; TEIXEIRA, C. C. **Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.